

fora de
LIMITES

UM LIVRO DA SÉRIE RIXON HIGH

1. a. cotton

USA TODAY AND WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

fora de
LIMITES

UM LIVRO DA SÉRIE RIXON HIGH

1. a. cotton

USA TODAY AND WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR

FORA DE LIMITES

RIXON HIGH

L A COTTON

Publicado por Delesty Books

Fora de Limites

Copyright © L. A. Cotton 2021

Todos os direitos reservados.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e eventos são produto da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas ou eventos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer maneira sem a permissão escrita da autora, exceto por resenhistas que podem citar passagens breves para propósitos de resenhas e comentários apenas.

Versão original editada por Andrea M Long
Revisado por Sisters Get Lit(erary) Author Services
Tradução: Erika Robles
Revisão Byanca Ismael

CONTENTS

Rixon High

Chapter 1

Chapter 2

Chapter 3

Chapter 4

Chapter 5

Chapter 6

Chapter 7

Chapter 8

Chapter 9

Chapter 10

Chapter 11

Chapter 12

Chapter 13

Chapter 14

Chapter 15

Chapter 16

Chapter 17

Chapter 18

Chapter 19

Chapter 20

Chapter 21

Chapter 22

Chapter 23

Chapter 24

Chapter 25

Chapter 26

Chapter 27

Chapter 28

Chapter 29

Chapter 30

Chapter 31

Chapter 32

Chapter 33

Chapter 34

Chapter 35

Epilogue

Playlist

About the Author

RIXON HIGH

Linhas Tortas

Uma novela de prequela Rixon High

Fora de Limites

Um livro da serie Rixon High

FORA DE LIMITES

Lily Ford sempre foi uma ninguém.

Mas é o último ano, e ela não quer nada além de tentar e superar seus limites e aproveitar o último ano do ensino médio.

Kaiden Thatcher sempre foi a estrela no campo de futebol.

Mas agora se encontra em território inimigo, forçado a provar seu valor para o novo técnico e time.

Começa com um desafio. Sete minutos no paraíso em uma garagem de barcos. Mas se transforma rápido em algo que nenhum deles antecipou.

Ele é tudo que ela deveria resistir.

Ela é tudo que ele não deveria querer.

Mas nenhum deles está disposto a se afastar porque juntos seus demônios são mais fáceis de silenciar.

Só tem um problema... Lily é a filha do técnico.

E cem por cento fora de limites.

Aviso de gatilho: ansiedade e menções a suicídio

*Para todo mundo que um dia se sentiu diferente.
Você é o suficiente.*

LILY

Vai ficar tudo bem.

Repeti as palavras como uma prece na cabeça enquanto me encarava no espelho.

Era o primeiro dia do último ano. Um dia de se sentir animada e ansiosa e cautelosamente otimista. Um dia de fazer listas de desejos e planos para o futuro.

Um dia para sorrir.

Mas meu sorriso era falso, e minha lista de desejos continha um item: sobreviver.

— Vamos, Lilster. — Minha irmã Poppy colocou a cabeça pela porta, sorrindo. — Aah, roupa bonita. — Ela me olhou da cabeça aos pés.

Qualquer um pensaria que é o primeiro dia do último ano dela, mas não, minha irmã estava no segundo ano. Um segundanista confiante, alegre e popular.

E eu era... uma ninguém.

Tímida, dócil, Lily Ford.

— Estou indo — falei, olhando meu reflexo pela última vez.

Você consegue.

Com um sorriso pequeno, peguei minha mochila e segui Poppy para baixo.

— Bom dia, minhas duas garotas favoritas.

— Bom dia, mãe. Algo cheira bem.

— Fiz panquecas de mirtilo.

— Hmm, minha favorita — Poppy disse. — Onde está Peyton? — ela perguntou, mas segundos mais tarde, minha melhor amiga irrompeu pela porta da cozinha.

— Bom dia — ela cantarolou.

— Bom dia, Payton. Você está muito... — A testa da minha mãe franziu ao bebericar o café. — Isso é apropriado para escola?

— Não. Não é. — Meu pai entrou no recinto e deu um olhar reprovador para Payton. — Sei que é o último ano, mas isso — ele balançou um dedo para a roupa dela —, não vai acontecer sob minha supervisão.

— Sr. Ford — ela disse, com um beicinho pidonho —, é minha blusa da sorte.

— Blusa da sorte ou azar, vá se trocar.

— Ugh, tá bom. — Ela saiu da cozinha batendo o pé.

— Acha que estamos sendo muito duros com ela? — Minha mãe perguntou.

— Ela precisa de limites, Fee. E enquanto estiver sob nosso teto...
— Ele deixou sem terminar, passando uma mão na mandíbula.

— Você está certo. Pensei que nossas mãos estavam cheias com essas duas, mas acrescenta a Peyton e nossa, não sei se aguento três garotas adolescentes.

— Tente ser o único homem em uma casa cheia de estrogênio.

— Pai! — Poppy fez uma careta.

— O quê? — Ele deu de ombros. — É verdade. — Os olhos dele encontraram os meus, uma centena de perguntas brilhando ali. Dei um pequeno sorriso e assenti.

Eu estava bem.

Tudo ia ficar bem.

— Certo, melhor? — Peyton apareceu no portal. Ela colocou uma regata preta sob a blusa, então metade da sua barriga não estava mais aparecendo, mas não tinha dúvidas que tiraria assim que saíssemos de casa.

— Muito — meu pai grunhiu. — Agora entre aqui e coma alguma coisa.

— Então, como você acha que vai ser? — Poppy disse no momento em que ela se sentou.

— São apenas crianças, Pops, não uma forma de vida alienígena de outro planeta.

— Sim, mas Rixon East nos odeia.

— Bom, vamos precisar deixar isso de lado e recebê-los na escola com um sorriso amigável. — Minha mãe não estava olhando para nós, estava encarando papai, que parecia sanguinário. — Jason — acrescentou.

— É, eu sei. Eu só... porra, precisava ser ele?

— Jase! — Ela ralhou, passando o olhar para nós.

— O que exatamente aconteceu com você e Sr. Thatcher? — Payton perguntou.

— É história antiga — minha mãe respondeu. — E não podemos julgar o valor de um garoto pelos pecados do seu pai. — Ela deu outro olhar firme para meu pai.

— Ouvi dizer que Kaiden Thatcher é um dos melhores *quarterbacks* do estado. — Peyton tinha aquele brilho nos olhos, o mesmo que ficava sempre que tinha um garoto bonito por perto.

— Já tenho um *quarterback*, esse é o problema. — Meu pai virou o café. — Não sei como o conselho escolar espera que eu assimile dois times em uma escalação. É uma tarefa impossível. Sem contar os rumores que ele é um pouco imprevisível como o pai.

Minha mãe foi até ele e apertou seus ombros.

— Você vai dar um jeito. Você é Jason Ford, caramba. — Ela se abaixou e beijou a bochecha dele.

Meu pai estava estressado. Desde o dia que descobriu que Rixon East, a escola do outro lado do rio, quase sucumbira a um incêndio durante o verão. Quase um terço dos alunos estavam sendo transferidos para Rixon High este ano. Incluindo a maioria dos jogadores de futebol do último ano. O que não teria sido problema, se não fosse pela enorme rivalidade entre nossas escolas.

Isso é um grande problema.

Como técnico dos Rixon Raiders, meu pai estava muito ocupado esse semestre, tentando lidar com a *assimilação*.

— Garotas, querem uma carona para a escola?

— Na verdade, Sr. Ford, Ashleigh vai nos dar uma carona — Peyton disse um pouco rápido demais.

— Vai?

— Sim, pai, ela quer exibir o Mazda novinho. — Foi um presente de aniversário adiantado dos pais.

— Bom, vocês dirijam com cuidado. — Ele inclinou o rosto para mamãe. — Talvez devesse ligar para o Cam.

— Você não precisa ligar para o Cam. Ashleigh é uma motorista cuidadosa.

— Sério, pai. Lilster é uma veterana agora. Se ela tivesse o próprio carro...

— Poppy. — Eu a chutei sob a mesa. Já discutimos isso. Não queria um carro, ainda não.. Poppy e Peyton iriam querer que as levasse para todos os lugares, e Rixon era uma cidade pequena o suficiente para andar a pé ou de ônibus.

Além do mais, não estava pronta.

— Você está bem, Lil? — Peyton perguntou.

— Sim, estou bem.

— Você não comeu muito. — Minha mãe fez uma careta para meu prato de panquecas quase intocadas.

— Não estou com fome.

— Lily, você precisa...

— Fee. — Meu pai balançou a cabeça. — É nervosismo do último ano, só isso. Acontece com todos nós. — Ele piscou para mim e um pouco da tensão em mim se dissipou.

— Você não tem nada para se preocupar. — Payton sorriu. — O último ano será épico.

— Sim. — Consegui dar um pequeno sorriso.

Épico.

Queria compartilhar do seu entusiasmo. Queria estar animada com as novidades do ano.

Mas a verdade, era que a única coisa que queria era completar cada dia.

— Não acredito que ela... sim, ela entrou no carro de Sean.

Ashleigh, Poppy e eu observamos o carro partir com a Peyton dentro. Minha mãe e meu pai iriam pitar se a vissem saindo com ele. Sean Farrow não era bem um aluno estelar. Mas essa era Peyton, sempre se apaixonando por diamantes brutos. Ela desejava atenção. Mas não a culpava, ela teve uma vida difícil.

As pessoas com frequência não compreendiam porque éramos amigas. A criança problemática e a tímida. Peyton Myers era tudo o que eu não era. Linda, confiante, e teimosa. Mas ela também era danificada. Danificada de um jeito que só outras pessoas danificadas podiam compreender.

Eu compreendia.

Éramos diferentes de todos os jeitos que a sociedade julgava importante, mas nossas almas eram iguais.

Ela não julgava a mim ou aos meus problemas, e eu não julgava os dela.

— Deus, queria ser corajosa igual ela. — Poppy soltou um suspiro suave.

— Ah sim, Pops — Ashleigh provocou —, e no carro de qual cara você entraria?

— De ninguém — ela falou um pouco rápido demais.

— Espera um minuto. — Franzi o cenho. — Você gosta de um garoto? — provoqueei.

— Não, não foi isso que eu... ah, cala a boca. Vocês duas. — Ela mostrou a língua, franzindo o nariz em irritação.

— Então como você acha que vai ser... sabe, com metade da Rixon East começando as aulas?

— Não é metade, Leigh. Meu pai disse que tá mais pra um terço.

— Metade, um terço, não importa. Ainda é um monte de crianças novas. — Ela deu de ombros ao fazer a curva para nossa escola. — Com certeza vai ser interessante.

Era uma forma de encarar isso.

— O seu pai falou mais alguma coisa sobre isso?

— Está preocupado com o time. Se ele precisar dar uma chance justa aos jogadores do East, vai causar problemas — Poppy disse.

— Já ouvi dizer que Jenson e os rapazes estão se recusando a jogar se o Treinador der a posição deles para os jogadores do East.

— Tenho certeza que vai dar tudo certo — falei, olhando pela janela, observando o mundo passar.

— Ei, você está bem? — Ashleigh perguntou.

Concordei com a cabeça.

— Só nervosismo do primeiro dia.

As sobranceiras dela se encontraram quando encontrei seu olhar.

— Vai ficar tudo bem, Lil. Somos veteranas agora. É nossa vez de brilhar.

Mas era esse o problema. Eu não queria brilhar. Queria ficar na minha bolha segura onde eu sabia o que esperar.

— Você pensou mais na faculdade? — ela perguntou.

— Ainda não tenho certeza.

— Bom, você tem tempo.

Tempo.

Já parecia que estava escapulindo entre meus dedos. Sra. Bennet, a conselheira, iria querer saber dos meus planos. Ela esperaria que tivesse alguma ideia de onde queria me candidatar, e quando a contasse da minha pequena lista de faculdades no estado, ela me encorajaria para pensar mais longe.

Mas a verdade, era que não estava certa se estava preparada.

A escola era uma colmeia de atividade quando chegamos. Todo mundo estava observando, esperando os alunos da Rixon East fazerem sua entrada triunfal.

Eu simpatizava bastante. Quando comecei em Rixon High, estava aterrorizada. O ensino fundamental não foi fácil para mim. Deveria ter sido uma benção, sendo filha de um dos residentes mais famosos de Rixon. Mas era minha maldição. Eu amava meu pai; amava muito. Mas as vezes não era fácil, ser Lily Ford, filha da lenda da NFL Jason Ford.

— Lil? — Ashleigh disse, me trazendo de volta ao presente.

— Sim, estou indo. — Dei um pequeno sorriso, e ela enlaçou o braço pelo meu. Poppy nos deu um pequeno aceno e saiu saltitando para encontrar a melhor amiga, Sofia.

— Payton e Sean parecem próximos. — Ashleigh acenou para onde ele estava com nossa amiga pressionada contra a lateral do carro. A mão estava afundada no cabelo dela ao se aproximar, sussurrando alguma coisa. Peyton deu uma risadinha, as mãos subindo pelo peito dele.

Uma pontada de ciúmes passou por mim. Ela era boa nisso, estar com rapazes. Flertar e se divertir com eles. Ela nunca se deixava aproximar, não era o jeito da Peyton, mas absorvia atenção como raios quentes de sol. Eu invejava ela. Os rapazes na escola me tratavam como se fosse lepra social. Era a filha do Técnico Ford. A menina dos olhos dele. A garota tímida e dócil que ficava nos bastidores. Mesmo se estivessem interessados, e não estavam, ninguém era corajoso o suficiente para chamar a filha do técnico para sair.

Observei Sean roçar os lábios sobre os de Peyton uma, duas... A maior parte das garotas teria implorado por mais, dando piscadelas e sorrisos sedutores. Mas não Peyton. Ela deu uma piscada atrevida a ele antes de escapulir por entre ele e seu carro e vir até nós.

— Você e Sean pareciam confortáveis? — Ashleigh disse.

— Ele é fofo, mas não sei se é o cara para mim. — Ela jogou o comprido cabelo platinado por cima do ombro.

— Algum deles é o cara para você? — perguntei.

— Garotos do ensino médio são divertidos, mas são muito... afobados. — Peyton soltou um suspiro suave, algo lampejando em seus olhos. Algumas vezes, me perguntava se não era tudo uma fachada. A confiança e bravata. A atitude dela de não se importar. Mas tinham algumas coisas que nem melhores amigas contavam uma para outra.

Fomos até a escola, e foquei na minha respiração. Para dentro e para fora. Para dentro e para fora. Inalações controladas, e exalações longas, até meu coração acelerado ter começado a se acalmar.

— Tudo bem? — Peyton apertou minha mão, e assenti.

— Ah, ei, Peyton, Ashleigh... Lily. — Lindsey Filmer e suas amigas líderes de torcida se aproximaram de nós. — Já viram alguns dos alunos de East?

— Nope. — Peyton fingiu mexer nas unhas. — Estava ocupada demais dando uns amassos em Sean.

Os olhos de Lindsey semicerraram em fendas.

— Você e Sean Farrow?

— Bom, sim... quer dizer, você terminou com ele antes do verão, né? Então imaginei que estivesse no jogo. — Ela deu de ombros.

— Sim, mas não pensei que ele...

— O quê? Escolheria a garota da periferia no lugar da Barbie Torcida?

— Não foi isso que quis dizer.

— Ah, sei exatamente o que você quis dizer, Linds. — Peyton deu um sorriso enjoativamente doce. — Feliz primeiro dia de volta.

Ashleigh bufou, mas revirei os olhos.

— Peyton — falei.

— Não tem problema, babe. Lindsey estava indo embora, não é?

— É, que seja. Vamos — falou para as amigas e se viraram e saíram rebolando.

— Você precisa cutucar o urso? — sibilei.

— Ah, vamos, Lil. Ela mereceu. Lindsey é uma vaca de primeira classe, que, acrescento, só vai piorar agora que é o último ano.

— Queria que não a encorajasse.

— Peyton está certa. — Ashleigh concordou. — Ela merece tudo o que vier.

O corredor ficou em silêncio conforme um grupo de rapazes entrou no prédio. Não rapazes qualquer.

Rixon East Eagles.

Eles todos usavam os uniformes vermelhos e brancos, se movendo juntos. Um fervor passou pelo ar conforme os sussurros começavam, se erguendo como uma onda a caminho da praia.

— Puta merda, eles tem colhões — Peyton sussurrou enquanto ficávamos paradas e observávamos a cena acontecer.

Eles passaram por nós e o ar pareceu afinar, mas depois nossos jogadores entraram no prédio, e Jenson Monroe, o capitão do time de futebol, gritou:

— Ei, Eagles. Vocês parecem ter esquecido que esta não é a sua escola.

Os novos rapazes se viraram, e um deles foi para frente, ficando cara a cara com Jenson.

Nervosismo estalava ao nosso redor conforme os dois times se encaravam no corredor. Ashleigh passou o braço pelo meu e me puxou para perto.

— Vocês não são bem-vindos aqui — Jenson disse.

— Você acha que dou a mínima sobre o que você pensa, Monroe? Estou aqui para jogar bola e me formar, só isso.

O representante dos Eagles era tão alto quanto Jenson, com os mesmos ombros largos e braços musculosos. O cabelo dele era marrom com mechas loiro escuro, caindo um pouco no rosto, mas eram seus olhos ameaçadores que se destacavam.

— Certo, certo. — Meu pai apareceu, acalmando a situação na hora. — Jogadores de futebol pro vestiário, *agora*. — Seu olhar firme passou de Jenson para os jogadores da Eagles. — Todos vocês. Todos os outros, para a aula. Tudo bem aqui? — perguntou, os olhos se demorando nos meus, e assenti.

— Ótimo. Vou cuidar disso. — Ele saiu pelo corredor, mas foi aí que percebi que alguns jogadores não se moveram.

— Algum problema? — Peyton ralhou.

— Nenhum. — o cara disse frio, e virou para seguir os colegas de time.

Mas Peyton deu um passo a frente.

— Ei, cara novo, qual é o seu nome? — gritou para ele.

Ele olhou para trás, mas os olhos passaram direto pela minha melhor amiga até chegarem em mim.

— Kaiden — falou. — Kaiden Thatcher.

KAIDEN

MEUS RAPAZES ME ESPERARAM, e os guiei até o vestiário. Nenhum de nós queria estar aqui, em uma escola diferente, com um time diferente. Nosso time rival, ainda por cima. O negócio todo é uma maldita zona, mas o dano em Rixon East foi substancial demais para reabrir a tempo do início do semestre. O que significava jogar para outro time ou ver o último ano arder em chamas junto com o prédio da escola.

Os Raiders estavam em um lado do recinto, deixando claro que não tinham intenção de nos receber de braços abertos.

— Sentem-se, senhores. — Técnico Ford encontrou meu olhar duro e inclinou o queixo. Não era a primeira vez que o encontrava. Mas foi a primeira vez que se dirigiu diretamente a mim.

Sabia tudo sobre Jason Ford, lenda da NFL e realza Rixon. Mas onde a maioria das pessoas o reconhecia pela carreira bem sucedida com os Philadelphia Eagles, eu o conhecia por outros motivos.

Ele e meu pai tinham história, muita história. De quando estavam no ensino médio. Ouvi as histórias. Os trotes da semana de rivais e o caos. Não tinha nenhum amor entre meu velho e meu novo técnico.

Nem um pouco.

Na verdade, meu pai havia pedido para que frequentasse as outras escolas locais, mas eu não queria estar em nenhum outro lugar. Queria Rixon High. Técnico Ford era o melhor, e se tivesse qualquer esperança de conseguir uma bolsa integral para a faculdade da minha escolha, precisava jogar com os melhores.

Meus rapazes hesitaram atrás de mim, incertos de que porra deveriam fazer.

— Não tenho o dia todo, mocinhas — o técnico acrescentou, e dei um pequeno aceno para meu time.

Eles entraram ao meu lado e nos acomodamos nos bancos livres.

— Certo, escutem. — Técnico Ford tirou o boné e passou a mão pelo cabelo escuro. — Não foi assim que imaginei a temporada, assim como tenho certeza que não foi assim que vocês imaginaram a temporada, mas aqui estamos. A realidade é que tenho jogadores demais, e posições de menos. O que significa que as coisas vão ter que mudar.

— Isso é besteira, Treinador — Jenson Monroe opinou —, e você sabe.

— O que sei, filho, é que esse time tem um título de campeonato para defender. Então a não ser que você queira ver a vitória escorregar entre nossos dedos, sugiro que sente-se e aceite o que vai acontecer.

Vai ser assim. Vocês aparecem no treino, dão duro, seguem minha deixa, e vou garantir que tenham tempo em campo.

O recinto explodiu com conversas. Os rapazes de Monroe estavam discutindo entre eles, irritados que estávamos chegando e tentando roubar as posições deles, enquanto meus rapazes estavam reclamando por serem forçados a jogarem com um time que odiavam. Mas não eu e Monroe. Ficamos quietos, fuzilando um ao outro. Ele era o *quarterback*. O líder do time. Também era bom. Mas não era tão bom quanto eu. E pelo lampejo de medo em seus olhos, sabia disso.

— Tá bom, tá bom — Técnico ressoou. — Parem de mimimi. Quero que se troquem e saiam no campo em dez minutos. Se não me derem ouvidos aqui, talvez me escutem lá fora. — Ele saiu pisando firme, a raiva estalando no ar.

— O que fazemos, Thatch? — Bryan me perguntou.

— Quer jogar bola, Bry?

— Merda, sim, mas eles nos querem aqui tanto quanto queremos estar aqui.

— Supere, docinho. — Bati a mão no peito dele e dei tapinhas. — Se quiser que Michigan corra atrás de você, vai precisar mostrar a eles o que tem para oferecer.

— Não sei, Thatch... É o território deles. — Os olhos dele foram para onde Monroe e os rapazes dele estavam colocando o uniforme.

— Olha. Esqueça deles e foque no jogo.

— Sim, eu acho.

Nos trocamos, colocando relutantes o uniforme branco e azul que um dos técnicos assistentes nos deu. Parecia errado usar as cores deles, mas acho que não éramos mais Eagles.

Éramos Raiders.

E caralho se isso não parecia algum tipo de traição.

— De novo — Técnico Ford gritou pelo campo. Ele me lembrava do Treinador Forrester de Rixon East, mas tinha um ar de autoridade que nosso técnico não tinha. Acho que tinha a ver com ser realza da NFL.

Técnico Ford sabia o que era querer futebol, a ponto de viver e respirar isso. Ele passou por todas as etapas, do ensino médio até a faculdade até chegar no futebol profissional.

Ele conseguiu.

— Certo, Jenson, troque com Thatcher.

— Mas, treinador...

— Falei para trocar, vai.

Peguei o capacete e coloquei, correndo para entrar em posição. Pelos últimos quarenta minutos estávamos treinando jogadas básicas.

O técnico estava trabalhando com Monroe, o fazendo treinar jogada atrás de jogada. Estava me coçando para entrar lá e mostrar ao Treinador o que podia fazer, mas não ia ser um babaca a esse respeito.

— Cuidado — Monroe bateu o ombro no meu conforme saiu do campo.

Raiva subiu pela minha coluna, mas a abafei. Ele queria que eu cometesse um deslize. Queria que falhasse. Reagir seria cair na armadilha dele. Não importava o quanto quisesse colocar o punho no rosto do cara.

— Certo, Thatcher, hora de mostrar do que você é feito. — Os olhos do técnico perscrutaram os meus conforme entrei em posição para aceitar o passe.

Adrenalina passou por minhas veias conforme observava o campo. Passei as últimas semanas estudando o livro de jogadas dos Raider de capa a capa, mas ainda não tinha colocado nada em prática com o ataque deles.

O central — um cara chamado Aaron — entrou em posição.

— Hut — chamei, e ele mandou a bola para mim. Recuando, procurei o campo por um jogador disponível. Nossos olhos se encontraram e dei a ele o sinal para correr. Ele disparou, forçando as pernas e enguendo a mão.

Puxei o braço para trás e depois estendi, deixando a bola voar. Ela cortou o ar como um foguete, com precisão e velocidade. O receiver pulou do chão e colocou a mão na bola, a puxando contra o corpo e pousando nos dois pés.

— Bom trabalho — o treinador gritou.

— Nada mal, Thatcher — Aaron disse. — Para um Eagle. — Ele sorriu sob o capacete.

Passamos a jogada mais algumas vezes. Cada vez o receiver ia mais longe, e cada vez eu fazia o passe perfeito. Em algum ponto, o resto dos jogadores pararam para assistir. Até Monroe. Entretanto, quando o Técnico nos chamou, a expressão dele não era nada impressionada.

— Bom trabalho pessoal. Sei que vai precisar de um pouco de tempo para se ajustar com as coisas, mas o importante aqui é que todos queremos jogar futebol, não é?

— Sim, senhor. — Nossas vozes coletivas preencheram o ar.

— Ótimo. Agora vão para os chuveiros e depois para aula. Não quero ninguém matando aula este semestre. Jogamos duro e trabalhamos duro. Monroe, Thatcher, uma palavrinha. — Ele nos chamou enquanto o resto dos jogadores saía correndo do campo.

— Vocês estavam bem no campo hoje. Fortes. Focados. Sei que é uma situação única e serei honesto, não é uma na qual planejei me encontrar. Mas estou dependendo de vocês dois para manter seus jogadores na linha, escutaram?

Passei os olhos por Monroe, e ele olhou feio para mim.

— Certo, treinador. — Desprezo pingava das suas palavras.

— Estou falando sério, Monroe. Estou dependendo de você para liderar o time neste período de transição. Agora saiam daqui. Vocês dois. — Ele me deu um olhar estranho, mas não perguntei o que estava pensando. Era um caminho pelo qual não queria passar.

— Acha que vai ganhar o técnico com alguns arremessos bons?

— Qual é a porra do seu problema? — disse entredentes.

— Meu problema? Meu problema é que não queremos você aqui, ninguém quer. Então fique fora do meu maldito caminho.

— Você só está preocupado que vou tomar seu lugar. — Não queria provocá-lo, mas as palavras escaparam antes que pudesse pará-las.

— Preocupado? Com um babaca como você, Thatcher? — Monroe parou cara a cara comigo quando chegamos na porta do vestiário. — Improvável. Esse é meu time, minha escola, minha maldita temporada... De jeito nenhum que vou deixar um cara do outro lado do rio foder com tudo isso. — O ombro dele bateu no meu ao entrar no vestiário.

— Não deixe que te atinja, cara. — Aaron apareceu do nada. — Ele está sentindo a pressão.

— É, bom, deveria. — Os cantos da minha boca se ergueram.

— Touché.

— Sabe que também preferíamos não estar aqui.

— Sim, mas como o técnico disse, aqui estamos. E não sei você, mas quero jogar futebol.

— Sim. — Não podia discordar.

Ele riu.

— Não somos todos babacas. Contanto que não procurem problemas.

— Não posso fazer promessas. — Se Monroe continuasse a provocar, uma hora eu explodiria. Mas esperava evitar isso.

— Você consegue. — Aaron me bateu no ombro antes de se mover ao meu redor. — Vamos — falou, e o segui para dentro.

Mas não é como se eu tivesse escolha.

— Oras, olhem isso. — Bryan soltou um assobio baixo. — É como um buffet de boceta fresquinho.

— Cara, estou comendo — opinei, enfiando outra batatinha na boca.

— É, e com sorte eu vou comer mais tarde. — Ele riu, levando os dedos a boca formando um V e lambendo.

— Idiota do caralho — Gav disse. — Mas ele não está errado sobre as bocetas. Por exemplo. — Ele apontou para um grupo de garotas na fila do almoço.

Eu as reconheci do ocorrido desta manhã no corredor.

— A loira é gostosa. Hey, Thatch, não é a garota que gritou para você esta manhã?

— Sei lá, é? — Dei de ombros. Ela era bonitinha, claro. Daquele jeito óbvio de garota gostosa. Mas não foi ela que chamou minha atenção. Foi a amiga de cabelo escuro que se escondeu atrás dela.

— Sério, você tem olhos? Olha os peitos dela. O que não daria para ver o que está escondendo sob as roupas.

Mal segurei o rosnado vibrando no meu peito quando Jenson Monroe foi até ela e deu um tapa na sua bunda. Ela colocou uma mão no peito dele, rindo de algo que ele disse. Eles olharam para gente e ela franziu o cenho.

— É, Casanova, me avise o resultado.

— Porra — ele sibilou, esfregando uma mão no rosto.

— Alguém falou alguma merda para vocês no segundo e terceiro horários? — perguntei para eles.

— Nada que não pudéssemos aguentar.

— Eles vão se acostumar conosco — falei, engolindo minhas dúvidas.

Eu não gostava disso tanto quanto eles, mas era a única opção. Os Raiders eram o time para se vencer, um dos times de ensino médio mais bem sucedidos do estado, até mesmo do país. Se quiséssemos impressionar os olheiros e nos mostrar como os melhores, precisávamos jogar com os melhores.

— Ahh, sobrou. — Bryan sibilou e olhei para cima para encontrar Loirinha dando um sermão em Monroe. — Talvez minha sorte esteja mudando. — Ele se levantou e colocou as mãos em volta da boca. — Ei, Loirinha, tem espaço na nossa mesa.

— Sente-se, babaca. — Peguei a camiseta dele e puxei. Ele caiu na cadeira, risada ressoando do seu peito. Bryan era da defesa, e bom. Mas também era um maldito idiota, interessado demais em molhar o pau do que no futuro.

Ela sorriu na nossa direção, jogando o cabelo loiro sobre o ombro.

— Porra, acho que acabei de gozar nas calças.

— Jesus, você precisa transar — Gav riu.

Ela jogou um beijo para ele antes de pegar a mão da amiga e puxá-la para a fila do almoço. Tinha algo nela, a de cabelo escuro. Mas não conseguia definir. Ela parecia como um peixe fora d'água parada ali enquanto a amiga conversava com todo mundo que passava. Outra garota se juntou a elas, e os rapazes começaram a apostar em quem pegaria a loira primeiro.

— Se você se aplicasse assim no campo, talvez teríamos levado o campeonato ano passado — murmurei.

Amava meu time, mesmo, mas eram distraídos com muita facilidade. Garotas, festas, a atenção e a veneração das fãs. Eles queriam, claro... só não queriam o suficiente. Não do jeito que eu queria.

Futebol era tudo para mim. Tu-tudo. Era minha saída de Rixon. Para longe da minha família. Da pressão. Da sombra constante do meu pai.

Era minha chance de liberdade.

— Ei, você deve ser Thatcher. — Uma bonitinha apoiou a bunda na beirada da nossa mesa. — Sou Lindsey, a capitã das líderes de torcida.

— E aí?

— Festa na minha casa na sexta-feira. Você deveria ir.

— Ah, não sei, gatinha. Não festejamos com os Raiders — Bryan disse.

— Mas vocês não são... Raiders, quer dizer? — A sobancelha perfeitamente desenhada arqueou. — Venham. Vai ajudar a quebrar o gelo com o time. Nem todos são babacas como o Jenson.

Não estava certo disso, mas ela estava certa. Se quiséssemos nos assimilar com o time, nós tínhamos que pelo menos nos esforçar.

— Vamos pensar nisso — falei.

— Ótimo. — Ela fez um espetáculo ao lambeir os lábios, os olhos fixos nos meus. — Te vejo por aí, Thatcher. Meninos. — Pulando da mesa, ela rodopiou e saiu rebolando, a sabinha de líder de torcida subindo pelas coxas, dando um vislumbre da sua bunda.

— Porra, estou no céu. — Bryan bateu a mão na mesa. — Me diga que vamos na festa?

— Talvez. Ela está certa. Talvez nós precisamos quebrar o gelo.

— Não gosto disso, Thatcher — Gav disse. — Isso cheira a armação. — Os olhos dele foram para onde Monroe estava sentado com o resto do time de futebol. Não estavam prestando atenção em nós, rindo de alguma piada que um deles estava contando.

— Ele não vai nos querer lá — acrescentou.

— Sim... — Concordei, meus lábios se curvando um pouco. — Mas talvez seja um motivo mais forte para irmos.

LILY

— E? — minha mãe perguntou no segundo que me sentei ao balcão, observando-a cuidar de um gato abandonado. Era uma coisinha magrela com pelo embaraçado e olhos anuviados, mas ainda era uma das coisas mais fofas que já vi. — Como foi o dia?

— Foi bom, mãe.

— Tem certeza? — Preocupação brilhou nos olhos dela.

— Sim.

Foi bom. Ninguém me importunou ou tentou conversar comigo. Exceto Ashleigh e Peyton, foi quase como se não estivesse lá.

Normalmente, me sentia confortável em me sentir tão invisível. Ser invisível significava ficar fora da atenção das pessoas. Mas algo pareceu diferente nisso hoje.

Era o último ano. Meu último ano de ensino médio. Queria passá-lo me escondendo nas sombras?

— Ele é tão pequeno — falei, vendo-a banhar o gatinho.

— Alguém o encontrou atrás de uma lixeira.

— Não sei como as pessoas podem fazer isso, simplesmente abandoná-los. — Meu coração se compadeceu pelo pequeno animal indefeso.

A paixão da minha mãe era o centro de resgate que gerenciava. Cresci na A Brand New Tail, sentada bem neste balcão, assistindo-a trabalhar. O gatinho ronronou enquanto ela limpava seu pelo.

— Vamos deixá-lo novo em folha. — Ela sorriu para mim. — Ainda pensando em seguir os passos da sua mãe?

— Talvez — falei com um pequeno movimento de ombros.

— Vai precisar se decidir uma hora, Lil.

— Eu sei. — Mas o prospecto da faculdade me assustava. Todo mundo dizia que era a chance de se encontrar, de aprender quem você realmente era. Mas para alguém como eu, era um fator desconhecido que fazia minha barriga congelar só de pensar.

— Pode ficar por perto, querida — minha mãe disse, como se pudesse escutar meus pensamentos. — Ninguém vai forçá-la a se mudar para longe de casa, você sabe disso, mas acho que a faculdade faria bem a você.

— Eu quero ir, mãe. Eu só... — As palavras ficaram engasgadas na minha garganta.

Ela secou a mão na toalha ao lado da pequena banheira e se inclinou sobre o balcão.

— Você chegou tão longe, bebê. Ainda tem muito para viver, Lily. Sei que é difícil, mas não quero que olhe para trás e tenha

arrependimentos.

Forcei um sorrisinho e ela deu risada.

— Sabe, quando estava no ensino médio, fiz uma lista para o último ano.

— Que tipo de lista?

— Tipo uma lista de desejos do último ano.

— Como eu não sabia disso? — Eu me empertiguei.

— Porque estava esperando o momento certo de compartilhar com você.

— O que tinha na lista?

— Não importa o que tinha nela. — Sua expressão suavizou. — O que importa é que você saiba que sua mãe também não era popular. Achava difícil correr atrás das coisas que queria. Sua avó e seu avô, Deus os abençoe, tinham um plano para minha vida, bebê. Um que eu não queria. Então fiz uma lista e prometi a mim mesma que tentaria deixar minha zona de conforto para que não me formasse com um monte de arrependimentos.

— Foi assim que conheceu papai? Por causa da lista?

— Essa é uma história para outro dia. — O lábio dela se curvou.

— Ew, nojento.

— Seu pai na verdade me ajudou a terminar algumas coisas que faltavam da minha lista. Ele foi muito legal. — Ela ergueu o gatinho da banheira e o envolveu com a toalha, esfregando o corpinho até secar.

— Legal? Tem certeza que está falando do papai? Jason Ford? Rabugento extraordinário? — Abafei uma risadinha.

— Não o deixe ouvi-la chamá-lo assim. — Ela lutou contra um sorriso. — Não estou dizendo que deveria escrever uma lista, Lily. Mas talvez possa forçar um pouco dos seus limites esse ano. Sei que o mundo é um lugar assustador, mas tem muita coisa boa lá fora. E quem sabe, talvez um cara bonitinho esteja esperando que você...

— Mãe! — Enrubesci, afundando o rosto no braço.

Sua risada suave encheu o recinto.

— Você tem quase dezoito anos, Lily. Um dia, vai encontrar um rapaz de quem gosta e aí vai saber o que quero dizer.

— Ah, não tenho tanta certeza disso — resmunguei. Eu não era como Peyton ou minha prima Ashleigh. Elas eram confiantes e bonitas. Claro, Ashleigh não era tão volúvel quanto Peyton quando se tratava de rapazes, e não criou coragem para falar para o paquera que gostava dele, mas ainda tinha confiança em si.

Minha mãe colocou o gatinho em uma gaiola, limpou as mãos e veio até mim.

— Lily May Ford, você é uma forte e linda mulher jovem. Só queria que pudesse ver o que todos nós vemos, bebê.

Eu me derreti no seu abraço. Queria acreditar nas suas palavras, pegá-las com as duas mãos e nunca soltar, mas sempre tinha aquela vizinha na minha cabeça me provocando.

— Eu te amo, Estrela Lily — sussurrou. Era assim que me chamava sempre que estava me sentindo triste ou com medo. Quando era criança, confusa pelo grande mundo assustador, minha mãe costumava me abraçar e cantar para mim.

Lily Star, Lily Star
Don't you cry
Lily Star, Lily Star
Just give me a smile
Lily Star, Lily Star
Whenever you're feeling alone
Just look to the stars
And you'll find me there

Estrela Lily, Estrela Lily
Não chore
Estrela Lily, Estrela Lily
Só me dê um sorriso
Estrela Lily, Estrela Lily
Sempre que estiver se sentindo sozinha
É só olhar para as estrelas
E vai me encontrar lá

Era uma música de criança boba, mas era nossa música, e sempre me fazia sentir melhor.

— Eu também te amo, mãe.

Ela me segurou na distância do braço e mais do que nunca desejei que fosse mais como ela. Mas Poppy era toda nossa mãe, em aparência e personalidade. As pessoas eram atraídas pela minha irmã do jeito que planetas orbitavam o sol. O sorriso dela era contagiante, o calor irresistível. Se Poppy estava em um lugar, ela sempre tinha atenção de todos. E apesar de ser a bebê da família, meus pais não se preocupavam com ela do jeito que se preocupavam comigo.

Mas não trocaria isso por nada no mundo.

Estava aliviada que Poppy não precisava viver dentro da minha cabeça.

Era um lugar exaustivo para se estar.

— Está bonita, babe — Ashleigh disse conforme entrei em seu carro. Mas seus olhos foram direto para meu pulso e o elástico de cabelo grosso e fofinho. — Lil?

— Estou bem — menti, cobrindo o elástico com a manga do moletom. — Estou me sentindo um pouco assoberbada, só isso.

— Conversou com seus pais?

— Não, e apreciaria se não fizesse alarde disso. — Dei um olhar duro para ela enquanto Poppy se juntava a nós.

— Desculpa, esqueci o telefone. — Ela percebeu a tensão entre Ashleigh e eu e acrescentou: — O que é?

— Nada. — Sorri. — Leigh está preocupada com Peyton. Não é?

— Hm, sim. Estou preocupada...

— Preocupada com o quê? — Peyton entrou no carro ao lado de Poppy. — Desculpa, perdi a hora.

— Vamos. — Ashleigh entrou no trânsito constante da manhã.

— Então, ouvi dizer que Lindsey vai dar uma festa na sexta e estava pensando que deveríamos ir.

— Com certeza — minha irmã disse.

— Lindsey, mesmo? — Refutei.

— É o último ano, Lily — Peyton acrescentou. — Sei que ela é uma vaca, mas todo mundo vai estar lá.

— Acho que não. Vocês podem ir, mas eu não...

— Lily, não faça isso. Não deixe o que aconteceu lá atrás arruinar seu último ano. Você é mais forte do que isso.

— Peyton está certa, Lil. — Ashleigh olhou para mim. — É uma festa. Qual é o pior que pode acontecer?

— Vamos, Lilster, por favor — Poppy implorou. — Você sabe que mamãe e papai não vão me deixar ir a não ser que você vá.

— Ela não vai me querer lá. — Não mais do que eu queria estar lá.

— Ela deveria ter pensado nisso antes de convidar metade dos alunos do último ano. Vamos manter distância, e nem precisamos entrar na casa dela.

O argumento da Peyton era bom. Os Filmer tinham uma casa grande que dava para o lago. Era cercada por um bosque, o que fazia o lugar perfeito para festas. Tinham jet skis e um dique com um escorregador de água. Não ia lá há muito tempo, mas me lembrava de quando éramos crianças.

— Quem sabe. — Ashleigh me deu um sorriso tranquilizador. — Por até ser divertido.

As palavras da minha mãe de ontem ecoaram na minha mente. Ela queria que eu aproveitasse o último ano, todo mundo queria.

— Sabia que mamãe tinha uma lista no último ano? — falei rápido.

— Uma lista? — Poppy respondeu.

— Sim, uma lista de desejos. Ela se recusou a me dizer o que estava na lista, mas disse que não queria se formar com nenhum arrependimento.

— Isso é tão legal — Peyton disse. — Ei, você deveria fazer isso. Sua terapeuta adoraria.

— Não vou fazer uma lista.

— Não precisa colocar no papel, mas poderia ter alguns objetivos em mente. Como ir em uma festa. — Ashleigh balançou as sobrancelhas. — Sua primeira festa de ensino médio. Pode ser meio legal.

— Você não vai parar até que concorde, vai?

— Não, desculpe, Lil. Prometemos sempre sermos o tipo de melhores amigas que falavam o papo reto com você, e está na hora de sair da sua bolha e viver.

— Ela está certa, Lilster. — Poppy se inclinou e apertou de leve meu ombro. — Você consegue.

— Então... — Ashleigh entrou no estacionamento da escola e encontrou uma vaga. — O que vai ser?

— Vou pensar nisso.

— Você tem quatro dias. — Ela concordou.

Peyton e Poppy saíram, mas Ashleigh ficou para trás.

— Desculpa se exageramos. Sei que não é fácil para você.

— Não é, mas vocês estão certas — falei. — Talvez deveria me forçar mais.

Mas me forçar era assustador porque resultava em uma recaída. E não queria isso, não outra vez.

— Estaremos ao seu lado a cada passo do caminho, prometo. E se Lindsey disser uma palavra...

— Não estou preocupada com a Lindsey, Leigh. — Não estava no radar dela desde o primeiro ano, quando ela se livrou do aparelho, criou seios, e se tornou uma líder de torcida. Ela tinha a atenção do time de futebol inteiro agora, sem precisar de mim ou das conexões do meu pai.

— Certo, vem cá. — Ela se virou no banco até estar me encarando e esticou os braços para minhas mãos. — Repita comigo. — Eu, Lily May Ford...

— Leigh, não vou...

— Por mim. — Ela sorriu daquele jeito contagiante dela. — Eu, Lily May Ford...

— Eu, Lily May Ford.

— Sou fodona.

Revirei os olhos e ela beliscou minha mão.

— Sou fodona — resmunguei.

— E tenho um grupo de amigas fodonas, em especial a Ashleigh.

— Repeti relutante suas palavras.
— E vou aproveitar ao máximo o último ano.
— E vou aproveitar ao máximo o último ano.
— Ótimo, excelente. Agora jura de mindinho. — Ela enlaçou o dedinho com o meu.
— Leigh... vamos.
— Só me dê isso, Lil. Por favor. — Ela fez beicinho, me dando um grande e azul olhar pidonho.
— Você não joga limpo.
— Talvez não. Mas você me ama.
— Sim, amo..
— Agora vamos. Vem detonar o último ano. — Ela saiu do carro e me olhei no espelho. Passei os últimos três anos do ensino médio me escondendo, ficando nas sombras e desejando que fosse invisível. E na maior parte, funcionou. Tinha um pequeno grupo de amigas que me compreendia e uma família que me amava. Eu estava feliz.

Estava.

Mas não podia negar que uma parte de mim sempre se perguntava como seria ser como Peyton, ou Ashleigh, ou até mesmo minha irmã. Não ter que me preocupar em estar muito presa nos meus pensamentos problemáticos.

Então apesar de não querer fazer uma lista – e não queria – talvez devesse tentar forçar um pouco meus limites uma vez ou outra e sair da minha zona de conforto.

Talvez pudesse me forçar a finalmente viver.

Quando chegou sexta-feira, não estava tão confiante na minha decisão de ir na festa. Era só o que todo mundo – todo mundo tipo a Peyton, Ashleigh, e minha irmã – estava falando. Mas quanto mais animadas ficavam, mais nervosa me sentia.

É só uma festa, sussurrei enquanto procurava por algo para vestir no meu armário. Meus dedos passaram pelo meu cabelo, se curvando na raiz e puxando um pouco. Uma sensação de calma passou por mim, mas me forcei a afastar a mão, respirando fundo no lugar. Amava meu longo e ondulado cabelo castanho. Era meu escudo, minha armadura, caindo até meus ombros como uma cascata de chocolate.

— Querida, posso entrar?

— Claro, mãe — falei, e ela se esgueirou para dentro do meu quarto.

— Ainda não está vestida?

— Eu não sei o que usar.

— Bom, acho que qualquer coisa é melhor do que isso. — Ela

olhou para o roupão fofo que envolvia meu corpo e riu. — Jeans e uma camiseta servirão muito bem, bebê. Não quer infartar seu pai.

— Sim. — Ele estava de mal humor desde que Poppy declarou que iríamos na festa esta noite. Claro, ele tentou dizer não, mas minha mãe interveio rapidamente e o lembrou que não éramos mais crianças.

— Estou orgulhosa de você, sabia? É um grande passo, Lily. — Minha mãe me deu um sorriso tranquilizador e me deixou para que me vestisse.

Coloquei uma camiseta preta cropped estampada com estrelas metálicas e um jeans cortado. Puxei o cabelo em um rabo de cavalo frouxo sobre um ombro, trancei a ponta e acrescentei um pouco de gloss.

— Ou vai ou racha — falei, pegando a bolsa e descendo as escadas. Peyton e Poppy já estavam esperando.

— Você está gostosa, Lil. — Minha melhor amiga me analisou, me dando joinhas.

— Gostosa? Ninguém deveria parecer gostosa — meu pai resmungou.

— Jase — mamãe avisou. — Não começa. É o último ano. Tem que aprender a soltar as rédeas.

— Lembra como eu era com aquela idade? — Ele deu um olhar incisivo para ela, e mamãe corou. — Exatamente — meu pai resmungou.

— Vai ficar tudo bem — ela respondeu, o tranquilizando. — São sensatas e conhecem as regras.

— Sim — meu pai concordou —, vamos repassar as regras.

— Ah, meu Deus, não, pai.

— Sim, Pops. Regra número um — ele ergueu um dedo —, fiquem juntas. Regra número dois: não aceitem bebidas de estranhos. Na verdade, nada de bebidas, a não ser que seja refrigerante. Regra número três, nada de amassos, e com certeza nada de se...

— *Pai!*

Minha mãe lutava contra um sorriso enquanto nós três estávamos sentadas ali, mortificadas.

— Acho que compreendemos, Sr. Ford.

— Peyton. — Ele soltou o ar, exasperado. — Você está morando na minha casa e comendo minha comida desde o começo do verão, acho que pode me chamar de Jason.

— Pode deixar, Sr. Ford.

Ele revirou os olhos.

— Certo, podem ir antes que eu tranque a porta e jogue a chave fora.

Poppy pegou minha mão e me puxou na direção da porta. Ashleigh ia nos dar uma carona, mas planejou deixar o carro nos Filmes para

que pudesse beber um pouco. Não que planejasse contar isso para papai.

— Divirtam-se — mamãe gritou. — Jason. Olhe para ela. — Eu a ouvi sussurrar.

Emoção embargou minha garganta, mas a engoli. Eu podia fazer isso. Era só uma festa. Poderia ir e falar oi para algumas pessoas, sorrir nos momentos certos, e talvez até dançar. Tá bom, isso era exagero. Mas ainda poderia aproveitar. Era só por algumas horas.

Uma festinha.

Qual era o pior que podia acontecer?

KAIDEN

— QUE PORRA você está fazendo aqui? — Monroe pulou da cadeira e se empertigou.

— Relaxa, Jenson, convidei eles. — Lindsey rebolou até nós e se pressionou no meu lado. — Estou feliz que você veio.

— Sim. — Apesar que pelo olhar assassino que Monroe estava nos dando, já estava pensando que era uma má ideia.

— Vem, vamos pegar uma bebida para você. — Lindsey me afastou de Monroe e seus rapazes, indicando na direção da porta que levava a cozinha.

— Bela casa — Bryan disse, se servindo de uma cerveja do cooler.

— Obrigada. Meus pais viajam bastante, então deixo o time passar um tempo aqui.

Olhei para fora, arqueando uma sobrancelha.

— Parece a sala inteira do último ano.

Ela deu de ombros, revirando uma mecha de cabelo no dedo.

— A novidade se espalha rápido. Não ligo contanto que ninguém cause problemas dentro da casa. Tem vodca, uísque. Acho que também tem um pouco de tequila. O que você preferir. — Ela passou o olhar pelo meu corpo e depois voltou, um sorriso repuxando seus lábios brilhantes.

— Obrigado.

— Ah, oi, pessoal. — Aaron apareceu com outro rapaz do segundo ano do time, chamado Cole.

— Oi. — Estiquei o punho e ele deu um soquinho. — Estou feliz que vieram.

— Vou encontrar as garotas — Lindsey disse. Os olhos dela se demoraram um pouco demais em mim, me deixando saber que não se importava com o fato que vim do outro lado do rio.

— Você precisa tomar cuidado com ela — Aaron disse assim que ela desapareceu. — É uma cobra. — Minha sobrancelha ergueu, e ele assentiu. — Ela só liga para uma pessoa aqui, ela mesma. Além do mais, é a ex do Monroe.

— É, mas é boa no boquete? — Bryan riu. — Porque eu não recusaria.

— Babaca. — Cutuquei ele nas costelas com o cotovelo.

— O quê? Como se você fosse dizer não. Vi o jeito que ela estava te olhando. — Ele sorriu.

— Aaron está certo, cara, os dentes são tão afiados quanto as garras dela.

— Falando por experiência? — Gav perguntou para Cole.

— Não, cara. Ela não faz meu tipo.

— Vamos para perto do lago, se quiserem vir? — Aaron perguntou.

— É, tá bom. — Aaron e Cole pareciam pessoas legais, diferente de Monroe e seus amigos que nos deram gelo a semana inteira.

Depois de pegar umas bebidas, saímos da casa. Alguns rapazes estavam brincando na piscina em formato de feijão, fazendo graça na prancha de mergulho enquanto garotas de biquíni estavam na beirada gritando com irritação falsa toda vez que espirrava água nelas. Isso me lembrou das nossas festas em Rixon East. Não éramos muito diferentes, tirando a cor dos nossos uniformes e o time para quem torcíamos. Mas éramos estranhos aqui. Forasteiros.

Meu velho quase pirou quando ouviu Bryan dizer que estávamos indo em uma festa do outro lado do rio. Lewis Thatcher odiava Rixon com o calor de mil sóis. Era bobo, na verdade, o problema dele com o antigo rival do ensino médio. Mas meu pai sabia como guardar rancor, tanto que mal podia dizer o nome do Técnico Ford sem engasgar.

Se não fosse pela minha mãe e Técnico Forrester, estaria frequentando Millington ou Fenn Hill, jogando para um dos seus times medíocres.

Graças a Deus por pequenas vitórias, porque apesar de não gostar de jogar com os Raiders, era muito melhor do que jogar para um time sem direção ou vontade de vencer.

Todo mundo parou para nos ver seguir Aaron e Cole pelo lago, mas ignorei os olhares. Não queria a aprovação deles ou até mesmo a aceitação. Estava aqui para jogar futebol e conseguir uma bolsa integral para Alabama.

— Sim, porra! Jet skis — Bryan disse, cutucando meu braço.

— De jeito nenhum que você vai conseguir me colocar em cima de uma daquelas coisas. É perigoso demais.

— Fala sério, Thatch, não seja tão maricas.

— Prefiro ser maricas do que ficar no banco pelo resto da temporada com um braço quebrado.

— Ele está certo — Aaron disse, e acenei com o queixo, agradecido. — Então, como Rixon High se compara a East? — ele perguntou.

— É... diferente. Mas o treino é parecido. Técnico Forrester não é tão durão quanto Técnico Ford.

— Não deixe ele ouvir você falando isso. — Cole riu. — Acha que ele vai dar tempo de jogo para você?

— Ele sabe que sou a melhor escolha — falei.

Meus rapazes trocaram tapas.

— Com certeza — Gav disse.

— Monroe não vai ceder sem brigar. O pai dele é um grande amigo dos Raiders.

— É, imaginei.

Não era o mesmo com meu pai. Mas deveria ter sido. Se ele fosse um cara legal que desse a mínima para alguém além de si, teria garantido ser parte principal da minha carreira de futebol com os Eagles. Ele teria ido nos treinos, doado para o fundo de reforço, e bebido com o técnico e os amigos no final de semana.

Do jeito que era, só se importava o suficiente para mandar em mim da poltrona.

Inveja me percorreu. Monroe não só tinha o time, o apoio da cidade inteira, e o Técnico Ford... também tinha um pai que se importava.

— Ei, você está bem? — Aaron me perguntou, e assenti. — Os jogadores veteranos vão ceder. Eles são bem leais ao Monroe, mas quando o virem em ação em campo, vão perceber que também tem espaço para você.

— Por que você está sendo tão tranquilo com tudo isso? — perguntei para ele.

Aaron cruzou os braços sobre o peito e deu de ombros.

— Todo mundo merece uma chance. E mais, Monroe meio que é um babaca.

— Ei, Aaron. Cole. — A loira do refeitório no outro dia veio até nossos novos amigos.

— Peyton. — Ele retribuiu o sorriso dela. — Onde está minha irmã e as outras?

— Por aí. — Ela me olhou da cabeça aos pés. — Você é o novo *quarterback*.

— E você parece encrenca. — Eu sorri.

— Você não gostaria de descobrir.

— Eu gostaria — Bryan opinou. — Com certeza gostaria. Sou Bryan. Bryan Hughes.

— Belas tatuagens. — Ela deixou o olhar parar no braço dele. Então é claro que o idiota ansioso puxou a manga para cima.

— Envolva o ombro.

— Legal. Ah, aqui estão. — Ela acenou para um grupo de garotas. Na hora encontrei a garota de cabelos escuros. Ela pairava atrás delas, claramente desconfortável.

— Pessoal, essa é minha irmã, Sofia — Aaron disse. — E aquelas são Ashleigh, Poppy e Lily.

Ela com certeza era o peixe fora d'água. Mal fez contato visual e estava vestida de forma bem mais discreta comparada com as amigas. Mas jeans e camiseta ficavam bem nela, escondendo um corpo esbelto com curvas nos lugares certos.

Não sei qual era a dela... mas tinha alguma coisa. Conheci várias garotas como Peyton e Lindsey. Garotas que queriam descolar um

jogador de futebol. Impacientes e persistentes. Elas piscavam e mordiam os lábios agindo toda melindrosas. Mas cansava bem rápido. Eu gostava de um desafio, de batalhar pela recompensa.

Ficamos sentados bebendo e conversando. Bryan tentou impressionar Peyton, mas ela parecia mais interessada em observar os rapazes fazendo acrobacias nos jet skis. Em algum ponto, nos movemos para a pequena fogueira. Mais algumas pessoas se juntaram a nós, e em pouco tempo, não éramos mais os forasteiros.

— Vou mizar — falei, me levantando. — Vou pegar mais bebidas na volta. Cerveja pra todo mundo? — Meus olhos se demoraram na garota quieta grudada no lado da amiga.

— Água para mim, por favor. — Ela finalmente encontrou meu olhar, e porra, se não foi como se um raio me atingisse direto no peito. Ela era linda. Grandes olhos azuis que cortava, lábios rosa claro, e um longo cabelo castanho que estava em uma trança frouxa sobre o ombro.

— Quer me ajudar? — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse pará-las.

— Não, obrigada.

Bom, então tá.

Fiquei cheio de desânimo enquanto Bryan dava risadinhas. Mostrei o dedo para ele e atravessei o jardim. Monroe encontrou meu olhar, me fuzilando, mas o ignorei.

— Aí você está. — Lindsey me interceptou assim que cheguei na casa. — Esperava que você viesse falar oi para mim. — Ela oscilava um pouco, claramente embriagada.

— Na verdade, estou indo no banheiro.

Os olhos dela escureceram.

— Posso ir com você? — Lambeu os lábios de forma sugestiva.

— Acho que não.

A expressão dela mudou, confusão anuviando seus olhos.

— Você não me quer?

— Eu nem te conheço. — Desviei dela antes que as coisas ficassem mais estranhas e encontrei o banheiro.

Quando terminei, enchi o balde de gelo com algumas cervejas e uma garrafa de água para Lily e voltei até eles. Mas quando cheguei lá, Lindsey e um monte de outras pessoas se acomodaram em volta da fogueira, transformando nossa reunião íntima em algo muito maior. Gemi internamente. Ela não iria deixar isso passar, e conforme me sentava ao lado de Bryan, parecia que estava entrando na gaiola de um leão.

— Agora que todos estão aqui — ela declarou. — Pensei que pudessemos jogar sete minutos no paraíso.

Um coro de celebração e algumas vaias ecoaram ao nosso redor.

— É um jogo de crianças — um dos rapazes protestou.

— Não do jeito que jogamos. — Ela piscou para ele, pegando uma garrafa e se movendo para o lado da fogueira. — As duas pessoas tem que ir para a garagem de barcos. — Lindsey acenou para o pequeno prédio na beira da água. — Depois tem sete minutos para... se conhecerem. Se escolher não fazer isso, tem que beber isso aqui. — Ela segurou um copo e as pessoas começaram a colocar um pouco das suas bebidas dentro dele até encher.

— Isso é nojento — uma das garotas disse.

— Considere motivação. — Lindsey piscou. — Prontos?

Era bobo, mas era provável que era uma tentativa de me levar para a garagem. Não passou batido o jeito que ela se posicionou bem na minha frente.

Ela colocou a garrafa no chão e girou.

— Certo, aqui vamos nós. — Passou por mim uma, duas, três vezes, e no fim parou em Bryan e uma das amigas de Lindsey.

— Bryan e Candice.

— Aí sim, porra. — Ele comemorou. — Vem para o papai.

Todo mundo riu, apesar que algumas garotas pareciam um pouco enojadas. Mas Candice não parecia muito afetada conforme se levantava e dizia:

— Nada de língua.

— Veremos. — Ele pegou a mão dela e a puxou na direção da garagem, sob o som da nossa risada.

Todos esperamos, conversando entre nós. Lindsey ficava olhando para mim, desejo brilhando em seus olhos. Ela me queria. Mas estava sem sorte porque não estava interessado. Conhecia garotas como ela. Exigentes, grudentas e possessivas. Se aceitasse, ela pensaria que era minha dona, talvez até dos meus rapazes, e eu não estava a fim de joguinhos. Não, a não ser que envolvessem ombreiras, capacetes e o brilho forte de holofotes na sexta à noite.

— Eu me pergunto o que estão fazendo? — Poppy disse.

— Conhecendo Candice, vai estar de joelhos dando os sete minutos mais quentes da vida dele. — Lindsey e as outras amigas riram.

Por fim, reapareceram. Bryan estava com um sorriso bobo, então meio que me perguntei se ela estava certa. Mas depois vi o batom borrado no rosto dele e dei risada.

— Se divertiu? — Lindsey perguntou.

— Paraíso, *baby*. — Ele piscou para Candice e ela deu um pequeno aceno.

— Acho que estou apaixonado. — Ele se sentou, pegou a cerveja e virou. — Melhores sete minutos da minha vida.

— Você precisa sair mais. — Dei um tapa no ombro dele.

— Certo, próxima rodada. — Lindsey girou a garrafa outra vez.

Ansiedade estalava no ar conforme ficava mais lenta, acabando por parar em Cole e na irmã do Aaron, Sofia.

— Não — Aaron disse. — De jeito nenhum.

— Regras são regras — Lindsey sorriu. — Ou podem passar e beber isso. — Ela balançou o copo de bebida com aparência de vômito.

— Não vou beber isso. — Sofia se levantou. — Vem, Cole. Vamos.

— Hm — ele hesitou, olhando entre o amigo e a irmã dele. — Só vamos conversar.

— Aposto que vão. — Alguém bufou.

— Toque nela e está morto. Tô falando sério, Kandon.

— Cara, ela é sua irmã, relaxa. Não vou...

— Vamos logo, Cole. — Sofia chamou enquanto ia na direção da garagem.

— Esse jogo é uma bosta — Aaron murmurou.

— Relaxa — Poppy disse. — Ele não vai faltar com respeito. Ele gosta demais de você. — Eles trocaram um olhar demorado.

— Talvez devesse ter trocado de lugar com ela? — Lindsey gargalhou, mas ninguém mais riu. — O quê? — acrescentou dando de ombros. — Foi engraçado.

Alguns minutos depois, Sofia e Cole apareceram, os dois dando risada.

— Está tudo bem? — Aaron perguntou para a irmã.

— Relaxa, só conversamos. — Ela trocou um sorriso misterioso com Cole.

— Tão chato — Lindsey revisou os olhos. — Certo... terceira rodada. — Ela soltou a garrafa outra vez.

Nem estava prestando muita atenção desta vez. Não até que ela disse:

— Kaiden, você vai com a... Lily.

Meus olhos foram até ela, mas pareceu se encolher.

— Ah, não estou jogando — falou rápido.

— Está sim. — Lindsey escarneceu.

— Não, vou...

— Meu Deus, Lily — outra garota disse. — Não seja tão chata.

Ela olhou para as amigas e todas pareciam tão chocadas quanto ela.

Qual era o problema com essa garota?

— Eu me voluntario como tributo — Peyton disse, jogando o cabelo comprido para trás do ombro.

— Sabe as regras, Peyton. — Lindsey bufou. — Ou ela joga ou ela bebe.

— Nã-não posso beber isso.

— Por que não? Acha que é boa de mais ou algo assim? Só porque seu pa...

— Para, Linds — Ashleigh disse. — Se ela não quer brincar, ela não...

— Tudo bem, vou brincar. — Lily se levantou com tudo, encontrando meu olhar. Ela acenou para a garagem e partiu sem mim.

— Sinto muito — Lindsey disse. — Não imaginei que você cairia com a aberra...

— Está tudo bem. — Abafei meu orgulho e fui atrás dela. — Ei. — Corri até seu lado. — Você está bem?

— Ela ainda está olhando?

Olhei para trás.

— Sim, todos estão.

— Deus, odeio isso — suspirou.

— Uau, você é boa para o ego de um cara. — Soltei uma risada tensa, esfregando a nuca.

— Não estou... — Ela soltou uma longo e controlado suspiro. — Isso não tem nada a ver com você.

— Não estou esperando que me beije ou algo assim — falei, um pouco na defensiva demais. Não sei o que essa garota tinha, mas já estava me afetando.

O que era estranho para caralho já que normalmente ninguém me afetava.

A garagem de barcos pairava à frente e me movi ao redor dela para abrir a porta, balançando a cabeça com minha burrice quando ela esperou que eu entrasse primeiro.

— Não brinco de sete minutos no paraíso desde o nono ano — falei, esperando interromper o silêncio. Ela olhou para mim com aqueles grandes olhos azuis e seu lábio tremeu.

— Eu nunca brinquei.

LILY

MEU CORAÇÃO ESTAVA ACELERADO no peito, minhas mãos ficando escorregadias com suor. Estava na garagem de barcos com Kaiden Thatcher.

Maldito Kaiden Thatcher.

Como isso aconteceu?

Lindsey Filmer, foi como.

Ela estava me pressionando, me provocando, colocando os holofotes em mim, e algo apenas se rompeu. Não queria ser a garota estranha que nunca festejava ou nunca participava dos seus jogos estúpidos. Por uma noite, por um pequeno momento no tempo, só queria ser uma adolescente normal se divertindo em uma festa com os amigos.

Por que isso era tão difícil?

— Lily? — Kaiden perguntou, as sobrancelhas franzidas. — Você está bem?

— Eu... — As palavras travaram na minha garganta conforme o recinto começou a se fechar ao meu redor. — Vou ficar bem — falei, fechando os olhos e inalando o ar entrecortado.

Eu me apoiei na parede, coloquei as mãos atrás de mim, tentando focar em alguma coisa – *qualquer* coisa – menos a necessidade que crescia em mim.

— Ei, se você está desconfortável, podemos sair.

— Não-não, eu só... — Meus olhos se abriram, colidindo com os dele. — Tenho medo de espaços pequenos. — Não era uma mentira completa. — Quando tempo ainda falta?

Eu podia fazer isso.

Podia ficar com ele aqui e só conversar ou ficar parada em silêncio constrangedor. Não importava. Eu só não queria voltar lá e dar outro motivo para Lindsey e suas amigas fazerem da minha vida mais difícil do que já era.

— Cinco minutos e meio.

Deus, parecia uma eternidade.

Meus olhos se fecharam outra vez enquanto focava na minha respiração. Para dentro e para fora. Para dentro e para fora. Deveria saber que vir aqui seria um gatilho, mas não estava pensando nas consequências, só no fato que Lindsey estava olhando para mim. Ela estava olhando para mim e sorrindo como se já tivesse vencido.

— Ei, acho que deveríamos sair — Kaiden disse. — Você parece bem desconfortável.

— Não. — Meus olhos abriram de supetão, implorando com ele. —

Vou ficar bem... eu só... — Minha respiração falhou conforme meus dedos iam para os fios de cabelo soltos emoldurando meu rosto. O ar estava denso e pesado, e lutava para respirar. Era como estar no fundo de um buraco negro, sem conseguir escapar. Sangue rugiu entre minhas orelhas enquanto pensamentos sombrios circulavam na minha mente. O teto poderia ceder e nos enterrar... O feixe de luz de uma lâmpada poderia estourar, nos deixando em escuridão total... Poderia tropeçar, e cair em qualquer uma das ferramentas espalhadas... Poderia desmaiar e Kaiden teria que me carregar de volta na frente de todo mundo.

— Não posso respirar — choraminguei, lágrimas escorrendo pelas bochechas. — Sinto como se não pudesse res...

Mãos grandes seguraram meu rosto, olhos cinza escuros me prenderam no lugar.

— Você está bem, Lily. Só precisa respirar.

— Eu-eu não posso, não...

A boca dele colidiu com a minha, engolindo meu grito de surpresa.

Kaiden Thatcher me beijou.

Ele estava me beijando.

Soltei uma respiração trêmula enquanto ele colocava a boca sobre a minha outra vez, me beijando com mais intensidade. Beijando-me até eu estar respirando seu ar.

Nunca fui beijada antes, não assim. *Nunca* assim. O pânico passando por mim lentamente desapareceu, sendo trocado por calor intenso. Estava em chamas, pegando fogo de dentro para fora conforme a língua do Kaiden passava com cuidado pelos meus lábios e se curvava com a minha.

Uma das mãos dele encontrou minha nuca, me ancorando nele. Me ancorando. Não sabia como beijar ou o que fazer, mas meu corpo sabia. Sabia, e quando Kaiden me beijou com mais força... mais intensidade... ele respondeu. Ele se abriu como uma flor procurando o sol.

Nem sabia que tinha esticado a mão para ele, mas quando enfim terminou o beijo, tocando sua cabeça na minha e respirando fundo, minhas mãos estavam na sua nuca.

— O que foi isso? — sussurrei.

— Uma distração... funcionou? — A boca dele se curvou com um sorriso incerto.

— É, acho que sim. — Ciente que ainda estávamos enlaçados, soltei os braços. Ele entendeu a deixa e deu um passo para trás, colocando um pouco de espaço entre nós.

— Você estava tendo um ataque de pânico? — perguntou, e não encontrei nenhum julgamento ali.

— Sim, acontece de vez em quando. — Estava melhor

ultimamente, mas um ataque de ansiedade nunca estava muito longe. Lugares pequenos, multidões barulhentas, lugares escuros – tinha vários gatilhos. Mas outras vezes, era completamente irracional. Algumas vezes me pegava de surpresa tão rápido que nem sabia o que estava acontecendo até meu corpo estar tremendo e meu coração acelerado.

— Está bem agora?

Abaixando a cabeça, assenti.

— A-acho que sim.

Que vergonhoso.

— Desculpa — falei rápido.

— Desculpa? Você não precisa se desculpar. Acho que não é algo que pode controlar?

Olhei para ele e balancei a cabeça de leve.

— É por isso que costumo evitar festas.

— Bom, não deveria. Aposto...

— Lily, Kaiden? — A voz da Lindsey reverberou pelo lugar vazio.

— Acho que acabou nosso tempo. — Dei um pequeno sorriso.

— Sim. — Ele franziu os lábios, mas tive quase certeza que seus olhos foram para minha boca.

Ele queria me beijar outra vez?

Quem eu queria enganar? Rapazes como Kaiden não queriam garotas como eu. Queriam garotas como Lindsey ou Peyton. Fortes, confiantes, sensuais, que sabiam o que queriam e não tinham medo de tomar.

Eu não era essa garota.

Nunca seria ela.

Tudo o que queria era terminar o último ano e descobrir o que queria da vida.

— O que você quer que diga a ela?

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Sobre o que aconteceu?

Não tive tempo de responder porque Lindsey colocou a cabeça para dentro e semicerrrou os olhos.

— Chama sete minutos no paraíso por um motivo — ela escarneceu. — O que vocês estão fazendo aqui?

Ela olhou entre nós e focou em mim.

— Você está bem? Parece estranha.

— Estou bem — falei. — Provavelmente deveríamos... — Acenei para a porta e desviei dos dois, respirando fundo no segundo que saí.

Não esperei por eles. Estava envergonhada demais, confusa demais com o que acabou de acontecer. Kaiden me beijou. Mas parecia mais... parecia mais como se tivéssemos compartilhado alguma coisa.

Não faça isso, Lily. Não transforme isso em algo que não é. Ele estava

te distraindo. Isso é tudo.

— Ei, você está bem? — Ashleigh perguntou conforme me sentava e grudava no seu lado.

— Sim, por que. não estaria?

Ela me estudou por um longo segundo, mas então Kaiden e Lindsey nos alcançaram.

— Então, cara — o amigo dele disse —, como foi?

Fiquei tensa.

— Como se fosse te contar. — Kaiden sentou na cadeira e esticou as pernas compridas. Os olhos encontraram os meus, mas desviei rápido o olhar.

— Vocês ficaram mais do que sete minutos lá — o amigo acrescentou. — Ela ficou de joelhos e...

— Bryan, falei para deixar pra lá.

— Nossa — ele assobiou entredentes. — Não precisa ser um babaca com isso. Foi só uma pergunta.

— É, eu sei — Kaiden acrescentou, e minha respiração ficou presa na garganta. Ele ia contar para eles? Ia me dedurar para todo mundo?

Mas então disse cinco palavrinhas que significavam mais para mim do que deveriam.

— Mas nunca beijo e conto.

— Pronta para conversar sobre o que aconteceu entre Kaiden e você na garagem de barcos? — Poppy me perguntou quando estávamos deitadas lado a lado na minha cama. Era coisa nossa. Nas manhãs de sábado, ela sempre subia na minha cama e nós ficávamos deitadas ali, algumas vezes conversando, outras não.

— Não muito.

— É um “não muito, cale a boca, Poppy” ou um “não muito, mas continue insistindo, Poppy”? — Ela cutucou meu ombro, rindo.

— Tive um ataque de pânico. — As palavras escaparam.

— Ah, Lilster. — Ela ficou de lado e me envolveu com seus braços esbeltos. — E você estava indo tão bem.

Não respondi.

Deveria ter respondido. Porque ela se afastou, olhando para mim com preocupação no olhar.

— Você estava melhor, certo?

— Sim.

— Mas?

— Mas estava tendo... impulsos outra vez.

— Você contou para mamãe?

Balancei a cabeça.

— Sua terapeuta?

— Vou ligar para ela se as coisas saírem do controle, prometo.

Terminei terapia formal um pouco mais de um ano atrás, mas ainda falava com a terapeuta aqui e ali.

— Deveria contar para alguém.

— E estou. Contando para você.

Ela mostrou a língua para mim e desse jeito o clima pesado desapareceu.

— Obrigada por compreender.

Não era que não queria ajuda, mas se meus pais soubessem, entrariam em modo superprotetor e não poderia viver desse jeito outra vez. Era exagero. As perguntas constantes e análise excessiva de toda decisão e ação. Eu entendia, mesmo. Mas também era uma jovem mulher agora. Precisava lidar com isso do meu jeito. Ou então como diabos deveria ir para faculdade sem surtar?

Não, precisava ser um pouco independente.

Mas era uma linha tênue entre querer sair da minha zona de conforto e querer me esconder no meu quarto e nunca mais sair.

— Então, de volta pro Kaiden... Vocês se beijaram?

— Poppy!

— Vamos, você pode me contar. Sou excelente em guardar segredos.

— Não aconteceu nada. — A mentira saiu fácil. — Eu surtei e ele me acalmou. Foi muito legal.

— Legal? Não foi o que ouvi dizer do infame Kaiden Thatcher.

— O que você ouviu? — Olhei para ela.

— Bisbilhotei um pouco. Parece que ele é conhecido por perder a paciência dentro e fora do campo, se sabe o que quero dizer. Teve uma grande briga na última temporada... Ouvi papai falando para mamãe que está preocupado.

Franzi o cenho. Não foi o Kaiden que conheci ontem à noite, o Kaiden que me beijou quando me viu perdendo o controle.

— Me pergunto o que aconteceu com papai e Sr. Thatcher? — ponderei, e culpa passou pelo rosto de Poppy.

— Ah não, o que você fez? — perguntei.

— Prometa que não vai contar para eles?

— Prometo.

— Dei um google.

— Você deu um google? — falei seca.

— Quer dizer, é público, então não estava bisbilhotando.

Ela estava certa.

— O que você achou?

— Quando estavam no último ano, os trotes da semana de rivais saíram do controle... encontrei uma reportagem que dizia que o pai

do Kaiden foi expulso do time e perdeu a bolsa para a faculdade depois que as coisas entre ele e papai ficaram ruins.

— Você está brincando?

Poppy balançou a cabeça.

— O nome da tia Hailee estava na reportagem.

— Ah, meu Deus, não surpreende que papai estava preocupado com Kaiden se juntar ao time.

Pavor passou por mim ao me lembrar como me senti ao beijá-lo. Com certeza tomei a decisão certa ao não contar para ela. Além do mais, não é como se fosse acontecer de novo.

Silêncio pairou sobre nós e Poppy colocou a mão na minha e apertou.

— Sempre vou te defender, Lilster. Você sabe disso, certo?

— Sei. — Engoli a bola de emoção na minha garganta.

— Você pode contar comigo *sempre*, para qualquer coisa. O mesmo vale para Peyton e Ashleigh. Você não está sozinha, Lil. Espero que saiba disso.

— Eu sei.

Sabia.

Mas ainda não contei a verdade sobre Kaiden porque algumas coisas eram melhor que fossem deixadas não ditas. Poppy tinha boas intenções, mas era mais fácil fingir que tudo estava bem.

Do que admitir que talvez não estivesse.

Segunda de manhã na escola, senti um friozinho maluco na barriga ao sair do carro de Ashleigh. No segundo que vi Kaiden do outro lado do estacionamento, soube por quê.

Tentei esquecer o beijo, mas como você esquecia o primeiro beijo?

A resposta era, não esquecia.

Ainda podia lembrar a sensação dos seus lábios contra os meus, o toque firme e ainda assim suave. Ainda podia sentir o amargor da cerveja em seu hálito. A umidade da sua língua contra a minha.

Tanto que quando os olhos dele encontraram os meus por cima do mar de carros, calor explodiu nas minhas bochechas.

— Lil, qual é o problema? — Ashleigh perguntou e minha cabeça se virou para ela.

— Nenhum. — Forcei um sorriso, puxando de leve as pontas gastas o meu cachecol. Os olhos dela foram para meus dedos enrolados nos fios.

— Lil?

— Estou bem. — Meu sorriso era tenso ao olhar de volta para Kaiden.

Não podia imaginá-lo como o garoto que Poppy descreveu. Ele foi tão paciente comigo na sexta à noite, tão gentil.

Depois que voltamos para a fogueira, não conversamos outra vez, mas o peguei me observando. Como estava agora.

Ele sorriu. Kaiden Thatcher sorriu para mim. E o friozinho na minha barriga virou um tufão.

Sem pensar demais, sorri de volta.

Meio que esperei que ele me ignorasse hoje e fingisse que nada aconteceu. Mas ele estava sorrindo... *para mim*.

— Aaahh, entendi qual o problema agora. Você, Lily Ford, tem uma paixonite. — Ashleigh riu.

— Eu não... não é...

— Lil, pare. — Ela me deu um olhar afiado. — Isso é uma coisa boa. Uma coisa ótima. Só não fique muito interessada porque, bom, é um jogador de futebol e ele é um Eagle.

— Ele é um Raider agora — respondi.

— É? — A sobrelha dela se ergueu, e não gostei da dúvida em seus olhos. Mas ela tinha razão. Kaiden e seus amigos ainda eram forasteiros, o inimigo. Precisaria de mais de uma semana e uma festa para mudar isso.

— Certo, não surte — ela suspirou —, mas ele está vindo para cá.

Meu coração subiu na minha garganta ao observá-lo se aproximar. As pernas longas atravessando a distância, os jeans escuros esticados sobre as pernas musculosas. Estava usando uma camiseta cinza que acentuava os grandes bíceps e ombros largos, mas eram seus olhos que mais chamavam minha atenção. O jeito que focavam bem em mim. Nunca estive sob os holofotes antes, mas as luzes estavam focadas em mim agora.

— Ei — ele disse, parando bem na minha frente.

— Oi. — Franzido o cenho, e Ashleigh me deu um olhar tranquilizador.

— Vou estar bem ali. — Ela apontou para o resto das nossas amigas. Todas estavam observando, interessadas.

— Então, não sabia se deveria me aproximar — Kaiden disse —, mas queria ver se estava bem, depois da festa.

— Estou bem. Obrigada por perguntar. — Meus dedos mexeram na ponta do meu lenço, atraindo seu olhar.

— Eu te deixo nervosa?

Não encontrei malícia no seu olhar, só uma curiosidade leve.

— Um pouco — confessei.

Ele passou uma mão pelo cabelo e desceu pela nuca.

— Não vou morder. — O lábio dele se curvou em um pequeno sorriso. — Bom, só se você implorar.

— Eu... — Ai, meu Deus. Engoli em seco. Ele estava flertando

comigo?

Meu corpo formigava com percepção conforme ele se aproximava.

— Sabe, você parece um pouco familiar — ele disse, e fez uma careta.

Mas antes que pudesse responder, uma voz enjoativa cortou a tensão entre nós.

— Oras, isso não é fofo — Lindsey disse. — A estrela do futebol e a fantasma.

— Fantasma? — Kaiden perguntou com um toque de irritação.

— É, você sabe, invisível? — Ela me fuzilou e quis que o chão me engolissem.

— Que tipo de coisa idiota é essa para se dizer para alguém?

— Kaiden, não tem problema — falei.

— Pro caralho que não — rosnou.

— Relaxa — Lindsey riu, colocando uma mão no braço dele. — É só uma piada. Não é verdade, Lily?

Um brilho malicioso lampejou no olho dela e me preparei para a próxima coisa ruim que iria dizer.

— Sabe, é bem poético. A estrela de futebol e a filha do técnico. Quem diria...

— O que você acabou de dizer? — O rosto de Kaiden ficou branco. Observei enquanto compreendia, e meu estômago afundou.

— Quer dizer, você não sabia? — Lindsey praticamente sorriu. — Lily é filha do Técnico Ford. Ela não te contou?

— Não, não contou — falou frio.

— Que ruim. Mas não se preocupe. Tenho certeza que tem garotas o suficiente para fazê-lo sentir-se em casa em Rixon High.

Kaiden olhou feio para mim, o sorriso substituído por uma carranca.

— Opa, posso ver que têm algumas coisas para conversar. Te vejo mais tarde no treino. — Ela foi embora, nos deixando num silêncio amargo.

— Eu...

— Você parece com ele — Kaiden disse. — Foi daí que te reconheci. Tem os olhos dele.

— Todo mundo diz isso. — Sorri, mas ele não sorriu de volta. — O que Lindsey disse. Não importa. Quero dizer, o Técnico Ford é meu pai, mas não é um monstro. Ele nunca iria...

— Importa.

— Desculpa, o-o quê? — Pisquei para ele, certa de ter ouvido errado.

— Importa.

— M-mas o que aconteceu sexta foi... — Tive problemas para encontrar as palavras.

Queria dizer a ele que foi a primeira vez que beijei um garoto. Queria dizer que não tinha parado de pensar nos seus lábios nos meus. Que senti algo se mover em mim durante aqueles minutos com ele na garagem de barcos.

Mas as palavras não se formaram, e Kaiden não me deu uma chance para dizê-las.

— Me faz um favor, pode ser? — ele disse.

— Qualquer coisa. — Assenti, finalmente encontrando minha voz.

— Não conte a ninguém o que aconteceu sexta à noite.

KAIDEN

EU fiz MERDA.

Era a filha do Técnico Ford.

A maldita filha.

Era óbvio agora. Os mesmos olhos azuis, mesmo cabelo escuro. Mas não vi na hora. Estava ocupado demais focado na garota que estava tentando desaparecer.

Muito bem, babaca.

Agora ela estava parada ali, olhando para mim como se tivesse acabado de passar por cima do seu cachorrinho.

O lábio inferior dela tremeu.

— Mas pensei...

— Pensou errado. — Engoli o nó na minha garganta. Precisava dar o fora daqui antes que ela chorasse e o técnico me arrastasse para o escritório dele por fazer a filha soluçar.

Caralho.

Como isso aconteceu?

E por que diabos ninguém me contou?

Sem dizer mais nada, rodopiei e me afastei dela. Era uma atitude babaca, mas era muito melhor do que a alternativa.

A filha do Técnico.

Lily Ford.

Era a porra da pior coisa que poderia acontecer comigo.

Bryan fez uma careta quando me juntei a ele e o resto da nossa turma.

— Está tudo bem?

— Ela é a filha do treinador.

— Ah, caralho — ele soltou antes de gargalhar.

— Vai se foder — resmunguei, passando por ele e indo para o prédio da escola.

— Você precisa admitir. — Ele me alcançou. — É bem engraçado.

— Fico feliz que um de nós está se divertindo. — Porque eu com certeza não estava.

Quando não respondi, ele acrescentou:

— Tem muito mais boceta por aí. Lindsey está doida por um gostinho do Thatchman, e parece que sabe o que fazer com o corpo, se entende o que quero dizer.

— Sim — murmurei, esperando que ele calasse a boca. Não estava interessada no que a Lindsey ou qualquer outra estava oferecendo. Estava muito encantado pela Lily.

E agora ela estava cem por cento fora de limites.

De todas as malditas garotas na escola, tinha que ser ela.

Gemi internamente ao atravessar o corredor na direção da minha primeira aula. Parte de mim estava irritado com Lindsey por soltar a bomba desse jeito. Mas a outra parte sabia que ela me fizera um favor antes que dissesse ou fizesse alguma coisa que não poderia voltar atrás. E daí que nos beijamos sexta à noite? Foi só um beijinho. Não significava nada. Era um desafio. Sete minutos no paraíso em uma garagem de barcos. Não era como se tivesse comido ela. Mesmo que o pai descobrisse, foi só um beijo.

Só que não.

E esperava que ele não descobrisse. Porque estava aqui para jogar bola. Meu futuro estava nas mãos dele. Já tinha munição o suficiente para deixar minha vida difícil pelo fato que meu nome era Thatcher.

Não precisava dar mais motivos para ele me odiar.

Quando chegou o treino, estava irritado para caramba. Por sorte, não tinha nenhuma aula com Lily. Não queria ver o olhar abatido em seus olhos outra vez.

— Certo, venham aqui — o treinador gritou. — Essa sexta é o pré-jogo e na outra semana temos o primeiro jogo contra Marshall Prep. São duas semanas para provarem para mim que merecem um lugar no time.

— Isso é a maior baboseira — alguém murmurou atrás de mim.

— O que diabos foi isso? — o técnico ralhou. — Se tem alguma coisa para falar, desembucha. Não? — Esperou outro minuto, o silêncio doloroso. — Ótimo. Porque vamos deixar uma coisa clara. Esse é o meu time. *Meu* maldito time. E qualquer um que colocar o pé naquele campo em uma sexta-feira vai ter merecido seu lugar. Entenderam?

— Sim, senhor.

— Desculpa. Não ouvi.

— Sim, senhor. — Nossas vozes ecoaram pelo campo.

— Melhor — ele grunhiu. — Agora vão lá e me mostrem do que são feitos.

Monroe bateu o ombro em mim ao passar depois que a reunião se separou entre defesa e ataque para os treinos de jogadas.

— Aquela posição é minha — murmurou.

— Repita, Monroe. Porque com certeza parecia com você chorando para sua mãe quando for eu cantando as jogadas contra Marshall.

— Thatch — Gav avisou, mas estava muito nervoso para ver razão. Monroe pressionou e pressionou e pressionou a semana passada, e eu não pressionei de volta. Mas talvez esteja na hora. Talvez seja na hora

de lutar fogo contra fogo.

— Acha que meus rapazes vão entrar na linha por um Eagle? De. Jeito. Nenhum. — Ele ficou bem na minha cara.

— Thatcher. Monroe. Temos algum problema? — O técnico do ataque gritou.

— Nenhum, senhor — Monroe respondeu, me fuzilando. — Só atualizando Thatcher em algumas jogadas.

— Thatch, cara. — Bryan deslizou o braço sobre meu peito. — Ele não vale a pena.

— Sim. — Eu me desvencilhei dele e corri para entrar em posição.

Coloquei toda minha frustração no jogo, me forçando ao máximo. Meus passes eram certos, voando pelo campo com precisão e velocidade, e minhas corridas eram rápidas e imbatíveis. Absorvi as orientações dos técnicos, mudando minha técnica de arremesso e me perdendo no treino repetitivo até Lily Ford se tornar uma memória distante.

Exatamente onde precisava ficar.

— Certo, bom trabalho QBs. Tirem um descanso para tomar uma água e depois vão trabalhar nos passes. Ataque comigo. Defesa com Técnico Macintosh.

Monroe murmurou algo baixinho ao irmos até as garrafas de água. Quando terminamos, ele jogou uma bola para mim e disse:

— Damas primeiro.

Babaca.

Entrei em posição de joelhos e esperei que ele se afastasse umas dez jardas. Ele foi da direita para esquerda e depois pulou para a direita, esticando o braço bem alto.

Puxando a bola para trás do ombro, impulsionei com os quadris e a deixei voar da minha mão. Ele a pegou com facilidade.

— Nada mal. — Sorriu. Jogou de volta para mim. Com força. Fui pego fora de equilíbrio e cambaleei um pouco para ficar de pé. Ele zombou e dei-lhe um olhar frio.

Trabalhamos desse jeito por dez minutos e depois trocamos. Depois ficamos só em um joelho e completamos outra rodada. Era um exercício para ganhar força, fazendo você usar o torso e não as pernas. Quando o técnico nos chamou, meus músculos doíam, e não queria nada além de ir para os chuveiros e deixar a água quente relaxar os nós.

Monroe me ofereceu a mão e a peguei, deixando-o me puxar para cima. Mas no último segundo, antes que tivesse me equilibrado, ele soltou e caiu.

— O que diabos, cara? — Levantei-me com um pulo e fiquei cara a cara com ele. — Qual diabos é seu problema?

— Meu problema? — Ele bateu o capacete no meu. — Esse é o

meu time. Meu maldito time, Thatcher. Acha que pode entrar aqui e assumir?

— Acha que quero estar aqui? Confia em mim, não quero. Mas aqui estou, então é melhor se acostumar com isso. — Bati o ombro nele ao passar assim que o Técnico gritou nossos nomes.

— O quê? — Monroe gritou para mim. — Acha que é bom demais para jogar conosco, mas bom o suficiente para nossas garotas?

— O que caralhos isso deveria significar? — Meus pés pararam e me virei.

— Sabe exatamente o que quer dizer. Todos vimos você desaparecer na garagem de barcos com a filha do técnico.

Tudo ficou em silêncio conforme suas palavras atravessaram o ar.

— Ah, merda — alguém sibilou. Mas eu ignorei, a atenção focada apenas no babaca na minha frente.

— Você precisa parar de falar — rosnei, os punhos apertados ao meu lado. — Antes que eu o faça parar. — Raiva percorreu minha espinha.

— Thatcher, meu escritório, AGORA!

Sangue latejou nos meus ouvidos ao olhar para trás e encontrar o técnico indo tempestuoso na direção das portas do vestiário.

— Bom te conhecer, Thatcher. — Monroe zombou. Meus olhos semicerraram, e meu corpo tremia de raiva. Mas aí um técnico assistente gritou:

— Comece a andar, filho.

Tirei o capacete e sai correndo atrás dele. Minhas travas batiam no chão conforme me aproximava do escritório do Técnico Ford.

— Sente-se — ele disse, frio.

Nada de “garoto”.

Nada de “filho”.

Nada de “Thatcher”.

— Você sabe por que está aqui?

— Sim, senhor. — Minha perna pulava inquieta com uma ansiedade que não conseguia segurar.

— É verdade?

— Eu... — Minha língua prendeu o céu da boca e engoli em seco. — Estávamos brincando de um jogo estúpido.

— Que jogo?

— Sete minutos no paraíso.

— Porra — ele sibilou baixo, arrastando a mão pelo rosto. — Você tocou nela?

— O quê? *Não!* Conversamos... só isso.

A sobranceira dele se ergueu, me estudando.

— Não quero minha filha em nenhum lugar perto do time, me ouviu?

— O time... ou só eu?

— O que diabos isso deveria significar? — A expressão do técnico escureceu, as sobrancelhas se unindo. Esse era o técnico Ford de quem havia ouvido falar. Frio e mortal.

— Não tem muito amor entre você e meu velho.

— Isso é história antiga — bufou.

— Mesmo?

O técnico era profissional. Firme mas justo depois de ser forçado em uma situação impossível. Mas ele não me queria aqui mais do que eu queria estar aqui.

Ele me observou por um segundo, depois soltou um longo suspiro.

— Apenas fique longe de Lily, Kaiden. Passou por muita coisa sem um jogador partir o coração dela.

— Não vai ser um problema, senhor — falei, sem emoção. Porque ele estava certo. Qualquer coisa que tenha sido iniciada naquela festa foi abafada no segundo que descobri quem ela realmente era.

— Ótimo. Porque odiaria que você sacrificasse seu último ano jogando futebol por uma garota que é boa demais para você.

Ai.

Suas palavras ardiam. Mas engoli seu julgamento. Não precisava que gostasse de mim. Nem mesmo precisava que me respeitasse. Só precisava que me desse uma chance em campo.

Eu me levantei e olhei direto no olho dele.

— Tal pai, tal filho, certo? — Era isso o que pensava de mim. Que era da mesma laia do Lewis Thatcher.

Não era.

Mas ele não queria ouvir isso, e não iria contar uma história triste na esperança de conseguir um passe livre.

Só tinha um jeito que eu iria entrar no time, e era provando a ele e todo mundo que merecia um lugar na escalação titular.

O técnico não respondeu, o olhar duro me observando sair do seu escritório. No segundo que entrei no vestiário, soltei um suspiro leve. Como se já não tivesse uma marca nas costas, acabei de desenhar o alvo e entregar a flecha a ele.

Fodeu minha vida.

— Mãe, cheguei — gritei, jogando as chaves no aparador.

— Aqui, querido.

Segui o cheiro de cookies fresquinhos até a cozinha.

— Algo cheira bem, mãe. — Pegando um do suporte para esfriar, assopei antes de morder.

— Kaiden, eles ainda estão quentes. — Ela me bateu com a toalha,

movendo a bandeja para o outro balcão. — Como foi seu dia?

— Bom, eu acho. — Meus ombros se encolheram um pouco.

— E o treino?

Eu retesei.

— Foi legal.

— Ah não. Isso não me soa bem. O técnico Ford está forçando a barra? Porque sabe que seu pai não vai tolerar nenhum tratamento...

— Não é nada assim, mãe. O *quarterback* deles é um idiota.

— Bom, claro que é, bebê. Ele se sente ameaçado por você. — Ela apertou minha bochecha como fazia quando era criança. — É uma temporada, Kaiden. Você pode suportar.

— Sim. — Não era como se eu tivesse escolha. — Ele está no trabalho?

— Sim. As costas dele estavam melhores esta manhã, então ele foi trabalhar. Não sei quando...

A porta da frente se abriu e fechou com um baque.

— Deve ser ele. — Os olhos da minha mãe enrugaram, mas não era de carinho. — Estamos aqui, Lew — ela gritou.

— Está em casa? — Meu pai olhou feio para mim. — Deixaram que saísse mais cedo do treino?

— Não, o treino já tinha acabado.

Ele resmungou.

— Que tipo de programa fajuto o Ford está tocando lá?

— Pai, vamos. Sabe que Rixon High tem um dos melhores programas do estado.

Minha mãe me deu um olhar de aviso.

— Por que não se senta, Lew, e vou pegar uma bebida para você?

— Ela tentou guiá-lo para uma baqueta, mas ele desviou dela.

— Posso pegar minha própria maldita bebida, Tina.

— Está bem, só estava oferecendo. — Ela voltou para os cookies, passando eles para um prato.

— Ele já anunciou a escalação?

— Ainda não.

— Bom, o que diabos está esperando? Você precisa estar na lista de titulares, filho.

— Eu sei, pai. E vou estar.

— Se tivesse ido para Millington como eu queria, não estaríamos tendo essa conversa. O Técnico Garrick estava mais do que disposto de dar tempo em jogo para você.

— Millington não chegou nas *playoffs* em quase uma década. Eles não têm...

— Mas poderiam ter tido. — O punho bateu no balcão. — Com você no comando, poderiam ter uma boa chance.

Indisposto a ouvir mais dessa baboseira, eu me levantei.

— Vou me trocar e vou correr — falei.

Meu pai abriu a cerveja e a virou.

— Não vai chegar a lugar nenhum com aquele acabado, filho. Lugar nenhum. — Amargor envolvia suas palavras.

No segundo que pisei na escada, ouvi meus pais brigando. Ela tinha boas intenções, mas queria que parasse de tentar lutar minhas batalhas. Não era mais criança e nunca acabava bem.

— Não vim para casa para ser censurado por você — eu o ouvi gritar. — Vou sair.

— Sair? — ela berrou. — Mas você prometeu que não faria mais isso.

Com um suspiro pesado, fui para o quarto. Não era nada que não tinha ouvido uma centena de vezes. Meu pai prometeu ficar longe do bar e minha mãe assava ou limpava para se fazer sentir melhor. Foi nesse ciclo que cresci.

A batida da porta da frente reverberou pela casa. Minha mãe ficaria chateada, mas não podia encontrar a vontade de confortá-la. Não quando não compreendia por quê ela ficava com ele. Não era mais uma criança; ela não precisava me proteger.

Peguei meu fone de ouvido sem fio e os coloquei na orelha, apertando tocar na minha playlist favorita e me joguei na cama.

Hoje foi uma merda do começo ao fim.

Menos de duas semanas na Rixon High, e já estava contando os dias para poder ir embora.

LILY

— LILY, você pode vir aqui, por favor? — Tinha um tom sério na voz do meu pai que fez minha coluna formigar.

Coloquei um moletom dos Raiders e enfiei os pés nas pantufas e desci.

— E aí? — perguntei, entrando na cozinha.

— Precisamos conversar.

— Tudo bem. — Minhas sobrancelhas se juntaram. — Estou encrencada? — Olhei entre ele e minha mãe e ela empalideceu.

— Não, querida. Deus, nunca pense isso. Fale, Jase.

— Isso é sobre Kaiden Thatcher.

— Kaiden? — Meu coração acelerou um pouco com a menção do seu nome.

— Ele... a pressionou a fazer alguma coisa que não queria na festa? — Meu pai parecia assassino. — Pode nos contar, Lil. Você sabe disso, certo?

— Me desculpe? *O quê?* — Olhei para eles que nem boba.

— Jenson soltou no treino que Kaiden a fez entrar na garagem de barcos com ele e...

— Espera um minuto. — Respirei fundo, mal conseguindo acreditar no que estava ouvindo. — Kaiden não me *fez* fazer nada. Estávamos brincando daquele jogo bobo, sete minutos no paraíso, e caiu na gente.

— Isso não soa como você, Estrela Lily. — Minha mãe me deu um sorrisinho que fez meu estômago afundar.

— Nossa, obrigada, mãe.

— Ah, Deus, Lily, não foi... isso saiu errado, bebê. É só que você nunca...

— Fui uma adolescente normal? — As palavras fizeram meu peito doer, o peso da minha realidade pressionando minhas costelas. Meus pais estavam me encarando como se não soubessem como lidar comigo. Como se fosse algum animal selvagem com o qual não tinham experiência.

Eu odiava isso.

Sempre odiei isso.

— Lily, não quis...

— Você me disse para aproveitar o último ano, mãe. Você disse isso. Era uma festa, todo mundo estava brincando. Pensei... — Deixei sem terminar, sem querer compartilhar tudo com eles.

Porque aquela noite – um dos melhores momentos da minha vida – agora estava maculada.

No segundo que Kaiden descobriu quem eu era, vi sua máscara impassível entrar no lugar. Foi como olhar para uma pessoa totalmente diferente.

Importa.

Uma palavrinha que machucou mais do que deveria. Não poderia culpar Kaiden, não mesmo. Ele não sabia o quanto aqueles minutos na garagem significavam para uma garota como eu. Uma garota cuja toda experiência com garotos se resumia aos numerosos namorados literários sobre os quais lia e desejava pela TV. Só havia sonhado com um primeiro beijo que fazia meus dedos se curvarem e meu coração acelerar.

E Kaiden me deu isso.

Em um momento de puro pânico, ele me deu um presente único.

Mas nunca poderia contar a ele.

Porque não só era a garota invisível, também era a filha do técnico Ford. Ninguém nunca seria bom o suficiente para mim na visão do meu pai.

Algo que nunca tinha sido problema antes.

Até Kaiden me beijar.

— Queremos sim que aproveite o último ano, querida. Seu pai só está preocupado, isso é tudo.

— Por que ele é um jogador de futebol ou por que é Kaiden Thatcher? — Minha sobrançelha arqueou.

— Lil, não é... — Meu pai soltou um longo suspiro, esfregando o queixo. — Só fiquei chocado, isso é tudo, e posso ter exagerado um pouco. A reputação dele... bom, vamos dizer que você é boa demais para o tipo do Kaiden Thatcher, querida? Para todos os jogadores de futebol, a propósito.

— Aposto que não tem um cara na escola que você acharia que é bom o suficiente para mim.

— Isso não é verdade...

— Ah, é? — Cruzei os braços no peito. — Diga um veterano que você não teria problemas que eu sáísse com ele.

— Certo, por que não respiramos fundo — minha mãe disse, erguendo as mãos. — Confiamos em você, Lily, mas também nos preocupamos. Depois de tudo o que aconteceu, é difícil deixar para lá.

— Acha que não sei disso?

O clima ficou denso à nossa volta. Fazia um tempo desde que meus pais organizaram uma das suas *intervenções*, mas era um lembrete claro do quanto eram ruins.

— Vocês não têm com o que se preocupar — falei, afastando minha melancolia. — Foi um desafio bobo. Kaiden não está interessado em mim, e não sou bem o tipo de garota que os caras fazem fila para namorar. — Eu me levantei da banquetta e comecei a

sair da cozinha.

— Lily, não foi isso que quisemos dizer. — A expressão da minha mãe desanimou. — Fale para ela, Jason. — Ela cutucou o braço do meu pai, e ele balbuciou.

— Claro, não foi o que quisemos dizer. Qualquer rapaz teria sorte de namorar com você, Lily.

Lutei contra o desejo de revirar os olhos.

— Não tem problema, pai. Está tudo bem.

Bem.

Ali estava aquela palavra de novo.

— Lily...

— Preciso ir terminar o dever de casa. Mas vou descer para jantar. — Não dei chance a eles dizerem mais nada, me apressando para fora da cozinha e de volta ao meu quarto.

No segundo que entrei, puxei o ar entrecortado. Minha pele estava tensa e irritante, um formigamento leve crescendo em mim. Peguei a bola de estresse da minha mesa e cai na cama, mexendo e apertando-a entre meus dedos. Com os olhos fechados, foquei na minha respiração, respirando fundo, e soltando devagar. Várias vezes, eu me forcei a lutar contra o desejo de enfiar os dedos no cabelo e puxar. Quando a bola de estresse se tornou redundante, pratiquei meus exercícios de alongamento. Fazendo um punho apertado e depois soltando os dedos como pétalas de uma flor desabrochando, se esticando para o sol. Aberto e fechado. Aberto e fechado. O pulsar rítmico da tensão nos meus músculos aliviou um pouco o desejo crescente, mas não era o suficiente. Se pudesse tocar no cabelo, por um segundo. Dar um puxão forte. O alívio seria instantâneo.

Mas a vergonha e a culpa seriam insuportáveis.

Se Peyton e Poppy estivessem em casa, poderia fazê-las me distrair. Mas Poppy tinha treino de ginástica, e Peyton estava trabalhando na Cindy Grill. Desde que meus pais a acolheram no início do verão, ela estava trabalhando no restaurante popular do centro. Para alguém como Peyton, era importante pagar os próprios custos. Meu pai tentou discutir com ela, mas respeitava a decisão dela de contribuir.

Perdi a noção do tempo enquanto fiquei deitada ali. Mas lentamente, a tensão desapareceu até estar no controle outra vez. Há três anos atrás, não teria conseguido resistir. Teria colocado os dedos no cabelo e puxado e puxado até estar com punhados de cabelo enrolados nos dedos e pedaços carecas no couro cabeludo. Foi uma época assustadora – puxar o cabelo e puxar e puxar –, mas trabalhei duro com uma terapeuta para controlar isso.

Tricotilomania.

Mais conhecido como o transtorno de arrancar o cabelo.

Fui diagnosticada com trico e transtorno de ansiedade quando

estava na oitava série. Não era algo que desaparecia, mas agora não me controlava como antes.

Mas ainda criava um bloqueio entre quem sou e quem queria ser.

Não queria ser a garota quieta e tímida, com medo da própria sombra. Mais do que tudo, queria entrar na luz e brilhar. Mas minha mente era meu pior inimigo, sussurrando coisas. Lembrando-me que não era como a maioria dos adolescentes.

É por isso que estar naquela garagem de barcos com Kaiden, experimentar ele olhando para mim, olhando para mim de *verdade*, havia mudado algo dentro de mim. Pela primeira vez em muito tempo, me senti normal. Senti o que qualquer outra garota sentia quando recebiam a atenção de um rapaz bonito.

E agora sumiu.

Mas devia ser melhor assim. Um rapaz como Kaiden estaria acostumado com garotas com experiência, garotas que sabiam como usar seus corpos para fazer os rapazes se sentirem bem.

Eu não era essa garota.

Talvez nunca seria.

A manhã seguinte na escola, pressenti que seria um dia ruim quando Lindsey e as amigas fizeram questão de rir de mim quando passei por elas.

— Ouvi dizer que ela tentou beijá-lo, depois surtou e chorou. Tão patética.

Minha coluna ficou tensa.

Ele contou para elas?

— Lil? — Peyton chamou sobre o ombro. Estava enrolando e ela e Ashleigh estavam lá na frente, mas ainda estava um pouco inquieta depois de ontem.

— Algum problema, aberração? — Lindsey olhou feio para mim.

— Lily? — Ashleigh apareceu ao meu lado. — Qual é o problema?

— Nada. — Tranquilei-a. — Vem, vamos lá.

Lindsey e as amigas irromperam em risadas, os cacarejos me seguindo para a escola.

— Sabe, se ela estiver causando problemas outra vez...

— Está tudo bem — falei, erguendo a mochila no ombro.

— Lily. — Sra. Bennet colocou a cabeça para fora do escritório no corredor. — Uma palavrinha.

— Ugh — resmunguei. — Acho que meu pai me dedurou.

— Ele só está preocupado.

— Sim. — Bati o armário com um pouco de força demais. — Bom, queria que parasse. Nada aconteceu.

— Sério? — Ashleigh me deu um olhar afiado. Peyton estava do outro lado do corredor, sendo pressionada contra o armário por Sean.

— Ela sequer gosta dele? — ponderei

— Ela gosta de algum? — Ashleigh deu de ombros. — Sabe que pode me contar qualquer coisa, certo? Zona livre de julgamento.

— Eu sei. — Concordei com a cabeça. — Melhor ir antes que ela faça um espetáculo. — Saí andando pelo corredor e bati na porta da conselheira estudantil.

— Pode entrar — ela disse, acenando para mim.

— Oi, Sra. B.

— Sente-se, Lily.

— Sei que meu pai deve ter pedido para que visse como estou, mas não é necessário...

— Sente-se — falou, juntando os dedos.

Relutante, me sentei.

— Como estão as coisas?

— Bem.

— Bem? — Sua sobrançelha ergueu. — Você sabe que bem com frequência é código para *nada bem*.

— Bom, odeio desapontar, mas está tudo bem.

— Lily, não posso te ajudar se você não falar comigo.

— Não tem nada para falar — respondi, sentindo a garganta ficar seca.

— Você diminuiu a lista de faculdade? Quando conversamos durante o verão você ainda não tinha se decidido.

Esse era o lado ruim do seu pai trabalhar na escola e ser amigo da conselheira escolar. Não tem como escapar da necessidade dela transmitir conselhos. Sra. Bennet e o marido, Asher – o melhor amigo do meu pai – estiveram na nossa casa na outra semana, e ela e mamãe estavam interrogando a mim e Peyton sobre a faculdade.

— Não, mas estou tentando. — A mentira escapuliu da minha boca. Nem tinha olhado para a lista que meus pais insistiram que fizesse no começo das férias de verão.

Como poderia pensar na faculdade quando as vezes só passar um dia no ensino médio parecia impossível?

— Ótimo. Quero ver suas três preferidas no final do mês. Você precisa começar a preencher as candidaturas, antes cedo do que tarde.

As paredes começaram a se fechar ao meu redor. Eu precisava sair daqui. Precisava de ar fresco.

— Lily? — Sra. Bennet franziu o cenho. — Você está se sentindo bem?

— Sim. Posso ir agora? — Eu me levantei.

— Claro. Vou ver como está em breve.

— Certo, obrigada. — Eu me apressei para fora do escritório, e

atravessei pelo corredor até o banheiro feminino.

Estava vazio, graças a Deus. Abri a torneira e joguei um pouco de água no rosto, focando na minha respiração. Meu coração acelerado no peito como um trem.

Segurando a beirada da pia, respirei fundo.

— Você está no controle — sussurrei. — Você consegue.

Mas me sentia como se estivesse me desfazendo. Era bobo, mas lógica não era um fator no meu ataque de ansiedade.

Era um inimigo silencioso, se espreitando quando menos esperava. Exceto, que os dedos traiçoeiros estavam me procurando ao longo das últimas semanas. A pressão do último ano, faculdade... o futuro, estava se provando ser demais, e me sentia completamente assoberbada.

A emoção cresceu em mim como uma onda, quebrando no meu âmago.

A porta se abriu e uma risada enjoativamente doce entrou no recinto.

— Lily? — Lindsey olhou boquiaberta para mim. — O que diabos você está fazendo?

— N-nada. — Peguei minha mochila e empurrei para passar por elas, saindo apressada do banheiro, as risadinhas e provocações me seguindo.

— Ela é uma aberração. — Foi a última coisa que ouvi ao cambalear para fora da porta.

Lágrimas de frustração arderam os cantos dos meus olhos, mas as engoli. Diminuindo o passo, fui até a aula de inglês avançado. A última coisa que queria era ir para a aula e fingir que tudo estava bem, mas a alternativa – voltar para o escritório da Sra. Bennet ou para a enfermeira da escola – não era uma opção. Entrei na sala e encontrei meu lugar.

— Tivemos alguns ajustes de última hora no horário — o professor anunciou. — Então teremos alguns alunos começando atrasados. — Ele olhou para a porta assim que Kaiden e um dos seus amigos entrou na sala.

— Ah, senhores. Obrigado por se juntarem a nós.

Meu coração afundou. Essa era a pior coisa que poderia ter acontecido. Era ruim o suficiente ver Kaiden pela escola. Mas agora precisaria vê-lo todos os dias.

Eles passaram por mim ao irem para seus lugares na fileira atrás de mim. Meu coração batia forte no peito, sangue latejando nas orelhas. Isso era um desastre.

— Srta. Ford? — Sr. Jenkins disse. — Você está bem?

— Estou bem. — Minha voz quebrou enquanto rezava silenciosamente que ele seguisse logo em frente. Fazia meses que não

tinha um ataque de pânico na aula.

— Talvez uma ida até a enfermeira da escola? — ele sugeriu, me dando aquele olhar de pena que odiava tanto.

— Estou bem — falei rápido, suor brotando pela minhas costas e seios. Parecia que todos estavam me olhando, me julgando, se perguntando por que eu era uma aberração tão grande. Podiam ver que meus dedos estavam puxando freneticamente o zíper do meu moletom? Podiam ver que meu estômago estava se revirando tanto que estava enjoada? Podiam ver as lágrimas se acumulando nos cantos dos meus olhos?

Por fim, Sr. Jenkins introduziu o trabalho da próxima hora, e pude enfim respirar sem me sentir como se a sala inteira estivesse me observando.

— Escapou com sorte — ouvi o amigo de Kaiden dizer, e fiquei rígida, ouvindo a conversa.

Claro, sabia como era. Cresci sabendo que era melhor não bisbilhotar porque nove de dez vezes, você não gostaria do que iria encontrar. Mas estavam sentados bem atrás de mim. Não era como se pudesse deixar de ouvir.

— É óbvio que tem algo de errado com ela — acrescentou.

— Cala a boca, Bryan.

Bryan. Era esse o nome dele.

— Só estou dizendo, cara. Você escapou da aberração da escola.

— Cara, falei para calar a porra da boca.

— Nossa, só estou... — Ele grunhiu, xingando baixo, e imaginei que Kaiden tivesse batido nele ou pisado em seu pé. De qualquer maneira, o calou.

Sem pensar, olhou sobre o ombro, meus olhos colidindo com os do Kaiden. Mas ele não me deu atenção. Apenas olhou direto por mim. Como se não fosse ninguém.

Nada.

E eu não sabia o que doía mais. Que Kaiden não me defendeu quando o amigo estava dizendo todas aquelas coisas, ou que ele estava agindo tão frio agora que sabia a verdade sobre quem eu era.

Mas uma coisa era certa...

O garoto que conheci na festa havia desaparecido.

KAIDEN

EU VI Lily fugir da sala no segundo que o Sr. Jenkins liberou a turma.

— Ela é doidinha. — Dei uma cotovelada nas costelas de Bryan, e ele engasgou. — Que porra, Thatch? Só estou dizendo, se me perguntar, você teve sorte de escapar.

— É, bom, não perguntei. — Saí tempestuoso da sala com ele grudado no meu encalço.

— Não me diga que você gosta dela?

— Não importa.

Não importava.

Era a filha do Técnico Ford.

Fora de Limites.

Mas não significava que gostava de ouvi-lo falar merda sobre ela.

— Ah, ei, Kaiden. — Lindsey e duas amigas apareceram. Ela envolveu meu braço com uma mão possessiva. — Estava falando de você.

— Só coisa boa, espero — Bryan disse com um sorriso presunçoso.

— Claro. Sabe que o pré-jogo está chegando na sexta, o que significa que vamos nomear garotas de torcida para cada jogador de futebol

— Vocês fazem isso? — Os olhos de Bryan quase esbugalharam.

— Bom, não oficialmente, o Diretor Kiln não permite. — Ela se aproximou mais, como se estivesse prestes a compartilhar os segredos do universo conosco. — Mas extraoficial, levamos nossos papéis como garotas de torcida muito, *muito* a sério. — Lindsey fez graça de lamber os lábios. — Vejo vocês por aí. — Acenando para as amigas, todas saíram pelo corredor.

Bryan relaxou contra os armários, segurando o peito.

— Se você não pegar ela, vou ter uma morte lenta e dolorosa. Ela é sexo e pecado embrulhados com um laço perfeito.

— Não estou interessado. — Balancei a cabeça.

— Thatch, você está me matando. Faz ideia do que daria para ter uma garota daquelas se oferecendo para mim de bandeja?

— Então, *you* pegue ela.

— Mas ela não me quer, cara. Ela quer um gostinho do Thatchman. — Ele deu um tapa no meu peito. — E imagine a cara do Monroe quando descobrir que você está comendo a garota mais gostosa da escola. Roubando a posição dele e a garota... ele vai odiar.

— O que tá pegando? — Gav se aproximou.

— Só tentando convencer Thatch a aceitar o que Lindsey está oferecendo.

— Aquela garota tem encrenca estampado nela.
— Hmm, sim, é esse o ponto. — Bryan olhou boquiaberto para ele.
— Falando em encrenca... — Gav passou o olhar pelo corredor, para onde Jenson Monroe e seus rapazes estavam vindo na nossa direção.

— Thatcher — falou, frio. — Tudo certo para Sexta?
— Sexta-feira? — Eu mordi a isca.
— Sim, o pré-jogo. Você pode segurar meu capacete enquanto fico parado ao lado do técnico e animo a multidão.

— Ouvi dizer que o técnico vai anunciar a escalação para o jogo contra Marshall Prep também na sexta. — Bryan deu um sorrisinho maroto. — Então talvez você fique segurando o capacete do Thatcher enquanto ele rouba seu time debaixo do seu nariz.

Ansiedade estalou no ar quando Monroe rosnou, se aproximando de Bryan.

— Que merda você acabou de dizer?
— Você me ouviu. — Bryan não hesitou, encarando o *quarterback* dos Raiders. — Vá em frente, Monroe. Sabe que quer.

Os dentes de Jenson rangeram enquanto fechava os punhos ao seu lado. Eu me aproximei de Bryan, pronto para intervir se necessário. Era uma coisa irritar um ao outro, mas não iria arriscar tempo de jogo por esse babaca.

— Bry — falei. — Ele não vale a pena. — Passando o braço pelo peito dele, eu o afastei.

— Sabe, Thatcher. É bem fofo o jeito que você anda por aí todo superior como se fosse bom demais para me encarar. Ou talvez seja porque está assustado. Talvez os rumores sobre você sejam todos...

Estava na cara dele em um segundo, peito a peito, pura raiva inundando minhas veias.

— Quer testar essa teoria? — Minha sobrelance arqueou.

Monroe me deu um sorriso conhecedor.

— Sabia que você tinha em si. Assim como seu velho. — Meus olhos se arregalaram e ele deu uma risada sombria. — Ah, pensou que não iríamos descobrir? Chama-se google, babaca. E não vai demorar até todo mundo na escola saber exatamente o tipo de homem que seu pai é.

Raiva passou por mim como veneno, deixando minha racionalidade tóxica.

Raiva com meu pai, com Monroe. Raiva pelo fato que Rixon East havia pegado fogo no ano mais importante do ensino médio. Não era justo que fosse enquadrado no mesmo nível do meu pai, mas a vida era assim. Não tinha como escapar do seu nome ou da história.

Caralho.

— Aposto que o técnico deve adorar ter você aqui. Toda vez que

olha para você, deve querer...

— Sr. Thatcher, Sr. Monroe, sugiro a vocês dois irem para a aula — Diretor Kiln gritou. — Agora.

— Sim, estamos indo, senhor. — Monroe escarneceu para mim ao andar pelo corredor.

— Babaca — Bryan sibilou.

— Sim. — Meu peito arfava conforme tentava me acalmar.

Mas Jenson Monroe teria o que merecia. Só precisava esperar para atingi-lo onde doía mais.

No campo de futebol.

O clima estava tenso no treino. Todo mundo sentia. O técnico passou o tempo inteiro com uma carranca ao nos observar repetir dribles e ensaiar jogadas. O escrutínio queimava em mim do outro lado do campo. A ansiedade sufocante antes do anúncio de sexta-feira.

— Certo, venham aqui — enfim gritou depois de noventa minutos cansativos. Suor escorria pelas minhas costas, meu uniforme úmido e sujo. Os jogadores da defesa do Raiders foram brutais hoje, batendo em mim como se estivessemos jogando o jogo de nossas vidas. Não precisei pensar muito para entender o que estava acontecendo. Vi Monroe sorrindo, dando tapinhas no alto, e torcendo por eles das laterais do campo. Ele estava mirando em mim e alistou o time para fazer seu trabalho sujo.

Babaca.

Tirei o capacete e fui até o grupo.

— Bom trabalho em campo. Monroe, bons passes — o técnico disse. — Não sei o que deu em você hoje, Thatcher, mas sugiro que deixe sua merda de fora amanhã.

Minha coluna ficou tensa. Gav me deu um olhar firme. Os olhos brilhando com uma mensagem. *Não*. Precisou de tudo em mim para não discutir com o técnico, mas não seria aquele cara. O cara que gritava falta. Se Monroe quisesse jogar sujo, então precisaria jogar mais sujo ainda.

— Quero que todos saibam que sexta é o dia da decisão. Vou divulgar a escalação para o jogo contra os Marshall. Não significa que os que não entrarem na lista não terão tempo de jogo. Mas preciso tomar uma decisão, e minha decisão é final.

Um arrepio passou no ar conforme os jogadores do Raiders focavam em mim e nos meus rapazes. Aaron e Cole eram os únicos que não nos tratavam como se fôssemos párias. Alguns dos rapazes pareciam indiferentes, mas a maioria era do grupo do Monroe. A lealdade ao *quarterback*, ao time, ia longe.

— Entendido? — ele disse.

— Sim, senhor. — ecoou ao meu redor.

— Ótimo, e não se esqueçam que tem o negócio dos doadores no Bell depois do pré-jogo. Espero todos vocês lá.

— Bell? — Bryan perguntou, e alguns rapazes zombaram.

— É um bar no centro. Vai ser uma boa oportunidade de conhecer os doadores e quebrar o gelo.

Tudo o que não precisava, mais gelo para quebrar.

— Certo, para os chuveiros.

Saímos do campo, entrando no vestiário. Se tornou nós e eles, com Monroe e seus rapazes usando a maior parte dos bancos. Eles nos deixaram um banco no canto do recinto, longe do resto do time.

Tirei o uniforme suado e joguei na minha mochila de academia, antes de pegar uma toalha e ir para os chuveiros. A água parecia divina, deslizando pelos meus músculos doloridos e sobrecarregados. Coloquei a cabeça embaixo do jato e passei a mão no rosto.

Tinha uma grande chance que o técnico começaria o jogo com Monroe na próxima sexta. Ele era o cara para se derrotar. O cara que precisava depor. Se meu sobrenome não fosse Thatcher, teria feito isso na primeira semana de treino. Eu era o melhor jogador. Minhas estatísticas provavam e minha atuação em campo também. Mas não era tão simples.

Desligando o chuveiro, peguei minha toalha e sequei o corpo, depois a preendi na cintura. Quando cheguei de volta no banco, Bryan e Gav estavam sentados ali, parecendo taciturnos para caralho.

— O quê? — lati, esticando o braço no armário para pegar minhas roupas.

— Merda, cara. Tentamos impedi-los.

— O quê? — Raiva pulsava por mim ao pegar minha camiseta e ver o marcador rabiscado na frente.

— Tal pai, tal filho. — Meus dentes rangeram com tanta força que parecia que iria rachar o esmalte.

— Monroe?

Bryan assentiu.

— Mas ele não...

Estava do outro lado do vestiário em segundos, meu braço pressionado no pescoço de Monroe enquanto ele me fuzilava.

— Você acha que essa merda é engraçada?

— Pareceu bem engraçado para mim. — Ele bufou, mas ficou branco rapidinho quando pressionei o braço com mais força na sua traqueia.

— Decisão errada — balbuciou conforme seus rapazes nos cercavam.

— Seu funeral — um deles disse.

Meus olhos semicerraram conforme fúria percorria minhas entranhas.

Eu não era meu pai.

Não era nada como ele.

E ainda assim...

Caralho.

Soltei Monroe na hora, dei um passo para trás e passei uma mão no rosto.

— Não toque nas minhas coisas de novo.

— Você é um risco, Thatcher — gritou para mim. — Você sabe. Eu sei. Todos sabemos.

Coloquei o moletom, deixando a camiseta para trás, e fechei o zíper.

— Thatch, cara, nós não...

— Vocês vêm ou não? — perguntei, pegando minhas mochilas e dando o fora do vestiário. Antes que fizesse algo estúpido tipo atravessar a cara do Monroe com o punho.

Bryan e Gav me alcançaram quando cheguei no estacionamento. Costumávamos andar juntos então esperei que me seguissem. Mas não podia ficar naquele vestiário com aquele babaca presunçoso por mais um segundo.

— Monroe é um babaca — Bryan disse.

— Sim, mas não muda o fato que não vai deixar isso de lado.

Entrei em uma briga na última temporada, uma grande. Chegou no jornal local. Queria dizer que não foi minha culpa, mas na verdade, foi. Consegui uma suspensão de dois jogos, e perdi minha chance com os olheiros de Alabama. Foi uma confusão. Mas recuperei a temporada em uma virada recorde. Esperava que fosse o suficiente para receber um aceno de Alabama, mas nunca recebi, então tudo dependia do meu último ano.

Tu-do.

— Você poderia conversar com o Treinador... — Minha cabeça se ergueu e Bryan esfregou a nuca. — Acho que não é uma opção.

— Só continue fazendo o que você está fazendo, cara — Gav disse. — Ele está tentando provocar uma reação. Não deixe.

— Fácil falar.

Aaron e Cole saíram correndo do prédio.

— Ei, aquela merda foi intensa. Você está bem? — Aaron me perguntou, e assenti.

— Escuta, não sei o que vocês planejaram, mas estamos indo para minha casa se quiserem vir passar um tempo?

Olhei para Bryan e Gav. Os dois deram de ombros, deixando a decisão para mim.

— Sem neura, cara — Aaron acrescentou. — Mas tenho um lugar

bem legal. Minha irmã chama de toca, mas é só um barracão velho que meu pai me deixou converter em um lugar para passar o tempo.

— Parece legal.

— Mas deveria te avisar, meu pai é melhor amigo do Técnico Ford.

— O Técnico Ford vai estar lá? — perguntei.

— Não. — Aaron riu. — É seguro.

— Então vamos.

Segui Aaron para uma grande casa nos limites de Rixon perto do rio Susquehanna. Vários alunos de Rixon East moravam em casas similares. Sempre provoquei Bryan sobre a mansão dos pais, mas isso era outra coisa.

— Cara, Bennet é rico. — Bryan soltou um assobio baixo enquanto saíamos do meu carro e nos aproximávamos de Aaron e Cole.

— Lugar legal — falei.

— É, é ok. — Os lábios dele se ergueram, mas não de um jeito convencido.

Gostava do cara. Estava só no segundo ano, mas tinha algo sobre ele. Era equilibrado e mantinha a calma em campo, e não puxava saco do Monroe como a maioria do time.

— Vem.

Nós o seguimos até os fundos, passando por uma garagem dupla e entramos por um portão fechado com uma fechadura eletrônica.

— Querem bebidas? Salgadinhos?

— Sim — Bryan e Gav deram tapinhas no ar.

O quintal era enorme, completo com uma piscina, e o barracão que Aaron mencionou. Tinha um gazebo de madeira com uma churrasqueira e móveis de jardim, e uma casa na árvore do outro lado do quintal.

— Minha irmã e eu costumávamos passar o tempo todo aqui quando éramos crianças. — Aaron me viu encarando.

— Gêmeos, certo? — Ouvi os caras falando disso.

— Sim. E aquele — ele apontou para um cara alto indo na direção da floresta que cercava o quintal — é nosso irmão adotivo, Ezra. Mas ele fica na dele. — Uma expressão estranha passou por ele.

— Ele frequenta nossa escola? — Não o vira por lá.

— Sim, é um veterano. Mas está passando por algumas coisas. Vamos. — Aaron acenou para a porta da cozinha, e todos entramos na casa dos Bennet.

— Minha mãe costuma deixar a geladeira e os armários cheios. — Ele começou a procurar nas prateleiras. — Bingo.

— Aaron, isso é... ah, você não é o Aaron. — A irmã dele franziu o

cenho para mim. — Kaiden Thatcher? Você trouxe *Kaiden Thatcher* para nossa casa?

— Relaxa, mana. Vamos matar o tempo na toca.

— Papai sabe que você...

— Tchau, mana. — Ele deu um fardinho de cerveja para Cole e jogou um saco de batatas para mim. — Vem.

— Convidei as garotas para virem aqui — Sofia falou atrás de nós.

— Talvez pudéssemos passar um tempo...

— Nem pense nisso — Aaron respondeu dando risada.

— São sempre assim? — perguntei para Cole.

— O tempo todo. Mas Sofia é...

— Minha irmã. Ela é minha irmã, babaca.

— Sério, você precisa esquecer aquela merda — Cole resmungou.

— Foi só um jogo estúpido. Nada aconteceu.

— Ótimo — Aaron resmungou. — E vai continuar assim. — Ele abriu a porta para o barracão e entramos.

— *Putá merda*. Isso é demais — Bryan pulou no sofá enorme encostado em uma parede. Dividia o lugar em duas metades, na frente da televisão e dos videogames, com uma mesa de sinuca e uma máquina de pinhal antiga do outro lado.

— Ele está certo, esse lugar é bem legal — falei, aceitando uma cerveja. — Seus pais não ligam que beba?

— Contanto que não exageremos, não ligam. Meu pai é bem tranquilo.

— Cara, queria que meu pai fosse legal assim — Gav disse.

Eu não respondi. Os dois sabiam como meu pai podia ser um babaca. Ele não gostava que meus amigos visitassem, menos ainda que curtíssemos com uma cerveja.

— As garotas vão vir aqui? — Bryan perguntou, lutando contra um sorriso.

— Espero que não — Aaron resmungou.

— Cala a boca, cara — Cole cutucou as costelas dele. — Você adora quando Poppy vem e passa um tempo aqui.

— Ah, vai se foder.

— Poppy, tipo a filha do Treinador?

Ele concordou com a cabeça.

— Crescemos juntos, somos amigos.

— Amigos, amigos, ou tipo amigos com benefícios? — Bryan moveu as sobrancelhas.

— Apenas amigos.

— E a loira... Peyton? Acha que tenho chance com ela?

— Peyton não é como a maioria das garotas — Aaron disse. — Ela te comeria vivo.

— E eu gostaria de cada maldito segundo.

Todo mundo riu com isso. Mas eu não estava rindo. Estava pensando na Lily. Nos seus olhos azuis brilhantes e lábios rosa claro. Estava pensando em como parecia magoada ontem de manhã.

— A fim de um jogo de sinuca? — Aaron disse, me distraíndo dos meus pensamentos.

— Conte comigo. — Concordei com a cabeça.

Porque qualquer coisa era melhor do que sonhar acordado com coisas que nunca poderia ter.

LILY

— VOU PARA A CASA DOS BENNET, quer ir? — Poppy colocou a cabeça pela porta.

— Não, eu acho que não. Mas obrigada por perguntar. — Mal fiz contato visual com ela, encarando o teto no lugar.

— Um passarinho me contou que Kaiden Thatcher e os amigos estão lá...

— Estão? — Franzi o cenho.

— Sim, Aaron os convidou ou algo assim. De qualquer forma, estão enfurnados na toca e Sofia quer ir irritá-los. Você deveria vir.

— Não sei... — Não tinha certeza se Kaiden iria me querer lá.

— As pessoas nunca vão notá-la se passar sua vida se escondendo — ela disse.

— Pessoas? — Enfim me sentei e encontrei seu olhar carinhoso. Era como olhar para mamãe; elas eram tão parecidas.

— Garotos... um garoto em especial. Você sabe o que eu quero dizer. — O canto da boca dela se inclinou. — Acho que você deveria vir.

— Provavelmente não é uma boa ideia.

— Porque...

Porque Kaiden me beijou e depois não poderia se afastar rápido o bastante quando descobriu sobre o papai.

— Viu. Não pode pensar em um bom motivo. Vamos.

— Poppy, não sei...

— Qual é o pior que pode acontecer? Você foi na casa dos Bennet centenas de vezes. É território familiar. Sofia vai provocar os rapazes por dez minutos, depois ficar entediada e podemos matar o tempo no quarto dela. Já convidei Ashleigh.

— E a Peyton?

— Está trabalhando um turno duplo na Cindy.

— Ela trabalha demais — murmurei.

— Sim, mas você sabe como ela se sente sobre se bancar.

Algumas vezes me perguntava se era mais do que isso. Se estar conosco era um lembrete muito grande de tudo que ela não tinha.

— Sim, eu acho.

— Então, você vai vir?

— Eu não... — O toque do meu celular me cortou. Eu o peguei e coloquei na orelha. — Alô.

— A Poppy te contou os planos? — Ashleigh disse.

— Sim, mas não sei...

— Você precisa vir. Além do mais, pode ser a última chance de

usarmos a piscina.

— Piscina?

— É, a Pops não te contou? Vamos levar os biquínis.

— Sabe que não nado. — Não em público, ao menos.

— Vamos. Por favor?

— Tá bom. Mas nada de nadar.

— Como quiser. — Eu ouvi o sorriso na sua voz. — Chegarei em dez minutos. E Lily?

— Sim.

— Muito bem.

Meia hora depois, eu me encontrei sentada em uma das espreguiçadeiras dos Bennet curtindo o resto do sol de verão. Logo, manhãs frias abririam caminho para dias frios conforme as folhas ficavam castanhas e começavam a cair das árvores. Mas eu amava o outono. Tinha algo com o qual podia me identificar nele. A mistura de cores, estar presa entre o evanescente sol de verão e as nuvens fofas do outono. Era como estar suspensa entre dois muitos – muito como minha vida.

— Bola de canhão — Poppy gritou, tomando impulso e pulando na piscina. Água espirrou ao redor dela e sorri. Minha irmã era uma palhaça.

— Sabe que posso fazer dez vezes melhor — Aaron apareceu na porta do barracão, tirando a camiseta.

— Aaron, não ouse. — Ela sorriu, nadando de volta para abrir espaço para ele.

— Três, dois... — Ele correu e pulou, enrolando o corpo em uma bola. O espirro quase me atingiu, mas me arrastei para trás.

Ashleigh e Sofia estavam sentadas na beirada da piscina, com os pés na água, rindo e brincando. O resto dos rapazes saiu da toca do Aaron. Meu coração traiçoeiro acelerou ao ver Kaiden parado na porta. Seus olhos encontraram os meus antes de passar direto.

Então tá. A pequena excitação que senti rapidamente afundou no meu estômago.

— Onde está Peyton? — Bryan perguntou.

— Está no trabalho — Ashleigh disse. — Pode vir pra cá depois que sair.

— Fale pra ela que vou fazer valer a pena. — Ele bufou.

— Cara — Aaron latiu. — Não é esse tipo de festa. Vão entrar? — perguntou para eles. — A água está boa.

Bryan olhou para Kaiden, como se estivesse pedindo permissão. Ele deu de ombros.

— Não vou entrar.

— Ah, vai, estraga prazeres. — Bryan começou a tirar as roupas, e o outro amigo – Gav, eu acho – o seguiu.

Kaiden respirou fundo antes de sentar-se em uma cadeira o mais longe possível da minha. O nó permanente no meu estômago revirou. Não deveria ter vindo, isso estava claro. Rejeição não era a única coisa que eu sentia. Estava irritada com o jeito que ele estava agindo... tudo porque era a filha do Técnico Ford. Isso envolveu meu coração como arame farpado. Afiado e mortal.

Nem percebi que o estava observando até seus olhos cinza escuros encararem de volta. O tempo desacelerou, nos suspendendo em um momento. Perdi o fôlego, esperando que desviasse o olhar. Mas ele não desviou... apenas me observou. Encarando como se estivesse tentando descobrir meus segredos mais profundos e sombrios.

Enfim, eu desviei o olhar. Tive que desviar. Seu olhar era intenso demais, e só me confundia.

— Vamos, Thatch. Relaxe um pouco — Bryan disse, espirrando água nele.

— Vai se foder, babaca.

Recuei com suas palavras, mas foram ditas com um sorriso.

— Vem. Sabe que quer.

Balançando a cabeça, Kaiden deu risada ao se levantar e começar a tirar as roupas. Ele era uma obra de arte, o corpo entalhado a perfeição. Mármore duro esculpido pela mão de um anjo. Músculos em cima de músculos flexionaram e contrariaram ao tirar a camiseta. Alguém assobiou, me tirando do meu transe e abaixei a cabeça, calor marcando minhas bochechas.

Kaiden pulou na água e todo mundo comemorou... e eu fiquei sentada ali, sozinha e esquecida. Não era nada de novo, mas não impedia que doesse. Meus amigos tentavam me incluir. Mesmo quando minha mente não me deixava participar, eles tentavam garantir que não fosse deixada de fora. Mas passei minha vida à margem, observando mas nunca experimentando. Era exaustivo, ser a garota que não conseguia.

Exaustivo e frustrante.

Tipo agora, queria me juntar a eles. Queria falar pro inferno e entrar na água. Mas tudo o que podia ver eram os perigos. Ataques de pânico e água funda não combinavam. Era mais fácil – mais *seguro* – ficar em terra firme.

Também era muito mais solitário.

Ninguém pediu para que me juntasse a eles. Estavam ocupados demais se divertindo. Aaron estava com Poppy nos ombros, os dois enfrentando Ashleigh e Bryan enquanto os outros torciam para eles. Kaiden estava relaxando na borda da piscina, o cabelo molhado e

bagunçado.

Era o tipo de tortura mais doce, querer algo que não podia ter.

Quando observá-los passou a ser demais, eu escapuli despercebida e entrei na casa. A cozinha era um recinto de conceito aberto dividido entre cozinha e sala com um sofá gigante e uma tv. Peguei uma lata de refrigerante da geladeira e me sentei.

— Sofia, é... ah, oi, Lily — Sra. Bennet disse.

— Oi, Sra. B. Espero que não se importe. Sofia nos convidou.

— Claro que não, querida. Onde estão... — Gritos encheram o ar, atraindo o olhar dela para o jardim. — Por que Kaiden Thatcher está na minha piscina?

— Acho que Aaron o convidou.

— Entendi. — Sua testa franziu. — Você comeu?

— Ainda não.

— Acho que temos umas pizzas congeladas. Vou providenciar. Tenho um monte de trabalho para fazer. Acha que pode cuidar delas?

— Claro.

Ela parou e me analisou.

— Por que não está lá fora curtindo a água.

— É aquela época do mês — menti.

— Certo. — Ela parecia que queria dizer mais, mas não o fez. — Vou pegar as pizzas, depois vou deixá-los em paz.

Sra. Bennet trouxe uma pilha caixas de pizzas congeladas para a cozinha e as colocou no balcão.

— É muita pizza. — Dei risada.

— Duas palavras, Lily. Garotos adolescentes. Aaron pode comer pelo menos uma pizza e meia sozinho. Imagino que os outros não sejam diferentes. — Ela sorriu antes de acender o forno. — Sabe onde encontrar tudo?

— Acho que consigo me virar. — Não era minha primeira vez na casa dos Bennet.

— Certo, vou estar no escritório. Grite se precisar de alguma coisa. — Ela desapareceu pelo corredor e fiquei sozinha outra vez. Fui para a porta do pátio e observei meus amigos brincando na água. Eram tão despreocupados, eu os invejava. Estavam vendo Cole e Bryan mergulharem da borda da piscina. Mas não Kaiden. Ele estava olhando para a casa, para mim. Podia ver a careta enrugando seu rosto. Provavelmente pensava que o estava evitando.

Ah se ele soubesse.

Mas nunca saberia. Porque Kaiden Thatcher havia me deixado de lado antes de ter a chance de me conhecer. E tentei me dizer que ele estava perdendo.

Mas não era ele quem estava aqui.

Sozinho.

— Sim, pizza. Obrigado, Lil. — Aaron olhou para mim enquanto me sentava no sofá da toca, comendo minha fatia e observando-os entrar.

— Foi sua mãe. — Dei de ombros.

— Bom, a mãe do Aaron é demais. — Bryan pegou um punhado de fatias e encheu o prato antes de se jogar em um pufe.

— Ei, você está bem? — Poppy me perguntou, e assenti. — Deveria ter entrado na água.

— Estou bem. — Eu a tranquilizei, esperando que deixasse para lá.

— Surpresa! — Peyton apareceu na porta.

— Entre aqui — Poppy disse. — Chegou bem na hora da pizza.

— Aah, minha favorita.

— Não brinca — Bryan falou. — Também é minha favorita. Se isso não é algo escrito nas estrelas, não sei o que é

— Você é sempre... estranho desse jeito? — ela perguntou para ele, e os rapazes gargalharam.

— Serei qualquer coisa que você quiser. — Bryan piscou.

— Deus, faça parar. — Peyton sorriu, pegando um prato e se acomodando no final do sofá. — Então, o que eu perdi?

— Todos entramos na piscina.

Retesei internamente com as palavras da Sofia. Porque *todos* não entraram na piscina.

Peyton pressentiu meu desconforto, seu olhar conhecedor encontrando o meu.

— Como estava?

— Como estava o quê?

— A água.

— Ah, eu não... — A conversa no recinto foi interrompida, os holofotes brilhando em mim. — Não estava no clima. — Mordi a pizza, esperando que seguisse em frente.

Por sorte, seguiu.

— Então, dia de jogo semana que vem. Acha que os Raiders conseguem esta temporada?

— Com certeza — Aaron respondeu.

— E vocês três. — Ela inclinou a cabeça para Kaiden e os amigos.

— Como se sentem?

— Eu só quero jogar futebol. — Kaiden resmungou.

— E receber a ligação de Bama.

— Bama, legal. Acha que tem uma chance? — Cole perguntou.

— Antes da escola pegar fogo, teria dito sim — a mandíbula dele ficou tensa —, mas agora não tenho certeza.

— É, deve ser uma bosta estar na Rixon High na sua última temporada. Mas o técnico é um cara justo. Vai garantir que tenha uma

chance.

— Espero que sim. — Os olhos de Kaiden encontraram os meus, mas na hora desviou o olhar.

Meu estômago afundou. Parecia estar fazendo muito isso perto dele.

— Cadê a Ashleigh? — Peyton perguntou.

— Foi ver como Ezra está.

— Ele está bem?

— Você conhece o E. — Aaron suspirou. — Faz as próprias coisas.

Era verdade. Ezra preferia a própria companhia. Mas ele e Ashleigh criaram uma amizade peculiar desde que chegou nos Bennet há alguns anos. Bom, Ashleigh chamava de amizade. O resto de nós não tinha certeza. Ela era persistente e mais um pouco. Qualquer outro não teria chance contra ela, mas Ezra era... complicado.

Arrisquei olhar para Kaiden. Talvez se eu fosse mais como Ashleigh, teria me defendido um pouco mais quando Kaiden me dispensou.

Um suspiro pesado escapou dos meus lábios, mas ninguém notou.

— Vocês, garotas, vão estar no pré-jogo na sexta? — Bryan perguntou, os olhos fixos na Peyton. Ela tinha esse efeito nos rapazes. Os atraía com os sorrisos provocantes e sexualidade a mostra.

— Sim, vamos. Nosso pai nunca nos daria paz se não fôssemos apoiar o time — Poppy respondeu.

— Ele disse quer tem um negócio em um bar depois — Bryan disse com a boca cheia de pizza.

— Bell? É, é meio que o lugar do time passar o tempo. O fundo de doadores faz disso um evento anual. Tem comida e música. Vocês vão?

— Bom, sim, somos Raiders agora.

Isso fez o ar oscilar. Porque Bryan estava certo. Eram Raiders agora.

Quer as pessoas gostassem ou não.

Ficamos nos Bennet até o sol descer pela linha das árvores.

Vi pelo canto do olho enquanto os garotos se despediam.

— Obrigado por nos receber. — Kaiden e Aaron fizeram aquele negócio de rapazes de abraçar e dar um tapa nas costas. — Vejo vocês na escola amanhã.

— Vou usar o banheiro — sussurrei para Sofia, pedindo licença. A casa dos Bennet estava silenciosa tirando o ressoar leve de barulho saindo da televisão na sala. Sr. Bennet chegara em casa há um tempo e depois de falar um breve oi e nos avisar sobre os perigos de beber e

fazer sexo, para a vergonha de Sofia e Aaron, nos deixou.

Atravessei o corredor e entrei no banheiro. Quando terminei, lavei as mãos e as sequei na toalha. Estava ansiosa. Inquieta. Meus olhos foram para a ponta da minha trança, pensando em como seria bom afundar os dedos na raiz e puxar.

Segurando a pia de mármore, me olhei no espelho, desejando mais do que tudo que fosse outra pessoa. Mas isso não era um conto de fadas, e não tinha nenhuma fada madrinha vindo para me transformar em uma princesa.

Com um suspiro resignado, abri a porta e saí no corredor, só para colidir com Kaiden.

— Merda — ele grunhiu, se afastando de mim. — Você está bem?

— Sim. — Esfreguei o ombro. — Desculpa, eu não...

— Esquece. Só preciso usar o banheiro antes de ir. — Ele passou por mim e pegou na maçaneta.

Desse jeito.

Como se eu não fosse ninguém, nada.

Como se não tivéssemos nos beijado apenas há alguns dias.

Frustração latejou por mim conforme me afastava. Mas se transformou rápido em raiva.

Sem pensar, me virei e semicerrei os olhos para ele.

— Sabe. Ouvi coisas sobre você. Sobre seu pai. Mas nenhuma vez te julguei.

— Lily, não é isso...

— Não acabei. — Eu o cortei, sangue rugindo nos meus ouvidos. Eu não falava assim com as pessoas, nunca. Mas algo estava crescendo em mim desde ontem de manhã quando Lindsey soltou a bomba que eu era filha do técnico Ford.

— Sei que meu pai é o técnico. Sei que complica as coisas. Mas senti alguma coisa na festa, e acho que você também.

O que estava dizendo?

Kaiden me encarava, não deixando transparecer nada. Sob seu olhar intenso, minha confiança temporária começou a desaparecer.

— Então acho que estou tentando dizer que...

— Lily? É você? — A voz do Sr. Bennet ecoou pelo corredor, e o sangue escorreu do meu rosto.

Olhei por cima do ombro, esperando que não viesse até aqui.

— Estamos indo, Sr. B.

— Tudo bem — respondeu. — Fale pro seu pai que vou encontrá-lo sexta no Bell.

— Pode deixar.

Tudo ficou em silêncio outra vez e olhei de volta para Kaiden.

Mas o corredor estava vazio...

E ele desapareceu.

KAIDEN

— ISSO É PARA VOCÊ. — Lindsey pressionou algo no meu peito, e tirei dos seus dedos. — Surpresa!

Abri o envelope e resisti a vontade de revirar os olhos com o bilhete escrito a mão declarando ela como minha garota do pré-jogo.

— E aí, vai assar cookies para mim e fazer massagem nos meus ombros antes de um jogo?

Ela deslizou o dedo pelo meu peito, se aproximando.

— Oficialmente, estou aqui para te encorajar e torcer por você. Extra oficial, estou disponível para *qualquer* coisa que precisar.

Pegando o pulso dela, o soltei entre nós.

— Estou bem, obrigado.

— Sério, Kaiden, qual diabo é o seu problema? Estou oferecendo sexo sem compromisso e vai fingir que não me quer.

— Não quero — ralhei, cansado da merda dela. Não queria uma garota de torcida. Queria jogar futebol e terminar o último ano sem causar nenhum dano ao rosto de Monroe.

Apesar que conforme os dias foram passando, isso foi se tornando menos e menos provável. Ele estava determinado a me levar ao meu limite e estava precisando de tudo o que tinha para não encará-lo.

— Vamos, não fique assim. — Ela veio para o meu lado. — Nós podemos nos divertir muito juntos. — Os lábios dela estavam praticamente na minha mandíbula, mas só fazia minha pele coçar.

— Tenho que ir pro treino. — Porque o técnico queria nos exaurir antes de nos fazer ir no pré-jogo.

— Meu telefone está aí. Use-o.

Jesus, ela era persistente.

Virei a esquina e na hora encontrei Lily no armário. Ela olhou para o lado como se me pressentisse, a expressão endurecendo.

Eu não a culpava. Eu a deixei a ver navios a outra noite nos Bennet. Mas não podia ficar parado ali e ouvi-la confessar os sentimentos quando não mudava nada.

Desviando o olhar, passei por ela sem nenhuma palavra. Foi uma coisa idiota de se fazer, mas era melhor que me odiasse do que colocasse na cabeça que as coisas poderiam ser mais entre nós.

Não seriam.

Não podiam... não agora que sabia a verdade.

O vestiário estava elétrico quando entrei.

— Yo, Thatch — Bryan me chamou. — Dizem que o Treinador vai anunciar a escalação para próxima sexta antes do treino.

O nó no meu estômago apertou.

— Vai ser Monroe.

— Você não sabe...

— Sei, sim. — Monroe era o cara do treinador, o QB estrela, e eu era o filho de um cara que ele odiava. Meu destino foi decidido no segundo que entrei em Rixon High.

Era o motivo que meu humor havia deteriorado ao longo da semana. Isso e uma certa garota de olho azul que não podia tirar da minha maldita cabeça.

Ela estava em todo lugar, mesmo quando não estava.

Caralho.

Meu punho apertou contra a coxa. Talvez devesse comer a Lindsey e tentar tirar a Lily da cabeça. *Não vai dar certo.* Não, não daria. Porque ela havia me afetado. De um jeito que poucas pessoas conseguiam fazer. E tudo com um beijo numa garagem de barcos.

Mas era mais do que isso. Era ela. O jeito que tentava desaparecer na multidão. Como se abraçava apertado sempre que se sentia desconfortável. O jeito que os dedos sempre puxavam a ponta da trança sem nem mesmo perceber.

Eu observava a Lily, muito. Pela escola quando não percebia que estava olhando. Depois tinha a aula de inglês avançado, quando precisava sentar-me bem atrás dela por sessenta minutos torturantes todo maldito dia.

Abafando tudo isso, coloquei meu uniforme de futebol e sentei-me no banco. No segundo que o técnico apareceu, um fervor passou pelo recinto. Monroe encontrou meu olhar e sorriu.

Cuzão presunçoso.

— Certo, moças, escutem. Não foi uma tarefa fácil, mas preciso escolher um time titular. Se o seu nome não está na lista, não significa que não vai ter tempo de jogo nesta temporada. — Os olhos dele foram para mim. — Esta é uma nova temporada, um novo time. Se quisermos chegar nas *playoffs*, precisamos trabalhar juntos.

— Tente dizer isso para Monroe — resmunguei baixo, e Bryan riu.

— Tem algo a dizer, Thatcher?

— Não, senhor.

— Vou colocar isso no quadro de avisos. Confiram a caminho do campo. Vejo vocês lá fora em dez minutos.

Os caras todos pularam dos bancos e avançaram para dar uma olhada. Monroe estava na frente, é claro.

— Sim, porra. — Ele deu tapinhas no ar com os amigos. — Parece que você está na merda, Thatcher. — A boca dele se inclinou em um sorriso. — Sempre tem a próxima temporada... ah, espera, não tem, não.

Ele e a sua equipe explodiram em risada, empurrando um ao outro ao saírem do vestiário. Bryan xingou baixo, mas foi conferir a

escalação.

— Titular. — Incredulidade marcava suas palavras.

— Legal. Você merece — falei.

— Pelo menos podemos esquentar o banco juntos — Gav falou com um sorriso tenso. — Você deveria estar nos titulares.

— Sim, e você também. Mas tem uma temporada inteira pela frente. Isso ainda não acabou. — Ele cutucou o ombro contra o meu.

— Vem. Vamos detonar em campo e mostrar o que estão perdendo.

— Gav está certo, cara. Sua hora vai chegar.

— Sim. — Eu me levantei, olhando para a lista.

Era uma bosta, mas sabia que não veria meu nome ao lado da posição inicial de *quarterback*. Porque esse era o time do Monroe.

Mas eu precisava disso. Precisava jogar futebol como se minha vida dependesse disso.

Nunca diria para os caras porque algumas coisas era privadas, mas futebol significava mais do que uma bolsa integral para faculdade. Significava fazer algo de mim mesmo. Significava uma passagem de ida para fora de Rixon e para longe do meu pai. Significava saber que tinha algum valor. Que de todos os outros caras na minha posição, o time me escolheu. Queria a mim porque eu merecia.

Porque eu valia a pena.

— Vai vir? — Bryan perguntou, e eu concordei.

— Sim, vamos nessa.

E daí que não começaria o jogo na sexta. Estaria bem ali, esperando nas laterais pelo meu momento de brilhar. Eagle ou Raider, não importava.

Coloque uma bola na minha mão e a única coisa que importava era vencer.

Dawson Stadium estava elétrico. Acho que todos os alunos de Rixon High vieram torcer para os Raiders. Rixon East amava o time, mas não desse jeito.

Isso era outro nível.

— Porra, isso é intenso — Bryan assobiou enquanto parávamos atrás do Técnico Ford. O esquadrão de torcida havia acabado de se apresentar e a multidão ficou maluca pelo mascote dos Raiders, uma cabeça Viking gigante, que no momento andava de um lado para o outro no campo.

— Rixon High — Técnico Ford falou no microfone. — Está pronta para jogar futebol?

A intensidade da multidão nos atingiu como um campo de força, reverberando por mim.

— Na última temporada saímos e mostramos para todos os outros times por que somos os melhores, por que somos o time a ser vencido. Este ano o título é nosso para defender, mas por Deus, vamos defendê-lo.

Outra rodada de celebrações explodiu ao nosso redor. O esquadrão de torcidas estava perto das laterais, balançando os pompons e cumprindo seu objetivo. Lindsey encontrou meu olhar e me deu um aceno melindroso.

— Ela está louca por um pedaço do Thatchman — Bryan cutucou meu ombro.

— Vai se foder — resmunguei.

— Use ou perca. — Ele me deu um sorriso presunçoso e segurou o pacote. — Ela vai estar na festa esta noite, toda alongada e pronta para...

Dei uma cotovelada no seu estômago, e ele gritou.

— Só estou dizendo.

— É, bom, não diga. — Só queria que esta noite terminasse. Não queria ir para o evento de doadores no Bell e socializar com todos os ex-alunos do Raiders e seus apoiadores.

Nem mesmo contei ao meu pai. Ele não aceitaria muito bem a ideia de que eu socializasse com o time.

Socializasse com o Técnico Ford.

Mas iria e mostraria as caras. Porque quer eu gostasse ou não, esse era meu time agora.

— E aqui está o cara que vai nos levar lá, seu *quarterback*, Jenson Monroe.

— Maldito babaca — Bryan resmungou enquanto víamos Monroe se aproximar do microfone.

A partir daí, eu me desliguei. Não queria ouvi-lo falar merda sobre liderar o time e levá-los até o campeonato estadual.

— Tem certeza sobre esse negócio dos doadores, cara? Não sei, meio que parece que seremos os caras estranhos. — Gav me deu um olhar compreensivo.

— Temos que ser legais pelo time, certo? — Meus lábios franziram. — Vamos só por uma hora, dar as caras, e depois podemos voltar para casa.

— Ouvi dizer que Shannon está dando uma festa esta noite.

Shannon era uma garota da escola, nossa antiga escola. Nós ficamos algumas vezes durante o verão, depois seguimos nossos caminhos quando descobri que iria para Rixon High e ela iria para Millington.

— Talvez — falei. Não queria uma reprise com Shannon, mas talvez seria bom passar um tempo com nossos antigos amigos.

O pré-jogo enfim acabou, e saímos do campo. Monroe e seus

rapazes estavam na frente, Aaron, Cole e alguns dos jogadores do segundo ano atrás deles, e depois eu, Bryan, Gav e o resto dos nossos rapazes por último.

— O último ano não deveria ser assim — Gav resmungou. Ele era mais quieto do que Bryan, mas o cara observava tudo. Sempre observando, sempre analisando.

— Sim, mas aqui estamos — falei. — Uma temporada. — Eu me lembrei das palavras da minha mãe. — Uma temporada e depois só temos que sobreviver até a formatura.

Era melhor do que não jogar futebol. Mas quando se nascia para liderar, para comandar um time e decidir as jogadas, era difícil para caralho ficar parado e observar.

Ainda mais quando sabia que podia fazer um trabalho melhor.

— Olha só quem chegou, os reservas. — Monroe gargalhou, dando tapinhas no ar com um dos seus rapazes.

— Vai se foder — ralhei.

— O que você disse? — Monroe avançou em mim.

— Você me ouviu. — Com os ombros firmes, espelhei sua postura.

— Thatch — Gav disse. — Ele não vale a pena.

— Sim, *Thatch*. — Monroe sorriu. — Deveria ouvir seu amigo. Ou não... Dê o seu melhor.

Ele estava me provocando. Esperando que o desse um motivo para me colocar no banco pelo resto da temporada.

— Vá em frente — cuspiu, inclinando a cabeça para frente e parando antes de fazer contato. Não hesitei, apenas fiquei ali parado, olhando feio para ele. — Aceite, Thatcher. Você é meu agora.

Meus dedos flexionaram, se curvando em um punho apertado. Mas o som da risada dos treinadores nos fez olhar para a porta.

— O que vai ser, *Thatchman*? — Um brilho malicioso lampejou nos olhos de Monroe. Ele queria que eu errasse. Queria que cometesse um deslize antes mesmo de ter uma chance de mostrar para todo mundo do que era capaz em campo.

— Você pode ser o número um agora — fervei, raiva vibrando em meu peito. — Mas estar no topo só significa que a queda é maior. — Eu me afastei e rodopiei, indo para o banco.

— Movam-se — Técnico gritou, olhando para nós. — Precisamos estar no Bell, rápido.

Bell era um bar no centro. O lugar estava cheio de parafernália dos Raiders, acompanhando os altos e baixos do time ao longo dos anos.

— Ei, olha isso — Bryan disse, me cutucando na direção da parede. Uma foto enorme do Técnico com dois outros jogadores estava em

uma posição privilegiada.

— Esse é Cameron Chase; e o pai do Aaron, Asher Bennet.

— Eu me lembro daquele dia como se fosse ontem — uma voz disse atrás de nós, e nos viramos para ficar cara a cara com o pai do Aaron. — Não tive chance de me apresentar direito na outra noite. Sou Asher. Asher Bennet.

— É bom conhecê-lo oficialmente, senhor — Gav disse, e franzi o cenho.

Puxa-saco.

— Você deve ser Kaiden Thatcher. — Ele fixou o olhar em mim. — Fiquei triste com o que aconteceu com Rixon East. Deve ser péssimo acontecer isso no verão antes do último ano.

— É o que é. — Dei de ombros.

— Cara — Bryan assobiou baixo.

— Está tudo bem. — Asher riu. — Sou um dos melhores amigos do técnico Ford. É compreensível que você fique desconfiado. Mas venho em paz. — Ele ergueu as mãos. — Meu filho só tem coisas boas a dizer de você.

— Não boas o suficiente — murmurei.

— É só um dos primeiros jogos da temporada. Ainda tem bastante tempo para deixar sua marca. — Seus lábios se curvaram em um sorriso compreensivo.

— Ei, Ash, vem aqui. — Técnico Ford acenou para ele.

— Acho que essa é minha deixa. — Ele se afastou e se juntou ao Técnico Ford e alguns outros rapazes.

O cara estava cheio de ex-alunos Raider. Eu não os reconhecia, mas sentia seus olhares, o julgamento. Todo mundo estava preocupado com a temporada, com os Eagles no ninho. Mas o Técnico havia deixado sua escolha clara.

Neste momento, Monroe entrou no bar com um homem mais velho. Os dois tinham o mesmo sorriso presunçoso e olhos cor de mel.

— Estou surpreso que você veio — falou ao passar por nós. O pai dele nem olhou duas vezes para mim, como se eu não fosse nada.

Mordi a língua, indo para o bar. Talvez ser um Raider teria seus usos se o fato que metade do time estava bebendo cerveja significasse alguma coisa.

— Três cervejas — falei.

— Preciso ver o documento.

— Você está de sacanagem? Estou no time com o resto desses babacas.

— Desculpa, garoto. Sem documento, sem cerveja. — Os olhos dele foram para meu peito e compreendi meu erro. Todo mundo estava de uniforme. Todo mundo menos eu e meus rapazes.

— Acho que vou tomar um refrigerante então, ou precisa do

documento para isso? — Ele revirou os olhos antes de pegar minha bebida. No segundo que me virei, eu a vi.

Lily.

Cercada pelas amigas, parecia desconfortável para caralho. Nada como a Lindsey e as amigas do esquadrão de torcida que estavam adorando a atenção e a festa.

Alguém como Lily Ford não deveria se destacar, mas em um lugar cheio de pessoas, eu só via ela.

— O que você está fazendo? — Gav se aproximou, deixando Bryan com alguns outros rapazes. Antes que pudesse responder, ele viu o que chamou minha atenção. — Você gosta dela.

— Não importa. — Eu me virei e me apoiei no bar.

— Eu acho que importa.

— Ela é Lily *Ford*. — Um pequeno suspiro passou pelos meus lábios. — E eu... que porra é essa? — Meus olhos esbugalharam ao ver meu pai parado no meio de todo o azul e branco dos Raider.

— Merda, cara, aquele é...

— Sim. — Bati o copo no bar e fui até ele. — O que diabos?

— Isso é jeito de cumprimentar seu pai? — escarneceu, olhando pelo recinto, procurando alguma coisa. Ou alguém.

— Você precisa ir embora — sibilei, meio ciente de que já estávamos chamando atenção.

— Ir embora? Acabei de chegar aqui. É uma festa para o time, e já que meu filho joga pelo time, pensei que devesse estar aqui. — As sobranças dele se uniram, e senti o cheiro forte de uísque no seu hálito. — Quero dizer, você joga para o time, não joga?

— Minha mãe te contou. — Meus ombros curvaram-se com derrota. Pedi a ela que não mencionasse nada para ele, mas ela me dedurou. Ou pior, ele a forçou a contar.

— Acha que deixei que se transferisse para Rixon High só para que passe a noite de jogo esquentando o banco? Pode pensar outra vez. — Ele passou com tudo por mim, mas consegui pegar seu braço e puxá-lo para trás.

— Não faça isso — implorei, sentindo vergonha me percorrer.

Mas ele partiu, se perdendo na multidão.

E minha vida estava prestes a ficar bem mais difícil.

LILY

ALGO ESTAVA ERRADO.

Eu vi Kaiden discutindo com um homem mais velho. Parecia sério. Depois o cara se afastou de Kaiden e desapareceu na multidão enquanto ele ficava parado ali, completamente paralisado.

— Qual é o problema? — Ashleigh sussurrou. Estávamos paradas com Peyton, Poppy, e Sofia enquanto elas observavam Aaron e Cole jogarem sinuca. Sempre vínhamos apoiar o time e meu pai.

— Nenhum — falei, olhando de volta para onde Kaiden estava parado, só que ele não estava mais lá. — Você viu meu pai? — perguntei para ela.

— A última vez que o vi, estava conversando com o Jenson e o pai dele ao lado da mesa do buffet. Por quê?

— Por nada. — Só que tinha um mal presságio pesando no estômago.

Fomos atraídas de volta para a conversa da Peyton. Ela estava contando para as garotas do encontro com o Sean. Só que não parecia um encontro para mim. Mas essa era Peyton. Ela não gostava de colocar um rótulo nas coisas.

— Ele faz esse negócio maluco com a língua — falou com um sorriso enigmático. Poppy e Sofia riram, atentas em todas as palavras. — Juro, vi estrelas.

— Não posso acreditar que fez isso... no carro dele.

— Tecnicamente, foi sobre o carro. — Ela sorriu, jogando o cabelo comprido sobre um ombro. — Mas ele me mandou mensagem umas cinco vezes desde que a aula acabou.

— E?

— E não estamos juntos. Ele não precisa ver como estou a cada dois segundos.

— Acho que é fofo — Poppy disse.

— Fofo normalmente leva a sentimentos, e não quero namorar.

Ela tinha tanta confiança, mas via as rachaduras. Peyton tinha medo de deixar as pessoas entrarem. Até no nosso pequeno grupo ela permanecia reservada. Mas não eu. Eu via a dor em seus olhos, o olhar vago que tinha com frequência. Peyton tinha problemas de confiança. Não era surpresa, dada a vida ruim que ela teve nas mãos do pai ausente e da mãe viciada.

Desde que fizemos amizade no nono ano, Peyton passou muito tempo na minha casa. Primeiro, só achava que ela preferia passar tempo com minha família. Mas depois percebi um padrão. Ela sempre aceitava quando minha mãe perguntava se queira jantar conosco ou

passar a noite. Depois começou a se juntar a nós para o café da manhã antes da escola. Qualquer desculpa, e Peyton aparecia. No dia que ela chegou com um hematoma no rosto, foi o último dia que a mandamos para casa. Meu pai a levou para buscar suas coisas e informou a mãe dela que Peyton ficaria conosco até ela conseguir a ajuda que precisava.

Agora ela era como família, e meu pai tinha outra garota em casa para lidar. Uma que era selvagem e irresponsável e um pouco partida. Mas meus pais a aceitavam, com falhas e tudo.

— Puta merda. — Ashleigh suspirou. — Seu pai...

Eu os vi na hora. Meu pai e o cara que estava conversado com Kaiden, se encarando.

— Ah, Deus — engasguei-me, compreensão colidindo comigo. — É o pai do Kaiden.

— Merda — Ashleigh disse, mas já estava indo na direção deles.

Kaiden os alcançou primeiro. Os olhos arregalados de preocupação.

— Pai, deveríamos ir.

— Não até dizer o que quero, filho. Jason Ford... não pensei que veria este dia. Faz bastante tempo.

— Lewis — meu pai respondeu, frio.

— Ouvi dizer que você colocou meu filho no banco para o jogo de abertura na próxima semana.

— Eu não coloquei ele no banco, Lewis. Já tenho um *quarterback*. Kaiden sabe que tem que provar...

— Provar seu valor? — ele cuspiu. — Meu filho tem uma das melhores estatísticas do estado. Aposto que poderia acabar com o idiota que você tem...

— Lewis, esta não é a hora nem o lugar — meu pai falou, erguendo as mãos um pouco em um gesto inofensivo. — Se tiver um problema com como faço as coisas, pode marcar uma hora e...

— Marcar uma hora? Você é um técnico de futebol do ensino médio, não o maldito perfeito de uma cidade. — Ele deu um passo à frente, deixando-os cara a cara. Tinham a mesma altura, mas meu pai era um pouco mais largo e tinha músculos em lugares que pais de quarenta anos não tinham. — Meu garoto tem muita coisa dependendo desta temporada, e por cima do meu cadáver que vou deixar — cutucou o peito do meu pai com o indicador — um fracassado como você arruiná-la.

— Você está bêbado. Sugiro que vá para casa e durma antes de fazer ou dizer algo do qual vai se arrepender amanhã. — Meu pai afastou o braço dele e se virou para se afastar, mas o pai de Kaiden avançou.

— Pai, não! — Kaiden correu para ele e afastou o pai.

— Alguém o tire daqui antes que se machuque. — Meu pai

balançou a cabeça, raiva brilhando em seus olhos.

— Ah, meu Deus. — Minha mãe apareceu. — O que aconteceu?

— Duas palavras, tia Fee — Ashleigh disse. — Lewis Thatcher.

Ela ficou branca como um fantasma.

— Melhor ver como seu pai está, bebê, tudo bem?

— Claro, mãe — respondi, vendo o segurança levar o pai do Kaiden para fora do bar. Ele foi atrás, seguido pelos amigos.

— O que foi isso? — Ashleigh enganchou o braço com o meu.

— Quanto você sabe de quando nossos pais estavam no ensino médio?

— Sei que tio Jason e Lewis Thatcher tiveram alguma treta, mas é tudo. Por quê?

— Hm, talvez queira conversar com sua mãe sobre isso.

— Minha mãe? O que ela tem a ver com isso?

— Eu...

— Puta merda, isso foi intenso. — Peyton veio até nós. — Viu o rosto do Kaiden? Ele estava mortificado.

— É, bom, eu também estaria — Poppy respondeu. — O pai dele estava bêbado. Que vergonhoso.

Meu peito se apertou quando imaginei a expressão decepcionada no rosto de Kaiden.

— Vou falar com o Diretor Kiln — ouvi Sr. Monroe falar para o Jenson. — Violência alcoolizada não é o caminho... o time não precisa ser maculado com esse tipo de coisa.

— Ouvir dizer que Kaiden é igual o pai — Jenson respondeu. — Teve um incidente na última temporada.

— Aquele garoto é problema, assim como o pai. Vou me informar, filho. Não vou deixar que uma má influência arruine sua última temporada com os Raiders.

Jenson encontrou meu olhar e rapidamente desviei a atenção. Ninguém esperava que a assimilação dos Rixon Eagles no time dos Raiders seria fácil, mas isso parecia injusto. Kaiden não era o pai, não deveria ser perseguido pelos erros do Sr. Thatcher.

Olhei para a porta outra vez, desejando que pudesse ir atrás dele. Mas era a última pessoa que ele iria querer ver. Agora eu entendia. Por que foi tão frio quando descobriu quem eu era. Sr. Thatcher odiava meu pai. Exalou dele como piche, infectando o ar ao seu redor.

— Garotas. — Tio Cameron acenou para nós. — Estão bem?

— Sim — Ashleigh disse. — O que foi aquilo?

— Só um pouco de história se repetindo. Não se preocupem com isso. Curtam a festa. Mas não muito. — Ele piscou antes de se juntar ao meu pai e ao resto dos adultos.

Poppy me deu um olhar compreensivo e balancei a cabeça. Agora não era hora de confessar que ela encontrou a reportagem na internet

e a verdade sobre o que aconteceu com o pai do Kaiden.

A festa se arrastou. Depois que Kaiden foi embora, não pude me livrar do medo no meu estômago. Passei a noite grudada no lado da Ashleigh e da Poppy, desejando poder ir embora. Tudo era muito barulhento e movimentado. Os adultos ficaram mais barulhentos, rindo das próprias piadas e se parabenizando pelas realizações e sucessos ao longo dos anos. E aí Sr. Monroe fez a multidão fazer silêncio.

— Amigos, família e doadores. Em nome do fundo de doadores do Rixon Raider — falou —, obrigado por se juntarem a nós esta noite para comemorar o que sei que será outra temporada de futebol de sucesso.

Aplausos explodiram ao meu redor, e me encolhi no moletom. O formigamento familiar surgiu no meu couro cabeludo, meu coração acelerado no peito. Eu foquei na minha respiração, tentando me acalmar. Estava segura aqui, entre família e amigos.

Poppy olhou para mim e sorriu.

— Tudo bem? — Ela moveu a boca, e pressionei os lábios, assentindo.

Ficaria, assim que chegássemos em casa, e pudesse recuar para meu quarto.

— Agora, algumas palavras do homem da vez, Técnico Jason Ford.

— Obrigado, Jack. — Ele apertou a mão do Sr. Monroe.

— Obrigado a todos por virem esta noite e mostrarem seu apoio pelo time. Sei que alguns de vocês tem preocupações quanto aos eventos recentes e a assimilação de alguns jogadores do Rixon East no time, mas quero garantir em pessoa que sempre farei o melhor para meu time. E vou fazer de tudo para garantir que traremos a taça do campeonato para casa esta temporada.

Todo mundo aplaudiu outra vez, o barulho chacoalhando meus ossos. Estava orgulhosa do meu pai, mas as vezes não conseguia entender o nível de veneração dele. Mas Rixon era assim. Uma cidade onde o futebol significa mais do que a própria vida.

Meu pai agradeceu a todos por virem, e logo devolveu o microfone para Sr. Monroe, que começou a bajular o filho pelos próximos dez minutos. Jenson era bom, mas não era ótimo. Não como meu pai havia sido. Mas o pai do Jenson era um amigo do time, e um grande doador. Se ele quisesse que o filho tivesse tempo em jogo, provavelmente tinha influência o bastante para fazer acontecer. Meu pai era um homem justo, sabia disso. Mas não podia evitar pensar que no que se tratava de Kaiden, estava sendo influenciado pela história

com o pai dele, e o relacionamento próximo do Sr. Monroe com o time.

— Você tem certeza que está bem? — Ashleigh perguntou.

— É ruim se disser que quero ir para casa?

— Lil, ainda está cedo. — Ela fez beicinho.

— Eu sei, mas é demais. — Meus olhos foram para o chão. Quando encontrei seu olhar de novo, ela franziu o cenho.

— Você quer mesmo ir embora? — Concordei com a cabeça. — Vem. Te dou uma carona. Mas deveríamos avisar seus pais primeiro. — Ela pegou minha mão e me levou até eles.

— Ei, vou dar uma carona até em casa para Lily. Ela não está se sentindo muito bem.

— Ah não, querida. — Minha mãe pressionou a mão na minha testa. — Qual é o problema?

— Só estou cansada.

Seus olhos semicerraram.

— Não gosto da ideia de você sozinha em casa.

— Mãe, tenho quase dezoito anos.

— Eu sei, mas sempre será minha bebê. Quer que eu vá...

— Não, mãe. Fique. Curta a festa. vou ficar bem, tá?

Ela olhou para meu pai, que estava fazendo uma careta. Mas sua expressão suavizou depois de um segundo.

— Vá direto para casa. Tranque a porta e ligue o alarme. Se precisar de alguma coisa, me ligue, certo?

— Pai. — Dei risada, mas saí tensa. — Já fiquei sozinha em casa antes.

— Então sabe o que fazer. Prometa, Lil.

— Prometo.

— Certo, dirija com cuidado — ele falou para Ashleigh.

— Pode deixar, tio Jase.

— O que disse sobre me chamar assim, Ash a segunda? — Ele sorriu. Era a piada recorrente entre eles. Ele odiava que Ashleigh o chamasse de tio e ela odiava ser chamada de Ash, já que era o nome do pai da Sofia e do Aaron.

Ela mostrou a língua para ele, e todos riram.

— Vai, deem o fora daqui.

— Voltarei — Ashleigh respondeu.

— Tudo bem, querida — tia Hailee falou. — Veremos você em breve, Lily. — Ela sorriu e isso acalmou algo em mim. Eu amava a irmã postiça do meu pai, muito. Ela tinha uma personalidade tão tranquilizante. Diferente dos meus pais, que ficavam superprotetores e envolvidos em tudo o que eu dizia ou fazia. Depois de anos me vendo retrair em mim mesma e lutar com trico e ansiedade, não era fácil para eles abrirem mão do controle, mas era demais.

Falamos tchau para todo mundo e saímos do bar.

— Quer para me contar o que realmente está acontecendo?

— Nada está acontecendo. Apenas preciso de um pouco de ar.

— Por que acho que não está sendo inteiramente honesta comigo?

Soltei um pequeno suspiro.

— É só muita coisa, Leigh. Último ano. Faculdade... *O fato que tenho minha primeira paixonite em um cara que acontece que é o filho do homem que meu pai odeia.*

— Isso é sobre Kaiden? — perguntou quando estávamos dentro do carro. — Porque você sabe, parece distraída desde a festa.

— Nos beijamos. — Admitir isso parecia uma traição, mas era Ashleigh, minha melhor amiga. Minha família.

— Lily May Ford! Por que não disse nada antes?

— Porque estava confusa. Ainda estou confusa. E ele é o Kaiden Thatcher e sou Lily Ford. É como se fôssemos Romeu e Julieta. — Soltei um grunhido baixo, apoiando a cabeça no banco enquanto Ashleigh entrava no trânsito de sexta à noite.

— Sim, tem sua lógica.

— Acho que só parece cruel. Pensei que tivéssemos essa conexão incrível... mas o que sei sobre garotos?

— Ei, não faça isso. Não se deprecie. Vai encontrar uma pessoa, Lil. Um dia o cara certo vai aparecer e vai te conquistar e tudo vai se encaixar.

— É, talvez.

— Nada de talvez. Você é uma das melhores pessoas que conheço, Lily May Ford.

— Precisa dizer isso porque somos melhores amigas.

— E família, o que significa que posso falar a verdade. — Ela sorriu, dobrando a esquina na direção da minha casa.

— Como é? — sussurrei.

— Como é o que?

— Sexo. — A palavra prendeu no nó na minha garganta.

— Ah, é... ótimo, com a pessoa certa.

— Não posso imaginar ficar perto assim de uma pessoa. — Só o pensamento me assustava. Mas queria Kaiden perto. Gostei do jeito que me segurou, que me beijou.

— Porque você ainda não encontrou a pessoa certa.

— Você se arrepende de ter perdido a virgindade pro Matt? — Matt era um cara na nossa turma. Era legal o bastante. Ashleigh ficou com ele em algumas festas na última primavera, e depois no baile do segundo ano, eles voltaram para a casa dele e transaram.

— Não me arrependo, mas parte de mim queria ter esperado o cara certo.

— Tipo Ezra? — Minha sobrancelha arqueou.

— Ah, cale a boca. Não é assim entre mim e E. Você sabe.

— Mas poderia ser...

— Ele não me vê assim, Lil.

Tristeza se esgueirou nas feições dela, e quando parou na minha casa, percebi que talvez não fosse a única querendo um rapaz que não me queria de volta.

KAIDEN

— LEW, é você? — A voz da minha mãe passou pelo corredor. — Kaiden? O que aconteceu?

— Pergunte para ele. — Passei pisando firme pelo meu pai na direção da cozinha.

— Ah não, Lew, o que você fez?

— Eu? — ele latiu. — Não fiz nada. Foi aquele fracassado do Ford, usando sua influência, achando que pode deixar Kaiden no banco.

— Lewis, falei para não ir lá.

Pelo menos mamãe tinha a decência de soar decepcionada. Mas se não fosse por ela, nada disso teria acontecido. Porque ele não saberia. Pelo menos até o dia do jogo.

— Preciso de uma bebida — ele resmungou, entrando na cozinha.

— O quê? — Ele semicerrou os olhos enquanto me observava.

— Você não pode evitar, né? — Eu fervilhei.

— O que diabos acabou de falar para mim?

— Você me ouviu. — Meu punho se fechou na bancada. — Precisava que fizesse uma coisa por mim esta temporada. Precisava que ficasse longe de Rixon. Mas não, você não podia...

— Cuidado, garoto. — Raiva fervilhava em seus olhos, mas não tinha medo dele. Não mais.

— Ou o quê? Vai me bater? Não sou mais criança. Me bata e pode não gostar do resultado.

— Kaiden. — Minha mãe arfou, cobrindo a boca com a mão.

— Não me diga que vai ficar do lado desse babaca? É meu último ano, mãe. A temporada de futebol mais importante da minha carreira e ele entrou lá com sangue no olho tudo porque o técnico Ford fez alguma coisa da própria vida. Diferente de você. — Eu o fuzilei, pura raiva percorrendo meu corpo como um incêndio, me queimando de dentro para fora.

— Kaiden, por favor — minha mãe implorou. Era isso o que ela fazia, pacificava. Mas estava tão cansado dessa merda.

— Acha que só porque tem dezoito anos pode falar e fazer o que quiser, filho? Esta é minha casa. Pago as contas, coloco comida na maldita mesa, então até que isso mude, sugiro que mostre um pouco de respeito. — O punho dele bateu na bancada, fazendo a fruteira tremer.

— Tina, me dê o uísque.

— Lew, você não acha...

— Falei para me dar o maldito uísque, mulher.

Minha mãe entrou em ação, correndo para o armário de bebidas e

encontrando o uísque. Ela pegou um copo e serviu uma boa dose.

— Deveria ter ido para Millington — murmurou, virando o drinque de uma vez.

Minha mãe encontrou meu olhar, me dando uma olhada apologética. Mas esse não era o tipo de ocasião que um sorriso consertaria. Meu pai me envergonhou na frente do time inteiro, sem contar do técnico. Sozinho ele alimentou todos os julgamentos preconceituosos que tinham sobre mim e meu pai.

— É, bom, não fui — respondi. — Sou um Raider agora, então precisa aceitar. Nada que disser ou fizer vai mudar isso, mas apreciaria se pudesse tentar evitar sabotar a pequena chance que tenho de poder jogar futebol nesta temporada.

O copo passou zunindo por mim, e estourou na parede.

— Legal, pai. Legal para caralho. — Passei tempestuoso por ele e pela minha mãe, mas ele esticou a mão e pegou meu braço.

— Esta é minha casa, filho. Não esqueça disso.

— Desculpa... — Não hesitei conforme sua mão apertava mais. — Isso é uma ameaça? — As palavras saíram roucas da minha garganta.

— Lewis, Kaiden, por favor, parem — minha mãe choramingou enquanto nos encarávamos.

Enfim, ele me soltou com um empurrão forte.

— Vá, dê o fora daqui.

Saí da cozinha, desesperado por um pouco de ar, e não parei até estar no quarto. A porta batida atrás de mim chacoalhando meus ossos.

Caralho. Tudo não estava indo a merda. Estar em Rixon High, ser um Raider, ser reserva do Monroe. Agora meu pai estava perdendo o controle. De novo. O último ano era para ser minha hora de brilhar, de conseguir uma bolsa de estudos e minha passagem só de ida daqui. No lugar, estava se tornando algo mais parecido com um pesadelo real.

Eu me joguei na cama e afundei o rosto nas mãos. Nem sempre foi assim. Na infância, tinham lampejos de luz nos dias infundáveis de escuridão. Quando era um garoto, meu pai era como qualquer outro. Jogávamos bola no quintal, e ele torcia por mim nos jogos infantis. Mas depois teve um acidente no trabalho, uma lesão de coluna que nunca se curou por completo, e foi como se um botão tivesse sido virado. Ele ficou amargo e perverso, passando mais tempo bêbado do que sóbrio. Minha mãe ficou com ele, mas nosso relacionamento só ficou mais frágil com o tempo. Anunciar minha transferência para Rixon High antes do semestre começar só foi a gota d'água.

Parecia a decisão certa na época.

Mas agora...

Agora nem eu tinha certeza.

— O que você quer fazer? — Bryan me perguntou. Acordara e viera direto para casa dele. Meu pai ainda estava apagado, sem dúvida dormindo para passar a ressaca, e minha mãe estava cheia de culpa sobre o ocorrido. Precisava sair da casa, então peguei café da manhã para viagem e vim direto para cá.

— Pensei que pudéssemos ficar aqui. — Dei de ombros.

— Podíamos ir para Riverside? Tem food trucks no final de semana. Depois poderíamos ir para o fliperama. — Gav sugeriu, rodando a bola de basquete na mão. Estávamos fazendo cestas, parando só para beber alguma coisa.

— Ah, sim. Ouvi dizer que tem o jogo virtual da NFL mais novo. Não é território Raider, então não teremos problema.

Normalmente, os Raiders não atravessavam o rio para Rixon East, e os Eagles não atravessavam o rio para Rixon. Mas isso foi pelos ares quando nossa escola pegou fogo. Riverside estava bem na divisa, mas ainda era do nosso lado do rio.

— Acho que podemos ir conferir. — Era melhor do que ficar a toa o dia todo pensando em coisas que não podia controlar. Como pais babacas e técnicos que guardavam rancor.

— Legal. — Bryan sorriu. — Deixe-me avisar minha mãe que vamos sair. — Ele foi quase saltitando.

— Ele é um filhinho de mamãe — Gav riu, mas a expressão ficou séria quando olhou para mim. — Como estavam as coisas quando você chegou em casa?

— Cheguei aqui antes das nove esta manhã. O que acha?

— Não precisa falar mais, cara. Sinto muito que seu pai é um babaca.

— É, eu também.

Bryan voltou e nós três partimos. Riverside era só quinze minutos de distância, então todos entramos no meu carro.

— Sabe, estava pensando no seu probleminha com Monroe — Bryan disse. — Poderíamos falar para alguém da Marshall Prep machucar ele.

— Cara, sério? — Refutei. — Não vou trapacear para chegar no topo. Quando chegar nos titulares, vai ser porque mereci.

— Nossa, tá bom, esqueça que falei qualquer coisa. — Ele afundou no banco. — Sabe o que mais pode ajudar?

— Não, mas tenho certeza que vai me dizer.

— Você precisa transar, cara. Faz o quê? Um mês? Dois?

— Só porque não estou tentando enfiar em qualquer coisa que se move.

— Mas deveria. Como disse antes, use ou perca.

— E como isso está se saindo para você? A Peyton já cedeu? — Gav provocou do banco de trás.

— Ei. Estou trabalhando nisso. Ela só precisa provar o Brymeister em toda sua glória.

— Você é um idiota — falei, dando um sorriso divertido.

— Você vai ver. Quando estiver me afogando na boceta da Peyton e vocês dois bobocas ficarem só com a mão por companhia.

Balançando a cabeça, entrei no pequeno estacionamento e parei. Ainda estava cedo, então as coisas estavam bem tranquilas. Mas não tinha problema com isso. Não estava me sentindo muito sociável.

Fomos até o calçadão. Foi construído há alguns anos para aproveitar ao máximo a paisagem do rio Susquehanna. Nos meses de verão, tinha música ao vivo e atrações de rua. Era um lugar popular com os adolescentes locais, mas também trazia visitantes.

— Puta merda, é meu dia de sorte — Bryan disse, esfregando as mãos.

— De jeito nenhum — Gav disse. — Você planejou isso?

— Não, juro. Mas se não é a magia do universo, não sei o que é. — Ele foi na direção de Peyton e suas amigas. Procurei por Lily, mas ela não estava ali, e não sabia se ficava decepcionado ou aliviado para caralho.

— Você está bem com isso? — Gav perguntou e dei de ombros.

— Não quero estragar a diversão dele. — Acenando para Bryan, acrescentei: — Além do mais, poderia ser engraçado para caralho vê-la enrolar ele.

— Temos que parar de nos encontrarmos assim — Peyton falou.

— Te disse, babe, escrito nas estrelas.

— Não saio com jogadores de futebol. — Os olhos dela semicerraram em Bryan.

— Quem disse alguma coisa sobre sair?

— Você não tem nenhuma vergonha, tem? — Ela revirou o cabelo no dedo, sorrindo para ele.

Ah, sim, essa garota tinha encrenca estampado nela e tinha quase certeza que Bryan não podia aguentar uma garota como Peyton.

— Mas sabe o que tenho? — Ele balançou as sobrancelhas sugestivamente. — A habilidade de detonar seu mundo.

— Todos explodimos em risada.

— Ah, ele é bom, Pey — Poppy disse. — Acho que merece um prêmio pelo esforço.

— Um prêmio, você disse? — Os olhos dele se iluminaram como fogos de artifício. — Gosto de como soa.

— Bom, acho que já que vocês estão aqui, e nós estamos aqui, você pode comprar um frappuccino e um daqueles docinhos fofos para mim. — Ela pegou a mão dele e o puxou na direção de um dos food

trucks.

— Aaron está aqui? — Gav perguntou para Sofia.

— Não, ele está nos Ford com Ezra arrumando as coisas. Vamos fazer um churrasco mais tarde.

— Legal. Onde estão Ashleigh e...

Eu a vi no calçadão, saindo dos banheiros.

— Dia de garotas, hm? — Gav disse, mas mal ouvi sobre o sangue latejando na minha cabeça.

— Algo assim. — O olhar pesado de Ashleigh me fuzilou conforme se aproximavam, mas não encontrei seus olhos.

A Lily contou a ela o que aconteceu?

Aposto que sim. Garotas conversavam; é o que faziam.

Carvalho.

Essa era a última coisa que precisava, Ashleigh contando para as outras amigas, e depois uma delas deixando escapar na escola. E aí o técnico iria me chamar de mentiroso assim como o babaca tentando paquerar sua filha.

— Hm, oi — ela disse. — Isso é uma surpresa.

— Vocês estão do nosso lado do rio — Gav provocou.

— Verdade, mas não pensamos... não importa. Riverside é grande o suficiente para todos nós. Onde está o outro?

— Quer dizer Bryan? Ele está tentando ganhar Peyton com suas melhores cantadas.

— Boa sorte. Ela não namora jogadores de futebol. Na verdade, ela não namora ninguém. Mas não é esse o ponto.

— Bom, isso é divertido e tal — Sofia falou —, mas vim aqui para me divertir de verdade. Então estarei lá dentro. Poppy?

— Conte comigo. — Elas foram para o fliperama, deixando-nos para trás.

— Vamos? — Ashleigh acenou para Gav segui-la. Ele olhou entre ela e eu e de volta para ela.

— Hmm, sim, por que não?

— Discreto — murmurei, passando a mão pela cabeça e pela nuca.

Lily estava congelada no lugar, os braços dobrados na cintura.

— Deve se arrepender de ter vindo agora — falou, mal olhando para mim.

— Lily, não é isso...

— Eu entendo. Não entendia antes. — Ela por fim me prendeu com seus olhos azuis, e algo se retorceu dentro de mim. — Pensei que estivesse usando como uma desculpa ou algo assim. Mas depois de ontem, compreendi.

— Meu pai é um babaca. Não esperava que aparecesse daquele jeito.

— Ele odeia mesmo meu pai, hein? — Tristeza entrou em seus

olhos.

— Ele odeia todo mundo. — Inclinei a cabeça na direção de um dos bancos no calçadão, e antes que pudesse me convencer que era uma má ideia, falei: — Quer sentar?

— Tudo bem.

Fomos para um banco e lutei contra um sorriso quando Lily se sentou o mais longe possível de mim.

— Você está bem? — ela perguntou. — Depois da noite passada, quero dizer.

— Sim — suspirei. — Estou acostumado. Esperava que o técnico e o time nunca precisassem ver isso, mas é o que é.

— Ele...? — Lily mordeu o lábio, engolindo o que estava prestes a dizer. Ela parecia fofa para caralho, toda grandes olhos curiosos e aquele sorriso incerto que fazia uma covinha em suas bochechas.

Lily Ford era o tipo de garota que deixava os sentimentos a mostra. Medo. Tristeza. Arrependimento. Um arco-íris de emoção vivia em seus olhos, e mudava dependendo do momento.

Agora, estavam brilhando com tanta empatia que senti como se tivesse perdido o fôlego.

— Ele é alcoólatra? — perguntou, e assenti.

— Era. Deveria estar em recuperação, mas tem dias bons e ruins. Ontem foi um dia ruim.

— Sinto muito.

— Não sinta. É o que...

— É. Sim. Eu entendo. Mas não significa que você precise aceitar.

— Prefiro focar em coisas que posso controlar.

— Tipo o quê?

— Tipo me dedicar cem por cento ao futebol. Sair de Rixon. — *Não te beijar.*

Ela pressionou o polegar nos lábios, mexendo no canto da boca, atraindo minha atenção para o local. Quando estava tentando com muita força *não* encarar seus lábios.

— Você quer deixar Rixon?

— Sim, não tem nada para mim aqui. — Meus ombros se ergueram em desânimo.

— Para onde quer ir?

— Alabama.

— Uau, isso é... longe.

— É sim. Mas é um dos melhores programas de futebol do país. E para ser o melhor você tem que jogar com os melhores.

— É por isso que foi para Rixon High ao invés de transferir para Millington ou Fenn Hill?

— Algo assim. Apesar que estou começando a pensar que não foi minha melhor ideia.

Lily desviou o olhar.

— Acho que tem bastante história entre nossas famílias.

— Foi há muito tempo.

— Sei disso, e você sabe disso... — Ela encontrou meu olhar outra vez, e me peguei perdido em duas piscinas azuis. — Sinto muito se meu pai está sendo um babaca por você estar no time.

— Ele está sob muita pressão. — Balancei um pouco a cabeça, tentando organizar o pensamento. — E Monroe é o jogador principal. Eu entendo. Não gosto, mas entendo.

— Talvez possa falar com ele...

— Não. — Lily hesitou, e me senti um babaca por ralar com ela.

— Quer dizer, não acho que seja uma boa ideia.

— Certo. — Ela começou a puxar a ponta da trança. Eu a observei por um segundo. Era como se ela nem mesmo percebesse que estava fazendo isso.

Quando enfim percebeu que estava olhando, Lily soltou o cabelo e colocou as mãos sob as coxas.

Estranho.

— Deveríamos encontrar os outros — falou, se levantando.

— Sim. — Hesitei. Não queria entrar. Queria ficar aqui fora com a garota estranha que fazia tudo ficar em silêncio. Mas isso só levaria a um caminho que não poderia tomar. Então também me levantei e dei um pequeno sorriso a ela.

— Mostre o caminho.

LILY

— VAI TENTAR? — Gav parou ao meu lado.

— Ah não. Só vou assistir. — Estávamos no fliperama há mais ou menos uma hora. Teve *air hockey* garotos contra garotas – Poppy e Peyton detonaram Gav e Bryan – depois os meninos foram jogar algum jogo de realidade virtual da NFL enquanto eu e as garotas ficávamos nas gruas.

Agora todo mundo estava passando pela montanha russa virtual. Peyton e Bryan estavam presos nos bancos sendo jogados de um lado para o outro dentro do simulador enquanto os gritos dela enchiam o ar e o resto de nós assistíamos.

— É o mais perto que vai chegar da real. Deveria tentar — falou.

— Estou bem, obrigada.

— Como quiser. — Ele deu de ombros.

— Acho que vai ter que se contentar comigo — Ashleigh disse, completamente tranquila com a ideia de entrar no brinquedo com ele.

Sofia e Poppy foram primeiro, escolhendo o trajeto mais intenso. O que, é claro, instigou Bryan a fazer o mesmo.

— Ele está certo, sabe? — Kaiden sussurrou sobre meu ombro. — Deveria tentar.

— Para onde você foi? — Ele esteve ausente pelos últimos dez minutos.

Não que estivesse contando.

— Minha mãe ligou. — A expressão dele ficou tensa.

— Está tudo bem?

— Vai ficar. Não se preocupe comigo.

Mas me preocupava.

Não podia evitar.

Ficamos parados lado a lado, assistindo nossos amigos brincarem no simulador. Apesar de não poder ver as imagens mostradas a eles pelos óculos de realidade virtual, sentia cada solavanco, cada subida e descida. Quando Peyton gritou, me sobressaltei. E quando foi a vez da Ashleigh, respirei fundo todas as vezes junto com ela.

— Deveria ir no brinquedo — Kaiden disse, desviando minha atenção do fascínio.

— Eu nunca...

— Nunca foi numa montanha russa?

— Não — confessei. — Não sou boa com alturas, e não sei se gostaria de usar os óculos.

— Tentou alguma vez?

— Não, mas... — A resposta morreu na minha língua. Não queria

dizer a ele o quanto apenas observar minhas amigas fazia meu coração bater um pouco mais forte, minhas mãos umedecerem, ou meu estômago revirar como se estivesse junto com elas.

— Vou com você.

— O-o quê?

— Você me ouviu. — O canto da sua boca se curvou em um sorriso adorável.

Deus, ele era lindo. Nunca colocara os olhos em um garoto como Kaiden antes. O rosto dele tinha a mais perfeita simetria: os olhos alinhados com o resto das feições, um nariz um pouco torto que apontava para os lábios carnudos e uma mandíbula definida.

— O quê? — As sobrancelhas dele se juntaram.

— Eu não sei. Posso ficar enjoada. — *Ou ter um ataque de pânico.*

— Tem um botão de emergência. Se for demais, apenas o aperte e o brinquedo para.

— Para?

— Sim, é uma medida de segurança. Todos os simuladores têm.

O brinquedo começou a parar, rangendo e voltando para a posição inicial.

— Então, o que vai ser? — Kaiden olhou para mim por entre seus escuros e grossos cílios. — Vai andar no simulador comigo, Lily? — Meu nome saiu da língua dele de um jeito que fez minha barriga contrair.

— Eu...

— O que está acontecendo? — Ashleigh e Gav se juntaram a nós. Os dois pareciam um pouco corados e sem fôlego.

— Lily vai no simulador comigo — Kaiden disse.

— Vai? — Os olhos de Ashleigh esbugalharam. — Mas ela nunca vai. — Ela olhou para mim, esperando. Como se ela esperasse que eu corrigisse o Kaiden e dissesse que era verdade, que eu nunca participava.

Mas estava tão cansada de sempre ser aquela garota. A garota nas laterais observando todo mundo viver suas vidas enquanto a minha passava em uma cadeia de sorrisos falsos e arrependimentos amargos.

— Lily? — Kaiden disse. — É nossa vez.

— Eu... é, tá bom. — Meu coração acelerou conforme o seguia pelo pequeno portão de segurança.

— Espere. — Ashleigh pegou meu braço. — Você não precisa fazer isso, Lil. Não tem nada para provar.

— Sim, tenho. — Com cuidado, soltei o braço e passei pelo portão.

— Tudo bem? — Kaiden perguntou, e eu concordei.

Ansiedade inundou minha corrente sanguínea, adrenalina correndo pelo meu corpo como ondas raivosas quebrando na praia.

— Entre e coloque o cinto de segurança.

Fiz o que Kaiden disse, nem um pouco surpresa que meus dedos trêmulos não conseguiam encontrar o mecanismo de trava.

— Aqui. — Ele assumiu, nossos dedos roçando por um segundo. Nossos olhos colidiram e os dele ficaram escuros e famintos. Engoli em seco, tentando respirar. Mas tudo estava intensificado, o ar ao nosso redor denso e grudento, e o simulador ainda não tinha nem começado.

— Precisa colocar os óculos — falou, demonstrando para mim.

Tudo ficou em silêncio ao meu redor enquanto os pegava e analisava o aparelho estranho.

— Se em algum momento, você precisar parar, aperte este botão. — Kaiden apontou para o grande botão na barra que separava nossos assentos. — Quer escolher a pista?

— Pode escolher? — falei, respirando trêmula. — Só não escolha a pior.

— Relaxe. Vamos devagar já que é sua primeira vez. — Ele disse como se não fosse a última vez que faríamos isso. — Tudo bem?

Assenti outra vez, o grande vazio no meu estômago já estava me fazendo sentir leve. Coloquei os óculos e me dei um segundo para me acostumar com a sensação. Cor explodiu na minha frente no segundo que abri os olhos e me sobressaltei no banco.

— Relaxa — Kaiden sussurrou. — Seus olhos vão se ajustar.

— Não sei se consigo... — Engoli em seco.

— Aqui. Isso pode ajudar. — A mão dele encontrou a minha e ele enlaçou nossos dedos.

O que estava acontecendo agora?

Estava prestes a andar no simulador com Kaiden, o garoto que consumia meus pensamentos, e ele estava segurando minha mão.

Calor inundou meu corpo com seu toque e conforme o simulador começou a ranger e se mover ao nosso redor, o pânico crescendo dentro de mim não transbordou em um ataque de pânico completo.

Eu podia fazer isso.

Se não gostasse, tudo o que precisava fazer era apertar o botão de segurança e estaria de volta em terra firme.

— Pronta? — Kaiden perguntou. Já estávamos andando pelo trilho, o cenário se movendo por nós enquanto subia até o ápice.

— Lily?

— S-sim? — coaxe.

— Perguntei se estava pronta.

— Agora é tarde demais. — Estávamos suspensos no topo do trilho, presos entre hesitação e o ponto sem volta. Meu coração já era um trem descarrilhado no peito, mas não era nada comparado com a adrenalina que explodiu dentro de mim quando o simulador nos chacoalhou para frente e para baixo, tudo correndo ao nosso redor na

velocidade da luz.

Kaiden apertou minha mão, mas não conseguia falar. Meu mundo era um borrão de imagens e sensações e hormônios de acelerar o coração.

Fomos para esquerda e direita, para cima e para baixo. Os gráficos eram tão reais, tão realistas, que parecia que estava lá. Meu estômago deixava meu corpo toda vez que voávamos por outra subida, mas não sentia medo aleijante ou ansiedade indutora de vômito... eu me sentia livre.

Parecia que estava voando, pairando pelo ar como um pássaro.

Risada escapou dos meus lábios, marcada por inalações rápidas e suspiros de maravilha enquanto o simulador virtual me transportava para outro lugar.

Quando voltou na posição inicial, minhas bochechas estavam doendo de tanto sorrir.

Tirei os óculos e coloquei no suporte.

— E? — Kaiden estudou meu rosto.

— Isso foi... nunca senti nada assim. — Sorri. Sorri de verdade.

Kaiden riu, os olhos enrugando com diversão.

— Viu, não foi tão assustador.

— Foi... parecia que estava voando. — Um suspiro maravilhado passou pelos meus lábios.

Ele me ajudou a sair, mas cambaleei. Suas mãos grandes equilibraram meus ombros, e olhei para cima, perdida nos seus olhos cinza.

— Lily, eu...

— Puta merda, Lil. — A voz de Ashleigh cortou o ar. — Isso foi incrível.

Nossos amigos nos cercaram, as garotas disputando minha atenção. Era estranho ser o foco do mundo delas pela primeira vez.

— Não acredito que você conseguiu — Poppy disse, orgulho irradiando do seu sorriso.

— Você está bem? — Peyton acrescentou.

— Estou bem. — Dei risada, recuando para ter um pouco de espaço para respirar. Meus olhos foram pra Kaiden e ele me deu um sorriso tímido.

Querida agradecê-lo, explicar o presente que havia me dado. Mas Bryan e Gav o arrastaram para ver a pontuação do Bryan no jogo da NFL, e as garotas me puxaram na direção do quiosque.

— Ele gosta de você — Ashleigh disse, grudando no meu lado.

Gostava.

Eu sentia toda vez que ele olhava para mim.

Só não tinha certeza se era o suficiente.

— Oi, bebê — minha mãe disse. — Como foi em Riverside?
— Foi divertido. Andei no simulador de montanha russa.
— Andou? — Os olhos dela se arregalaram.
— Andei, e não surtei. Bom, só um pouquinho.
— Uau, estou orgulhosa de você, Lil.
— E ela conheceu um garoto. — Ashleigh deu uma risadinha.
— Um garoto? Que garoto?
— Kai...
— Cala a boca, Ash — rosnei, e ela mostrou a língua para mim.
— Eu te amo, bebê. — Minha mãe segurou meus ombros e se aproximou para sussurrar: — Mas, por favor, não infarte seu pai ao mencionar Kaiden Thatcher hoje.

— Como você soube?

Ela passou pela bancada de café da manhã e me deu um sorriso compreensivo.

— Porque você é minha filha e tem uma alma gentil e coração caridoso. Claro que o bad boy do outro lado do rio chamaria sua atenção.

— Não é assim, mãe. — Sangue corou minhas bochechas. — Kaiden é...

— Problema, bebê. Ele é problema. Não quero cortar suas asas, mas é um grande ano para você. Não quero que se machuque.

— Machucar? Por que você acha que Kaiden vai me machucar?

— Porque ele é um garoto de dezoito anos com hormônios a flor da pele e futebol no sangue.

— Mas papai também era e ele não a machucou.

Ela respirou fundo e sorriu, mas não alcançou seus olhos.

— Domar rapazes como seu pai, como tio Cam, não é fácil, e com certeza não é tudo arco-íris. Não quero isso para você, querida. Você merece alguém que pode te dar tudo.

Franzi o cenho. Não queria domar Kaiden, só queria conhecê-lo. Sentir seus lábios nos meus outra vez.

— O que está acontecendo aqui? — Meu pai apareceu na porta dos fundos.

— Nada, as garotas estavam prestes a me ajudar a levar tudo para fora. — Minha mãe acenou para as pilhas de pratos e tigelas.

Ashleigh pegou um pouco e foi para fora, com minha mãe no encalço.

— Tudo bem, Lil? — ele perguntou enquanto colocava os condimentos da geladeira em uma bandeja.

— Claro, pai.

— Se tiver algo errado...

Rodopiando, o dei um olhar duro.

— Você escolheu Jenson para os titulares contra Marshall porque ele é o melhor?

As sobranceiras dele se juntaram.

— De onde veio isso? Sabe que sempre tomo decisões... — Ele parou, passando uma mão no queixo. — Isso é sobre o Kaiden, não é?

— Talvez. — Dei de ombros.

Ele soltou uma respiração tensa.

— Kaiden Thatcher é bom, ótimo até, mas ele é novo no time, no jeito que faço as coisas. Jenson é...

— O filho do maior doador do fundo?

— Agora espere um minuto, Lily, isso não é justo.

— Mas é justo julgar Kaiden porque o pai dele é um babaca?

— Lily! O que deu em você, querida? Vocês dois... Na verdade, não, não responda isso.

— Não se preocupe, pai — disse entredentes — Kaiden sabe o que está em jogo. Ele quer o futebol. — *Não eu.* — Mas precisa que você o dê uma chance justa.

Silêncio pairou entre nós conforme meu pai me estudava.

— Algumas vezes me esqueço que você é uma jovem mulher. Capaz e com vontade própria.

— Tenho quase dezoito anos, pai — bufei.

— Eu sei. Mas você sempre vai ser minha garotinha, e sempre vou querer protegê-la.

Emoção surgiu dentro de mim. Ele tinha boas intenções; sempre teve. Mas meus pais pareciam esquecer as vezes que precisava cair de vez em quando. Porque se você nunca cair, nunca aprenderia a levantar.

— Escuta, Lil, preciso ficar preocupado com esse negócio com Kaiden?

— Não tem negócio nenhum com Kaiden, pai. — A mentira amargou minha língua. Porque quer Kaiden admitisse ou não, tinha algo entre nós.

Algo que não tinha certeza se poderia apenas esquecer.

— Ótimo, querida. — Ele se aproximou e beijou minha cabeça. — Porque você pode ter melhor. Quando você for muito, *muito* mais velha.

— Tenho quase dezoito anos — falei atrás dele, os ombros balançando com risada silenciosa.

Mas eu não estava rindo.

A animação que senti mais cedo no fliperama se dissipou, substituída com a bola familiar de pavor.

A campanha tocou, me sobressaltando.

— Eu abro — gritei para ninguém em particular, me movendo pelo

corredor.

— Miley, ah, meu Deus. — Sorri para a namorada do meu primo.
— Mas o que você...

— Surpresa! — falou, se aproximando para me abraçar.

— Bom te ver, Lil — Avery disse, balançando a cabeça com descrédito.

— Tenho abraços para você também. — Passei os braços pelos ombros largos dele. — Seus pais e Ashleigh sabem que estão aqui?

— Não, pensamos em voltar e surpreender todos vocês.

— Melhor surpresa de todas. — Eu os recebi em casa. Todo mundo iria pirar quando os visse. Avery e Miley estavam na faculdade. Ele na Notre Dame e Miley na Northwestern. Mas eles tinham o próprio apartamento agora, no meio do caminho entre as duas.

Avery saiu pelo corredor, mas Miley ficou para trás.

— Então, último ano. Conte-me tudo.

— Foi... interessante até agora. Você ouviu que Rixon East pegou fogo?

— Sim, seu tio ligou para Avery na outra semana. Não posso imaginar que vai ficar tudo bem ter os alunos de Rixon East em Rixon High.

— É o time de futebol. Você sabe como são.

— Ah, eu sei. — Os lábios dela afinaram. Miley e Avery não tiveram um começo de relacionamento fácil. Ele era o *quarterback* estrela e ela era a ansiosa repórter do jornal que traiu os preciosos Raiders. Mas apesar das diferenças, da história, eles conseguiram fazer dar certo.

— Estou tão feliz por vê-la — falei, enlaçando o braço pelo dela.

Miley era como a irmã mais velha que nunca tive, e apesar de ainda conversarmos aqui e ali, não era o mesmo que tê-la aqui em Rixon.

Quando chegamos no quintal, todo mundo tinha se aglomerado ao redor de Avery, todos querendo um abraço ou aperto de mão.

— Miley, querida, venha aqui. — Tia Hailee se apressou até nós, a puxando em um abraço. Eu a soltei e dei um pouco de espaço a elas.

— Deus, é tão bom te ver.

— Ei, onde está tio Xan? — Avery perguntou, olhando em volta.

— Ele... hm... não está muito bem. — Tio Cam passou uma mão pelo rosto e os dois começaram uma conversa baixa.

Xander era o tio de Ashleigh e Avery, o irmão mais novo de Cameron. Algumas vezes ele vinha nas reuniões de família e era a vida e a alma da festa, mas outras vezes, tipo hoje, não vinha.

— Certo, todo mundo, vamos comer. — Meu pai levou todo mundo para a mesa enorme. Sempre que minha tia e tio e os Bennet vinham para cá, precisávamos pegar cadeiras extras. Era alto e caótico e

bagunçado, mas era família.

O tipo de caos que acalmava a alma.

Avery esperou até todo mundo estar sentado e depois pigarreou.

— Então, não viemos só para visitar — falou, puxando Miley para seu lado.

Eles sobreviveram ao último ano, dois anos morando longe um do outro em faculdades diferentes, nossas famílias. Avery e Miley eram o casal para se almejar, e como o resto da minha família, eu me preparei para o que fosse que ele estava prestes a dizer.

— Bom, continue, filho — tio Cam falou. — Desembuche antes que Aaron coma toda a carne.

Todo mundo riu, mas Avery parecia um pouco pálido.

— Eu... nós.

— Estamos noivos. — Miley soltou com um grande sorriso.

— Noivos? — Pelo menos dois adultos balbuciaram.

— Cameron — tia Hailee repreendeu. — Isso é uma ótima notícia. É ótima notícia, parabéns.

— Sua mãe está certa, filho, é ótima notícia. Só fiquei um pouco chocado por um segundo. Você nunca disse nada...

— Só meio que aconteceu, pai. Eu amo a Miley, e morar junto desde o verão só cementou o que eu já sabia: que quero passar o resto da minha vida com ela.

Poppy e Sofia soltaram um suspiro sonhador, enquanto Aaron se inclinou para apertar a mão dele.

— Parabéns, cara. Só tenho uma pergunta. Quando é a despedida de solteiro? — Todo mundo riu.

— O que você diz, treinador? — Avery inclinou a cabeça para Jason.

— Não pode mais me chamar assim, Ave. Não sou seu treinador.

— Nah, sempre vai ser meu treinador. — Algo passou entre eles.

Meu pai esteve presente em todos os passos da carreira de futebol de Avery, da liga infantil até ensino fundamental, até o ensino médio. Ele nunca gostou que meus primos o chamassem de tio. Claro, Ashleigh se recusou a aceitar quando era criança, e gostava de irritá-lo com isso agora, mas não Avery. Do segundo que meu pai começou a treiná-lo, sempre foi Treinador. Era o negócio deles. Do mesmo jeito que mamãe me chamava de Estrela Lily.

— Você é jovem, Ave. Jovem pra caramba.

— Você estava só no segundo ano quando pediu a Fee em casamento — Avery retrucou.

— Me pegou, garoto. Porra... quero dizer, merda... vocês estão todos crescendo, não estão? — Meu pai passou o olhar por nós.

— Sim, *babe* — minha mãe disse, passando o braço pelo ombro dele e beijando sua bochecha. — Estão.

KAIDEN

CHUTEI DE LEVE a cadeira da Lily e ela olhou para mim.

— O quê? — ela moveu a boca, e deslizei o bilhete para o canto da mesa. Franzindo o cenho, ela pegou de mim, o pressionou na mão e se virou.

Ontem, Bryan foi transferido para outro lugar depois que fez barulhos inapropriados quando Sr. Jenkins estava dando aula. Quando chegamos na aula hoje, ele nos informou que deveríamos ficar separados. Isso era uma merda para Bryan, que agora estava sentado ao lado da Carrie-Ann Trombley, a sabichona da classe, mas com certeza era bom para mim.

Estava em uma linha tênue, sabia disso. Mas depois de andar no simulador com Lily no sábado, não queria afastá-la da minha vida. Eu não podia. Ela não era como mais ninguém. Não via apenas o garoto do outro lado do rio.

O filho do Lewis Thatcher.

Um Eagle.

Ela *me* via.

Meu estômago revirou um pouco quando ela inclinou o braço para trás e soltou o bilhete na minha mesa. Eu perguntei se ela estaria no jogo na sexta.

Sim.

Ela tinha a caligrafia mais perfeita, o que não me surpreendia vindo de uma garota que tinha medo de viver fora dos limites.

Vai estar na festa depois?

Dobrei o bilhete e olhei para cima para ver se Sr. Jenkins estava distraído. Feliz que estava, eu chutei a cadeira outra vez. Ela não se virou desta vez, mas colocou a mão para trás. Soltei o bilhete ali e a observei abri-lo.

O que queria era ver seus olhos. Você poderia dizer muito sobre uma pessoa quando olhava nos olhos dela. Mas no que dizia respeito a Lily, precisaria aceitar qualquer migalha que pudesse conseguir.

Sr. Jenkins se levantou para explicar alguma coisa para a turma, graças a uma pergunta da nova vizinha de mesa do Bryan. Suspirei de alívio quando ele finalmente sentou-se e continuou a corrigir as tarefas. Lily colocou a mão para trás e tirei o bilhete dos dedos dela,

nossas mãos se demorando.

Ainda podia me lembrar a sensação de segurar a mão dela no sábado, o que era estranho para caralho considerando que nunca segurei a mão de uma garota antes. Nunca contaria para os rapazes, mas foi como um terremoto dentro de mim.

Era aterrorizante para caralho. Sentir tanto por uma garota que tinha o poder de arruiná-lo. Bom, o pai dela, ao menos.

Eu não me aproximava. Não deixava as garotas se aproximarem. Eram uma distração. Nada além de algo para aliviar a tensão.

Mas não Lily.

Ela era diferente.

Esticando o bilhete dela na mesa, a resposta de uma palavra não era nenhuma surpresa.

Não.

Rabisquei uma resposta embaixo.

Você deveria ir. Ouvi dizer que Bryan pode estar lá.

Passando o bilhete de volta, esperei a reação dela. Ela abafou uma risada, mas não o suficiente porque a cabeça do Sr. Jenkins se ergueu e ele firmou os olhos em mim.

— Problema, Sr. Thatcher?

— Não, senhor. — Não podia nem ficar bravo que ele mirou em mim e não na Lily.

Ela esperou até a barra ficar limpa e me entregou o bilhete de volta.

Se eu fosse, e não vou, não iria para ver Bryan...

As palavras dela me acertaram em cheio no peito. Lily Ford a garota quieta com medo do mundo, estava flertando comigo... pelo menos esperava para caralho que estivesse.

Merda.

O que estava dizendo?

Não deveria estar encorajando isso. Se o Técnico Ford descobrisse que estava ativamente atrás da filha dele, não colocaria o pé no campo de futebol nesta temporada. E precisava de tempo de jogo. Precisava entrar na mira dos olheiros.

Mas eu não conseguia me parar. Não consegui parar no sábado quando a vi encarando o simulador, uma mistura de medo e frustração brilhando nos olhos dela.

E não podia me impedir agora.

Não respondi. Não queria pressioná-la, e não queria cruzar um limite do qual não retornaríamos.

Mesmo que quisesse muito, *muito* mesmo, que ela fosse na festa na sexta.

Sexta foi uma tortura agri-doce. Por um lado, estava pronto para caralho para uma nova temporada de futebol. Mas não queria que fosse assim; jogando com um time que não me queria aqui mais do que eu queria estar aqui.

— Ei, Thatcher, segure minhas coisas para mim, tá? — Monroe gritou. — Já que não vai estar jogando, imaginei que pudesse ser útil.

— Ele e os seus rapazes explodiram em risada.

— Ignore. Você vai jogar — Gav disse.

— Sim, que seja — resmunguei.

Meu humor só piorou com o passar da semana. O clima em casa era insuportável. Meu velho não estava trabalhando devido a um relapso com as costas, mas eu e minha mãe sabíamos a verdade. Ele teve uma recaída, e tinha quase certeza que era tudo culpa minha.

Então evitei a casa o máximo que pude. Parte de mim odiava deixar minha mãe sozinha, mas não podia ficar lá. Não podia ficar lá aguentando as provocações e zombarias constantes. Era como arrancar uma casquinha, mexendo até inflamar e infeccionar, envenenando sua corrente sanguínea, infectando sua alma.

Agora estava prestes a sair em campo e ver outro cara roubar os holofotes.

Conferi os cadarços nas chuteiras antes de pegar o capacete. O Técnico Ford entrou no recinto, fazendo todo mundo ficar em silêncio.

— Primeiro jogo da temporada e somos o time a se derrotar. Marshall virá pra cima, e virá pra cima com tudo. Trabalhem juntos, pressionem, e sigam o livro de jogadas. Monroe, você está bem, filho?

— Sim, senhor.

— É assim que gosto. — O olhar firme dele passou por mim como se não fosse ninguém. Caralho. Doeu. Não esperava que me recebesse no time de braços abertos, mas esperava por mais do que... isso.

O máximo que podia esperar desta noite era os Raiders abrirem uma vantagem confortável e o Treinador me dar uma chance para os jogadores na reserva na segunda metade.

— Detonem lá fora — Gav disse para Bryan, que estava quieto ao nosso lado, se preparando. Ele era o único Eagle no time titular. Mas os Raiders tinham algumas posições para preencher na defesa depois de perder alguns dos jogadores mais experientes na última temporada.

— Certo, é isso. Vamos.

O retumbar da multidão sobre nós reverberou por mim, alimentando a adrenalina que já estava passando pela minha corrente sanguínea. Mas estava contaminada com frustração, uma tempestade silenciosa crescendo no meu estômago.

Não estava acostumado a ficar na reserva. Estava acostumado a liderar, a determinar as jogadas. Ia contra todos os meus instintos naturais ir para trás de Monroe e do resto do time para depois segui-los até o campo.

Mas este não era o meu reino, era o dele. Era só um observador acompanhando tudo.

O barulho da multidão era feroz conforme saímos no campo, Monroe cortando pela faixa da noite de jogo como uma faca. Fui direto para o banco, afundando com um *thud*. Gav se juntou a mim assim que o técnico olhou para nós, hesitando por um segundo. Mas depois ele voltou para o time, dando palavras finais de conselho.

— Isso é uma bosta — Gav resmungou.

— Sim.

— Vamos mesmo na festa depois?

— Se a escolha é entre ficar doidão na Lindsey ou ir para casa para meu pai... sei para onde vou.

— Tem certeza que não vai só na esperança de ver uma certa garota?

— Ela disse que não vai.

Não perguntei para Lily outra vez. Escrevemos bilhetes um para o outro na aula, mas Sr. Jenkins nos separou em duplas com a pessoa ao nosso lado, então não tivemos muitas oportunidades.

Outra coisa que me irritou.

— Peyton disse para Bryan que ela estaria lá. Ashleigh também.

— Você está a fim dela? — perguntei. Eles pareceram se dar bem no fliperama no último final de semana.

— Ela é legal, mas algo me diz que já está encanada em alguém e não estou procurando nenhum drama.

— Eu também não... — E ainda assim, eu me peguei procurando por Lily na multidão.

— Jesus — Gav disse, percebendo. — Você está caidinho.

Não respondi. Porque ele estava certo. E eu não tinha certeza que estar perto de Lily com meu temperamento atual seria uma coisa boa.

— Ei, Thatcher? — Monroe gritou sobre o barulho retumbante da multidão. — Seja uma boa cadelinha e pegue um pouco de água para mim. — Ele sorriu antes de se juntar aos colegas de time.

— Eu odeio aquele cara para caralho.

— Você e eu — Gav disse.

O juiz chamou Monroe e o capitão dos Marshall para jogar a

moeda. Lindsey e as líderes de torcida estavam levando a multidão a um frenesi, balançando as bundas quase tanto quanto os pompons. Quando a coreografia acabou, ela veio até nós.

— Vai estar na festa esta noite?

Eu dei de ombros, olhando direto por ela.

Ela se inclinou e passou o dedo sob minha mandíbula, inclinando meu rosto e exigindo minha atenção.

— Você deveria ir. Vou fazer valer a pena. — Ela lambeu os lábios, antes de rodopiar, nos dando uma bela visão da sua bunda.

— Jesus, ela não desiste, né? Talvez a festa não seja uma boa ideia.

Mas Monroe estaria lá, agindo todo superior. Se eu não aparecesse, pareceria que estava cedendo. Como se estivesse deixando ele ganhar. Meu punho se fechou contra minha perna conforme uma onda de raiva passou por mim.

O som do apito de início da partida perfurou meus pensamentos e me acomodei para assistir o jogo.

O primeiro quarto passou num borrão. Era difícil não ser arrastado pela animação, mas a raiva correndo em minhas veias era como assistir o jogo por lentes anuviadas.

Os Raiders pareciam fortes, ganhando jardas, avançando na direção da zona final, até Monroe conseguir mandar a bola para o wide receiver que marcou um touchdown, o primeiro de três. A defesa dos Marshall era ruim, e nossos jogadores rapidamente se aproveitaram disso, assumindo a liderança em 38-6 até o final da primeira metade.

Dentro do vestiário, a atmosfera estava elétrica.

— Certo, escutem — o treinador disse. — Continuem pressionando. Nós os levamos bem onde precisamos que estejam. Agora não é a hora para gracinhas. — Ele olhou para mim e esfregou o queixo. — Vamos manter a mesma escalação e ver onde estamos no início do último quarto.

Apertei a mandíbula.

— Bebam alguma coisa, foquem a energia, e mantenham o olhar no relógio. Agora não é a hora de ficar complacente. Entendido?

— Sim, senhor — ecoou pelas paredes.

— Certo, todo mundo venha aqui. — Fiquei no fundo da reunião, sentindo-me menos como parte do time do que me senti desde chegar em Rixon High. — Raiders no três... um, dois, três.

— Raiders.

Todo mundo se afastou, pegando bebidas de última hora e conferindo ombreiras e chuteiras, e depois começaram a sair do vestiário.

— Você está bem? — Gav me perguntou.

— Sim — murmurei.

Mas a verdade era, não estava. Estava jogando futebol desde que me lembrava. Tiveram altos e baixos, momentos que nunca esqueceria por bons e maus motivos, mas nenhuma vez quis deixar um jogo... exceto agora.

Eu só queria que terminasse, e depois queria dar o fora daqui e afogar as mágoas em qualquer bebida que Lindsey tivesse na festa.

— Você está pronto para entrar, filho?

Olhei para o técnico e fiz uma careta. Deveria ficar grato que estava me dando tempo de jogo quando o time não podia perder?

Gav me cutucou com força e me levantei.

— Estou pronto. — As palavras não poderiam ter soado menos entusiasmadas se tentasse.

— Escuta, Kaiden. — Ele pressionou a mão no meu peito conforme tentei passar por ele. — Sei que isso é difícil, para todo mundo, mas não posso colocar meu *quarterback* principal no banco porque você é melhor no papel.

Meus olhos se arregalaram com a admissão.

— Então está admitindo que sou melhor?

— Kaiden, vamos... isso não é simples desse jeito, e você sabe.

— Parece bem simples para mim. — Sai pisando firme para a lateral do campo, esperando que ele avisasse da substituição.

Monroe correu até mim, sorrindo como o filho da puta presunçoso que era.

— São todos seus, QB. — Ele bateu no meu peito, mas empurrei sua mão. — Precisa se controlar, reserva. Odiaria que atrapalhasse suas chances antes mesmo de começar. — Ele passou por mim, rindo como se fosse tudo uma grande piada.

— Certo, vamos Raiders — o treinador gritou, parando atrás de mim. — Atenha-se ao livro de jogadas e faça o que tem que ser feito, filho.

— Já está feito — resmunguei, colocando o capacete e correndo para o campo.

Alguns dos jogadores me deram um olhar duro, mas a pior parte deles entrou na linha. Se nada mais, Aaron e Cole me ajudariam.

— Vamos jogar a Azul Vinte e Dois. Assim como treinamos.

— Conhecemos a jogada, babaca — alguém murmurou.

Minha cabeça se virou para alguns dos jogadores que poderiam ter sido, mas Aaron encontrou meu olhar e balançou a cabeça.

— Apenas faça a maldita jogada — ralhei, correndo para entrar em posição.

Os Raiders tinham a vitória garantida então não tinha pressão. Mas

sentia os olhos de todas as pessoas assistindo, esperando para que deslizesse, soltasse a bola, provasse por quê merecia estar no banco.

Ignorando o julgamento deles, eu me forcei a me concentrar. Respirando fundo, olhei pela linha de defesa, olhando meus jogadores e os deles. Conhecia essa jogada. Conhecia toda maldita jogada do caderno dos Raiders. Fiz minha prioridade aprendê-las. Fingiria passar para meu running back e depois jogaria a bola para o *wide receiver*.

Mas quando o apito soou e Aaron me mandou a bola, eu recuei para fingir a entrega para o running back, mas ele se afastou.

— Que porra é essa? — gritei, ciente do mar de jogadores do Marshall correndo na minha direção. Precisava me livrar da bola, e rápido. Procurei meu wide receiver aberto, mas ele também não estava lá.

Filho da puta.

Cole gritou para que passasse a bola ao mesmo tempo que um jogador colidiu comigo, me derrubando no chão com um grande *thud*. Fiquei deitado ali, sem fôlego, encarando o céu, raiva me devassando como uma tempestade incontrolável. Se reagisse, só os provaria certos.

Ficando de pé, voltei para a posição para o second down. Então eles não queriam jogar comigo no comando? Eu os ignoraria e faria minhas próprias jogadas.

Não precisava deles.

Não precisava de nenhum deles.

LILY

— ISSO É UMA MÁ IDEIA — falei pela terceira vez desde deixar o Dawson Stadium.

Peyton e Ashleigh iriam para a festa quer eu fosse ou não. Mas depois de assistir Kaiden arrancar o capacete e sair do campo pisando firme no final do jogo, soltei que também queria ir.

Então aqui estava, com minha camiseta dos Raiders sob um cardigan comprido, uma saia preta solta, e minhas botas de cano baixo favoritas. Parecia que estava a caminho de tomar chá com minha avó, não de uma festa, mas não era como se estivesse aqui para impressionar alguém.

Qualquer um menos Kaiden. Abafei a vozinha. Depois de me perguntar se iria na festa na aula outro dia, ele não perguntou outra vez, e não toquei no assunto. Eu não ia em festas. Não era meu estilo. Mas encontrar desculpas para estar perto de Kaiden não era muito fácil. Eu o via uma hora por dia durante a aula e pela escola, mas era isso.

— Relaxa — Ashleigh disse, enlaçando o braço pelo meu.

— E se ele...

— Perguntou se você viria, certo?

— Sim, mas pode não me querer aqui depois desta noite.

— Sabe que isso não teve nada a ver com você. — Ela me deu um olhar tranquilizador. — Os rapazes o congelaram.

Todos vimos. Kaiden chamou uma jogada e o time estragou tudo. Mais de uma vez.

Os Raiders ainda venceram, mas o quarto período foi um desastre.

— Qual o problema com a Peyton? — Ashleigh perguntou. — Ela parece... tensa.

— A mãe está saindo da reabilitação. Ela descobriu hoje.

— Isso significa que ela vai para casa?

— Ainda não sei o que isso significa. — Observei minha melhor amiga enquanto ela andava na nossa frente, conversando com algumas outras garotas veteranas que vieram para a festa conosco.

— Mas seu pai vai deixá-la ficar com vocês, né?

— Vai, mas não sei se é simples assim, Leigh. Ela ainda é menor de idade.

— Falando nisso... precisamos decidir o que queremos fazer nos nossos aniversários. — Ela balançou as sobrançelas.

— Quer dizer que uma excursão de família para Pizzaretti e depois pro Ice T não está na programação este ano? — Dei um pequeno sorriso. Comemorávamos nosso aniversário juntas desde sempre.

Tecnicamente, ela era três dias mais velha, mas sempre fazíamos alguma coisa com nossas famílias.

— Lil, temos dezoito anos. Precisamos fazer algo épico. Algo que nunca esqueceremos.

— Nada muito maluco, prometa.

— Prometo que não será nada que você não pode encarar, que tal?

— Tá bom. — Mostrei a língua para ela, fingindo coragem. Na verdade, me sentia enjoada. Kaiden estava bravo, chateado e frustrado. Quem sabia em qual estado o encontraria, isso se decidisse vir.

Mas bem nessa hora, um rugido grandioso soou à frente.

— Briga! — alguém gritou, e Ashleigh pegou minha mão, me arrastando na direção do quintal dos Filmer.

Dobramos a esquina bem na hora de ver Kaiden avançar para Jenson. Eles caíram no chão em um borrão de membros e socos.

— Ai meu Deus — suspirei. — Faça alguma coisa.

Aaron e Cole tentaram se meter, mas alguns dos amigos do Jenson os seguraram enquanto Kaiden e Jenson trocavam socos. Procurei no quintal por Bryan e Gav, mas não podia vê-los em lugar nenhum.

— Você é um maldito idiota — Kaiden cuspiu. — Aquela merda que você aprontou mais cedo, é baixo, cara. Mesmo para um filho da puta como você.

Eles se circundaram. Sangue escorria de um corte no lábio de Jenson e ele cuspiu um monte no chão.

— Quando mais rápido perceber que é meu time, melhor.

— Pode ser o seu time — Kaiden rosnou —, mas sou o melhor jogador e você sabe.

Jenson se jogou em Kaiden, e arfei, afundando no lado de Ashleigh ao observar os dois se atracando.

— Que porra é essa? — Bryan gritou, correndo para dentro do círculo humano grosseiro que se formou. Ninguém tentou impedi-lo, e não os culpava. Ele parecia assassino.

— Ah, olha, a cavalaria chegou. — Jenson sorriu, limpando o dorso da mão na boca.

— Vamos, Thatch. — Bryan o cutucou para trás. — Ele não vale a pena.

Kaiden semicerrou os olhos, o corpo tremendo visivelmente com raiva. Permeava o ar, fazendo-o grudento e denso.

— É, tá bom. — Kaiden empurrou Bryan e irrompeu pelo círculo, avançando na direção da casa.

Queria ir atrás dele, mas medo me prendia no lugar.

— Ei, você está bem? — Ashleigh apertou minha mão e retesei.

— Ahn?

— Perguntei se estava bem?

— Uhum. — Meu peito apertou e meus dedos foram automaticamente para a ponta da trança.

— Lil. — Ela franziu o cenho.

— Bem. — Sorri. — Estou bem.

— Pessoal. — Aaron acenou para nos aproximarmos. — Isso foi uma loucura.

— Parecia bem tosco para mim. — Peyton já estava com um copo na mão.

— Onde você achou isso? — Ashleigh perguntou.

— Não importa. — Ela virou de uma vez, estalando os lábios. — Uau, é forte.

— Talvez devêssemos ir embora — sugeri. Peyton parecia pronta para se meter em todo tipo de encrenca e isso não terminaria bem.

— Nós acabamos de chegar. Eu quero dançar. — Ela ergueu as mãos no ar, balançando os quadris. Aaron e Cole zombaram, e fixei um olhar irritado neles.

— O quê? — Aaron disse. — Ela parece...

— Só está lidando com umas coisas.

Peyton se moveu mais para a multidão. Olhei para a casa e Ashleigh sussurrou:

— Você poderia ir atrás dele.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Vem, vamos todos juntos. — Ela segurou minha mão. — Pessoal, vamos para a casa para pegar uma bebida para Lily.

— Leigh — protestei.

— Um pouco de coragem líquida nunca machucou ninguém.

— Peyton, você vem?

— Vão vocês — gritou, se juntando a outras garotas que estavam dançando em um pequeno círculo.

Nós a deixamos ali e fomos para a casa. Estava escura e a música pulsava no ar. Reverberava em mim, como um elástico em volta das minhas costelas, apertando meus pulmões, fazendo ser difícil respirar.

— Ei, Bryan — Aaron disse. — Onde está Thatcher?

— Ele está no porão. — Os olhos dele foram para os meus e pavor rastejou por mim. — Vem. Tem uma mesa de sinuca lá e videogames.

Cada um de nós pegou uma bebida e seguimos Bryan e Aaron. Não era um porão de verdade; era uma sala de jogos, montada para os irmãos mais novos da Lindsey, sem dúvida.

Era mais quieto aqui embaixo, uma música relaxada saindo de um alto-falante enquanto a festa acontecia no piso superior. Eu fiquei perto de Ashleigh conforme encontrávamos alguns lugares vazios perto da mesa de sinuca, e Aaron e Cole montavam as bolas.

— Jogam? — ele me perguntou e a Ashleigh.

— Claro, por que não? — ela respondeu por nós. Algo chamou a

atenção dela sobre meu ombro e a fez franzir o cenho. Olhei para trás, meu estômago afundando quando vi Kaiden sentado nas sombras com Lindsey jogada em seu colo como se fosse o lugar dela.

— Oh Deus. — Vergonha queimou por mim.

— Respire — Ashleigh disse. — Sabe como ela é e deixou óbvio que o quer.

— Sim, bom parece que ele também a quer. — Não podia evitar olhar de novo para eles. Ela estava com o braço em volta do ombro dele ao se aproximar e sussurrar alguma coisa.

— Preciso ir — falei rápido, mas Ashleigh pegou meu pulso com cuidado.

— Você não é essa garota, Lily. Não precisa se esconder. Fique. Mas eu queria.

Queria que o chão se abrisse e me engolisse, por sequer pensar que Kaiden estaria interessado em uma garota como eu.

— Não leve pelo lado pessoal — Bryan disse, vindo até nós. — Ele está em um lugar ruim.

— E Lindsey simplesmente caiu no colo dele? — As palavras saíram da minha boca antes que pudesse pará-las.

— Ela é o equivalente feminino de mim. — Ele sorriu. — Não sabemos quando parar.

Olhei de volta para eles, e dessa vez Kaiden me viu. Os olhos dele semicerraram e depois se arregalaram um pouco, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Mas aí Lindsey passou a mão na mandíbula dele e exigiu sua atenção mais uma vez.

Meu estômago ficou oco conforme arrependimento pegajoso se enrolava em mim. Não me considerava uma pessoa ciumenta, mas ao observar Lindsey com Kaiden fiquei roxa de inveja. Ela era tão linda, tão confiante. Era tudo o que eu não era. E não deveria importar. Mas naquele momento, importou. Porque queria que fosse eu consolando Kaiden.

Queria ser eu quem ele procurava por conforto.

— Lily, é sua vez — Aaron disse, me dando um olhar empático. Acho que minha paixãoite secreta não era muito secreta, afinal.

Com um suspiro pesado, deixei minha bebida em uma mesinha, peguei o taco e alinhei minha jogada, me prometendo não ficar obcecada com Kaiden e Lindsey. Se ele quisesse me deixar de lado com tanta facilidade então acho que não era o cara que pensei que fosse.

Foi difícil, mas consegui evitar olhar para eles enquanto nos revezávamos para encaçar as bolas. Bryan e Gav ficaram por perto, mas nenhum deles mencionou Kaiden e Lindsey outra vez.

Em algum ponto durante o segundo jogo, estava pendurada na mesa, tentando alinhar a jogada, quando alguém se moveu atrás de

mim. O mais leve dos toques roçou nas minhas costas onde minha camiseta tinha subido um pouco, fazendo minhas costas formigarem. Meu coração acelerou no peito enquanto segurava a respiração, esperando que acontecesse outra vez, mas não aconteceu. Então joguei, concedendo quando a bola acertou o canto da caçapa e ricocheteou para o meio da mesa.

Convencida que devia ter imaginado, eu me levantei só para sentir calor nas costas.

— Quase conseguiu — Kaiden sussurrou sobre meu ombro, o hálito quente se espalhando pelo meu pescoço. Um tremor passou por mim, me derretendo em uma poça de desejo.

Com o coração em um ritmo selvagem, eu me virei, mas ele já havia desaparecido, se movendo pelos amigos para voltar a se sentar no sofá no final da sala. Um olhar rápido ao redor e notei que ninguém vira o que acabou de acontecer entre nós.

A sala começara a esvaziar, todo mundo dando preferência para a festa acima se o barulho significava alguma coisa.

— Você está bem? — Ashleigh disse. — Parece um pouco corada.

— Estou bem. — Engoli, pegando minha bebida e engolindo minha ansiedade. Passando uma mão pela trança, puxei de leve, me deleitando na pontada leve.

Desde a terapia, tinha um controle melhor sobre meus sintomas de trico. Quase nunca me pegava puxando o cabelo incontrolavelmente. Ao invés disso, usava mais como uma técnica de tranquilização para quando minhas emoções ficavam assoberbantes demais para processá-las. Tipo agora, só a pequena pontada no couro do cabelo foi o suficiente para abater um pouco da energia inquieta dentro de mim. Não removia por completo, mas me acalmava o suficiente para focar nas outras técnicas que aprendera para ajudar a controlar minha condição.

— Vou subir — Bryan anunciou. — Hora de presentear as garotas com tudo isso. — Ele apontou o dedo para si.

— É, me avise o resultado. — Aaron zombou.

— Vai vir?

— Sim. Por que não?

— Ei, Thatcher. Vai vir? — Ele olhou direto pelo amigo, e Bryan soltou um assobio baixo. — Acho que isso é um não.

Eles começaram a subir as escadas, mas fiquei para trás. Ashleigh notou, os olhos indo de mim para Kaiden.

— Preciso avisá-la dos riscos do sexo?

— Ah, meu Deus, Leigh... não vamos... — Eu nem podia dizer as palavras. Porque eram muito ridículas. Tão fantasiosas... Tão proibidas.

— Só quero garantir que ele está bem.

— Está com seu celular? — Com a garganta seca, concordei. — Você tem uma hora. Depois venho te procurar.

— Tudo bem.

— Apenas lembre-se, rapazes como Kaiden...

— Sim. Eu sei. — Eu franzi a testa. Não gostava de pensar em Kaiden com mais ninguém. Ainda mais não com garotas como Lindsey.

Eles desapareceram pelas escadas, me deixando sozinha com Kaiden. Os olhos dele seguiam todos os meus passos enquanto ia até ele.

— Deveria ter ido com eles — falou em uma voz baixa e rouca que fez minha barriga contrair.

— Queria garantir que você estava bem. Está machucado. — Pirei a mão sobre o hematoma em volta do seu olho, tomando cuidado para não tocá-lo. Mas Kaiden me surpreendeu ao se virar para o meu toque e pressionar a mão sobre a minha de forma que minha mão estava espalmada em seu rosto. Os ombros dele relaxaram conforme a tensão parecia derreter.

— Kaiden, eu...

— Ssh — falou, passando as mãos pelos meus quadris e me puxando em cima dele. Meus joelhos bateram na beirada do sofá e minhas mãos foram para seus ombros largos conforme montava em suas pernas, forçando minha saia a subir nas coxas.

— Isso está bom? — perguntou rouco, roçando os lábios na minha clavícula.

Meu corpo inteiro se iluminou enquanto abafava um gemido.

— Lily? — ele disse. — Preciso que me diga se isso não tem problema.

— S-sim.

— Graças a Deus — suspirou as palavras com tanto alívio que as senti na minha alma. Kaiden roçou os lábios pela curva do meu pescoço e mandíbula até chegar no canto da minha boca. — Passei a semana inteira querendo fazer isso — falou.

— E a Lindsey? — sussurrei, odiando mencioná-la enquanto ele me beijava.

— O que tem ela? — Ele estava tão perto que estávamos olhando bem no olho. Podia ver os flocos de prata em seus olhos, sentir o cheiro amargo do álcool no seu hálito.

— Vocês pareciam bem próximos mais cedo. — As palavras fizeram meu estômago embrulhar.

— Ela não é ninguém. Falei para ela que não estava interessado... porque não estou.

— Não acredito nisso por um segundo. Lindsey é bonita, ela é pop...

— Pare. — Ele me beijou. Bom, meio que me beijou já que nossas bocas não estavam alinhadas. Virei um pouco a cabeça, para que não tivesse escolha a não ser roçar os lábios nos meus. Kaiden passou uma das mãos pela minha coluna para segurar com cuidado minha nuca. Era um movimento tão possessivo que meu coração subiu para a garganta.

Nunca fui tocada desse jeito antes.

— As coisas que quero fazer com você, Lily. — Ele soltou um suspiro pesado. — O treinador me daria uma surra se soubesse o quanto quero profanar sua preciosa filha.

O sangue nas minhas veias queimou, minha pele vibrando com suas palavras roucas.

— Kaiden, eu... — Um tremor passou por mim conforme ele colocava o braço na minha cintura e me puxava mais perto.

— Eu quero muito te beijar agora. — Seus olhos acinzentados brilhavam com desejo, fazendo o nó no meu estômago apertar mais.

— Sim. — A palavra saiu dos meus lábios em um suspiro sem fôlego.

— Graças a Deus. — Kaiden apertou a boca contra a minha, me dando grandes beijos de boca aberta. A língua dele apareceu, passando pela junção dos meus lábios, e os abri para ele, o deixando roçar a língua na minha.

Eu o beijei antes, mas não assim. Tudo era muito *mais*. O jeito que seus dedos flexionaram no meu quadril, com força o suficiente para deixar marcas. Como a outra mão estava espalmada na minha nuca, me ancorando a ele. A forma da sua ereção pressionada contra mim, dura e pronta.

— Você tem gosto de cereja — suspirou contra meus lábios, e calor subiu nas minhas bochechas.

Minhas mãos se enroscaram na sua camiseta como se soubessem exatamente o que fazer. Ele riu com minha impaciência, me deixando controlar o beijo. Deixando-me dar beijinhos na sua boca e mandíbula.

— Você tem gosto de encrenca — respondi com um sorriso melindroso.

Kaiden se afastou para olhar para mim, os olhos dilatados com desejo.

— Isso poderia acabar de vários jeitos ruins, Lily.

— Eu sei. — A verdade estava pesada sobre meus ombros.

— Seu pai e meu pai... — Ele respirou fundo e assenti.

— Eu sei.

— Não posso colocar minha chance de jogar para o time em risco.

— Eu sei.

— Então o que estamos fazendo? — Ele tocou a cabeça na minha e inalou uma respiração trêmula.

— Não sei — suspirei. — Mas não sei se posso parar.

KAIDEN

PODIA me perder em seus olhos. Duas piscinas de azul gelo que deveriam ter me congelado até o cerne, mas ao invés disso esquentaram meu âmago como fogo. Capturei sua boca em outro beijo, roçando minha língua contra a dela. Lily não tinha experiência, isso era óbvio, mas só a fazia ser ainda mais doce. Meu peito se inflou ao saber que ela estava confiando em mim com isso. Com ela.

Mas era uma receita para o desastre.

Não estava mentindo quando disse a ela que não poderia colocar em risco minha chance de jogar futebol. Não podia. Mas também não parecia conseguir ficar longe da filha do técnico.

Meu corpo a desejava, meu pau também. Forçava contra o jeans, desesperado para senti-la. Mas precisávamos ir com calma. Mesmo que tudo dentro de mim estivesse gritando para ir mais rápido.

Lily soltou um gemido suave, um tremor passando por ela conforme se esfregava em mim. Abafei um gemido. Tê-la sentada em cima de mim era algum tipo de doce tortura, equilibrado entre o céu e o inferno.

— Gosto de beijar você — falou, se afastando e colocando uma mexa de cabelo atrás da orelha.

— Também gosto de beijar você. — Sorri, fazendo-a corar mais.

Caramba, ela era responsiva.

Deslizando a mão pelo pescoço dela até o quadril, a movi em um círculo sobre meu pau. Seus lábios se abriram enquanto tentava engolir um gemido.

Ela não era a única.

— Isso é gostoso? — falei rouco.

Ela assentiu então repeti o gesto.

— Ah, Deus — Lily arfou. — Posso te sentir.

— Quer que eu faça outra vez?

Isso precisava ser no ritmo dela, apesar do quanto estava me matando.

Eu a queria.

Eu a quis naquele dia na garagem de barcos. Queria ela toda vez que a via na escola, e a queria agora. Pra caralho. Mas, por Deus, ela era virgem.

E era a filha do técnico.

Caralho.

O que diabos eu estava fazendo?

— Kaiden. — O meu nome em seus lábios foi meu fim e me aproximei, roçando a boca na dela.

— Abra para mim, Lily.

Ela o fez, me deixando deslizar a língua contra a dela outra vez, lambendo e explorando sua boca. O sabor dela era tão bom, nunca queria parar para respirar. Meus dedos afundaram de leve na curva do seu quadril conforme pressionava nela, tentando criar o máximo de fricção possível.

Qualquer coisa para senti-la.

Outro gemido suave escapou, e Lily rodou o quadril sobre mim, procurando a mesma fricção que eu precisava.

— É gostoso — sussurrou com um sorriso incerto.

— Sim. — Engoli em seco. — Não precisamos fazer nada que você não queira.

— Eu gosto... é... — Ela repetiu o gesto e a observei. Os olhos arregalados, brilhando com desejo, lábios entreabertos, e pele corada. Ela era bonita para caralho. Lily tirava meu fôlego toda vez que olhava para ela.

— Me beija. — Sua voz estava marcada pelo desejo, fazendo meu corpo arder por ela.

Eu me inclinei, colocando a boca sobre a dela de novo. Os dedos de Lily se viraram na minha camiseta, nos puxando mais perto, até estar colada em mim. Ela girou os quadris mais rápido, correndo atrás do clímax que eu sabia que estava crescendo nela. A vontade de tocá-la, de senti-la, era forte para caralho, quase me sentei nas mãos só para me impedir de passar dos limites.

— Ah, Deus, Kaiden — gemeu, roçando para frente e para trás sobre mim. Era quase doloroso estar tão perto dela... e ainda assim, tão longe. Mas isso não era sobre mim. Era sobre Lily.

Sobre tomar o que *ela* precisava.

Afundou o rosto no ângulo do meu pescoço, me cavalcando por completo. Minhas mãos deslizaram sob a saia e para sua bunda, apertando enquanto a ajudava a se mover sobre mim. Ela era tão gostosa, gostosa demais, apesar das camadas de roupas nos separando. Podia imaginar como seria a sensação dela me envolvendo.

— Kaiden... eu... — Ela gemeu enquanto o corpo tremia sobre mim. Os lábios ficaram no meu pescoço, passando tremores por mim.

Meu pau ainda estava duro como pedra sob o jeans, desesperado por mais. Mas ela não estava pronta, e era um limite que não estava certo se deveríamos passar.

Pelo menos, era o que eu continuava a me dizer.

— Você está bem? — perguntei, rouco, e Lily se afastou de mim para encontrar meu olhar.

— Isso foi... eu...

— Respire. — Sorri. — Foi gostoso? — Ela pressionou os lábios e assentiu. — Imagine como vai ser quando for real.

Carvalho.

Por que disse isso?

Os olhos dela se arregalaram com surpresa, depois um sorriso lento repuxou seus lábios. Também estava pensando nisso, imaginando que eu estava deslizando no seu calor quente e úmido.

Eu estava tão ferrado.

Corada e sem fôlego, Lily levou uma mão para minha mandíbula e roçou os dedos na minha pele.

— Quando poderemos fazer isso?

Foi minha vez de ficar surpreso.

— Eu... porra, Lily. Você não pode dizer essas coisas para mim.

— Por que não?

— Porque você faz alguma ideia do quanto te quero agora?

Um sorriso dançou em seus lábios.

— Mas não vou apressá-la em algo para o qual não está pronta.

Sua testa franziu.

— Quem disse que não estou?

— Apenas confie em mim, tudo bem? — Eu a beijei. — Temos tempo.

— Mas podemos fazer isso de novo? Em breve?

Risada ressoou no meu peito.

— Vem cá. — Eu a puxei contra meu peito, nossos narizes quase se tocando. Silêncio nos envolveu, suas respirações entrecortadas combinando com o ritmo do meu coração no peito.

— Gosto de você, Lily Ford. Gosto muito de você.

— Por que sinto que tem um grande “mas” vindo? — ela arqueou uma sobrancelha.

— Seu pai vai arrancar minhas bolas se ele descobrir que estive perto de você.

Os olhos dela brilharam com malícia.

— Então vamos ter que garantir que ele nunca descubra.

— Você quer isso? Se esgueirar escondida dele?

— Tenho quase dezoito anos. — Ela ergueu o queixo em desafio.

— Tenho idade o bastante para tomar minhas próprias decisões, Kaiden. Você não sabe como é, estar sempre nas sombras. Observando, mas nunca vivendo. Passei os últimos quatro anos sendo enrolada em algodão... — Ela deixou sem terminar e fiquei com a impressão que falou demais.

— Nada de coisa pesada — acrescentou com um pequeno balanço de cabeça. — Não esta noite.

— Tá bom. Nada de coisa pesada.

— Mas mais beijos caíam bem. — O rosto dela se iluminou e ri com sua confiança recém encontrada.

Segurando sua bochecha, passei o polegar pelo rosto dela e sorri.

— Acho que isso pode ser resolvido.

Acho que nunca sentei e dei uns amassos em uma garota pelo tempo que me sentei no porão da Lindsey com a Lily. Não paramos para respirar até Ashleigh aparecer no topo das escadas e nos informar que se não quiséssemos que todo mundo suspeitasse, era melhor nos juntarmos ao resto da festa.

Eu não queria deixar Lily ir. A sensação dela nos meus braços era boa demais. Mas ao chegarmos no último degrau, ela soltou minha mão e me deu um pequeno sorriso.

— Vem, vamos pegar uma bebida e encontrar os outros. — Ashleigh enlaçou o braço pelo da Lily e as duas se misturaram na multidão.

Peguei uma cerveja e saí para encontrar os rapazes, nada surpreso de encontrar Bryan tentando ganhar o afeto de Peyton. Mas conforme me aproximei mais, percebi que ele não estava flertando com ela tanto quanto segurando-a ereta.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Está chapada, cara.

— Bem — ela murmurou, a cabeça mole. — Estou bem. — Ela tentou escapar dos braços de Bryan, mas ele a puxou de volta para seu corpo.

— Babe, você não está bem. Ela precisa ir para casa. Você viu Lily e Ashleigh? — A boca dele se curvou em um sorriso conhecedor e revirei os olhos.

— Não saia espalhando nada — avisei. — Nenhum de vocês.

— Relaxe, cara — Gav disse. — Sabemos o que está em jogo. — Ele me deu um olhar peculiar, um que parecia muito com um aviso.

Neste momento, as garotas apareceram. Lily desviou o olhar rapidamente, mas peguei o leve rubor em suas bochechas.

— Ah, meu Deus, Peyton. — Ela correu para a melhor amiga. — O que aconteceu?

— Minha suposição é que exagerou naqueles shots horrorosos que Lindsey está distribuindo que nem bala.

— Preciso levá-la para casa.

— Gav pode levá-las — falei. — Vamos garantir que ela chegue bem em casa.

— Obrigada. — Lily finalmente encontrou meu olhar.

— Vou encontrar Aaron e Cole e voltar com eles — Ashleigh disse. — Vejo vocês amanhã?

— Sim, sem problema.

— Lily — Peyton murmurou. — Lil?

— Estou bem aqui, vamos te levar para casa.

Conseguimos colocar Peyton no carro de Gav sem tirar pedaço. Lily entrou primeiro e Bryan deslizou a amiga bêbada ao lado dela. Fui para o outro lado e entrei perto da Lily.

— Oi — ela disse, sem fôlego.

— Oi.

Bryan sentou-se no banco do passageiro enquanto Lily envolvia Peyton com o braço. Minha mão encontrou a de Lily, enlaçando nossos dedos. Ela olhou para baixo, depois para o meu rosto, mil e uma perguntas nadando em seus olhos.

— Vai precisar me dizer pra onde ir.

— Claro. — Lily o direcionou até a casa dela.

— Ela está bem? — perguntei.

— Está passando por umas coisas.

— E mora com você, certo? — Ouvi Peyton falar para o Bryan no fliperama semana passada.

— Sim, ela está ficando com a gente por um tempo.

— Legal.

Era algo tolo de se dizer quando estava claro que algo estava acontecendo com Peyton.

Lily apertou de leve minha mão, e juro que foi como se um raio tivesse atingido meu peito.

Qual era a dessa garota?

Gav parou na frente da casa do Ford e Bryan saiu, abrindo a porta de trás.

— Ei, eu te ajudo. — Ele ergueu Peyton do banco e a carregou na direção da casa.

Lily olhou para mim e falei:

— Vai ficar bem?

— Sim, ainda que meu pai fique puto.

— Te vejo na escola na segunda?

Ela assentiu antes de se inclinar e beijar minha bochecha.

— Boa noite, Kaiden.

— Boa noite, Lily.

Ela correu atrás de Bryan e Peyton. No segundo que estava fora do alcance de audição, Gav se virou para mim e disse:

— Você está tão ferrado.

Eu afundei no banco e soltei uma respiração frustrada.

— Sim.

Estava mesmo.

Sábado de manhã, acordei com vozes elevadas. Algo caiu, o som de

vidro quebrando me tirando do torpor sonolento. Eu me sentei, passando a mão pelo rosto.

— Saia do meu maldito caminho, mulher.

A ferocidade no tom do meu pai me fez reter, mas não era nada comparado com o bater da porta ao ecoar pela casa.

Soltando um suspiro pesado, passei as pernas pela beirada da cama e me levantei, pegando uma camiseta do encosto da cadeira e colocando.

A última coisa que queria era lidar com mais um dos humores do meu pai, mas não tinha escolha ao descer as escadas.

— Mãe?

— Aqui, bebê. — Ela fungou, e a peguei secando os olhos quando entrei na cozinha.

— O que aconteceu?

— Ah, só o seu pai sendo o teimoso de sempre. Não se preocupe com isso. Vou fazer café para você. Panquecas?

— Você não precisa fazer isso, mãe. — Eu me acomodei no balcão.

— Não seja ridículo. É a manhã depois do jogo. Claro que vou fazer café para meu garoto. — Ela começou a pegar os ingredientes. — Como foi? Ouvi que vocês ganharam.

— Você ouviu?

Eles não foram. Não tinha nenhum jeito que meu pai pisaria no Dawson Stadium a não ser que fosse para me ver jogar *contra* os Raiders. E não era justo colocar minha mãe no meio.

— Claro que ouvi. Estou tão orgulhosa de você, Kaiden. De como você lidou com tudo.

— O time me congelou.

— Me desculpe, bebê. São apenas leais ao capitão, mas vão mudar.

— Sim, mas ainda é uma merda. — Eu me inclinei e peguei a jarra de suco e me servi um copo.

— Você não é seu pai, Kaiden. Graças a Deus — murmurou, mas sua expressão entristeceu rapidamente. — Não quis dizer isso. Eu só...

— Não tem problema, mãe. Eu sei.

— Você foi na festa depois? Não ouvi você chegar. — Ela olhou para mim enquanto misturava a massa da panqueca.

— Sim.

— E isso aconteceu no jogo ou na festa?

Merda. Tinha esquecido do hematoma na minha bochecha.

— No jogo.

— Você é um péssimo mentiroso, Kaiden. — Ela deu um sorriso irônico. — Não gosto da ideia de você brigando, bebê.

— Muda alguma coisa se disser que o cara mereceu?

— Boa tentativa, mas não. — Ela riu. — Não quero que sua raiva e frustração com a situação arruinem seu último ano. Você precisa

encontrar um jeito de controlá-las, bebê. Transformá-las em algo positivo.

O rosto de Lily piscou na minha cabeça. Como foi gostoso enquanto ela se esfregava em mim, como parecia serena ao se despedaçar. Nem sequer nos tocamos, não de verdade, mas só fez tudo dez vezes mais intenso. Eu cheguei em casa, subi na cama e me masturbei com a imagem dela corada e sem fôlego sobre mim. Gozei com tanta força que precisei colocar o punho na boca para evitar gritar seu nome.

Gav estava certo. Estava totalmente ferrado.

— Kaiden?

— Sim? — Pisquei para ela.

— Você parecia estar longe.

— Apenas cansado.

— Vamos colocar um pouco de comida em você, aumentar sua energia.

— Claro, mãe.

Era assim que ela consertava as coisas, como encobria as explosões do meu pai. Ela acrescentou a massa na frigideira, focada na tarefa. Mas eu via as rachaduras. As linhas de preocupação nos seus olhos, a carranca permanente marcando sua testa.

— Você podia deixá-lo, mãe — falei. — Vou para faculdade ano que vem. Não precisa ficar com ele.

Sua expressão desmoronou.

— Ah, não tenho certeza disso, Kaiden. Sei que seu pai pode ser um homem difícil, mas é meu marido. Fizemos votos. Para melhor ou pior.

— A vida é curta demais, mãe. — E ela merecia mais, muito mais do que um bêbado que era amargo com o mundo.

— Sei que as coisas vão melhorar. Ele só está passando por um período difícil — afirmou. E eu me perguntava quem ela estava tentando convencer.

Eu.

Ou ela mesma.

LILY

— POSSO ENTRAR? — Olhei pela porta de Peyton. Ela estava usando o moletom largo dos Raiders, esparramada no meio da cama e olhando para o teto.

— Não sou boa companhia no momento.

— Você acha que isso importa para mim. — Entrando em seu quarto, fechei a porta e subi na cama, me encaixando ao seu lado. — Estou preocupada com você.

— Não preciso que fique, estou bem.

— Isso pode funcionar com meus pais, mas não vai colar comigo.

— Olhei-a de soslaio. — Eu te conheço, Peyton Myers.

Ela soltou o ar, longo e trêmulo, como se estivesse se expurgando da dor.

— Bem quando estava finalmente me sentindo acomodada... não quero voltar para ela... para aquilo.

— Talvez você não precise. Meu pai disse...

— Eu sei o que seu pai disse, Lil. E o amo por isso, mesmo. Mas ela é minha mãe. Não tem mais ninguém.

— Bom, ela está limpa, certo? Isso é algo bom. Talvez dessa vez...

— Não faça isso. Não diga que talvez desta vez seja a última vez... sabe quantas vezes pensei isso? Quantas vezes a vi ficar sóbria só para voltar para os antigos hábitos? — Ela virou para o lado e fez o mesmo. — Às vezes, acho que seria melhor se ela conseguisse, tivesse uma overdose e nunca acordasse. Talvez então ao menos não viveria com esse vazio constante no estômago me perguntando se hoje vai ser o dia, sabe?

Não sabia.

Meus pais me amavam. Claro, eles me sufocavam as vezes, mas sempre estavam presentes por mim e minha irmã. Jason e Felicity Ford eram os pais mais sólidos.

— Sinto muito — sussurrei, esticando o dedinho.

— É, eu também. — Enganchou com o dela. — Eu te amo, babe.

— Eu também te amo, Peyton. E sei que não parece, mas é o último ano, *baby*. Vai dar tudo certo.

— Quem é você e o que você fez com minha melhor amiga conservadora, tímida, mas ainda assim maravilhosa?

Meu lábio se curvou enquanto tentava conter um sorriso.

— Lily... O. Quê. Aconteceu?

— Jura que não vai contar para ninguém?

— Promessa de dedinho. — Ela balançou nossas mãos. — É sobre o Kaiden, né? Ah, me diga que é sobre o Kaiden.

— Nós demos uns amassos... na festa.

— Você o quê? Lil, isso é demais. Bom pra você, garota.

— Isso não é tudo... — Calor inundou minhas bochechas. — Nós, hm... eu... teve um pouco de esfregação sobre as roupas.

— Lily Ford, sua safada. — Ela sorriu, e afundei o rosto nas mãos. — Não, babe. Isso é uma coisa boa. É uma coisa ótima para caralho. E Kaiden é tão sexy e taciturno... aposto que é...

— Chega. — Estiquei a mão, cobrindo sua boca. — Você não pode contar para ninguém. Estou falando sério, Peyton. Se meu pai ficar sabendo... — Um tremor passou por mim. Não queria pensar no que aconteceria se ele ficasse sabendo.

— Relaxa, seu segredo está seguro comigo. Então... quando vai vé-lo de novo?

— Não sei... não trocamos contato.

Por que não trocamos contato?

— Espera. — Peyton se inclinou para pegar o telefone da mesa de cabeceira e começou a mandar mensagem para alguém.

— O que você está fazendo?

— Pedindo o telefone do Kaiden pro Bryan.

— Peyton, não! Não quero que pense...

— O quê? Que você está interessada? Sim, sim, queremos. Agora, shiu. — Ela ergueu os braços fora do meu alcance. Souu quase na hora. — Consegui. Cadê o seu telefone?

— Não sei. Meu pai...

— Ele não precisa saber. Você gosta dele, certo? E ele gosta de você. A vida é curta demais para tomar decisões baseadas no que os outros vão sentir, Lily. Não quer se aventurar um pouco?

Arrastei o lábio inferior entre os dentes, dividida entre querer me arriscar e não querer sair da minha zona de conforto. A festa era uma coisa, ser levada pelo momento. Mas isso era diferente.

— Certo, me dê seu telefone.

— O quê? *Não!*

— Tudo bem, então você manda mensagem para ele. — Ela me deu um olhar afiado.

Pegando o telefone do meu bolso de trás, comecei uma nova mensagem.

— Oi? — Peyton murmurou. — Lily, babe, você está me matando. Pode pensar em algo melhor do que isso.

Acrescentei algumas palavras.

Oi, é a Lily. Peguei seu número com o Bryan. Espero que não tenha problema.

— Poderia melhorar, mas serve. — Peyton sorriu. — Vai, manda. — Ela tagarelou o número dele e acrescentei a mensagem, apertando enviar antes que pudesse voltar atrás.

— Ah, Deus — falei. — Acho que vou vomitar.

Peyton pulou em cima de mim, me abraçando com força.

— Estou tão orgulhosa de você, Lilster.

— Não acha que é um pouco arriscado?

— Muito. Mas tem algo tão atraente em relacionamentos proibidos.

— Disse a garota que não deixa ninguém se aproximar. — Dei um olhar compreensivo a ela.

— Não preciso do drama. — Ela deu de ombros e desviou o olhar. Era mais do que isso. Bem no fundo, Peyton estava com medo de ser abandonada outra vez.

— Não importa o que aconteça, Pey. Espero que você saiba que sempre estarei aqui por você.

— Eu sei. — Ela sorriu, apesar de não chegar nos seus olhos.

— Eu...

O telefone acendeu, fazendo meu coração acelerar.

— É ele? — Peyton tentou bisbilhotar sobre minha mão, mas afastei o celular.

Kaiden: Isso é uma surpresa. Estava pensando em você.

Lutei contra um sorriso, sentindo um friozinho na barriga.

Lily: Não estava.

Enviei.

— E aí? — Peyton incitou.

— Disse que estava pensando em mim.

— Sagaz. Deveria chamar ele pra sair.

— Não vou chamar ele pra sair. Como faríamos isso? Meu pai é...

— Como qualquer outro pai. O que eles não sabem, não os machuca.

Meu telefone soou de novo, e Peyton soltou um gritinho de animação.

Kaiden: Estava sim. Estava pensando sobre a noite passada. Te beijar... observar você se despedaçar daquele jeito. Quando posso te ver outra vez?

Minhas bochechas arderam e Peyton usou meu choque para pegar o

telefone das minhas mãos.

— Santa Mãe de Deus, esse garoto é bom de lábia. — Ela se abanou antes de responder a mensagem.

— Peyton! — Tentei pegar o telefone de volta, mas ela o deixou fora de alcance.

— Pronto, tudo certo.

— O que você respondeu? — Peguei da mão dela e li. — “Hoje, mas precisamos ser discretos, e vou precisar de um álibi”. Peyton, eu não posso...

— Pode. — Suas sobrancelhas se juntaram. — Podemos dar um jeito.

Ugh. Não queria mentir para meus pais..., mas também queria ver Kaiden de novo. O friozinho na minha barriga aumentou só de pensar.

A resposta veio quase na mesma hora.

Kaiden: Só dizer a hora e o lugar e estarei lá.

Ah, meu Deus. Isso estava acontecendo. Eu iria em um encontro com Kaiden Thatcher.

Estava muito encrencada.

— Oi. — Entrei no carro dele.

— Oi. — Kaiden sorriu. — Você está bem?

— Nunca saí escondida antes.

Não tinha saído escondida. Peyton e eu dissemos para meus pais que estávamos indo no centro com Ashleigh para ver um filme. A culpa ainda estava pesada no meu peito, mas assenti para ele.

— Estou bem.

— Se não quiser...

— Não, eu quero. — Foi minha vez de sorrir. — Espero que não se importe que Peyton pediu seu telefone para Bryan.

— Me importar? Lily, passei a manhã inteira tentando descobrir um jeito de vê-la outra vez.

— Passou? — Uma sensação calorosa se espalhou por mim com sua honestidade.

— Sim. — Ele olhou para mim com olhos sedutores. — Passei.

— Então, o que vamos fazer? — perguntei para quebrar a tensão no carro.

— Bom, eu... hm, pensei que pudéssemos atravessar o rio. Mas vai usar uma boa parte do nosso tempo juntos, então se souber de algum lugar mais perto que possamos passar o tempo, trouxe suprimentos.

Kaiden moveu os olhos na direção do banco de trás, e com certeza

tinha um saco de salgadinhos e um fardinho de refrigerante.

— Desculpa, não é algo...

— É perfeito. — Sorri outra vez. — Conheço o lugar perfeito.

Guiiei Kaiden para o lago. Era um lugar popular de se passar o tempo, mas desde que o clima começou a ficar mais frio, era um lugar tranquilo de se visitar.

— Se virar aqui — aponte para uma trilha de terra saindo da estrada principal —, teremos um pouco de privacidade.

O carro dele chacoalhou e solavancou sob nós, mas enfim parou em uma pequena clareira na frente do lago sul brilhante.

— Legal — falou, desligando o motor.

— É, meu pai costumava trazer minha mãe aqui quando eram... eeee vou parar de falar. — Corei, abaixando o olhar.

Kaiden se inclinou e passou os dedos sob meu queixo, inclinando meu rosto para o dele.

— Não tem problema. Sei o que está em jogo aqui.

Assenti, assoberbada demais para responder.

— Quer sentar perto da água? — ele perguntou.

— Pode ser.

Sáímos e Kaiden pegou os suprimentos e um cobertor que encontrou no porta-malas.

— Você guarda isso pra todos os piqueniques improvisados que vai? — Meus lábios se curvaram.

— Sei como parece, mas juro, não é...

— Kaiden, estou brincando.

Os olhos dele enrugaram enquanto esticava o cobertor e nós dois nos sentávamos.

— Está aquecida o bastante? — ele perguntou.

— Estou bem. — Só que meu coração estava batendo com tanta força que pensei que pudesse explodir para fora do meu peito. — Está dolorido? — Acenei para o hematoma no rosto dele.

— Não, já tive piores.

— Se vale alguma coisa, Jenson é um jumento. — Risada ressoou do peito de Kaiden e franzi o cenho. — O quê?

— Você acabou de chamar o capitão dos amados Rixon Raiders de jumento? — Diversão dançava em seus olhos.

— Sim, e? Ele é.

— Lily Ford, não é tão tímida, afinal.

— Acha que sou tímida? — As palavras reviraram minhas entranhas.

Kaiden se aproximou, a mão pressionada no cobertor ao lado da minha. Ele se inclinou até que pude sentir seu hálito no meu rosto, desencadeando um redemoinho de sensação.

Minha respiração falhou, e ele sorriu.

— A mais bonita que já vi.

— Kaiden, eu...

— Vou te beijar agora. — A outra mão dele deslizou para o lado do meu pescoço, o polegar roçando minha mandíbula ao colocar a boca sobre a minha. Eu me aproximei, segurando seu moletom, o beijando de volta com tudo o que tinha. Nossas línguas se enroscaram de um jeito que fazia meus dedos se curvarem e minha barriga contrair.

Beijar Kaiden era como voltar para casa. Não podia explicar, mas ele me fazia sentir tão adorada, tão linda, e especial.

Não podia me lembrar de uma fase da minha vida que senti isso antes.

— Porra, adoro seu gosto. — Ele se afastou um pouco, sorrindo contra meus lábios. — Oi.

— Oi. — Rocei o nariz na sua bochecha, roubando outro beijo.

— Estou feliz que me mandou mensagem, Lily.

— Eu também. Apesar que tem Peyton para agradecer.

— Como ela está? — O feitiço entre nós se quebrou conforme nos afastávamos devagar.

— Ela está bem. Obrigada por perguntar. — Tirei os fios de cabelo soltos do rosto e passei a mão pela trança.

Kaiden percebeu, franzindo o cenho.

— Você sempre faz isso.

— Eu... — As palavras ficaram presas.

— Não tem problema, não precisa explicar para mim.

— Eu quero — falei. — Mas não é algo sobre o qual costumo falar.

As pessoas não compreendiam. Quero dizer, minha família compreendia, precisavam compreender. Eram minha família. Mas aprendi que quando as crianças não entendiam alguma coisa, tratavam com escárnio.

— Ei, sem pressão. — Ele ergueu as mãos. — Posso interessá-la em alguns aperitivos? Tenho batatas, pipoca, doce.

— Uau, você pensou em tudo, hm? — Eu ri.

— Bom, não sabia do que você gostava, então peguei tudo.

— Isso é muito doce, Kaiden.

Os olhos dele se arregalaram, o rubor mais adorável se espalhando pelas bochechas.

— Acho que nunca me chamaram de doce antes.

— Primeira vez para tudo.

Kaiden abriu um saco de batatas e me passou uma lata de refrigerante. Eu a abri e estiquei as pernas para frente. Peyton insistiu para que eu usasse uma saia e pelo jeito que Kaiden estava olhando minhas pernas, sabia que tinha sido a escolha certa.

Ele olhava para mim como se fosse a garota mais bonita que viu na vida.

Era uma sensação que não tinha certeza se algum dia me acostumaria com ela.

— O que você está achando de Rixon High até agora? — perguntei para ele.

— É diferente... e com certeza não como teria escolhido passar meu último ano. Mas não é de todo ruim. — Os olhos dele encontraram os meus, cheios de desejo.

— Você disse antes que quer ir para Alabama para faculdade?

— É, espero conseguir uma bolsa de esportes, mas é supercompetitiva e eu, hm — o olhar dele foi para o chão —, tive um contratempo na última temporada.

— Um contratempo?

— Uma briga. — Ele fixou o olhar em mim outra vez. — Estou surpreso que você não ficou sabendo.

— Ouvi os rumores. Mas prefiro não dar atenção a eles. — Então Kaiden tinha pavio curto. Não era a pior coisa no mundo. Além do mais, eu o vi manter a calma mais de uma vez em uma situação acalorada.

— Alabama é bem longe de Rixon.

— Sim, quanto mais longe melhor — resmungou.

— Por causa do seu pai? — As palavras simplesmente saíram e coloquei a mão na boca. — Desculpa.

— Relaxa, não tem problema. Meu pai é... bom, ele é um babaca. Há muito tempo sei que quero sair de Rixon.

— E a sua mãe?

— Amo minha mãe. É minha mãe, sabe? Mas as vezes queria que ela criasse colhões e deixasse o idiota.

— Sinto muito.

— Não sinta. É o que é. Continuando, e você, Lily Ford. — Meu nome saiu da sua língua com um sorriso malicioso. — O que quer fazer depois da formatura?

— Honestamente, não sei. Todo mundo tem todos esses planos e estou apenas levando, acho. Meus pais querem que vá pra faculdade, óbvio. E quero ir, mesmo. Mas não sei se estou pronta...

— Pronta? — Confusão anuviou seus olhos.

Merda. Revelei demais.

Mas Kaiden fazia ser tão fácil. Queria contar as coisas para ele, me abrir e compartilhar minha história. E isso me aterrorizava.

Por que e se ele não gostasse do que encontrou?

— Lily? — falou, e ergui o olhar para o dele.

— É uma longa história.

— Tenho tempo.

Firmando a lata de refrigerante, eu me deitei e olhei para o céu. O sol já estava se pondo atrás das nuvens fofas, os primeiros sinais do

lusco-fusco no horizonte.

— Começou no ensino fundamental — sussurrei, lutando contra um sorriso quando Kaiden deitou-se ao meu lado.

— Sempre fui uma criança tímida. Não fiz muitos amigos no fundamental 1. Todo mundo sabia que era filha do Jason Ford, e ele era um ídolo. Realeza da NFL. — Soltei um suspiro suave. — Quando comecei no fundamental 2, aprendi que as crianças estavam mais interessadas no meu pai do que em mim. Mas meus pais ficavam me encorajando a fazer amigos e dar uma chance para as pessoas. De qualquer forma, no verão antes do oitavo ano, eu e Ashleigh fomos convidadas para a festa de pijama de aniversário da Chelsea Farnham. Ela era a garota mais popular da escola, então ser convidada era meio que importante. Não queria ir, mas minha mãe disse que seria bom pra mim. No último segundo, Ashleigh ficou doente e não conseguiu ir. As garotas pareciam felizes que estava ali, e minha mãe estava tão animada por mim... não queria decepcioná-la, então fiquei.

“Não foi tão ruim, no começo. Conhecia algumas das garotas. Lindsey estava lá. Ela meio que me protegeu. A mãe da Chelsea era legal. Fez pizza pra gente e montou uma casa de pula-pula no jardim. Elas me incluíram em todas as atividades e até ganhei na pinhata. Mas quando fomos para o quarto de Chelsea para nos arrumarmos para dormir, tudo mudou.”

Ainda podia me lembrar. No segundo que a porta do quarto se fechou, e a mãe dela desapareceu, os sorrisos doces e palavras de encorajamento derreteram conforme me cercavam como um cardume de piranhas famintas.

— Elas começaram a fazer piada comigo, me chamar de nomes, e me provocar sobre meu pai. Disseram que eu achava que era melhor do que elas porque meu pai era Jason Ford. Chorei e disse que queria ir para casa, mas isso só as fez piorar. Aí Chelsea pegou um par de tesouras e disse que iríamos cortar o cabelo uma das outras.

— Que porra é essa? — Kaiden sibilou.

Lágrimas encheram meus olhos conforme a memória delas me segurando enquanto Chelsea cortava meu cabelo retornava.

— Estava tão chateada, mas elas ficavam rindo e apontando. Engatinhei para o canto do quarto e fiquei sentada ali a noite inteira, aterrorizada demais para me mover enquanto agiam como se eu não estivesse ali.

Dedos quentes roçaram nos meus quando Kaiden enlaçou nossas mãos.

— O que aconteceu?

— Na manhã seguinte, disseram que se contasse para alguém o que aconteceu, contariam para todo mundo na escola que fiz xixi na cama. Mas no segundo que a mãe de Chelsea me viu, ela soube. Ligou para

minha mãe ir me buscar.

Foi o pior dia da minha vida, sair da casa dos Farnham tremendo com meu cabelo torto feio e lágrimas escorrendo pelas bochechas.

— Espero que seus pais a tenham feito pagar. — O tom protetor na voz de Kaiden fez algo suavizar em mim.

— Não sei com o que meu pai os ameaçou, mas o oitavo ano começou, e Chelsea e a família haviam-se ido. Mas não impediu as outras garotas. Depois disso, me tornei a dedo-duro. — A dedo-duro com o cabelo feio.

Precisei cortar bem curto para igualar e quando voltou a crescer, fiquei obcecada por ele. Tocá-lo, sentindo os fios entre os dedos. Isso se tornou minha segurança, minha armadura. Eu me sentia segura o tocando, puxando e mastigando.

Os olhos de Kaiden fuzilaram o lado do meu rosto. Olhei para ele, suspensa nos seus olhos cinza.

— Então, o negócio de tocar o cabelo... é trauma residual?

Respirei fundo e assenti.

— Algo assim.

KAIDEN

— CHAMA-SE TRICOTILOMANIA, também conhecido como disfunção de arrancar cabelo — Lily disse, estudando meu rosto, sem dúvida procurando minha reação.

Minha única reação foi querer encontrar aquelas garotas e dar uma lição nelas por algum dia terem machucado Lily.

— Tricot... — Tropecei na palavra.

— Pode chamar de trico pra facilitar — acrescentou com um sorriso fraco. — É um hábito repetitivo que envolve a tentação irresistível de puxar o cabelo até arrancar.

— Uau, certo. Isso parece...

— Completamente esquisito? — Culpa brilhou em seus olhos.

— Ia dizer complicado.

— Meu diagnóstico formal é tricotilomania e ansiedade generalizada.

— Desencadeado por aquela noite?

Lily mordeu o lábio.

— Sempre fui uma criança tímida, mas foi como se aquela noite tivesse partido algo em mim.

— Porra. — A palavra escapou dos meus lábios num único fôlego.

— Você está, tipo, bem agora? Está bem controlado? Merda, não quis... isso saiu errado.

De repente, me senti muito por fora. Sabia que Lily tinha algumas coisas, mas pensei que fosse apenas incomumente tímida. Eu não pensei... Precisava me controlar.

Isso não mudava nada.

Se muito, só me deixava mais determinado a conhecê-la.

— Estou melhor. Fazia terapia até o segundo ano, mas ao ficar mais velha, fiquei melhor em perceber meus gatilhos e usar minhas estratégias de manejo.

— Mas você ainda gosta da sensação? — Acenei para a mão envolvendo a trança.

— Hm... sim. Algumas vezes nem percebo o que estou fazendo. Normalmente quando estou muito nervosa ou ansiosa com alguma coisa.

Eu me virei de lado e olhei para ela.

— Eu te deixo nervosa, Lily?

— Muito nervosa. — O canto da sua boca se inclinou conforme a respiração falhava.

Eu me abaixei e rocei a boca contra a dela, devagar e firme.

— Isso está bom?

— Uhum. — Lily passou as mãos para minha nuca e me puxou para cima dela.

Beijá-la era uma das minhas novas coisas favoritas, só era melhor com o conhecimento que era o único cara com quem ela havia feito isso.

Nossas línguas deslizaram juntas com anseio familiar, provocando pequenos gemidos da sua garganta. Caralho. Estou tão perdido por esta garota. Ela era perfeita para mim... exceto por uma coisa enorme.

Ela era a filha do treinador.

Mas o que diziam sobre o fruto proibido?

Era muito mais doce.

Quem quer que fossem, não estavam errados. Porque esta garota tinha gosto do meu paraíso particular.

Aprofundi o beijo, lambendo sua boca até estarmos respirando um pelo outro. Ofegos desesperados e fortes que eram um caminho direto para meu pau.

Lily brincava com o cabelo na minha nuca, passando os dedos por ele e arrancando um gemido do meu âmagô.

— Isso é gostoso — murmurei contra seus lábios.

Ela sorriu.

— É? — Ela passou as unhas de um lado para o outro.

— Continue fazendo isso e vamos fazer muito mais do que apenas nos beijarmos aqui.

Os olhos dela se iluminaram com surpresa, mas rapidamente se transformaram em duas poças de desejo líquido.

— Talvez eu queira mais do que apenas beijos. — O mais leve dos sorrisos marcou seus lábios.

— Temos tempo — falei, dando um selinho na ponta do seu nariz antes de me afastar relutante para me sentar.

Lily franziu o cenho.

— Você não quer?

— Ah, quero. Mas não quero que façamos algo que você se arrependa... algo que vai confundir as coisas entre nós.

— Por causa do meu pai...

— Isso... e outras coisas.

— O que estamos fazendo, Kaiden? — Os olhos dela brilharam com honestidade pura, fazendo meu coração acelerar no peito.

— Honestamente, não sei. — Soltei um suspiro exasperado.

— Você quer parar? — Lily olhou para mim, a tristeza em seus olhos fazendo meu peito contrair.

Eu não queria machucá-la.

Nunca queria ser o motivo pelo qual ela sentia-se mal. Não depois do que passou.

— O que é?

— Não quero que se machuque por minha culpa, Lily.

— Não sou eu que decido isso? — Ela se arrastou para perto, apoiando a cabeça no meu ombro enquanto olhávamos para o lago.

— Vem cá. — Eu a puxei no meu colo, e ela se acomodou entre minhas pernas. Envolvendo meu braço em sua cintura, Lily se inclinou contra meu peito e abaixei o queixo no seu ombro.

— Você quer isso? — sussurrei na concha da orelha dela. — Me quer?

Inclinando a cabeça, ela olhou para mim.

— Quero. Nunca me senti assim antes, Kaiden. — Ela pressionou um beijo na parte de baixo da minha mandíbula, e eu amava que sentia-se confiante o suficiente perto de mim para tomar o que queria.

— Eu também não. — Engoli o nó na minha garganta. Meu desejo de proteger essa garota, de fazê-la feliz e vê-la sorrir, era tão forte que me sentia um pouco desequilibrado.

Futebol sempre foi a coisa mais importante na minha vida... ainda era. Mas Lily de algum jeito se embrenhou sob minha pele, afundando cada vez mais quanto mais tempo passávamos juntos.

Silêncio confortável pairou sobre nós. Lily passava os dedos para cima e para baixo no meu braço, fazendo arrepios percorrerem meu corpo. Queria beijá-la outra vez, tocá-la, e fazê-la se despedaçar. Mas eu não queria correr. Não quando já podia senti-la se apaixonando por mim.

Caralho. Estava perdido.

Como se o universo ouvisse meu tormento, grandes gotas de água começaram a cair, me oferecendo leniência.

— Ah, meu Deus — Lily gritou, pulando conforme a chuva caía ao nosso redor. — Rápido, deveríamos correr para seu carro.

Fiquei de pé e ajudei a pegar todos os salgadinhos e o cobertor, e corremos para o carro, jogando tudo no banco de trás.

Mas no segundo que entrei no carro e vi o olhar quente de Lily, percebi que a chuva não foi uma dádiva.

Foi uma maldição.

Minha camiseta estava colada no corpo, molhada e grudenta.

— Porra — arfei, observando enquanto Lily tirava a jaqueta molhada, revelando uma regata que abraçava suas curvas como uma segunda pele.

— Veio do nada. — Lily riu e era música para meus malditos ouvidos, mas ela não estava olhando para meu rosto... seus olhos estavam sorvendo minha camiseta transparente.

Enganchei os dedos na barra e a puxei pela cabeça, me deleitando com o jeito que sua respiração falhou.

Isso era uma má ideia... a pior.

Mas ela estava olhando para mim como se estivesse passando fome

e eu fosse a única coisa no cardápio.

— Você está com frio? — perguntei para ela.

— Um pouco.

— Vem cá. — Curvando meu dedo, Lily engatinhou sobre o console central e subiu no meu colo. Minhas mãos foram para cintura dela, equilibrando-a enquanto montava em mim.

Hesitante, ela pressionou as mãos no meu peito, inalando uma respiração trêmula.

— Sua pele é surpreendentemente quente.

— É, bom, você faz coisas comigo, Lily.

Cor desabrochou no seu pescoço e bochechas. Não pude resistir me aproximar e passar a língua na sua pele, chupando o ponto sensível bem atrás da sua orelha. Lily gemeu, um barulho baixo e cheio de desejo. O som me envolveu, cortando meu último fio de controle. Isso – ela e eu – iria acontecer, que se danem as consequências.

As mãos dela deslizaram para cima e para baixo no meu peito, o toque parecia fogo, me incendiando de dentro para fora. Curvei uma mão na sua nuca, guiando seu rosto para o meu. Nossos lábios se tocaram e Lily se derreteu em mim.

Beijar Lily era como nada que havia experimentado antes. Queria mapear todas as suas curvas, traçar as linhas do seu corpo com a língua. Queria ver de quantos jeitos poderia fazê-la gemer e gritar meu nome. Queria senti-la ao meu redor, o corpo nu pressionado contra o meu.

Eu queria tudo.

E isso era um problema enorme para caralho. Porque não queria uma noite com Lily Ford. Nem mesmo duas ou três.

Queria todas.

Ela começou a se esfregar em mim, rebolando os quadris do jeito que fez na festa. Interrompi o beijo para observá-la, olhos sedutores e lábios abertos enquanto cavalgava meu pau coberto pelo jeans.

— Você confia em mim? — falei, a voz rouca com desejo.

— Sim. — Ela concordou.

Deslizei uma mão sob a saia, roçando a pele macia das suas coxas. Ela estremeceu, suprimindo um gemido quando passei os dedos de leve sobre sua calcinha.

— Tudo bem? — Eu a preendi com um olhar faminto, e ela assentiu outra vez. Devagar, coloquei os dedos sob o material úmido e a acariciei ali.

— Ah, Deus — arfou, arqueando na minha mão. Pressionei o polegar no seu clitóris, rolando em círculos lentos até ela começar a ofegar.

— Mais?

— S-sim.

Com cuidado, inseri um dedo nela, esticando-a.

— Porra, você é apertada. — Seria divina subindo e descendo pelo meu pau.

— Kaiden... — Ela segurou meus ombros enquanto curvava o dedo e esfregava.

— Ssh. — Eu me aproximei, sussurrando as palavras no canto da sua boca. — Eu cuido de você.

Lily se moveu contra minha mão, procurando mais fricção. Pressionei outro dedo dentro dela, e gemeu outra vez.

— Imagine que sou eu, Lily — ofeguei as palavras, não querendo nada além de me afundar nela. — Imagine que sou eu dentro de você.

— Deus, Kaiden, é... *ah Deus*.

Eu a beijei com força, engolindo seus gemidos desejosos de prazer enquanto a onda começava a surgir dentro dela. Lily achou difícil permanecer no beijo, suas respirações saindo em bufadas entrecortadas. Ela parecia tão linda, se despedaçando ao meu redor.

— Acho que vou... — Sua respiração falhou quando começou a tremer.

— Solte-se, Lily. — Eu a beijei de novo. Ancorando-nos enquanto ela gozava.

Ela pressionou os lábios, sorrindo para mim com olhos semicerrados.

— Você é bonita para caralho. — Passei a mão na sua mandíbula, inclinando seu rosto para o meu.

— Isso foi... uau.

Risada ressoou no meu peito. Ela era fofa para caramba.

— O quê? — Lily olhou para mim por cílios escuros.

— Isso... você... não esperava isso.

— Ah. — Ela desviou o olhar, mas segurei seu queixo, a dando um olhar intenso.

— Não é algo ruim, Lily. Apenas... inesperado. — Sorri.

— Você não... — Desejo rodopiava em seu olhar. — Poderia... — A mão dela passou pelo meu jeans, segurando minha ereção.

— Porra, Lily — balbuciei, surpreso com sua ousadia. Com cuidado, peguei seu pulso e afastei a mão. — Temos tempo.

Estava enrolando.

Ela sabia disso. Eu sabia disso.

Mas não queria entrar de cabeça em algo do qual não poderíamos voltar atrás. Sexo mudava as coisas.

E sexo com Lily... bom, algo me dizia que mudaria tudo.

Dei carona para Lily de volta até a cidade. Ashleigh e Peyton estavam

paradas do lado do cinema, sorrindo enquanto parávamos ao lado delas na rua vazia.

— Acho que isso é boa noite, então. — Lily olhou para mim e engoli em seco.

— Sim.

— Então tá. — Ela foi sair.

— Espera. — Segurei a mão dela e a puxei para mim. — Preciso de um beijo de boa noite.

Ela deu risada, passando os braços pelo meu pescoço e me beijando sem restrição. Nossos lábios já sabiam como entrar em sincronia, o deslizar das nossas línguas familiar e fácil.

— Beijar você está rapidamente se tornando minha nova coisa favorita, Kaiden. — Ela suspirou as palavras com convicção.

— O sentimento é totalmente mútuo. Você deveria ir, suas amigas estão esperando. — Roubando outro beijo casto, eu me afastei, colocando um pouco de distância entre nós.

— Tudo bem. Obrigada por esta noite. Me diverti. — Os olhos dela foram para o colo e retornaram. — Sobre o que te contei...

— Seu segredo está a salvo comigo.

— Obrigada. Boa noite, Kaiden.

— Boa noite, Lily.

Observei enquanto ela saía e Peyton e Ashleigh pulavam nela, se abraçando. Qualquer outro dia, poderia ter dado risada e alegado que são apenas garotas sendo garotas, mas é provável que sabiam tudo sobre o que Lily passou, e como esta noite foi importante para ela.

Caralho.

Estava perdido. Mas era mais do que isso. Estava me apaixonando por ela. Lily Ford. A única garota em Rixon High que eu não tinha direito de querer, menos ainda de tocar.

Ela conseguiu se soltar das amigas para me dar um pequeno aceno. Retribui antes de acelerar e partir pela rua.

Vinte minutos depois, estacionei na minha garagem e desliguei o motor. Passando uma mão no rosto, soltei um suspiro profundo enquanto abria a porta e saía do carro. Não queria vir para casa. O clima estava quase insuportável desde que o semestre começara. Todos os dias, o humor do meu pai ficava mais sombrio, seus resmungos bêbados ou de ressaca sobre o Técnico Ford e os Raiders ficando cada vez mais amargos e retorcidos.

Eu precisava sair daqui. Precisava me comprometer com um programa de futebol e saber que tinha um futuro longe deste lugar... longe dele.

O rosto de Lily piscou na minha cabeça. Vi como ela ficou tensa quando conversamos dos nossos planos para o futuro. Era provável que ela ficasse por perto para faculdade, ficasse perto da família.

Queria ir o mais longe possível de Rixon.

Entrando na casa, joguei as chaves no aparador e fui para a cozinha.

— Kaiden, filho. — A voz do meu pai cortou o ar. — É você?

— Sim, estou pegando algo para comer. Onde está mamãe?

— Já foi para cama. Ela não estava se sentindo muito bem.

Eu travei. Tiveram outra briga? Ele não soava bêbado, mas até aí, não precisava. Esse era o diferencial do Lewis Thatcher. Suas palavras podiam machucar do mesmo tanto estando sóbrio ou bêbado.

Às vezes mais.

— Pegue outra cerveja na geladeira para mim, filho, por favor?

E ali estava.

Não estava interessado no meu dia ou como eu estava... só ligava para a próxima dose.

— Na verdade, pai, vou me retirar — chamei de volta. — Talvez devesse fazer o mesmo — resmunguei baixo.

— Kaiden, pedi para me trazer uma cerveja. — Raiva manchava suas palavras.

Peguei uma maçã e uma lata de refrigerante, e fui para cima, o ignorando.

— Kaiden — ele gritou assim que bati a porta fechada.

Ele queria beber até esquecer da vida, tudo bem, mas não iria alimentar seu hábito.

Tirando o tênis, caí na cama e me arrastei até a cabeceira. Tudo estava indo a merda. O time. Meu pai. Ainda não saber se tinha uma bolsa para faculdade ou não.

O futebol era minha vida, minha salvação. Rixon East Eagles não era o melhor time. Não era um time que quebrava recordes ou causava impacto. Mas era o *meu* time. E não percebi o quanto sentiria falta disso até que foi tirado de mim.

Agora eu tinha um time que não me queria ali e um técnico que não queria me dar uma chance.

Mas também tinha uma garota... uma garota que via além do uniforme de futebol e do talento. Uma garota que queria me conhecer, me confortar e me entender. E não podia sair gritando isso aos sete ventos. Não podia ir para escola na segunda e empurrá-la contra os armários e beijá-la até ficar sem fôlego.

Não a não ser que quisesse colocar em risco tudo pelo que trabalhei.

LILY

— BOM DIA, pai.

— Oi, bebê. Como foi o filme?

— Hm, bom. Foi bom. — A mentira parecia amarga na minha boca.

— Isso é ótimo. — Ele parecia distraído, sem desviar o olhar do telefone.

— Está tudo bem?

— Sim, Xander vai passar aqui para o café da manhã.

— Xander? — Franzi o cenho.

— Sim, ele e o tio Cameron tiveram outra discussão.

— Que merda.

— É, convidei ele para ouvir seu lado da história antes de conversar com Cam.

— Você é um bom amigo, pai. — Fui até ele e o abracei, culpa se enrolando em volta do meu coração.

Odiava mentir para ele sobre Kaiden, mas não compreenderia, e com certeza não aceitaria. Além do mais, não queria transformar algo tão íntimo em conhecimento público, ainda não. Era muito novo, muito frágil. Gostava de Kaiden, gostava muito dele. Ele me fazia sentir corajosa e especial, e até mesmo bonita. Ele me fazia querer sair da minha bolha de segurança e me arriscar, porque algo me dizia que ele sempre me pegaria se tropeçasse.

Uma onda calorosa de felicidade passou por mim, mas foi rapidamente afastada pela minha realidade.

— Como está Peyton? — meu pai perguntou.

— Está bem, preocupada com o que vai acontecer quando a mãe sair da reabilitação.

— Sim... ela não é a única. — Os olhos dele se enrugaram. — Mas não importa o que aconteça, quero que saiba que nossa porta sempre estará aberta para ela.

— Obrigado, pai. — Eu o abracei outra vez, me perguntando quando a vida ficou tão complicada.

— Pensou mais na faculdade? Sei que sua mãe conversou com você.

— Ainda estou considerando minhas opções — falei, colocando um pouco de distância entre nós.

— Sabe, acho que ela está certa. Acho que poderia ser algo bom para você, Lily.

— Estou pensando no assunto — repeti, milhares de formigas se arrastando na minha pele.

— Certo, ainda tem bastante tempo.

Tinha mesmo.

E não era uma decisão que podia tomar assim, como Ashleigh que estava determinada em ir para UPenn, ou Peyton que queria tirar um ano de folga e viajar. Até mesmo minha irmã sabia o que queria fazer da vida.

Mas tudo o que sempre quis foi me sentir normal.

Todo o resto tinha meio que ficado em segundo plano.

Peyton entrou na cozinha, arrastando o corpo para um dos bancos.

— Bom dia — falou com um grande bocejo.

— Café? — meu pai perguntou.

— Sim, por favor.

— Não dormiu? — perguntei para ela.

— Fiquei acordando a noite toda. Tenho muito para pensar. — Ela me deu um sorriso fraco, e estiquei o braço, apertando sua mão.

— Sabe que ainda não conversamos sobre a festa de sexta. — Meu pai a deu um olhar incisivo.

— Merda — gemeu —, esperava que pudéssemos pular isso.

— Você pode pensar que sou um velho dinossauro, mas me lembro de estar no último ano e conheço os sinais de uma ressaca quando vejo uma.

Peyton evitou meus pais a maior parte do dia de ontem, mas era óbvio que meu pai tinha um sentido aranha mais forte do que ela pensava.

— Quer falar sobre isso?

— Podemos arquivar sob “prometo que não vou repetir tão cedo”?

Ele se inclinou contra a bancada, passando uma mão no queixo.

— Dei certos privilégios a você porque sei que as coisas não estão fáceis, mas não posso aceitar que venha para casa bêbada, Peyton.

— Não vai acontecer de novo. Juro, Sr. Ford. Eu só...

A campanha tocou e Peyton murmurou:

— Salva pelo gongo.

Meu pai riu, desaparecendo pelo corredor. Quando retornou, Xander estava atrás dele.

— Oi. — Inclinou o queixo em um aceno desconfortável.

Peyton se empertigou, sorrindo.

— Oi, Xander.

As sobrançelas dele se apertaram enquanto murmurava uma resposta, passando por nós na direção da porta dos fundos.

— Vou estar no jardim — falou.

Meu pai foi fazer café para ele.

— Vou falar com ele. Vocês, garotas, podem se virar?

— Claro, pai — falei.

Poppy estava nos Bennet e minha mãe tinha um plantão matutino

no abrigo de animais. Então me levantei e comecei a fazer o café da manhã.

— Ovos ou panquecas? — perguntei para Peyton.

— Panquecas. Muitas e muitas panquecas — respondeu, mas não estava olhando para mim, estava olhando pela janela.

— Pey? Terra para Peyton.

— Desculpe, o quê?

— Pode querer colocar a língua de volta na boca. — Dei uma risadinha.

— Quem, Xander? Eca. — Ela fez uma careta. — Ele tem tipo trinta anos ou algo assim.

— Vinte e oito. — O tio Cameron e tia Hailee fizeram um churrasco para seu último aniversário, mas Xander não apareceu.

— Ainda assim, eca. — Ela olhou de volta pela janela. — Mas ele é meio gostoso. Tem aquele quê de bad boy intocável que funciona para ele.

— Hmm, tem? — Acrescentei a massa de panqueca na frigideira.

— Você não perceberia. Está ocupada demais arregalando os olhinhos para você sabe quem.

— Peyton! — Acenei com a cabeça para o corredor.

— Relaxa, eles não podem ouvir nada.

— Ainda assim...

— Sabe, se gosta mesmo dele, vai precisar contar pra eles uma hora.

Eu a ignorei, dando toda a atenção para as panquecas se formando na frigideira.

Peyton estava certa, é claro. Precisaria contar para meus pais em alguma hora. Mas queria manter esse negócio com Kaiden em segredo o máximo possível.

Por vários motivos.

Kaiden: Mal posso esperar para te ver na aula.

Respondi o Kaiden enquanto Ashleigh encontrava um lugar para estacionar e desligava o motor.

— Sabe, vai precisar ser um pouco mais discreta do que isso. — A sobrancelha dela arqueou. — Não parou de sorrir desde que entrou no carro.

— Acho que é fofo — Peyton disse do banco de trás. — Ah, olhem, lá está Sean com Layla Hannigan.

— Parece decepcionada.

— Não estou... é só quê, ugh, *Layla*?

— Sabe, se gostava dele, talvez devesse...

— Não importa. — Ela deu de ombros indiferente, mas vi o toque de tristeza.

Peyton se fazia de garota forte que não se aproximava, mas bem no fundo, suspeitava que queria que alguém lutasse por ela.

Que alguém a *escolhesse*.

— Alerta de cadela. — Ashleigh tossiu, acenando para onde Lindsey estava indo direto até o... Kaiden

Meu coração subiu na garganta.

— Relaxe, Lil. — Peyton colocou a cabeça entre os bancos. — Ele quer você, babe. Não Lindsey.

Engoli em seco. Estavam apenas conversando, totalmente inofensivo. Até Lindsey jogar o longo cabelo loiro pelo ombro e colar no braço de Kaiden.

Hesitante, sai do carro e passei a mão pelo cabelo e até o final da trança, puxando as pontas com força. Ashleigh contornou o carro e se juntou a mim, enlaçando nossos braços, me forçando a abaixar a mão.

— Olha. — Ela me cutucou, e lentamente voltei o olhar para onde Lindsey estava flertando com Kaiden sem vergonha alguma. Os olhos dele encontraram os meus, enrugando-se com um sorriso.

— Viu — ela sussurrou. — Você não tem nada para se preocupar.

Mas minha felicidade logo foi arruinada quando Lindsey olhou por cima do ombro e semicerrou os olhos para nós.

— Ugh — resmunguei conforme seguíamos para a escola.

— Ela vai desistir quando descobrir que Kaiden não está disponível.

Mas era isso... ele estava.

Enquanto mantivéssemos o que seja que estava acontecendo entre nós um segredo, garotas como Lindsey pensariam que poderiam dar piscadelas e desfilar seus corpos perfeitos, tentando fazê-lo notá-las. Durante todo o tempo, estaria nas laterais, observando.

Quando entramos no prédio, meu telefone vibrou, e o tirei da bolsa.

Kaiden: Você está linda hoje.

Corei com suas palavras, respondendo a mensagem.

Lily: Senti sua falta.

Kaiden: Também senti sua falta. Queria poder ir até você agora e beijá-la...

Eu o senti antes de o ver. Erguendo o olhar pelo corredor, Kaiden se movia devagar na minha direção, um leve sorriso em seus lábios.

— Baba — Peyton riu. — Você tem um pouco de baba, bem aqui. — Ela tentou limpar meu queixo, mas afastei sua mão.

O ar estalou conforme Kaiden passava por nós. Ele não olhou para trás, ou deixou claro de qualquer outro jeito. Não precisava. Só estar perto dele, eu sentia. A conexão invisível entre nós.

— Sabe, esperei por tanto tempo para você conseguir seu primeiro...

Bati a mão na boca dela, semicerrando os olhos.

— Você prometeu.

— O quê? — As palavras dela fizeram cócegas na minha palma. — Não ia dizer na...

— O que é? — Lindsey veio até nós.

— Nada a ver com você. — Peyton deu um sorriso enjoativamente doce.

— Sabe, só porque você é a putinha da escola, não signifi...

— Do que diabos você me chamou? — Peyton se aproximou dela.

— Bom, se a carapuça serviu... ouvi dizer que Sean já te deixou pela Layla. Acho que prefere um pouco de classe, afinal.

— Sua maldita va...

— Certo. — Ashleigh passou o braço em volta de Peyton e a puxou para trás. — Ela não vale a pena.

Lindsey sorriu, conferindo a manicure perfeita.

— Tão patética. — Seus olhos moveram-se para mim. — Mas acho que não é surpresa, já que as duas andam com a aberração da escola.

Foi como se ela tivesse me socado no peito. O ar escapou dos meus pulmões enquanto tentava engolir o nó na minha garganta.

Lindsey e as amigas saíram rebolando, rindo com as palavras cruéis da líder.

— Deveria ter me deixado bater nela — Peyton bufou indignada.

— E deixar que fosse suspensa? Tio Jase amaria isso.

— Ela merecia.

— Pessoas como Lindsey vão ter o carma que merecem um dia — Ashleigh acrescentou. — Sempre têm.

Olhei pelo corredor, para onde Lindsey e as amigas estavam prestes a desaparecer pela esquina. Queria acreditar nas palavras da minha prima, mas era prova que carma nem sempre retornava. Claro, Chelsea e a família fugiram de Rixon depois do meu pai os ameaçar, mas Lindsey ainda estava aqui. Ela ficara parada aquela noite, rindo e apontando tanto quanto as outras garotas. Depois todas começamos em Rixon High e ela desabrochou nesta garota extrovertida e popular enquanto eu me embrenhei ainda mais nas sombras.

Não parecia justo.

Mas como minha mãe gostava de me lembrar, a vida não nos testava para revelar nossas fraquezas, nos testava para revelar nossas forças.

Mas com certeza era algo em andamento.

Se minha terapeuta estivesse aqui, me diria para focar nas coisas que podia controlar. Minha respiração. Minhas ações. Os pensamentos para os quais abria espaço na mente.

Canalizando as palavras de conselho das duas, respirei fundo, ergui a mochila no ombro, e fui para aula de matemática, onde planejava pensar em duas coisas:

Álgebra... e Kaiden.

Depois da última aula, Peyton e eu fomos para o campo de futebol para ver o time treinar. Ela disse que eu tinha um bom motivo para estar lá, já que meu pai era o técnico e tal. E já que teve um teste surpresa na aula do Sr. Jenkins, o que significou que Kaiden e eu não conseguimos trocar bilhetes, concordei.

— O que Xander está fazendo aqui? — Peyton acenou para onde Xander estava parado com meu pai.

— Ouvi mamãe e papai falando sobre ele trabalhar com meu pai e o time.

— De verdade?

— É, acho que é a tentativa de colocar a vida nos trilhos. — Xander era tudo que o irmão mais velho não era. Imprudente. Impulsivo. Desfocado. Desde que me lembrava, ele passou pela vida em empregos ruins para conseguir viver.

Xander Chase era uma alma perdida, mas era como se fosse o elefante rosa na sala. Ninguém falava sobre isso.

— De repente, passar o tempo aqui está melhorando. Merda, eu...

Dei um olhar firme a ela.

— O que aconteceu com “eca, ele tem tipo, trinta anos”? — imitei ela.

— A: não falo assim, e B: posso apreciar o corpo masculino sem querer pular em cima dele.

Minha testa ergueu mais e ela revirou os olhos.

— Não sou tão ruim assim. — O humor em seus olhos se embotou em vergonha.

— Ei, estava brincando. Além do mais, estou aqui para apreciar o corpo masculino. — Olhei para onde Kaiden estava aquecendo. Ele era muito bonito com as ombreiras e o uniforme. Mas era ainda melhor saber o que tinha por baixo.

— Lily Ford você está corando? — Peyton se aninhou do meu lado.

— Ele é só... um sonho.

— Ah, você está caidinha, garota. Já combinaram de se verem outra vez?

— Ele quer me levar para sair esta semana.

— Mas?

— É só o subterfúgio. — Não queria compartilhar Kaiden com ninguém, ainda não, mas também não queria ser o tipo de garota que mentia para os pais.

— É novo. Vocês ainda estão se entendendo. Quer mesmo contar para todo mundo e depois não... — Ela deixou sem terminar.

— Não o quê? — Franzi o cenho.

Ela pressionou os lábios e desviou o olhar.

— Você não acha que vai se tornar algo mais. — Meu estômago afundou.

— Não é isso... eu só acho que precisa ser realista. Ele é um jogador de futebol, Lily. Vai conseguir uma bolsa e vai para faculdade e você vai ser...

— Deixada para trás. É isso que você quer dizer, não é? — Incredulidade marcava minhas palavras. — Você me encorajou a me arriscar e agora está o quê, sugerindo que pare?

— Não. — Os lábios dela afinaram. — Só estou dizendo para não se envolver demais.

Fácil para ela falar.

Eu não flertava com garotos aleatórios ou ficava com rapazes em festas. Nem podia me lembrar de uma época que olhei para um cara e senti alguma coisa. Mas sentia um friozinho na barriga e meu coração acelerava sempre que os olhos cinza de Kaiden olhavam na minha direção.

Como deveria desligar tudo isso quando meu coração já estava envolvido.

— Não quis te chatear. — Peyton cutucou meu ombro, e dei um sorriso fraco para ela.

— Eu sei. — E sabia.

Mas não mudava o fato que ela dissera.

— Retiro o que disse mais cedo. — Peyton colocou a cabeça no meu ombro. — Com certeza pularia em cima de Xander.

Olhei para ela, um momento passando entre nós, depois explodimos em risada. Era seu jeito de pedir desculpas. Pelo menos, esperava que fosse, porque Xander era onze anos mais velho do que ela e tão partido quanto.

Isso tinha desastre estampado em todo lugar.

— Um dia, Lil, não seremos assim — sussurrou. — Um dia, vamos abrir nossas asas e voar.

Queria perguntar a ela o que queria dizer porque quando olhava

para Peyton, via uma garota que era forte e destemida e determinada a correr atrás das coisas que queria. Mas acho que todos tínhamos nossos problemas.

Os que mantínhamos em segredo e não deixávamos as pessoas verem.

Aconchegando-me mais perto dela, observamos enquanto os rapazes treinavam jogadas no campo abaixo, soltei um suspiro suave.

— Sim, também espero isso.

KAIDEN

FOI na quinta que consegui ver Lily outra vez. Aaron nos chamou para sua casa para matar o tempo e ela estava lá com Ashleigh e Poppy.

No segundo que ela e as garotas entraram no barracão, meu coração fez essa batida estranha. Caralho, ela estava me amolecendo, mas não podia encontrar a vontade de ligar.

— Oi — falei quando ela fez uma linha reta até mim.

— Oi. — Ela sorriu, e Aaron zombou.

Mostrei o dedo para ele, fazendo todos os outros rirem. Parece que não estávamos sendo muito bons em sermos discretos.

O olhar de Lily abaixou, as bochechas em um tom de rosa adorável.

— Nada da Peyton? — Bryan perguntou.

— Ela está trabalhando um turno extra.

— Que ruim. — Ele afundou no sofá.

— Acho que está na hora de desistir. Peyton não está interessada no Brymeister. — Gav deu um soco no braço dele.

— Ei, não precisa acabar com as esperanças de um cara. Ela pode ainda querer um pouco disso. — Ele apontou para o peito. — Esteve no treino todos os dias esta semana.

Lily franziu o cenho, como se fosse novidade para ela.

— Não acho que está por perto por você, cara. Acho que tem um novo interesse. — Cole deu uma risadinha.

— Quem...? — A testa de Bryan franziu e depois seus olhos se arregalaram. — Xander? — rosnou. — O cara tem quase trinta.

— Vinte e oito — Lily corrigiu.

— Exato. De jeito nenhum que ele ficaria com uma menina do ensino médio.

— Espero que não. Meu pai acabaria com ele no campo. — Risada tensa escapou dos lábios dela.

Não havíamos nos movido da nossa posição perto da mesa de sinuca. Queria me aproximar, deslizar os dedos pelos passadores da calça dela e a puxá-la contra meu corpo. Mas não havíamos conversado sobre como planejávamos agir com nossos amigos.

A semana inteira na escola, evitamos ficar muito próximos. Mas não parava a troca de mensagens, e os demorados olhares pelo refeitório durante o almoço ou no corredor quando passávamos um pelo outro a caminho da aula.

Mas não era o suficiente.

Todo mundo estava sentado no sofá ou nos pufes. Era seguro tocá-la.

Só por um segundo.

Estiquei os dedos, roçando-os contra Lily, e ela me recompensou com um grande sorriso.

— Então, estava pensando — Aaron disse —, amanhã depois do jogo deveríamos pular a festa da Lindsey e ir na quermesse no lugar.

— Vão ter garotas? — Bryan perguntou.

— Acho que sim. — Aaron deu de ombros.

— Conte comigo. Meninos? — Ele olhou para Gav, depois para mim. Lily tentou puxar a mão de volta, mas a segurei firme. Bryan não conseguia ver, e se conseguisse, não diria nada.

Ele sabia como era.

— Sim, estou dentro. Lily?

Os olhos dela foram para os meus, arregalados com surpresa.

— Eu... hm, a quermesse? Quero dizer, parece ótimo, mas eu...

— Sem pressão — falei, a tranquilizando.

— Eu quero — sussurrou. — Só não sei se vou conseguir...

— Vou te proteger. — Minha mão encontrou o passador da sua calça e a puxei mais perto.

— Então, o que acham? Acham que o técnico vai mudar as coisas amanhã? — Cole perguntou para todos, mas eu só tinha olhos para Lily. Ela se aproximou um pouco de mim, pressionando as mãos no meu peito. Estávamos mais perto agora, perto demais, mas nenhum de nós parou.

— Oi — ela moveu a boca.

— Oi. — Rocei o nariz no dela.

Queria beijá-la. Precisava beijá-la.

Mas aí a porta se abriu e Lily sobressaltou-se para trás.

— Que diabos, pai? — Aaron gemeu enquanto Sr. Bennet colocava a cabeça para dentro.

— Relaxe. Só queria vir aqui e ver se estava tudo bem. Grande jogo amanhã. Qual o plano para depois? Grande festa?

— Na verdade, estávamos pensando em conferir a quermesse.

— Legal. Talvez sua mãe e eu...

— Certo, pai. Foi legal o papo. Pode ir agora.

Sofia e Poppy riram enquanto Aaron se levantava e começava a empurrar o pai para fora da porta. Mas ele esticou o pescoço, olhando o recinto. Os olhos dele pousaram em mim... em mim e na Lily parados perto um do outro nos fundos.

— Thatcher — falou frio, um sorriso compreensivo na boca.

Ele sabia?

Só de olhar para nós, para mim, sabia que tinha algo acontecendo entre nós?

— Lilypad.

— Sr. Bennet. — Ela deu um pequeno aceno.

— Bom, certo, então. Acho que vou deixar vocês em paz.

Aaron empurrou o pai para fora da porta e a bateu.

— Porra ele é irritante. — Passou uma mão pelo cabelo e caiu no sofá ao lado de Poppy.

— Ele é engraçado — ela disse. — Pelo menos não liga para o que estamos fazendo aqui.

— Acha que ele só veio para dizer oi? Não se iluda, Pops. Seu pai deve ter ligado para ele e pedido para ver como você estava.

— Ele não... É, ele com certeza faria isso. — Ela soltou o ar, exasperada. — Ele nunca vai me deixar ir em um encontro ou ter um namorado.

— Você quer isso? — Aaron perguntou. — Um namorado, quero dizer.

— Não sei. — Seus ombros ergueram um pouco. — Não é como se tivesse opções agora, mas um dia...

A expressão dele anuviou como se isso fosse novidade para ele. Vi o jeito que a observava. O jeito que seus olhos seguiam Poppy para onde fosse. Era do mesmo jeito comigo e Lily.

Com certeza tinha algo nas garotas Ford.

— Acha que ele percebeu? — A voz da Lily me tirou dos pensamentos e olhei para ela.

— Acho que deve ter percebido algo, sim. — Não podia explicar, mas tinha algo nos olhos dele.

— Acho que precisamos tomar mais cuidado — respondeu, olhando para minha boca.

Eu me aproximei, encurralando-a contra o balcão.

— Com certeza deveríamos tomar mais cuidado. — Minha mão voltou para o passador da calça dela enquanto a encarava.

A língua da Lily apareceu, molhando seus lábios ao esperar.

Um momento passou.

E outro.

Até o ar estar tão denso entre nós que era difícil respirar.

Risada encheu o barracão conforme os outros assistiam Bryan e Cole detonarem em algum videogame. Todos estavam distraídos, ou estavam nos dando um pouco de privacidade. De qualquer maneira, não pude resistir me inclinar e colocar a boca sobre a dela.

Os dedos de Lily se enrolaram no meu moletom, me puxando mais perto até as linhas firmes do meu corpo pressionarem contra suas curvas macias. Ela gemeu quando minha língua passou por seus lábios e se curvou na dela.

Porra, amava beijar essa garota.

Não era apressado ou superficial. Era real e puro, e parecia que ela tinha enfiado o punho no meu peito e segurado meu coração com a mão.

Quando enfim me afastei, toquei a cabeça na dela e inalei trêmulo.

— Oi. — Ela sorriu para mim.

— Oi, *Lilypad*. — Eu sorri.

— Ei. — Os dedos dela beliscaram meu mamilo, torcendo com força.

— Piada — balbuciei, retesando em agonia. — Era uma piada.

A risada dela afundou em mim, segurando meu coração outra vez. Essa garota... essa linda e complicada garota.

Estava me apaixonando por ela.

Total e loucamente.

— É um dos apelidos que menos gosto.

— Tem mais?

— Sr. Bennet sempre me chamou de *Lilypad*. Minha amiga e amigos me chamam de Lil, algumas vezes *Lilster*, e minha mãe me chama de *Lily Star*.

— *Lily Star*, gosto disso.

— Tem até uma música. — As bochechas dela formaram covinhas, ficando da minha cor favorita de rosa.

— Uma música, você disse? — Meus dedos encontraram os passadores do seu jeans outra vez. — E eu posso ouvir essa música?

— Talvez. Um dia.

— Pombinhos — Bryan gritou. — Por que vocês não se soltam um pouco e vem brincar comigo?

— Ah, meu Deus — Lily suspirou, afundando o rosto no meu ombro.

— Sentindo-se um pouco de fora, Bry — retruquei.

— Claro que estou. Agora venha aqui, *Thatchman*, e mostre-me do que é capaz.

— Deveríamos... — Lily olhou para mim, a boca dela falando uma coisa e os olhos outra completamente diferente.

— É, tá bom.

— Significa que você precisa se mover, *Kaiden*.

— Ahn? — Pisquei. — É, tá bom. Estou... indo. Estou indo. — Soltando-me da Lily, passei a mão no rosto e fui me juntar ao Bryan.

— Você está acabado — ele sussurrou, os olhos indo para onde Lily estava sentada em um pufe ao lado da *Ashleigh*.

— Sim — respondi, segurando um sorriso. — Estou.

O clima no dia seguinte na escola era elétrico, todo mundo animado com o jogo contra *Levinson*.

Todos menos eu.

Acordei com um vazio no estômago e um sermão do meu pai. A

acrimônia ficou tão ruim no café que dei o fora de lá e dirigi por meia hora tentando limpar a cabeça, antes de buscar Bryan e Gav.

Ainda podia ouvir sua voz.

Você nunca vai conseguir jogar sob aquele acabado.

Como a porra dos olheiros devem ver seu talento se está no banco?

Deveria ter ido para Millington.

E estava começando a pensar que talvez ele estivesse certo. Mas o Técnico Ford era o melhor, e não queria me contentar com a mediocridade.

Mas já passara quase um mês.

Um mês de treino e dar duro por um time que ainda se recusava a me dar uma chance justa.

Bati a porta do armário fechada e exalei, frustrado.

— Nossa, quem te irritou? — Lindsey apareceu, vestida com a roupa de torcida. O cabelo longo estava em duas tranças sobre os ombros e tudo o que podia pensar era no que Lily me contou no lago.

Lindsey havia ficado parada enquanto a amiga cortava o cabelo da minha garota e depois passou a maior parte do ensino médio tratando Lily como uma pária.

Minha garota?

As palavras vieram do nada.

Lily não era minha garota... era?

Com certeza queria que fosse. Mas não era tão simples.

— Kaiden, terra para Kaiden? — Ela estalou os dedos na frente do meu rosto, e pisquei para sair do devaneio.

— Não estou no clima — falei, passando por ela e pisando firme pelo corredor.

— Kaiden, o que diabos? — A mão dela se curvou no meu braço, desacelerando meu progresso. Meu olhar duro voltou para seu rosto.

— Sugiro que tire sua mão de mim.

— O que infernos é seu problema? — Ela olhou feio para mim. — Só queria desejar boa sorte no jogo.

Neste momento, consciência percorreu minha coluna e olhei para cima para ver Lily virando a esquina. Ela congelou, olhando entre mim e a Lindsey, focando onde a mão de Lindsey estava envolvendo meu braço.

Caralho.

Caralho!

Queria empurrar Lindsey para longe e ir explicar..., mas não podia. A não ser que quisesse começar o rumor mais quente da escola.

O *quarterback* estrela dos Eagles e a filha do Técnico Ford.

Todo mundo amaria isso.

Todo mundo menos o técnico.

Dei a Lindsey minha total atenção e rangi os dentes.

— Falei para tirar a porra da mão de mim.

Ela se afastou, indignação queimando em seus olhos.

— Jesus, Kaiden. O que entrou na sua bunda e morreu? — Saindo tempestuosa pelo corredor, Lindsey passou direto por Lily e olhou para ela com desdém. No segundo que sumiu, Lily pareceu diminuir.

— Ei. — Eu me aproximei casualmente. — Você está...

Ela balançou a cabeça, os olhos se arregalando por cima do meu ombro conforme começou a desviar de mim. Franzindo o cenho, olhei para trás. Só queria garantir que estivesse bem. Mas quando olhei pelo corredor, vi o Técnico Ford vindo nesta direção.

Agora a saída rápida de Lily fazia sentido, mas não mudava o fato que doeu. A parte racional de mim sabia que ela só estava se protegendo – e a mim – da fúria do pai. Mas a outra parte não podia evitar pensar que era mais do que isso. Se talvez ela estivesse envergonhada de contar para o pai que tinha se apaixonado por mim. O filho de um bêbado. Um bêbado que, no passado, machucou sua família.

— Thatcher, meu escritório, AGORA! — A voz do treinador ecoou pelo corredor e minha coluna enrijeceu.

Ele sabia?

Ah, porra, ele sabia.

O pai do Aaron deve ter contado para ele sobre a outra noite. Ou talvez Poppy e Peyton tivessem deixado escapar.

De qualquer jeito, estava prestes a encarar meu destino.

O sangue latejando no meu ouvido, eu o segui pelo corredor até o vestiário. Ele não parou até entrar no escritório.

— Vamos. Não tenho o dia todo.

Entrei e me sentei na cadeira.

— E aí? — perguntei.

— Como foi sua noite?

— Minha noite? — Tentei ficar frio, mas nada disso era frio. Ele estava me sondando... se preparando para terminar minha temporada de veterano antes de sequer começar, e tudo porque me apaixonara pela garota errada.

— É, você sabe, as poucas horas entre o final da aula e a hora de dormir. Você fez algo legal? — Ele me fuzilou com um olhar sério. Um que senti no fundo da minha alma.

— Só passei um tempo com os rapazes. Nada de mais.

— Nada de mais — murmurou, unindo os dedos. Eu me preparei para que perdesse o controle... que me dissesse que não tinha direito de ir atrás da filha dele quando me dissera claramente que ficasse longe dela..., mas nunca aconteceu.

Ele só ficou sentado ali, me estudando como se fosse um quebracabeça que não conseguia resolver.

— Estive pensando — por fim disse —, que talvez tenha pegado muito pesado com você.

— Treinador? — Minhas sobrancelhas se juntaram.

— Você é um bom jogador, Kaiden. Um dos melhores. E não quero ser o tipo de cara que deixa o passado anuviado as coisas. Você merece uma chance, e queria que soubesse que vou tentar meu melhor para dá-la a você.

— Va-vai?

— Não pareça tão surpreso, filho. — Ele sorriu. — Tenho que arrumar algumas coisas. Mas este é meu time e vou tratá-lo de acordo.

— Eu não sei o que dizer. — Essa era a última coisa que eu esperava.

— Pode tentar dizer obrigado. Sei o que futebol significa para caras como você. Caras como nós...

Nós?

— Obrigado, treinador. — Tentei ficar frio.

— Certo, agora dê o fora daqui antes que eu mude de ideia.

Pegando a mochila, me levantei.

— Posso perguntar o que fez você mudar de ideia?

— Pode parecer que você é um forasteiro aqui, mas não é — respondeu enigmático. — Você tem pessoas o defendendo, Kaiden. Agora vai. Tenho um monte de papelada para fazer. — O técnico me dispensou, então deixei o escritório mais confuso do que quando cheguei.

Ele ia me dar uma chance.

Depois de tudo, o Técnico Ford me daria uma chance.

Era tudo o que sempre quis, mas agora que consegui, não podia evitar me sentir como se não merecesse, afinal.

LILY

ALGO ESTAVA ERRADO.

Kaiden não me mandou mensagem, e quando passei um bilhete na aula de inglês, ele rabiscou uma resposta boba de duas palavras.

Quando o jogo de futebol começou, tinha um profundo presságio de pavor no estômago. Não aliviado pela visão da Lindsey se esfregando nele e no Bryan como uma urticária.

— Ugh, olha pra ela — Peyton disse. — Sei que é a torcedora dele, mas vamos, poderia ser mais desesperada?

Só que Lindsey não parecia nada desesperada para mim. Parecia confiante. Sensual e sedutora. A roupa de torcida marcava suas curvas como uma segunda pele, acentuando a bunda e os seios. Bryan adorou, rindo e brincando com ela enquanto Kaiden ficava sentado ali, distraído.

Pelo menos não estava prestando atenção nela. *Mas também mal prestou atenção em você hoje.*

Deus, por que isso era tão difícil?

Quando éramos só nós dois, o tempo parava, e nunca queria que terminasse. Mas quando estávamos fingindo que não éramos nada um para o outro, as paredes começavam a se fechar ao meu redor e os limites frágeis da minha realidade começavam a oscilar.

Como mais cedo, quando o vi no corredor com a Lindsey. Meu primeiro pensamento foi que estavam flertando. Ela estava segurando o braço dele, e ele estava olhando para ela com intensidade. Mas depois percebi que estava olhando feio para ela e o alívio me inundou.

Eu não queria ser *aquela* garota: dependente e obcecada. Mas também não podia fingir ser alguém que não era. Eu ficava envergonhada, analisava as coisas em excesso e precisava ser tranquilizada. Porque isso: me abrir com alguém, confiar meu coração a alguém, era importante.

— Então, está pronta para me contar por que tem passado tempo no treino? — perguntei para Peyton.

— Como você...

— Aaron deixou escapar.

— Traidor. — Ela franziu os lábios. — Eu não sei. Me ajuda a pensar.

— Ver moleques correndo em um campo de futebol te ajuda a pensar? E eu que achei que pudesse ser por causa de um certo novo técnico assistente.

— Não! Não, Lil. Não é mesmo isso. Nem é sobre o time. Só gosto do ar livre. Ajuda a limpar a mente.

— Estou preocupada com você — sussurrei.

— Não preciso que fique. Vou ficar bem, prometo.

Ela apoiou a cabeça no meu ombro como se aquelas palavras fossem me aplacar. Mas sabia tudo sobre as mentiras que contávamos para os outros para nos sentirmos melhores.

Estou bem.

Não tem problema.

Tudo está bem.

Aperfeiçoei essa mentira em particular ao longo dos últimos anos.

Quando se era partida por dentro, as rachaduras na alma eram preenchidas por meias verdades e promessas vazias, costurando-se só o suficiente para que as pessoas ao redor não notem, a não ser que prestem bastante atenção.

Até as mentiras se tornarem reais... e a máscara se tornar impenetrável.

Mas Peyton gostava de usar os problemas como armadura. Ela colocava um sorriso e entrava no campo de batalha, escolhendo ação no lugar da inatividade, mesmo que o comportamento as vezes fosse irresponsável e inapropriado. Eu preferia me esconder atrás da minha armadura.

Mas não com Kaiden.

Ele atravessara todas as minhas defesas quando me beijou aquela noite na festa de volta as aulas da Lindsey, e agora ele estava sob minha pele.

— Ah, aqui vamos nós — Ashleigh disse, me cutucando de leve.

Eu me acomodei entre minhas melhores amigas e me preparei para o jogo.

Esperando que esta noite fosse a noite do Kaiden brilhar.

Os Raiders estavam detonando. O jogo estava impecável, com Jenson marcando dois touchdowns e convertendo quase todos os passes. Era o final da primeira metade, com dois minutos sobrando no relógio. Tempo para marcar outro touchdown antes do apito soar.

Jenson correu para a posição, procurando por jogadores no campo. O apito soou e Aaron passou a bola para Jenson enquanto ele se afastava e encontrava o wide receiver mais para frente no campo. Mas um dos jogadores de defesa enormes de Levinson conseguiu passar, voando em Jenson assim que ele fez o passe. A bola zuniu pelo ar enquanto os dois caíam no chão.

Um suspiro coletivo ecoou pelo estádio quando Jenson ficou deitado no chão, retorcendo-se em agonia.

— Ah, merda — Ashleigh sibilou. — Ele está machucado.

O juiz parou o jogo e os paramédicos entraram em campo para cuidar do Jenson. Meu pai estava bem ao lado deles, boné na mão, esfregando o queixo conforme os observava colocar o jogador principal em uma maca e o carregar para fora de campo. Todo o lugar ovacionou o *quarterback*, o clima sombrio e tenso.

Segurei o braço de Peyton quando meu pai acenou para Kaiden e passou o braço pelo seu ombro, falando diretamente com ele. Kaiden assentiu e correu para posição.

Todos sabiam quem era o número sete a essa altura. Kaiden Thatcher, o garoto do outro lado do rio. O filho do nêmesis de Jason Ford do ensino médio.

Uma cidade pequena como Rixon não se esquecia, nunca. Mas esta noite, não tinham escolha a não ser aplaudir o *quarterback* reserva enquanto ele comandava o campo.

Desta vez, os colegas de time não o congelaram. Seguiram suas ordens, entregando a jogada perfeita, levando a bola até a zona final.

— Touchdoooooown. — O narrador gritou sobre a explosão da multidão. A força do aplauso chacoalhou meus ossos, me fazendo pressionar mais perto de Ashleigh. Estava acostumada com isso, sabia que tinha que esperar por isso, mas ainda assim sempre me pegava desprevenida.

Todos ao meu redor estavam em pé, comemorando e aplaudindo. Até Ashleigh estava em pé. Mas eu não me levantei. Não estava sorrindo ou torcendo por Kaiden em silêncio. Porque isso não era sobre futebol para mim. Era sobre o fato que meu pai, o primeiro homem que amei, estava com o braço em volta do pescoço de Kaiden e com um sorriso no rosto. Deveria ser um momento alegre, seu pai e o garoto que você gostava se abraçando desse jeito, mas não podia evitar sentir ciúmes. Kaiden queria futebol. Ele queria ir para a faculdade do outro lado do país e conseguir uma carreira no futebol. E meu pai podia ajudar a fazer os sonhos dele realidade.

A lesão prematura de Jenson era a chance de Kaiden brilhar, e seria um tolo de não a aproveitar. Então acho que fazia sentido que me sentia como se o estivesse perdendo bem na frente dos olhos.

— Sinto muito — Peyton sussurrou, como se já tivesse descoberto isso.

— Estou feliz por ele — soltei embargada, assistindo com olhos marejados meu pai e Kaiden saírem juntos do campo.

Estava feliz por ele.

Só não tinha certeza se a felicidade dele tinha espaço para mim.

Kaiden levou os Raiders para uma das maiores vitórias da história do

time. Ele foi uma força implacável em campo, arremessando passe perfeito seguido de passe perfeito. Liderou o time com facilidade, força e confiança. Todos testemunhamos uma mudança esta noite. No momento que Kaiden Thatcher deixou seu lugar como um Rixon East Eagle e se tornou um completo Raider.

— Puta merda, isso foi incrível.

— Olha a boca, mocinha — tia Hailee repreendeu Ashleigh, enquanto nos reunimos para esperar Aaron e meu pai.

— Desculpa, mãe. — Ela revirou os olhos.

— Aaron e Kaiden trabalham bem juntos — Poppy acrescentou com uma expressão orgulhosa. Ela adorava o Aaron, mas até aí, eles praticamente cresceram juntos com a Sofia.

Era legal, ter esta grande família estendida. Saber que não importava o que acontecesse ou qualquer surpresa que a vida colocasse no seu caminho, sempre tinha alguém com quem compartilhar.

Era um dos motivos pelo qual não me sentia pronta para deixar Rixon. Porque não importa o quanto achasse sua atenção sufocante as vezes, eram minha família, e não queria perder isso.

Os rapazes começaram a sair do estádio e todo mundo começou a aplaudir. Aaron se apressou até nós, aceitando abraços da irmã e Poppy antes da mãe e do pai o pegarem e darem um abraço apertado.

Procurei por Kaiden na multidão, o vendo perto da porta. Depois me toquei; não tinha ninguém esperando por ele.

Deus, queria ir até ele. Queria tanto ir até ele. Mas aí meu pai saiu do prédio e veio direto para nós.

— Como está Jenson? — tio Cam perguntou.

— Vai sobreviver, mas parece que vai ficar de fora da temporada.

— Merda, isso é um azar.

— Nem me diga — ele resmungou. — Já falei com Jack no telefone, exigindo respostas.

— Foi uma queda ruim — tio Cam disse.

— Diga isso a ele. — Meu pai tirou o boné e passou uma mão pelo cabelo. — Mas Thatcher jogou bem.

Desviei o olhar, escutando sem ver.

— Aquele garoto é fogo... me lembra de alguém que costumava conhecer no passado — o pai de Aaron disse.

— É, bom, vamos ver o que vai acontecer. Ainda está cedo. Apesar que não sei se ele vai entender assim.

— O que você quer dizer? — mamãe perguntou.

— Ia dar uma chance a ele, uma verdadeira chance... e agora ele a está tendo porque Monroe se lesionou.

— Estou certa que só está feliz por estar jogando.

— É, talvez.

Estava embasbacada. Meu pai ia dar uma chance para Kaiden, e eu não sabia de nada a respeito.

Por que Kaiden não me contou?

Você sabe porquê, uma vozinha sussurrou, mas a abafei. Porque era fácil trair alguém que não tinha fé em você. Mas trair alguém que estava dando uma chance... isso era uma coisa completamente diferente.

O vazio na minha barriga só cresceu.

— Vocês estão prontas para irem para a quermesse? — Aaron perguntou.

— Quermesse? — papai resmungou. — Pensei que tivéssemos concordado, nada de quermesse.

— Não, pai, você concordou, e eu e mamãe ganhamos. — Poppy riu. — Sabemos as regras. Não se preocupe, tomaremos cuidado. — Ela ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha.

— Vai com eles, Lil?

Enfim ergui o olhar para ele.

— Sim, falei que iria.

— Tome cuidado, está bem?

— Vamos tomar. — Enlacei o braço pelo da Peyton. Mas ele não estava falando para todo mundo; estava falando diretamente comigo.

— Certo, vai, antes que mude de ideia.

— Vou só buscar o Cole e os meninos...

— Meninos? Que meninos? — papai murmurou, mas Peyton já estava me arrastando para longe.

— Nós te amamos, pai. Te vejo mais tarde. — Poppy nos alcançou, ainda rindo.

— Juro, um dia ele vai enfartar.

— Se ele descobrir sobre Lily e Ka...

— *Peyton!* — Cutuquei ela nas costelas.

— Precisa parar de fazer isso — ela disse.

— E você precisa parar de tagarelar — ralhei.

— Desculpa. Nossa. É só a Poppy.

— Sim, mas não sabemos quem está escutando.

Todos nos reunimos nos carros de Ashleigh e Aaron.

— Moças, estão bonitas. — Bryan se juntou a nós. — Então, vamos fazer isso ou não?

— Vamos. — Aaron sorriu. — Mas quem não for na Casa do Susto tem que comprar algodão doce para todo mundo.

— Sabe que não vou nessa — falei, calor subindo pelas bochechas.

— Você não conta, Lil. Estou falando com esses babacas. — Ele acenou com a cabeça para Bryan e Gav, sem nenhum toque de provocação na voz. Ele entendeu. — Ei, onde está Thatcher?

— Estou aqui. — Ele se aproximou de nós.

— Ótimo jogo, QB — Ashleigh disse.

— É, valeu. — Ele esfregou a mandíbula, mal fazendo contato visual com alguém.

Em especial comigo.

— O que está acontecendo? — Lindsey entrou bem no meio da nossa pequena reunião e balançou as tranças, quase me açoitando no rosto.

— Vaca estúpida — Peyton resmungou.

Mas Lindsey não estava interessada em nós; seu olhar estava firme nos rapazes.

— Nós... hm, só estamos decidindo o que fazer — Aaron resmungou.

— O que você quer dizer? Vou dar uma festa. Sempre dou uma festa depois de um jogo.

— É, mas a quermesse está na cidade e pensamos... — Gav deu uma cotovelada no estômago do Bryan e ele se engasgou com as palavras.

— A quermesse? Deixa-me ver se entendi... vocês estão escolhendo ir na quermesse no lugar da minha festa?

— Como você disse, você dá uma festa depois de todo jogo. Podemos ir na próxima. — Cole deu de ombros.

— E você, Kaiden? Vai na minha festa, certo? Você precisa ir agora que é o novo QB. Todo mundo vai querer você lá.

Ele olhou feio para ela, soltando uma bufada frustrada.

— Vou onde eles forem. — Os olhos dele foram para Bryan e Gav.

— Talvez você devesse cancelar a festa e fazer uma vigília de torcida pelo Monroe — Aaron sugeriu. — Aposto que ele gostaria disso.

— Sério?

— Ah, é mesmo. Ele não iria querer você lá, porque traiu ele com o Sean.

— Deus, Aaron, você é um idiota.

— Que seja, Lindsey — ele falou. — Estou fora. Quem vai com a gente?

— Eu e Sofia vamos — minha irmã respondeu, pegando a mão da Sofia e a puxando na direção dos meninos.

— Espera um segundo, vocês vão mesmo na quermesse? — Lindsey olhou boquiaberta para Aaron.

— Sim. Até mais.

— Tá bom. Se todo mundo vai para a quermesse, eu também vou.

— O quê? — Peyton latiu. — Você não pode.

— Fica vendo. — Ela sorriu. — Acho que vejo vocês lá. — Lindsey piscou para Kaiden e saiu rebolando como se não tivesse acabado de jogar uma bomba enorme.

— Ela é maluca — Gav murmurou, dando um olhar estranho para Kaiden.

— Que seja — ele sussurrou, e eu estava super ciente do fato que ele ainda não tinha falado duas palavras para mim.

— Vem — Ashleigh disse. — Vamos encontrar vocês lá.

— Kaiden? — Gav falou.

— É, vamos nessa. — Os olhos dele passaram direto por mim ao ir na direção do carro.

Fui falar, mas Peyton me calou com um olhar firme.

— Nem pense nisso. Vamos naquela quermesse e não vamos deixar a Lindsey Filmer acabar com nossa diversão.

— Tudo bem — resmunguei, entrando no banco de trás do carro da Ashleigh.

Mas não estava tudo bem.

Nem um pouco.

KAIDEN

A QUERMESSE ERA um borrão de luzes e sons e gritos de animação que preenchiam o céu noturno como fogos de artifício.

— Aí sim! — Bryan bateu palmas enquanto esperávamos os outros saírem dos carros.

— Você sabe que merecia estar em campo hoje — Gav disse.

— Sim, mas não desse jeito.

O técnico ia me dar uma chance. Uma chance justa e legítima para provar meu valor. Mas aí Monroe foi tirado de campo e o técnico não teve escolha a não ser me colocar em campo. Talvez não devesse fazer diferença, mas fazia.

Era importante para mim.

— É, cara — Bryan acrescentou —, você precisa se livrar do mau humor e ver pelo que é. Sua hora de brilhar.

Grunhi uma resposta inaudível. Eles não entendiam. Para eles, era a diferença entre jogar e não jogar. Mas para mim, era mais do que isso. Era sobre ser bom o suficiente para jogar quando o *quarterback* titular do time estava machucado, mas não ser bom em qualquer outra situação.

Incomodava-me de tudo o que é jeito. Mas estava definido. Monroe estava fora da temporada com um braço quebrado, e eu era o novo *quarterback* para os Rixon Raiders. Como meus amigos disseram, era minha hora de brilhar. Mas tinha algo agri-doce sobre tudo isso.

— Certo, vamos nessa — Aaron disse, vindo até nós. — O que vamos fazer primeiro?

— A roda gigante — Poppy sugeriu.

— Parece bom para mim. — Ele deu um sorriso tímido para ela.

Jesus, ele estava cadinho.

Meus olhos foram para Lily e nem me surpreendi de encontrá-la mordiscando o lábio inferior, os dedos puxando de leve a ponta da trança. Ela estava nervosa, e não podia culpá-la.

Fui um babaca hoje, mal conversei com ela e depois a ignorei logo após o jogo. Mas minha cabeça estava uma maldita confusão. Era o *quarterback* agora. O time era meu. O técnico iria depender de mim para liderar. Iria confiar algumas coisas a mim.

Coisas que não incluíam desejar a filha dele.

Fodeu minha vida.

— Kaiden, cara, você está dentro? — Bryan perguntou.

— Acho que sim.

Todos fomos comprar os ingressos e depois entrarmos na fila. Mas Lily hesitou, olhando para a roda gigante com olhos arregalados. Eu

me movi para mais perto dela, sem conseguir lutar contra a atração que sentia sempre que ela estava perto.

— Isso não é nada perto do simulador virtual — falei, tentando quebrar o gelo que se congelara entre nós.

— Fui uma vez... com meu pai. Me lembro de sentir como se estivesse no topo do mundo. Não parece muito alto agora, mas ainda não sei.

— Vou com você.

— Você vai? — Ela olhou para mim. — Porque mais cedo meio que fiquei com impressão que você não queria nada a ver comigo.

— Foi um dia longo. — Soltei um suspiro longo e equilibrado.

— Tudo bem — sussurrou, e odiei a incerteza em sua voz.

A incerteza que *eu* coloquei ali.

— Mesmo?

— Sim. Vou com você, Kaiden.

— Lutando com um sorriso, nos juntamos a fila com nossos amigos. Bryan estava implorando para Peyton ir com ele.

— O único jeito certo de ir na roda gigante é garoto com garota — ele disse. — Todo mundo sabe disso.

— Vou com Aaron — Poppy falou um pouco rápido demais.

— Ashleigh? — Gav perguntou e ela deu de ombros.

— Claro.

— Parece que sobrou comigo, Sofia. — Cole inclinou o queixo para ela.

— Na verdade, talvez devêssemos trocar — Aaron falou, fazendo uma careta, e a irmã revirou os olhos.

— Espero que não seja babaca desse jeito quando arrumar um namorado de verdade.

— Namorado? Que porra é essa?

Todo mundo riu e ela acrescentou:

— Todo mundo pensaria que tenho quinze anos, e não quase dezessete.

Era a vez do nosso grupo. Bryan não perdeu tempo de entregar dois ingressos para o responsável e puxar Peyton para a cesta com ele.

— Ele vai ficar tão triste quando ficar chupando o dedo — Sofia afirmou.

— Na verdade, acho que vai ficar bem feliz — Gav gargalhou e os rapazes riram junto.

Ela olhou boquiaberta para eles.

— O quê? — Os olhos dela se arregalaram. — Ah, Deus, isso é nojento. Sabem que não quis dizer...

— Só garanta não tentar chupar o Cole — Gav falou.

— Cara! — Aaron repreendeu. — Não foi legal, porra.

Poppy o arrastou para a próxima cesta.

— Talvez isso não seja uma boa ideia — Cole resmungou.

— Muito obrigado, babaca. — Sofia saiu tempestuosa para a área de embarque.

— Garotas. — Ele balançou a cabeça, seguindo atrás dela.

— E aí éramos quatro — Ashleigh falou. — Pelo menos Lindsey ainda não chegou.

— Talvez ela não apareça — Gav sugeriu.

— Ah, ela virá.

Os olhos de Lily foram para o chão. Queria pegar sua mão e tranquilizá-la, mas não queria passar dos limites. Não aqui, em público.

Ashleigh e Gav embarcaram em seguida, nos deixando a sós.

— Você tem certeza? — perguntei.

— É, acho que sim. Só anda devagar, certo?

— Sim. E vai ter uma vista linda da cidade.

— Tudo bem. — Ela sorriu, mas não chegou nos olhos. Tinha uma distância entre nós que não estava ali antes, e só tinha a mim para culpar. Mas não estava acostumado a pensar em outra pessoa. Menos ainda em uma garota como Lily. E não parecia justo me abrir com ela sobre o pai. Não queria colocá-la no meio desse jeito.

Porra, isso era difícil.

Quando era o QB reserva e éramos só nós dois, era fácil fingir que não estávamos fazendo nada de errado. Quer dizer, estávamos. Mas não era como se fosse decepcionar o técnico porque não tinha nenhum relacionamento entre nós para arruinar. Mas agora eu era o *quarterback*; tudo seria diferente.

O funcionário acenou para que avançássemos e deixei Lily ir na minha frente. Ela entrou com cuidado na cesta, ficando na parte de dentro. Deslizei ao seu lado e puxei a barra de segurança.

— Tudo bem?

Ela assentiu, passando os olhos pelo mecanismo que unia a cesta ao resto da estrutura.

— Está segura, prometo. — Mas as palavras eram como cinza na minha boca. Ela poderia estar segura no equipamento, mas não podia mais dizer o mesmo sobre seu coração.

O funcionário foi para trás do quiosque e apertou o botão, e a estrutura começou a se mover. A mão da Lily foi para frente, segurando a barra.

— Está tudo bem — eu disse. — Viu.

A roda gigante começou a deslizar mais suavemente conforme subíamos bem alto acima da quermesse.

— Assim é melhor — assentiu, retraindo as mãos devagar. Eu me aproveitei e peguei uma, enlaçando nossos dedos. Lily sorriu para mim.

— Desculpa por ser um babaca hoje.

— Você não me contou sobre meu pai querer dar uma segunda chance a você.

— Não sabia como.

— Por que isso muda as coisas?

Era minha vez de assentir, sobre o grande nó na garganta.

— Acho que sempre estivemos condenados, hm? — O sorriso fraco dela destroçou meu âmagô.

— Queria que as coisas fossem diferentes. Mesmo. — Deslizei a mão pelo pescoço dela, passando os dedos no seu rosto. — Porra, Lily, eu...

— Ssh, apenas me beije. — Ela acabou com o espaço entre nós, roçando os lábios nos meus. Lento e suave, nossas línguas se enroscaram. Porra, beijá-la sempre me tirava o fôlego.

Seus dedos se apertaram no meu moletom, segurando o material para nos ancorar juntos.

— Não quero que seja um adeus — sussurrou.

— Eu também não. — Toquei a cabeça contra a dela, respirando-a. O cheiro doce de cereja assoberbou meus sentidos até estar me afogando em Lily Ford.

— Eu não sei como fazer isso — confessei.

— Fazer o quê?

— Liderar um time que não me respeita. — *Mentir para um treinador que finalmente está me dando uma chance.*

— Você conquista, Kaiden — respondeu com convicção, o rosto ainda pressionado impossivelmente perto do meu. — Dê tempo a eles e logo todos verão o que eu vejo.

— O quê?

— Você é um cara legal, Kaiden Thatcher. — Desejo queimou em seus olhos, mas era mais do que isso. Era emoção real e irrestrita.

Eu me afastei, engolindo o nó na garganta.

— Qual é o problema?

— Nada — falei, passando o braço em volta dela e a puxando para perto.

Chegamos no topo da roda gigante, Rixon brilhando ao longe como um mar de diamantes. Não era um lar para mim, não há muito tempo. Mas sentado aqui com Lily, eu a via com outros olhos. Não queria ficar aqui. Queria ir para o mais longe possível do meu pai e sua toxicidade. Mas o pensamento de deixar a garota ao meu lado... Isso me dilacerava.

— É tranquilo aqui em cima — afirmou, segurando meu braço com força.

— Sim. — Suspirei alto.

— Queria que pudéssemos ficar mais tempo.

— Eu também.

Longe dos nossos amigos. De olhos curiosos e olhares julgadores. Longe do time e responsabilidade e do pai dela.

Longe do meu pai.

— O que acontece quando voltarmos para baixo? — Lily olhou para mim.

— A verdade? — Ela assentiu, e me forcei a dizer: — Não sei.

— Tinha medo que dissesse isso. — Ela desviou o olhar.

— Ei. — Segurei seu rosto outra vez, persuadindo ela a olhar para mim. — Nunca se esconda de mim, Lily.

— Nunca parta meu coração, Kaiden. Não sei se sobreviveria.

Caralho.

Era a melhor e a pior coisa possível que ela podia dizer para mim.

Antes que pudesse responder, nossa cesta chegou na plataforma e nossos corpos se afastaram automaticamente. Nossos amigos estavam reunidos perto da lanchonete. Ajudei a Lily a sair da roda gigante, deixando minha mão se demorar por um segundo.

Ela me deu um sorriso secreto disse:

— Obrigada pelo passeio.

Eu a vi se afastar com o passo animado. Lily estava desabrochando na frente dos meus olhos e estava aterrorizado para caralho que tudo iria ruir em cima dela. Ela me pedira para não partir seu coração, mas era uma promessa que sabia que eu não poderia cumprir. Porque um dia, ela iria querer mais do que beijos roubados em uma roda gigante e toques encharcados de chuva no meu carro.

Lily merecia o mundo. Ela merecia um cara que podia dar tudo a ela. Não um cara que planejava deixar Rixon e nunca olhar para trás no segundo que tivesse a chance.

— Conheço esse olhar — Peyton falou, se juntando a mim.

— É, e que olhar seria? — perguntei, frio.

— O que você está tentando decidir como dispensá-la com carinho.

— É complicado.

— Subestimei você, Kaiden — respondeu. — Pensei que ajudaria ela a abrir um pouco as asas, se divertir um pouco. Não imaginei... — Ela deixou sem terminar.

— Não imaginou o que?

— Que se apaixonaria por ela.

Respirei fundo.

— A pergunta agora é, o que vai fazer a respeito? — ela incitou.

— Eu não sei. Mas não é justo fazê-la escolher entre mim e o pai.

— Algo engraçado sobre a vida. Ela não é justa. — Amargor pendia das palavras de Peyton. — Ela está feliz, sabia. — Nós dois olhamos para onde nossos amigos estavam esperando na fila do algodão doce. — Acho que nunca a vi sorrir tanto. Você acendeu algo dentro dela.

— Acha que não sei disso? — Frustração cobria minhas palavras.
— Nunca quis que isso acontecesse.

— Mas aconteceu... então agora você precisa descobrir o que diabos fazer com isso. Acha que fúria do pai dela será ruim quando descobrir que está saindo com a filha dele... imagine como será quando descobrir que partiu o coração dela. — Peyton me deu um olhar firme antes de sair para se juntar aos nossos amigos. Lily olhou para mim e franziu o cenho, os olhos brilhando com preocupação.

Dei um sorriso fraco e ela retribuiu.

Peyton estava certa?

Era melhor cortar o mal pela raiz agora e confessar para o técnico antes que ele descobrisse pelos outros? Era um grande risco, considerando que segurava meu futuro na palma da mão.

Mas não era só o treinador. Era meu pai. Nunca poderia levar Lily para casa. Nunca poderia exibi-la para meus pais e fazê-la sentir-se parte da minha família.

Mas poderia me afastar dela?

Abafando os pensamentos confusos, fui até eles, e ela me encontrou no meio do caminho.

— O que você estava fazendo ali sozinho?

— Só pensando.

— Coisas boas, espero? — Ela olhou para mim pelos cílios grossos.

Um momento passou enquanto lutava para encontrar as palavras para responder. Por sorte, Bryan escolheu aquele exato momento para anunciar o próximo brinquedo.

— Carrinhos de bate-bate. — Ele sorriu.

— Ah, agora sim! — Peyton e ele deram tapinhas no ar.

— Sim. — Ele socou o ar e foi atrás dela.

— Alguém precisa dizer a ela para não o incentivar — Gav disse.

— Nah — respondi. — Abaixar um pouco a bola dele não vai doer.

Cole e Aaron bufaram com isso.

— Garotas contra garotos? — Poppy sugeriu.

— Parece bom para mim.

— Vou ficar de fora dessa — Lily falou, voltando os olhos para os meus. Tinha algo neles, mas não era ansiedade. Não dessa vez.

— Vou esperar com você. — As palavras saíram da minha boca antes que pudesse pará-las.

— Gostaria disso — falou, um pouco sem ar.

— Divirtam-se. — Poppy deu uma risadinha e Lily deu um olhar irritado a ela.

— Vamos — eu disse. — Podemos ver as barraquinhas.

Lily se aproximou, calor fervilhando em seus olhos.

— Parece bom.

Não chegamos nas barraquinhas. Puxei Lily para as sombras entre a Casa dos Sustos e a bilheteria e a empurrei contra a parede.

Não sabia o que iria acontecer amanhã, ou no dia seguinte, ou no outro. Tudo o que sabia era que Lily estava aqui, e ficava me olhando com desejo nos olhos. Desejo que combinava com o meu.

— E se alguém nos ver?

— Ninguém está olhando para você a não ser eu — falei, rouco.

Lily olhou para mim, a pele corada e os olhos maravilhados.

— Vem cá. — Ela curvou o dedo para mim e fui fácil, pressionando o comprimento do corpo contra o dela, meu braço estendido sobre a sua cabeça enquanto a prendia ali.

— Quero sentir você — ela sussurrou.

Diga não.

Diga não porra.

Assenti, os olhos se fechando enquanto ela passava a mão sobre meu pau. Os dedos abriram o botão do meu jeans e entraram na minha cueca.

— Porra, Lily — suspirei conforme pegava meu pau com vontade.

— É tão duro — disse rouca.

A ingenuidade dela era sexy para caralho e dei uma risada enquanto me acariciava devagar e sem habilidade. Mas não importava. Podia me tocar assim quando quisesse, e morreria com um sorriso no rosto.

— É gostoso? — sussurrou contra o canto da minha boca, e assenti, abafando um gemido.

— Mais rápido.

Acelerou. Me masturbando com mais pressão. Eu a beijei, passando o braço por sua cintura e a puxando o mais próximo possível enquanto deslizava a língua em sua boca.

— Porra, Lily — rosnei, tentando recuperar o fôlego conforme prazer subia e descia pela minha coluna. Era incrível, os dedos finos se movendo para cima e para baixo, o polegar passando sobre a cabeça, espalhando a gota de porra pelo comprimento.

— Mais forte — arfei, estocando na sua mão. Ela me observou, os olhos hipnotizados. Levando os lábios para a orelha dela, sussurrei: — É tão bom, Lily. Queria que fosse você. Queria estar dentro de você, sua boceta apertada ao meu redor.

Lily gemeu com minhas palavras safadas. Não sabia o que estava dizendo, perdido nas sensações crescendo dentro de mim. Estava perto, perto para caralho de gozar sobre a mão dela.

— Se não quiser fazer uma bagunça, deveria parar — disse entredentes, mas ela apenas sorriu, segurando mais firme.

— Te devo uma. — Sorriu, me beijando. A outra mão segurou minha nuca, me segurando no lugar quando minhas pernas começaram a ceder.

— Eu vou... pooooooooorra. — Prazer disparou pela minha coluna enquanto pulsava na mão dela.

— Isso foi divertido. — Riu contra meus lábios conforme eu curti as ondas intensas de prazer pulsando por mim.

— Você é outra coisa, Lily Ford. — Eu a beijei, antes de me afastar para recuperar o fôlego.

Ela tirou a mão da minha calça e fez uma careta.

— Talvez não tenha pensado bem nisso.

Nossa risada encheu o ar, acabando com a intensidade que pairava entre nós.

— Tenho lenços na bolsa. — Ela acenou para a bolsa pendurada em seu corpo. Peguei o pacote e tirei alguns lenços.

— Obrigada. — Ela se limpou enquanto eu fechava a calça. Estava pegajoso e molhado, mas não ia reclamar.

— Todas as vezes que penso que não pode mais me surpreender, você me prova errado. — Tirei os fios de cabelo soltos do seu rosto.

— É você, Kaiden. Você me faz sentir viva.

— Não, Lily. — Eu a corriji, culpa se esgueirando em mim, apertando meu coração. — É tudo você.

LILY

SAÍMOS DAS SOMBRAS, mantendo uma boa distância entre nós.

Eu não conseguia parar de sorrir. Quando Kaiden me puxou entre a Casa do Susto e a bilheteria, fui consumida por luxúria. Era tão poderosa que não podia pensar em nada além de tocá-lo. Beijá-lo. Estar com ele.

Mas era agriçdoce, porque ainda tinha uma nuvem escura pairando sobre nós. Esta noite mudava as coisas.

Não o que acabara de acontecer entre nós, mas o fato de Kaiden agora ser o *quarterback* titular do meu pai. E depois do nosso passeio de roda gigante, não sabia o que ele estava pensando.

— Aí estão vocês — Peyton disse conforme nos aproximávamos do grupo. Mas algo estava errado. Os olhos dela estavam um pouco arregalados e o sorriso um pouco forçado. — Olha quem nos encontrou. — Ela fez uma careta, dando um passo ao lado para revelar Lindsey e Candice.

— Estava procurando você. — Lindsey se aproximou de Kaiden, enlaçando o braço pelo dele. — Peyton disse que você ficou preso sendo babá da Lily enquanto todo mundo estava no bate-bate.

— Não fiquei...

— Onde vão em seguida? — interrompi, sem querer fazer uma cena. Se Lindsey suspeitasse que tinha algo acontecendo entre nós, eu nunca teria paz.

Ela queria Kaiden, e acabaria com qualquer um que tentasse entrar no caminho dela.

Incluindo eu.

Especialmente eu.

— Kaiden vai me levar na roda gigante, não vai?

— Na verdade, já fomos nela. Que azar. — Peyton deu um sorriso enjoativamente doce.

— E? Pode ir outra vez, não pode? — Ela piscou para ele, me fazendo abafar um gemido.

Ela era tão óbvia, tão persistente, quando ele não dera nenhuma indicação que estava interessado.

— Vamos conferir a Casa dos Sustos — Bryan sugeriu no lugar.

— Sim — Lindsey sorriu. — Adoro aquelas coisas. Mas vou precisar que me proteja. — Ela se pressionou mais perto de Kaiden e fiquei para trás enquanto todos iam em direção a Casa do Susto.

— Vaca maldita — Peyton sibilou. — Não quer abrir o jogo e dizer para todo mundo que você e Kaiden estão juntos?

— Não sei o que somos — admiti, sentindo o peso da verdade em

mim.

Quando estávamos apenas nós dois, me sentia confiante da conexão que compartilhávamos. Mas agora, observando ele andar com a Lindsey, apesar de só estar apaziguando-a, não me sentia não confiante.

— Mas vocês conversaram?

— Nós... hm, sim. — Minhas bochechas arderam enquanto me lembrava exatamente o que havíamos feito enquanto nossos amigos estavam no carrinho de bate-bate.

— De jeito nenhum — ela zombou, os olhos divertidos. — Lily Ford, você é tão safada.

— Nunca me senti assim antes. Toda vez que ele está perto eu só quero...

— Pular em cima dele?

Ela teve um acesso de riso, mas não me sentia com vontade de rir. Não enquanto Lindsey estava enrolada em Kaiden como um cobertor barato.

— Ainda quer manter segredo?

— Não sei.

— De um jeito ou de outro, uma hora virá à tona.

— Eu sei. Mas Kaiden merecer ser *quarterback*. Ele merece ter sua hora de brilhar. Se nos revelarmos para meu pai. — Se Kaiden sequer quisesse isso. — Não quero ser o motivo que meu pai o puna em campo.

— Acha mesmo que ele faria isso?

— Conhece meu pai? — Eu lhe dei um olhar incisivo. — Mesmo que ele superasse, afetaria o relacionamento deles como técnico e jogador. Faltam apenas algumas semanas até a temporada acabar. Talvez possamos esperar e depois contar.

— É uma grande decisão, Lil. Quase dois meses tentando manter Lindsey afastada e garantindo que não sejam pegos.

— Sim, mas ele vale a pena. — Olhei para onde Kaiden estava. Enfim conseguira se soltar de Lindsey, se colocando entre Gav e Ashleigh. Sorri para mim mesma. Apesar dela se aproveitar de toda insegurança que tinha sobre mim mesma, percebi que se isso fosse dar certo, precisava confiar em Kaiden.

Bem no fundo, sabia que ele nunca me machucaria de propósito.

— De qualquer forma — falei, precisando dar um tempo de pensar demais em tudo. — E você e Bryan? Ele gosta de você.

— Ele gosta dos meus peitos, babe.

Abafei uma risadinha.

— Talvez. Mas acho que é mais do que isso. Acho que ele gosta de você.

— Somos amigos. Ele me faz rir, e sei que soa estranho, mas sinto

que vai me proteger. Mas não sinto nada por ele.

— Ele sabe disso?

— Não vou enrolar ele, Lily. — A expressão dela ficou séria. — Ele é um cara legal, mesmo que seja um pouco apressadinho demais.

Nos aproximamos dos nossos amigos conforme se enfileiravam para a Casa do Susto.

— Você vem, Lily? — Lindsey me deu um sorriso irônico.

— Não neste.

— Você não está... assustada, está? — Ela deu uma risadinha atrás da mão.

— Não seja uma vaca, Linds — Aaron disse entredentes.

— O quê? Só estou dizendo, é meio ridículo que uma garota de dezessete anos tem medo...

— Você sabe por quê. — Dei um olhar sombrio a ela e seus olhos se arregalaram.

— E o que isso quer dizer?

— Nada — cedi, surpresa que sequer disse isso.

Por sorte, o funcionário chamou todos para a frente, e escapei de me explicar. Kaiden olhou para trás ao entrar na atração. A expressão dele suavizou, a boca erguendo no canto, e estou certa que vi orgulho ali. Depois ele desapareceu no abismo preto com os amigos atrás.

— O quê? — falei para Peyton enquanto ela me observava com atenção.

— Você está diferente. Eu gosto disso.

— É, bom, ela é uma vaca.

— Lily May Ford, você não acabou de xingar. — Ela me envolveu com os braços. — Minha garotinha está crescida.

— Você é uma palhaça.

— Mas você me ama. — Peyton encheu minhas bochechas de beijos com cheiro de algodão-doce.

— Sim. — Risada borbulhou no meu peito. — Amo.

Não ficamos muito depois disso. Uma tempestade surgiu, trazendo com ela uma chuva pesada que nos fez correr para o estacionamento. Na correria, Peyton acabou com Bryan e Gav no carro dele, e Kaiden veio comigo para o carro da Ashleigh.

— Acho que vamos atravessar o rio. — Ela sorriu para nós pelo retrovisor.

— Não precisa fazer isso — Kaiden disse, pegando o telefone. — Vou ligar para o Gav e dizer para fazer meia volta e vir me buscar.

Chuva açoitava o carro, abafando a batida acelerada do meu coração.

— Ainda está cedo, podemos te dar uma carona. — Ashleigh piscou, e minhas bochechas coraram.

— Só se não tiver mesmo problema?

Ela ligou o rádio, nos dando um pouco de privacidade. Não era como estarmos sozinhos, mas era melhor do que dizer boa noite.

Kaiden estava com minha mão enlaçada na dele, a coxa pressionada na minha. Apoiei a cabeça no ombro dele e soltei um suspiro contente.

— Você está toda molhada — sussurrou contra meu cabelo encharcado.

— Não posso acreditar que veio com a gente. — Olhei para ele.

— Não estava pronto para dizer boa noite.

— Eu também não.

O telefone dele começou a tocar. Ele o pegou e atendeu.

— Sim?

Conseguia só identificar a voz grossa do Bryan.

— Sim, tá bom... até. — Kaiden desligou. — Mudança de planos... Bryan quer saber se queremos passar um tempo na casa dele.

— Peyton vai?

— Sim.

— Leigh? — perguntei.

— Estou dentro. Mas ele tem comida? Porque estou morrendo de fome. Não posso acreditar que não comemos tacos.

— Podemos pedir pizza.

— Aí sim! Vai ter que me falar o caminho.

— Posso fazer isso — Kaiden disse. — Só continue indo na direção de Riverside e te guio de lá.

Demoramos um pouco menos de quinze minutos para chegar no Bryan depois que Ashleigh virou na errada.

— Puta merda, ele mora em uma mansão.

— Né? — Kaiden sorriu. — E a melhor parte? Os pais dele não estão na cidade. — Os olhos dele escureceram conforme observava minha reação.

Dei um sorriso tímido a ele, meu coração batendo acelerado no peito.

Enquanto saíamos do carro, meu telefone vibrou, e o peguei da bolsa.

Poppy: Estamos na Sofia. Vai precisar de uma desculpa pra mamãe e papai.

Lily: Entendi, obrigada.

Abri uma nova mensagem e comecei a digitar.

Lily: Oi, mãe. A chuva acabou com a quermesse, então vamos comer alguma coisa. Estou com Peyton e Ashleigh.

Ela respondeu na hora.

Mãe: Divirta-se, querida. Mas, por favor, chegue antes do horário. Não quero que seu pai enfarte antes dos quarenta e cinco.

— Tudo certo — falei, deslizando a mão na de Kaiden. Ele me deu aquele olhar quente outra vez, fazendo meu estômago revirar.

— Bem-vindas a Casa Hughes — Bryan nos recebeu na porta. — Mi casa es su casa.

— As garotas estão com fome — Kaiden respondeu, me deixando entrar primeiro. A mão dele pousou na minha lombar, me guiando para dentro.

Ansiedade com um toque de animação nadava em minhas veias. Não precisaríamos fingir aqui.

— Pizza? — Bryan perguntou, andando para trás pelo corredor.

Ashleigh assentiu.

— Você mora em uma maldita mansão, cara.

— É legal, eu acho.

— Legal? Pensei que a casa de Sofia e Aaron fosse outra coisa, mas isso... uau. — Os olhos dela estavam maravilhados.

— Mas não acho que será suficiente para impressionar Peyton. Ela parece... tensa de estar aqui. — Rugas franziram sua testa.

— Não leve pro lado pessoal. Ela está passando por umas coisas.

— É. — Ele passou uma mão no rosto. — Imaginei. Retomando, eles estão no cinema.

— Cinema. — Movi a boca para Kaiden e seus olhos franziram com diversão.

Seguimos Bryan para o porão, só que não era um porão. Iluminação ambiente refletia pelas paredes, deixando o recinto com um brilho luminoso. Uma tela de cinema enorme preenchia a parede mais distante, um grande sofá cinza na sua frente, e outro sofá pequeno atrás dele. Tinha uma alcova com um bar, completo com banquetas e uma parede cheia de álcool da melhor qualidade.

— Me lembre por que não viemos aqui antes? — Ashleigh disse com um sorriso impressionado.

— É legal, né? Meus pais são bem rigorosos quando estão por perto. Então só posso aproveitar quando não estão aqui.

— Acho que poderia morar aqui — Peyton falou de onde estava enrolada em um canto do sofá. Ela puxara um cobertor fofinho sobre si e estava mordiscando um punhado de nozes.

— Estão no clima de um filme de ação ou terror?

— Você está bem com isso? — Kaiden envolveu os braços por trás de mim e abaixou o queixo no meu ombro. Cobri suas mãos com as minhas, soltando um suspiro suave.

— Sim — respondi.

Terror não era minha primeira escolha, mas não queria arruinar a diversão de ninguém. Além do mais, com Kaiden ao meu lado, algo me dizia que não iria assistir muito do filme.

Ele me guiou para o pequeno sofá e nos sentamos. O braço dele passou pelo meu ombro e me afundei em seu lado.

— Sintam-se em casa. — Bryan sorriu para nós.

— Cerveja? — perguntou para Kaiden, que assentiu. — Lily? Tem água com gás ou refrigerante.

— Refrigerante está bom, obrigada.

Ele trouxe nossas bebidas e pegou o telefone.

— Vou pedir a pizza. Alguma preferência ou posso pedir qualquer coisa?

— Qualquer uma serve pra mim — Gav disse e as garotas concordaram.

— Vocês dois?

— Sou fácil — falei.

— É, eu também. — Mas Kaiden não estava olhando para o amigo. Os olhos estavam fixos no meu rosto.

Bryan bufou e saiu.

— Oi. — Eu me virei para ele e sorri, corando sob sua análise intensa.

— Oi — saiu como um sussurro rouco contra o movimento da sua garganta.

A tela acendeu com um barulho e Bryan apertou um controle, deixando a sala escura. Meu coração acelerou um pouco quando me sobressaltei, mas Kaiden se aproximou.

— Cuido de você, Lily.

Os créditos de abertura mal começaram a passar quando ele me beijou.

Começou devagar e tranquilo, mas rapidamente se tornou outra coisa enquanto estávamos sentados na escuridão, perdidos um no outro.

— Porra, Lily — ele suspirou contra meus lábios, a voz abafada pelo sistema de som.

— Eu sei. — Inalei uma respiração entrecortada.

— Quer sair daqui? — perguntou, incerteza lampejando em seus olhos.

— S-sim, pode ser. — Ele pegou minha mão e me puxou para cima, nós dois nos esgueirando da sala enquanto os outros estavam

distraídos pelo filme.

A luz foi forte no meu olho quando saímos no corredor.

— Bryan não vai ligar? — perguntei.

— Nah, ele deve ter esperado que desapareceríamos.

— Ah. — Abaixei o olhar, tentando esconder meu rubor.

— Vamos, quero te mostrar uma coisa. — Kaiden me levou pela casa e para uma grande cozinha de conceito aberto. Tinha vista para o jardim dos Hughes e a piscina olímpica. Ali, aconchegada na borda, tinha uma casa da piscina.

— Deveríamos estar aqui?

Kaiden manteve um aperto firme na minha mão ao cruzarmos o jardim.

— Não tem problema. Venho aqui o tempo todo. — Ele se abaixou e ergueu um pequeno vaso, pegando uma chave do chão. — Viu.

Mordisquei o lábio inferior enquanto Kaiden abria a porta e me guiava para dentro. No segundo que entrei, notei o que queria me mostrar.

— Uau — falei, olhando para uma grande redoma de vidro no teto.

— É demais, né?

— Sim. — Uma tela de estralas brilhava para nós. — É lindo.

— Não tanto quanto você. — Ele deslizou os dedos nos meus passadores e me puxou para frente. — Pensei a noite inteira em ficar sozinho com você outra vez.

— Mesmo?

— Sim. Mas podemos ir ao seu tempo, tá bom?

Pressionei os lábios, dando um pequeno aceno a ele.

— Isso está bom? — Ele inclinou um pouco meu rosto, passando os lábios na minha mandíbula e pela curva do meu pescoço. Um gemido suave escapou de mim enquanto ele lambia e chupava e mordiscava a pele.

— É tão gostoso — falei, abafando um gemido conforme suas mãos apertavam meus seios com carinho.

Kaiden sabia o que estava fazendo. Sabia como me tocar e como me beijar e me deixar louca. E eu amava isso. Amava que ele podia guiar as coisas e me tirar dos meus pensamentos o suficiente para me sentir corajosa. Livre.

Os dedos dele abriram o zíper do meu moletom com destreza e o empurrou dos meus ombros, o deixando cair no chão.

— Quero sentir sua pele outra vez — falei. Passando as mãos pelo seu peito. Kaiden se afastou, sorrindo.

— Isso é possível. — Ele tirou o moletom e a camiseta ao mesmo tempo, me agraciando com seu corpo perfeito.

Minha boca encheu de água enquanto traçava seu abdômen, aprendendo os contornos do seu corpo. Podia passar horas me

familiarizando com todas suas cicatrizes e falhas, mapeando cada vale e cume.

— Você é lindo — falei, maravilhada com seu físico.

— Acho que nunca fui chamado de lindo antes — respondeu com a voz embargada.

— Bom, você é.

Os dedos dele foram para a barra da minha camiseta, brincando com o material. Assenti, dando permissão silenciosa e ele a puxou sobre minha cabeça, tomando cuidado para não desmanchar minha trança.

Seu olhar se demorou na curva dos meus seios, se movendo pela minha barriga e sobre a curva dos quadris.

— Porra — sibilou.

Peguei sua mão na minha e a coloquei no meu peito, bem acima do vale entre meus seios.

— Não sou de vidro, Kaiden. Não vou quebrar. — Não queria que ele me tocasse como se fosse algo frágil e friável. Não era o que precisava dele.

Sem tirar os olhos de mim, ele passou o dedo pela curva do meu seio e o deslizou pela minha barriga, rodopiando meu umbigo e depois para meu jeans.

Segurei o fôlego, esperando que Kaiden abrisse o botão, mas não abriu. Ao invés disso, suas mãos foram para a parte de trás das minhas coxas e ele me ergueu. Minhas pernas envolveram sua cintura enquanto ele me carregava para a cama e me deitava.

— Se precisar parar, me diga, tudo bem?

Assenti, desejo líquido percorrendo minhas veias. Meu coração batia com tanta força que me sentia tonta. Kaiden parou na minha frente, me olhando por olhos a meio mastro. A mão foi para as calças dele, abrindo o cinto e as removendo. Depois que as afastou, tirou meu jeans devagar. Minha respiração falhou conforme ele engatinhava sobre mim, se abaixando.

— Tudo bem? — perguntou, e assenti, assoberbada demais com a sensação do seu peso sobre mim.

Kaiden roçou o nariz contra o meu, me beijando suavemente enquanto sua mão se curvava na minha nuca. Gemi contra seus lábios quando se pressionou contra mim, me provocando. Estávamos separados por uma camada de tecido, mas ainda o senti ali, duro e pronto. Minha pele ficou quente, minha cabeça rodopiando com pensamentos confusos.

Queria isso.

Queria ele.

Mas sexo mudava as coisas.

Iria me mudar.

— O que é? — ele perguntou. — Qual é o problema?

— Não sei se estou pronta — admiti, meu coração batendo nas costelas.

— Não precisamos fazer isso. Só quero estar aqui com você desse jeito. Você faz tudo ficar em silêncio, Lily. — Kaiden roçou os lábios nos meus outra vez, me dando um beijo intenso. Nossas línguas se tocaram enquanto ele se movia com cuidado contra mim outra vez.

— Porra, você é tão gostosa e ainda nem estou dentro de você. — Uma das mãos dele subiu pela minha coxa, erguendo minha perna em volta da sua cintura, permitindo que roçasse com mais precisão.

Engoli um gemido, ondas suaves de prazer já crescendo em mim.

— Me toque — sussurrei, e os olhos dele lampejaram com desejo.

— Sim?

— Sim. — Engoli.

A mão dele se moveu pela minha calcinha, deslizando para dentro do tecido úmido. Eu me arqueei da cama quando deslizou dois dedos em mim, os curvando enquanto o polegar encontrava meu clitóris, o circulando com um movimento suave.

— Deus... — arfei, segurando o lençol. — É tão bom.

— Você confia em mim? — ele perguntou.

Olhei para ele e assenti com um sorriso.

— Confio.

Confiava nele com meu corpo...

E meu coração.

KAIDEN

A SENSACÃO dela sob mim era boa.

Boa para caralho.

A pele era suave como seda e quente ao toque. As curvas do seu corpo se encaixavam nas linhas firmes do meu como duas peças do mesmo quebra cabeça. Precisaria de tudo o que tinha para não deslizar dentro dela, mas podia pressentir sua hesitação.

Mas não me impediu de me mover por seu corpo e tirar sua calcinha até meu nariz estar afundado na sua boceta.

— Ah Deus — gemeu, e sorri contra ela, deixando a língua roçar no clitóris, circulando e lambendo.

As mãos de Lily foram para meu cabelo, me puxando mais perto ao mesmo tempo que tentavam me afastar. Ela estava confusa: desejava por mais, mas assoberbada com as novas sensações. Enquanto me sentia como um maldito rei ao saber que era o primeiro e único cara que a fez sentir-se assim.

Pressionei dois dedos dentro dela, olhando para cima, pelo seu corpo, para ver sua reação. Os olhos estavam pesados, os lábios abertos em um gemido sem ar. Ela era bonita para caralho.

E era minha.

Estava pronto para deixá-la ir mais cedo, para terminar com ela com cuidado e fazer a coisa certa. Mas como poderia quebrar nosso elo agora?

A resposta era, não podia.

Lily se embrenhou na minha alma, e mesmo que terminasse, ainda estaria ali.

Chuí seu clitóris de leve, alternando a pressão até ela se contorcer sob mim.

— Kaiden, é...

— Ssh — suspirei, assoprando na sua boceta. Ela quase pulou da cama. Mas depois curvei os dedos mais fundo, encontrando aquele lugar especial dentro dela e Lily se despedaçou. Prazer passando por ela enquanto gritava meu nome.

Um som que queria ouvir várias vezes.

Beijei a pele suave na sua coxa, esperando enquanto clímax passava, depois subi pelo seu corpo.

— Oi.

— Oi. — Ela sorriu. — Isso foi...

— Vem cá. — Deslizei a mão para sua nuca. — Sinta seu gosto.

Os olhos dela se arregalaram com surpresa, mas aí estava beijando-a, colocando a língua em sua boca. Lily envolveu meu pescoço com os

braços, me puxando mais perto, o corpo gostoso fazendo ondas de excitação se espalharem do meu pau.

Eu a queria.

Caralho, queria tanto ela.

E eu não seria aquele cara.

Não até ela estar cem por cento certa de que estava pronta.

Quando me afastei, Lily respirou trêmula. Os lábios se partiram, mas antes que pudesse falar, eu disse:

— Quero contar pro seu pai sobre a gente.

— O-o quê?

— Não posso abandonar isso. Não vou. Então acho que deveríamos abrir o jogo. Antes de nos envolvermos mais.

Seus olhos se anuviaram com confusão enquanto me empurrava de cima dela e se sentava.

— Você quer contar a ele? Mas e o time? É o último ano, os olheiros virão em breve. Você tem muito em jogo.

— Acha que não deveríamos fazer isso? — Decepção cresceu no meu peito. Isso eu não esperava.

— Também estive pensando — Lily falou —, e se esperássemos? Só até a temporada terminar.

— Lily, isso é daqui dois meses. — Também me sentei, o momento arruinado.

Não queria esperar dois meses para irmos a público, segurar sua mão pela escola e beijá-la quando quisesse.

Dois meses podem até ser uma maldita prisão perpétua.

— Eu sei, talvez não precisemos esperar tanto. — Seus olhos imploraram comigo. — Quando você tiver uma oferta de bolsa, podemos contar. Não quero ser o motivo que você coloca tudo em risco, Kaiden.

— Você quer mesmo fazer isso? Se esconder? Fingir que não somos nada um para o outro na escola? — Porque eu não queria porra.

Não esperava que o Técnico Ford gostasse, ou até mesmo aceitasse. Mas Lily tinha quase dezoito anos. Não era como se pudesse deixá-la de castigo ou impedi-la de me ver. Quanto ao time, o Treinador precisava de mim. O *quarterback* reserva era um jogador recém-saído dos juniores. Não tinha o que era preciso para levar o time para as *playoffs*.

Se abrissemos o jogo e o contássemos agora, teria tempo o suficiente para ele processar isso sem afetar a temporada inteira. Ou, pelo menos, era o que eu esperava.

As feições dela oscilaram.

— Não estou dizendo que será fácil. Mas você trabalhou duro por isso. E agora o time é seu. Não quer isso?

— Sabe que quero — disse entredentes. — Mas também quero

você.

— Não vai ser para sempre. — Esticando o braço para mim, Lily roçou os dedos na minha mandíbula antes de se aproximar para me beijar. Mas eu me afastei, sentindo a decepção se transformar devagar em raiva e frustração. — Kaiden? — Empalideceu.

— Pensei que estivesse nisso comigo. Juntos?

— Estou. — Pânico lampejou nos seu olhar. — Só acho que deveríamos esperar um pouco, e depois podemos contar para ele, juntos. Vai ser melhor assim, você vai ver.

Ela parecia tão certa. Eu não sabia o que pensar disso.

Eu me levantei e comecei a colocar a roupa. Quando estava vestido, passei a mão pela cabeça e pela nuca, tentando aliviar um pouco a tensão.

— Pensei que você quisesse isso. Pensei que me quisesse?

— Quero. — Lily levantou-se com um pulo e colocou as roupas. — Só não quero que a gente faça algo do qual não possamos voltar atrás.

Minha coluna enrijeceu, meu sangue gelou.

— O que caralho isso deveria significar? — exige entredentes.

Aqui estava, pronto para pular de cabeça nesse negócio com ela, dar um grande voto de confiança, e ela estava... tendo dúvidas?

Puta que pariu. Isso não era gostoso.

Não era nada gostoso.

— Não quis dizer assim... isso está saindo tudo errado. Pensei... pensei que você quisesse manter segredo.

— Por que diabos iria querer isso? Acha que gosto de me esgueirar por aí? Mentir pro seu pai? — *Provar para ele, para todo mundo, que sou o cara que todos pensam que sou.*

— Não. Não! Eu só... Kaiden, o que acontecendo? Estava tudo bem... melhor do que bem, estava incrível, e agora parece que... — As palavras morreram nos seus lábios.

— É — respondi, porque não sabia que porra dizer.

Queria contar para o pai dela.

Ela não queria.

Como diabos chegamos aqui?

— Não quero brigar — chorou — eu...

Bryan escolheu aquele exato momento para entrar na casa da piscina.

— Aí estão vocês, estávamos ficando preocupados. — O sorriso dele desapareceu com a tensão óbvia entre nós. — Está tudo bem?

— Sim — falei com a voz embargada. — Está ficando tarde. As garotas estão prontas para ir?

— Sim, acabamos agora. Vocês perderam um filme de matar. O trocadilho foi de propósito. — O idiota riu da própria piada. — Vou pegar as garotas e dar um tempo para vocês dois... fazerem o que seja

que fazem. — Sorriu, e eu mostrei o dedo para ele.

Bryan saiu, levando o ar com ele.

— Kaiden, eu...

— Deveríamos ir. Levo você até a porta. — Fui para a porta. Não sabia como as coisas tinham ficado ruins tão rápido, mas precisava de espaço para pensar. E não podia fazer isso com Lily aqui, olhando para mim com olhos pidonhos.

Conforme passei pela porta, meu punho explodiu, acertando a parede.

— Kaiden! — Lily gritou, correndo até mim enquanto segurava a mão.

— Estou bem — falei frio, ignorando a dor subindo pelo meu braço.

— Por que você está agindo assim?

— Você deveria ir. — Não podia olhar para ela.

— Por favor. — A voz dela quebrou, me fazendo hesitar. — Não faça isso. Nós deveríamos conversar...

— Não esta noite. Preciso de um pouco de espaço. — Enfim olhei pra ela. A dor nos olhos dela era o suficiente para me estripar, mas não era o suficiente para me fazer engolir meu orgulho.

— Tudo bem — sussurrou. — Mas esse não é você, Kaiden. Esse não é o cara por quem estou me apaixonando. — Lily se afastou de mim.

E não olhou para trás.

Sábado chegou e me preparei para o sermão de ressaca pós-jogo do meu pai. Ele estava abaixado sobre o café, lendo o jornal.

— Olha só quem está aqui — resmungou enquanto ia para a geladeira.

— Bom dia pra você também — murmurei, pegando o suco e bebendo. Não estava no clima para fazer isso – estar perto dele ou da minha mãe. Mas não era como se pudesse escapar, já que todos morávamos sob o mesmo teto.

— Bom dia, bebê. — Minha mãe entrou na cozinha. — Ouvi que merece parabéns.

Meu pai bufou.

— Parabéns? Não sabia que dávamos parabéns por ser segunda escolha agora?

— Lew — minha mãe suspirou. — Isso é importante para Kaiden. Não doeria se mostrasse um pouco de interesse.

— Importante é minha bunda. — Empurrou a tigela de cereal para o meio da mesa, fazendo a colher bater contra a cerâmica. — Ele

conseguiu jogar porque o *quarterback* principal se machucou... Não é nada para se orgulhar, Tina.

— Ele ia me dar uma chance — falei, frio.

— Que merda você acabou de dizer?

— Falei que o Técnico Ford ia me dar uma chance. Porque diferente de você ele é um homem crescidinho que pode separar o passado do presente.

Meu pai voou em mim, me pegando pelo colarinho e me batendo na parede com tanta força que meus dentes bateram.

— Tem algo para me dizer, garoto? Diga.

— Lewis, pare... não. — Minha mãe tentou tirar os dedos dele de mim, mas ele a empurrou. Ela cambaleou, batendo o quadril na quina da bancada de café da manhã. — Lewis — ela gritou, a dor partindo sua voz.

— Fique fora disso, Tina. Bom, filho — soltou entredentes —, estou esperando.

— Você é uma maldita desgraça — escarneci, ficando bem na cara dele. Não ligava que ele era meu pai, ou mais velho, perdi o respeito por este homem há muito tempo atrás. — Você fala um monte de merda sobre o Técnico Ford, mas pelo menos ele está presente pela família. Pelo menos ele sustenta e cuida dela. O que você faz, hm? — Meu corpo tremia de raiva enquanto olhava para o homem que odiava.

Porque odiava.

Odiava o homem que me deu a vida mais do que tudo.

— O que você faz exceto ficar sentado o dia inteiro enchendo a cara e agindo como se o mundo te devesse alguma coisa, quando a verdade é: você não é nada além de um homem triste e amargo que tem inveja...

Ele apertou mais meu colarinho, praticamente me erguendo do chão.

Podia encará-lo. Meu pai tinha personalidade raivosa, mas eu era mais forte. Só não gostava do pensamento de machucá-lo, de descer ao seu nível. Mesmo que o babaca de coração gelado merecesse.

— Lewis! — minha mãe gritou enquanto nos encarávamos. Pai e filho. Um elo que deveria ter sido inquebrável, mas a fratura só aumentava conforme os anos se passavam.

— Não consegue, né? — sibilei. — Um dia você vai olhar em volta e perceber a vidinha triste que levou. Vou estar na faculdade, minha mãe vai estar vivendo a vida dela, e você vai estar sozinho. E quer saber? Vai merecer. Você merece todas as coisas que vão acontecer.

Ele me deu um tapa com o dorso da mão tão rápido que não antecipei, minha cabeça estalando para o lado, dor explodindo na minha mandíbula.

O ar estalou a nossa volta conforme voltava a cabeça para encará-lo, esfregando o queixo.

— Você é mesmo fodido da cabeça, né? — Minha voz tremia com raiva.

— Eu não... Porra, Kaiden, eu não... — Suas mãos em mim relaxaram, então aproveitei, batendo com o ombro para frente e o empurrando para o lado.

— Vou sair.

Deixei a cozinha tempestuoso, os soluços incontroláveis da minha mãe me seguindo pelo corredor. Algo quebrou, o som familiar de vidro estourando enchendo o ar. Mas não parei. Peguei minhas chaves, coloquei os pés nos tênis, e dei o fora dali.

Antes que eu fizesse alguma coisa que fosse me arrepender.

LILY

Kaiden: Eu preciso de você.

Três palavrinhas que teriam significado o mundo antes da noite passada. Ainda estava encarando a mensagem do Kaiden quando Poppy entrou no quarto. Estava cedo, cedo demais. Mas dormi mal.

— Oi. — Ela atravessou o quarto na ponta dos pés e entrou debaixo das cobertas comigo. — Então, como foi a noite passada?

— Foi legal, eu acho. — Dei de ombros.

— O quê? Isso não pode estar certo. Você estava com Kaiden. Vocês dois, sabe, fizeram? — Ela me deu um sorriso que dizia que estava na minha cola. — Desembucha. Quero detalhes. Todos os gloriosos detalhes.

— Não, não “fizemos”. Ah, meu Deus, Poppy. E mesmo se tivéssemos, não contaria para você.

— O quê? Por que não? — Ela teve a audácia de parecer decepcionada. — Sou sua irmã. Preciso saber dessas coisas.

— É particular. — Minhas bochechas arderam me lembrando o quanto chegamos perto de passar desse limite ontem a noite. Como era boa a sensação do Kaiden pressionado contra mim.

Só para tudo ir pelos ares.

— É só sexo, Lil — falou, entendendo errado minha reação. — Todos fazemos isso uma hora.

Minhas sobrancelhas se juntaram enquanto analisava seu rosto.

— Você não...

— Deus, não. Pode imaginar se papai descobrisse que estava transando com dezesseis anos? — Ela estremeceu. — Mas eu e Aaron temos um pacto sexual.

— Um o quê? — balbuciei. Isso era novidade para mim.

— Sim. Se não perdermos a virgindade até fizermos 18 anos, vamos nos ajudar.

— Vocês vão... *se ajudar*. Uau, tá bom. Eu nem sei o que dizer para isso. Quer dizer, amo Aaron, ele é praticamente família. Mas um pacto sexual?

Poppy bateu no meu braço.

— O quê? É um bom plano. Melhor do que ir para faculdade sendo virgem.

— Não tem nada errado em ainda ser virgem quando for para faculdade — falei defensiva.

— Eu sei. Só não é algo que eu quero que aconteça. Então... pacto

sexual. Além do mais, é Aaron. — Poppy sorriu. — Eu o vi pelado o suficiente para saber que não vai ter nenhuma surpresa terrível.

— É, quando vocês eram crianças. — Nós duas rimos, apesar da minha risada soar tensa. — Sabe, sempre pensei que você tivesse uma quedinha por Aaron — acrescentei.

— Pelo Aaron? — Ela olhou boquiaberta para mim. Ou minha irmã estava em negação ou era boa em mentir porque eu os vi juntos o suficiente para notar as faíscas.

— Sim.

— Ele é como o irmão que nunca tive, Lil. É estranho.

— Ai. Não deixe que ele escute você falar isso.

— Por quê, ele disse alguma coisa para você?

— Não.

— Ah. — Decepção a tomou, e sorri.

— Você gosta dele.

— Não gosto. Juro... — Ela soltou um suspiro resignado. — Você não pode dizer nada, Lily. Estou falando sério. Ele é um dos meus melhores amigos. Seria estranho. Arruinaria tudo. Prometa.

— Uau, relaxa. — Eu a abracei mais forte. — Não vou contar para ninguém.

— Então, voltando para o Kaiden... o que aconteceu?

— Estava tudo ótimo.

— Estava? — Ela se apoiou em um cotovelo, franzindo o cenho. — O que você não está me contando, Lil?

Lágrimas embargaram minha voz.

— Acho que tivemos nossa primeira briga.

— Certo, isso não parece muito ruim.

— Ele quer contar para papai sobre nós.

— Ah, entendi. — As sobrancelhas dela se uniram. — Acho que você disse para ele que não queria, e ele surtou?

— Algo assim. Ele estava tão bravo, Pops. E ficava me atrapalhando com as palavras... foi uma confusão.

Ontem à noite foi incrível. O jeito que Kaiden me beijou, o jeito que me tocou e me fez despedaçar. Estava tão perto de implorar para que me tomasse. Mas se cruzássemos esse limite, só intensificaria o que já sentia por ele. O que já era assustador o bastante.

Eu só queria mais tempo. Dois meses era muito tempo para fingir para todo mundo que não éramos nada um para o outro, mas nós sabíamos, isso não bastava?

— Posso ver os dois lados — falou, esperta demais para sua idade.

— Kaiden não quer trair papai. Sabe como são os jogadores de futebol, ainda mais o tipo de papai e Kaiden, os que podem ir até o fim. Futebol é vida. É mais importante do que tudo.

— Eu sei. E não é que não queira contar para o papai, só preciso de

mais tempo...

— Ele vai surtar. Não tem como negar. Mas mamãe e papai só querem que você seja feliz, Lilster — Poppy sussurrou, como se pudesse ouvir meus pensamentos. — Se eles virem como Kaiden a trata bem, como ele a faz feliz, vão aceitar.

— Talvez.

Queria acreditar nela. Mas querer que fosse feliz e aceitar o garoto para quem queria me entregar eram duas coisas diferentes.

Ainda mais quando o garoto em questão era Kaiden Thatcher.

— O que você vai fazer? — ela perguntou.

— Eu não sei. Ele já mandou mensagem pedindo para me ver.

— O que você disse?

— Não respondi.

Ela revirou os olhos.

— Não acha que deveria?

— Para ser honesta, depois de ontem a noite, não sei o que dizer.

— A verdade? Fale que você está assustada. Fale que nunca fez isso antes. Fale que precisa de um pouco de tempo. Só porque Kaiden é um jogador de futebol brilhante, não significa que ele não tem medos e preocupações próprios. Alguma vez te ocorreu que ele não se sente bom o suficiente para você?

— Não seja ridícula. — Bufei. — Ele é o Kaiden Thatcher. Pode ter qualquer garota que ele quiser.

Poppy me lançou um pequeno sorriso.

— Mas ele não quer qualquer garota, Lil, quer você.

— Bom dia, bebê.

— Bom dia, mãe. — Entrei na cozinha, bocejando enquanto me espreguiçava. — Tem café?

— Claro.

Ela me observou enquanto eu me servia uma caneca.

— O quê? — perguntei, olhando para ela.

— Você parece diferente.

— Bom, é o último ano, mãe. Hora de abrir minhas asas, certo?

— Fica bem em você. — Orgulho irradiava da sua expressão. — Mas não posso evitar pressentir que tem algo que não está me dizendo.

Minha coluna se enrijeceu.

Ela sabia.

Como diabos ela sabia?

— Ainda não preenchi minhas inscrições para faculdade — admiti, tentando distraí-la.

— Não, não é isso. — Ela deu tapinhas com um dedo na bochecha.
— Sabe que sempre pode confiar em mim, Lily Star. Com qualquer coisa.

— Eu sei, mãe. — Coloquei a caneca na bancada e fui até ela, envolvendo meus braços em sua cintura. — Estou bem, eu prometo.

Odiava mentir para ela, para meu pai. Mas era um meio para o fim. O único jeito de impedir que meu pai surtasse e causasse problemas para Kaiden. Não tinha dúvidas que eles tentariam me convencer a não ficar com ele quando descobrissem.

Ele era um jogador de futebol com planos de ir para faculdade e correr atrás do sonho de se tornar profissional. Então apesar de parte de mim sentir que de todo mundo, minha mãe teria compreendido minha situação, a outra parte sabia que ela havia passado por isso. Ter se apaixonado por um Raider significava que ela tinha conhecimento de causa da montanha russa emocional que poderia ser.

Se apaixonado...

Estava mesmo me apaixonando por Kaiden?

Não era como se tivesse algo no qual basear meus sentimentos.

Tudo o que sabia é que sentia um friozinho na barriga sempre que ele estava por perto. Vigiei meu telefone como uma águia, desejando que mandasse mensagem. Eu me sentia completamente relaxada na presença dele. E agora tinha um rombo no estômago, me perguntado se estávamos terminados antes mesmo de começarmos.

Eu deixara que Kaiden me tocasse e me beijasse intimamente.

Eu o deixara entrar.

Talvez fosse desejo ou sentimentos de primeira paixonite, mas parece algo mais.

Parecia certo.

— Ora, se não são duas das minhas garotas favoritas. — Meu pai entrou na cozinha, usando um moletom dos Raiders e o boné de beisebol.

— Jase, são dez da manhã. Por que parece que você está pronto para ir trabalhar? — Minha mãe franziu o cenho.

— Quer dizer que não é segunda? — Ele enganchou um braço em volta da cintura dela e a puxou para seu lado, cobrindo o rosto dela com grandes beijos molhados.

Eu os observei com carinho apesar da dor no meu peito. O que tinham era raro. Era o mesmo para meu tio Cam e tia Hailee, e Sr. e Sra. Bennet.

Todos ouvimos as histórias de como se conheceram no último ano e sobreviveram a quatro anos de universidade, tragédia, a carreira do meu pai na NFL, e ao tempo e a distância. Nada os havia separado, e estavam mais fortes do que nunca.

Minha mãe apoiava meu pai cento e dez por cento e ele nunca

tolheu suas asas ou sonhos.

Costumava olhar para eles e pensar que nunca seria abençoada com aquele tipo de amor. Eu tinha muita bagagem emocional, muitas inseguranças e incertezas. Mas Kaiden via além de tudo isso. Não só via além disso... ele me queria *apesar* disso.

Um cara que poderia ter qualquer garota que quisesse.

Poppy estava certa? Ele também tinha suas incertezas sobre nós? Sobre ser bom o suficiente para mim?

— O que está programado para hoje, Lil? — meu pai perguntou, mantendo um braço possessivamente em volta de mamãe.

— Ainda não tenho certeza. Podemos passar um tempo nos Bennet outra vez, ou ir para Riverside.

— Não sei se gosto dessa nova Lily. — Os olhos dele se enrugaram.

— Jase — mamãe suspirou.

— Eu sei, eu sei, Fee. Mas é minha garotinha. — Ele soava um pouco embargado. — Não estou pronto para o último ano, candidaturas a faculdade e baile de formatura.

— Ainda tem alguns meses para se acostumar com a ideia do baile de formatura, pai. — Sorri, mas não foi verdadeiro.

— É, bom, preciso sobreviver ao *Homecoming* primeiro — resmungou.

— Ah, shush. Você amou o *Homecoming* no nosso último ano. — Mamãe bateu no peito dele. — Ainda posso vê-lo, usando aquela coroa de plástico estúpida.

Dei uma risadinha na mão. Era difícil acreditar que meu pai um dia foi aquele cara – o *quarterback* principal e o mais popular da escola.

— Quem foi sua rainha? — perguntei.

— Está olhando para ela. — Um sorriso orgulhoso cruzou a boca dele.

— Suave, muito suave. Mas não, não fui eu. Sabe que não era esse tipo de garota no ensino médio, bebê. — Simpatia brilhou em seus olhos, como se mamãe soubesse como era ser a garota estranha.

Mas não sabia.

Como poderia?

Ela era tímida e um pouco peculiar, claro... mas não era presa a um transtorno psicológico que não dava nenhum aviso antes de decidir aparecer.

— Poderíamos ir comprar vestidos antes do *Homecoming*. Nós quatro. Ou poderíamos transformar em um dia de garotas com Hailee e Ashleigh, e Mya e Sofia.

— Não planejava ir, mãe.

— O quê? Você tem que ir. — Decepção a tomou. — É o último ano, Lily Star. *Homecoming* é um rito de passagem.

— O que tem o *Homecoming*? — Peyton entrou na cozinha.

— Lily está planejando não ir.

— Hm, sim, está. — Ela me deu um olhar questionador. Não sabia por quê era uma surpresa tão grande.

— Conversamos sobre isso e me lembro claramente de você dizer que iria este ano.

Soltei uma respiração controlada.

— Na verdade, você e Ashleigh conversaram sobre isso e eu não concordei ou discorddei. Apenas fiquei sentada e escutei.

— Você precisa ir. — Peyton fez beicinho, vindo até mim e jogando os braços em volta do meu pescoço. — Não vai ser o mesmo sem você lá. E mais, você sabe quem vai estar lá. — Ela abaixara a voz para um sussurro, mas não me impediu de beliscar seu braço.

— Filha da... — Ela se afastou de mim e esfregou o braço.

— Peyton? — Minha mãe olhou entre nós.

— Só uma câibra. Estou bem.

— Então, comprar vestidos? Está dentro? — Minha mãe parecia tão esperançosa que não tive coragem de dizer a ela que não poderia pensar em nada pior.

Kaiden enfim mandou mensagem outra vez, me chamando para ir conversar no Bryan. Não queria conversar cercada pelos nossos amigos, mas decidi que talvez eles seriam um bálsamo se as coisas ficassem muito estranhas.

Então aqui estávamos, na casa do Bryan. Aaron e Cole estavam aqui. Gav também. Os pais de Bryan estavam viajando pelo menos até amanhã e já que o tempo havia fechado, ele sugeriu que passássemos o tempo na piscina coberta.

Ashleigh e Peyton surtaram quando ele anunciara isso. Então claro, elas usaram os biquínis sob as roupas. Poppy e Sofia também. Deixara que me convencesse a vestir um também, não que tivesse planos de usá-lo.

— Isso é demais. — Peyton sussurrou enquanto seguíamos Bryan para dentro do prédio de vidro anexado à casa. Era como um oásis tropical, o ar morno, e luz ambiente brilhando das paredes.

— Olha isso. — Bryan foi para um painel e pressionou um botão, e uma cascata surgiu, escorrendo pelas pedras posicionadas no canto da piscina.

— O que seus pais fazem mesmo? — Peyton perguntou, ganhando um sorriso.

— Impressionada, Loira? — ele provocou, e ela acenou em descaso. — Meu pai é um investidor na cidade.

Não éramos estranhos ao dinheiro. Sofia e Aaron moravam em uma casa enorme no lago, e tio Cam e tia Hailee tinham uma casa linda de cinco quartos na mesma rua da nossa casa. Mas meu pai, apesar do sucesso da NFL, sempre nos ensinou sobre a importância de trabalhar duro e economizar para o futuro. Nem Poppy nem eu precisaríamos nos preocupar em pagar a faculdade, mas não tínhamos uma casa como esta.

As garotas não perderam tempo em ficar de biquíni e se juntarem aos rapazes na água, e rapidinho a casa de vidro estava cheia de sons de risada.

— Oi — Kaiden falou, sentando-se na beirada da minha espreguiçadeira. Ele colocou minhas pernas sobre suas coxas e passou os dedos para cima e para baixo na minha pele, e meu coração acelerou.

— Oi. — Dei um sorriso fraco a ele, franzindo o cenho quando vi o vergão vermelho na sua mandíbula. — Kaiden, o que aconteceu?

— Ah, isso. — Ele tocou um dedo no rosto. — Não é nada demais.

— Não parece nada. — Eu semicerrei os olhos.

— Eu e os rapazes estávamos brincando. Prometo, não é nada. — Um sorriso tranquilizador repuxou sua boca, mas logo desapareceu. — Escuta, sobre ontem. Fui um babaca.

— Você me magoou — confessei.

— Eu sei, e sinto muito. Mas você meio que me pegou de surpresa, Lily. Isso é novo para mim e mentir para o treinador? Não é fácil. Ainda mais com Monroe fora de cena. E... — Ele deixou sem terminar, os olhos desviando dos meus.

— E o quê? — perguntei, o persuadindo a olhar de volta para mim.

Quando seus olhos encontraram os meus novamente, o que vi neles fez meu coração doer.

— Não posso evitar me perguntar se você está envergonhada de mim ou algo do tipo.

— O quê? Por que você pensaria isso?

Ele deu de ombros, pura vulnerabilidade brilhando em seus olhos.

— Kaiden, não contar para meu pai não tem nada a ver com você. É sobre mim. Esta é a primeira vez que senti... alguma coisa por um garoto. É novo e confuso, e honestamente, um pouco assustador. Eu preciso de tempo para processar isso. Entender antes de compartilhar com todo mundo. Ainda mais meus pais.

— Também é a primeira vez que senti algo por uma garota — falou.

— Mesmo? — Esperança desabrochou em meu peito.

— Sim. Você me derrubou, Lily.

— Então, não tem problema em esperar?

— Se for o que você quer, então, não tem problema. Mas não

quero esperar até o final da temporada, Lily. Não posso. — Desejo faiscou em seus olhos cinza.

— Combinado. — Meu olhar foi para nossos amigos, precisando acabar com a intensidade entre nós. Era desestabilizador. Intimidante. Consumia tudo.

Estava me perdendo completamente em Kaiden Thatcher, e isso era ao mesmo tempo assustador e excitante.

— Poderia se juntar a eles — Kaiden disse.

— Não posso.

— Não pode? Ou não quer? — Os olhos cinzas me prenderam no lugar, fazendo um tremor passar por mim.

— Eu... água me assusta.

— Só é fundo de um lado. Se ficarmos do lado raso, você vai poder ficar de pé, e estarei bem ali com você. Não vou deixar nada acontecer com você, Lily.

— Pode entrar sem mim. — Minha voz oscilou enquanto via minha irmã e amigos aproveitarem a água.

— Não quer experimentar? Está segura aqui. Ninguém vai zombar de você ou magoá-la.

Meu coração batia enlouquecido no peito enquanto tentava absorver suas palavras.

— Eu sei. — Inalei uma respiração entrecortada. — Eu quero... só não tenho certeza se consigo.

— Que tal se formos devagarinho?

— Devagarinho? — Eu me sentei, me aproximando dele. Ele estava tão bem com shorts largos e uma camiseta justa.

— Sim, podemos começar devagar. — A mão dele foi para minha trança, puxando a ponta com carinho. A leve pontada fez um arrepio descer pela minha coluna. — Adoraria ver seu cabelo solto um dia.

— Gostaria?

Não costumava usar solto em público. Era acessível demais, fácil demais de me deixar levar. A trança era meu estilo preferido desde que cresceu o suficiente para um rabo de cavalo depois que Chelsea o cortou.

— Sim. Quer dizer, gosto dele assim, mas não posso afundar as mãos nele do jeito que quero.

Engoli, minha garganta secou de repente. Kaiden fazia até mesmo a coisa mais simples parecer tão intensa, e ainda me embasbacava que ele estava escolhendo estar aqui, comigo.

— O que você diz, Lily? Vai entrar na água comigo?

— Isso não vai dar certo todas as vezes. — Lutei contra um sorriso.

— Eu sei. — Ele acabou com a distância entre nós e me deu um beijo suave. — Mas espero que isso possa convencê-la. — A língua dele avançou, passando pela junção dos meus lábios, me persuadindo

a abrir a boca para ele. Eu o fiz, o deixando me beijar mais intensamente.

Nossos amigos brincavam atrás de nós, sem nos dar atenção. Não que isso importasse. No segundo que Kaiden me tocou, todo o resto desapareceu.

— Devagarinho? — repeti.

— Sim. Está dentro?

— Tudo bem. — Respirei fundo para me fortificar. Só o pensamento de ficar de biquíni na frente de todo mundo me fazia surtar. Mas Kaiden me vira usando menos coisa.

Ele abaixou minhas pernas para o chão, e me sentei, tirando a camiseta. Os olhos dele foram para meus seios na hora, e balancei a cabeça.

— O quê? — Um sorriso foi traçado em seus lábios.

— Tão previsível. — Risada borbulhou em meu peito.

Oferecendo-me a mão, eu o deixei me levantar. Meu biquíni não era nada de especial: preto, com o decote quadrado com duas alças grossas adornadas com contas de madeira que cruzavam nas costas. Ainda assim, enquanto tirava as calças, Kaiden olhava para mim como se fosse a coisa mais bonita que já vira.

Passei uma mão na trança, deixando-a sobre o ombro.

— Tudo bem. Sua vez.

Ele puxou a camiseta sobre a cabeça e sorriu.

— Feito. — Kaiden esticou a mão outra vez e a peguei, deixando-o me guiar para a beirada da piscina. Estávamos perto da parte rasa com os degraus de entrada.

— Pode sentar-se na beirada ou entrar na água? — Ele soltou minha mão e entrou até a água estar na cintura. — Apenas alguns passos?

— T-tá bom. — Meu corpo tremia enquanto colocava os dedos na piscina. Estava quente e convidativa e nem um pouco tão assustadora quanto esperava. Estiquei a mão para a sua e ele a pegou, enlaçando nossos dedos.

Não olhei para o outro lado da piscina, mas sabia que nossos amigos estavam observando. Não seria muita coisa para os rapazes, mas as garotas sabiam o que isso significava para mim.

— Como está a água? — Kaiden perguntou.

— Ótima. Gostosa. Mas não acho que posso ir mais fundo.

— Não precisamos ir. Pode sentar-se.

Eu me abaixei no degrau, me sobressaltando um pouco quando Kaiden se abaixou na água com um espirro.

— Desculpa. — Ele nadou até mim, apoiando a parte superior do corpo nos meus joelhos. Passei as mãos no seu cabelo, olhando para ele.

— Obrigada.

— Você não tem que me agradecer, Lily. É o que um namo... — Ele congelou, os lábios presos no meio da palavra. — Eu não quis dizer...

— Posso te perguntar uma coisa? — falei, relutando contra um sorriso.

— Qualquer coisa.

— O que somos, Kaiden? Quero dizer... não preciso de um título ou algo assim, mas acho que quero saber se...

— Minha, Lily, você é minha. — A possessividade na voz dele fez minha respiração falhar.

— Isso faz de você, meu?

— Sim, faz. — Ele se ergueu e me beijou. Curvei a mão no seu ombro, gemendo quando sua língua roçou na minha.

— Acho que nunca vou me acostumar com isso — suspirei.

Meu coração ainda estava acelerado, mas agora era por um motivo totalmente diferente.

A água morna nos cercava enquanto nossas línguas deslizavam uma na outra. Kaiden fazia tudo ficar quieto. Meus pensamentos acelerados, o vazio no meu estômago, a vozinha na minha cabeça me dizendo para permanecer nas sombras.

Ele silenciava tudo isso, até eu ser apenas uma garota beijando um garoto...

E se apaixonando perdidamente por ele.

KAIDEN

— ESTÁ BEM, Thatcher — Técnico Ford falou do outro lado do campo conforme corria para entrar em posição. Era meu primeiro treino como *quarterback*, mas o clima estava tenso.

Os rapazes do Monroe estavam desconfiados de mim, de me seguirem. Mas o Técnico os colocara na linha no vestiário. Monroe estava de fora do resto da temporada, e já que precisava de cirurgia complexa no braço, não voltaria para a escola tão cedo. Ainda tínhamos sete jogos pela frente, e se quiséssemos chegar nas *playoffs*, não poderíamos nos dar ao luxo de errar agora.

Eu sabia disso. Eles sabiam disso. Todos sabíamos disso.

Só esperava que pudessem deixar aquela merda com Monroe para trás. Não queria a aprovação deles ou a amizade. Mas precisava do respeito deles em campo. Precisávamos conseguir trabalhar como um time se queríamos ser bem-sucedidos.

— Certo — ele gritou. — De novo.

Aaron se agachou, esperando que eu chamasse a jogada. Dei a ordem, e ele mandou a bola para mim. Recuando, esperei o *running back*. Ele fingiu a entrega e passei ao redor dele, segurando a bola contra o corpo, e depois a mandei voando pelo campo para os braços abertos do *receiver*.

— Legal. — Aaron esticou o punho e o toquei, olhando para onde o Técnico estava dizendo algo para Xander.

Ainda não conseguia ler nosso novo técnico assistente. Ele não era como nenhum técnico que conheci antes. Chegava atrasado, se recusava a deixar que o chamássemos de técnico, e normalmente parecia como se tivesse acabado de sair da cama. Mas o Treinador parecia gostar de tê-lo por perto.

— Thatcher, vem aqui. — Ele me chamou até eles.

— E aí, treinador? — falei, um pouco sem fôlego com os quarenta minutos de treino intenso.

— Quero que você e Xander trabalhem juntos em algumas jogadas de escape pelo resto da temporada.

— Tudo bem. — Fiz uma careta sob o capacete.

— Não pareça tão preocupado. — Ele riu. — Xander foi um dos melhores QBs que os Raiders já viram. Quase tão bom quanto eu.

Algo passou entre os dois homens, mas depois Xander desviou o olhar, soltando uma respiração longa e equilibrada como se ele estivesse lutando para se controlar.

— Estou pronto quando estiver, Técnico.

— É Xander — resmungou. — Vamos.

Eu andei ao seu lado.

— Um dos melhores *quarterbacks* que o time já viu... Isso é um belo elogio — falei. — Ainda mais vindo do Treinador Ford.

— É, bom, as coisas eram diferentes na época.

— Você jogou futebol na faculdade?

Ele olhou para mim, os lábios finos.

— Não fui para faculdade.

— Ah. — O ar ficou denso entre nós e parei de tentar bater papo. Estava claro que o cara tinha problemas, e não estava prestes a fazer a minha vida mais difícil do que já era.

A manhã inteira eu fiquei com um vazio na barriga com o prospecto de ficar cara a cara com o Técnico Ford. Mas no segundo que entrei em campo, foi como se tivesse me dividido em dois, deixando o cara que estava fascinado pela filha dele no vestiário, enquanto Kaiden o jogador de futebol trabalhava duro para provar seu valor.

Xander montou quatro aros e alguns alvos. Conhecia o treino. Não era nada que não houvesse feito umas cem vezes antes. Mas meu trabalho não era fazer perguntas, era seguir instruções. Levar-me ao limite, sempre querendo melhorar.

Então seguiria as ordens do técnico e treinaria com Xander porque era o *quarterback* dele agora, e ele estava dependendo de mim para dar exemplo e liderar o time.

Algo havia mudado desde o jogo de sexta. Acho que parte de mim esperava isso, mas não estava preparado para a atenção de repente estar em mim.

Quando entrei na escola depois do treino, o ar no corredor não ressoava com os sussurros e olhares dos meus colegas de classe, estalava com um tipo diferente de animação.

— Puta merda, cara. — Bryan cutucou meu ombro.

— Oi, Thatcher — algumas garotas ronronaram conforme as passamos.

— Oi, cara. Bom jogo na sexta — um garoto aleatório disse. — Má sorte do Monroe, mas sabemos que você pode nos levar até o fim.

— Aí você está. — Lindsey parou bem na nossa frente e inclinou o quadril, forçando a saia de torcida a subir pelas coxas.

— Desculpa, Linds. — Bry deu uma risadinha. — Você tem que marcar horário agora.

— Desculpa, o quê?

— Sim, você sabe. Agora Thatcher é o rei de Rixon High, você precisa marcar horário.

— Você é estranho pra caralho. — Ela o ignorou, focando o olhar apenas em mim.

— Então, *Homecoming*... estava pensando...

— Não vai acontecer — falei sem hesitar.

— Você não me deixou terminar. — Ela fez uma carranca, tentando esticar a mão para mim, mas dei um passo para fora do seu alcance. — As pessoas esperam que a gente vá junto.

Um arrepio de percepção percorreu minha coluna e procurei pelo corredor, encontrando Lily perto do armário.

Porra, ela era tão linda.

— Não sei o que é tão difícil para compreender, Lindsey. — Dei um olhar duro a ela. — Mas não estou interessado.

Algumas garotas deram risadinhas, um suspiro passando pelo ar conforme rejeitava a abelha rainha de Rixon High. Mas estava farto de deixá-la pensar que tinha algum tipo de posse sobre mim. Tinha apenas uma garota a quem pertencia, e no momento ela me observava com olhos hesitantes.

Fui desviar de Lindsey, mas o braço dela avançou e me puxou para trás. Aproximando-se, ela deixou os lábios roçarem na minha bochecha.

— Tomaria cuidado se fosse você — sussurrou. — Todos temos segredos, Kaiden. Tenho certeza de que não quer o seu espalhado por toda a escola.

Minhas sobranceiras se juntaram enquanto estudava o rosto dela, procurando sinais de que estava blefando.

— Vejo vocês por aí, meninos. — Ela me deu um olhar presunçoso antes de sair andando pelo corredor.

— O que foi aquilo? — Gav perguntou.

— Nada. — Olhei sobre o ombro, observando enquanto Lindsey se perdia na multidão.

Ela estava blefando, tinha que estar. Não tinha jeito nenhum que ela soubesse sobre mim e Lily. Confiava implicitamente nos meus rapazes e Lily sentia o mesmo pelas amigas e família.

Lindsey só estava apelando a todo custo, tentando me desestabilizar o suficiente para tomar o que queria.

Eu.

— Me façam um favor e fiquem de olho nela — falei.

— Acha que ela está querendo sangue?

— Não confio nela, e já tem um problema com a Lily. Não quero dá-la mais motivo para ir atrás dela.

— Claro, cara. Sabe que vamos.

— Obrigado.

Aproximamo-nos de Lily e das garotas. Bryan passou o braço sobre o ombro de Peyton.

— Está bonita, Myers. Lily. Ashleigh. — Ele deu um sorriso largo para elas.

— O que ela queria? — Ashleigh perguntou, olhando feio para mim. Eu não a culpava. Também era protetor de Lily.

— Sempre querendo coisas que não pode ter — falei, mas meus olhos foram para Lily. As bochechas dela ficaram naquele tom adorável de rosa enquanto a observava, até que desviou o olhar e interrompeu nossa conexão.

Quando ela olhou para cima outra vez, sorri.

Caralho. Essa garota.

Como deveria ficar parado aqui, com ela bem ali, e não a tocar.

Como se também sentisse isso, a respiração dela falhou, só aprofundando o rubor em suas bochechas.

A gente se moveu mais perto como imãs, mas mantemos uma distância aceitável entre nós.

— Um passarinho me disse que é seu aniversário na sexta — falei.

— Talvez. — Apareceram covinhas em suas bochechas.

— Posso te levar para sair?

— Sim. — Ela sorriu, mas rapidamente virou uma careta. — Quer dizer... costumo fazer alguma coisa com Ashleigh e minha família, mas...

— Relaxa. — Dei risada. — Não precisa ser no dia do seu aniversário. Só gostaria de fazer algo com você para comemorar.

— Gostaria disso.

— Certo, deixa comigo — falei.

— Deveríamos ir para a aula. — Ashleigh quebrou o encanto entre nós. — Vejo vocês mais tarde.

Todos nos despedimos, mas me demorei, forçando Lily a desviar de mim com as amigas. Assim que passou, soltei a mão, roçando nos seus dedos. Um raio de eletricidade passou por mim, e os olhos dela encontraram os meus, brilhando com desejo.

Ela caminhou pelo corredor, e balancei a cabeça.

Estava tão perdido por esta garota.

E contando as semanas para enfim fazê-la minha.

A semana se arrastou. O Técnico Ford estava nervoso com o jogo de sexta. Era nosso primeiro jogo fora de casa com um dos melhores times da nossa divisão. O clima em casa estava pior do que nunca depois dos meus pais brigarem outra vez ontem à noite. Ela queria vir assistir o jogo e ele não queria nem saber. Ficou tão ruim, que tive que intervir. Ele não erguia a mão para ela há anos, mas estava se tornando cada vez mais volátil. E não sabia que porra fazer sobre isso.

— Está bem, cara, parece tenso? — Gav me perguntou no caminho da escola quinta pela manhã.

Passsei a mão na coxa e sobre o joelho, a perna pulando para cima e para baixo conforme tensão rodopiava por mim.

— Sim, só essa merda com meu pai.

— Ele está piorando?

Assenti, tensionando a mandíbula.

— Talvez devesse falar com...

— Quem? Com quem diabos deveria falar sobre isso? Sra. Bennet? O Treinador? Não querem saber.

— Talvez queiram, se você tentasse...

— Deixa pra lá, Gav.

Meu pai não me machucou, não de verdade. Ele não ergueu a mão para mim e me espancou. Talvez se tivesse feito isso, as coisas seriam mais simples. Ele era um bêbado maldoso, mas não era tão ruim quanto alguns homens.

Suspirei enquanto Gav entrava no estacionamento da escola.

— Só mais um dia no paraíso. — Bryan bateu no meu ombro do banco de trás.

— É — resmunguei.

— Vamos, Thatchman. — Ele riu. — Não é tão ruim agora que você é o QB principal do treinador. Os caras do Monroe são mariquinhas sem ele.

— Que seja. — Abri a porta, saí e fui na direção da escola.

Bryan estava certo. As coisas estavam mais fáceis com o time, com o Técnico, e tinha Lily do meu lado. Mas tudo parecia que estava se fechando ao meu redor. A pressão. Os segredos e mentiras. Ficar de olho no jogo, no futuro.

Era exaustivo.

Mal tinha entrado no prédio quando a voz do técnico ressoou pelo corredor.

— Meu escritório, Thatcher. Vamos.

— Me pergunto o que ele quer.

— Não faço a mínima ideia. — Saí pelo corredor na direção do vestiário. Assim que cheguei na porta, meu telefone vibrou. A visão do nome de Lily acalmou algo dentro de mim... até me lembrar para onde estava indo.

Lily: Estou doente. Mamãe me fez ficar em casa hoje. Vou sentir sua falta.

Kaiden: Você está bem?

Lily: Acho que foi algo que comi ontem a noite. Provavelmente

muita sobremesa.

Kaiden: Melhoras. Queria que pudesse ir te ver mais tarde.

Meu peito apertou. Era bem possível que nunca fosse bem-vindo na casa dos Ford.

Lily: É, eu também. Mas estou ansiosa por sábado.

Era o aniversário da Lily amanhã, e já que a família monopolizara todo o tempo dela esta semana para comemorar o aniversário dela e da Ashleigh, iria levá-la em um encontro no sábado.

Kaiden: Eu também. Preciso ir... mas mando mensagem mais tarde.

Lily: Tudo bem, xo.

Guardando o celular, respirei fundo, e entrei no vestiário. A porta do treinador estava entreaberta.

— Entre aqui, Thatcher — chamou.

— E aí, técnico? — perguntei.

— Acabei de falar no telefone com Técnico Forrester e ele estava conversando com os olheiros do Alabama. Estão interessados, filho.

— Estão? — Eu me empertiguei. Estava esperando por esta ligação depois que mostraram interesse na última temporada. Mas a comunicação acabara e depois fui transferido para cá, e parecia que meu sonho de jogar para a Crimson Tide estava ficando cada vez mais fora de alcance.

— Estarão no jogo de sexta.

— Porra, tudo bem. — Passei a mão no queixo.

— Olha, Kaiden, sei que começamos mal. Mas agora é sua vez, filho. Quero que saiba que levo o futuro dos meus jogadores muito a sério, e se quiser Bama, vou fazer tudo ao meu poder para que dê certo.

— Obrigado, Treinador, aprecio isso. — Mal podia olhá-lo no olho, o rastro pegajoso de arrependimento deslizando por mim.

— O time parece estar trabalhando bem sob sua liderança — acrescentou, voltando a relaxar na cadeira.

— Acho que sim.

— Sinto muito, sobre antes. Sabia o que estavam fazendo, congelando você e fazendo sua vida difícil, e fiquei parado e deixei acontecer.

— Não é nada que não esperava — falei, honesto.

— Talvez. — O técnico fez uma careta. — Mas não deveria ter sido assim. — Ele me observou por um segundo demorado e depois acrescentou: — Você não é nada como eu esperava.

— Não sou perfeito.

— Não, não é. E eu deveria saber que um incidente não o definia. Todos cometemos erros. Só Deus sabe que cometi o suficiente deles no ensino médio.

Eu dei um aceno curto, não confiando em mim mesmo para responder. Um momento passou entre nós e ele exalou.

— O que aconteceu naquela noite? — ele perguntou.

— Não estava em um bom momento e deixei minha raiva me controlar.

O técnico bufou.

— Faça o que peço.

— Briguei com meu pai e um dos jogadores deles ficava provocando e provocando, e perdi o controle. — Eu bati para caramba nele antes de ser arrastado do campo.

— Isso acontece muito?

Minha coluna ficou tensa.

— O que acontece? — Eu me fingi de burro.

— Kaiden, vamos...

— Aprecio a conversa encorajadora, Treinador. Mesmo. Mas se quiser fazer terapia, vou falar com Sra. Bennet.

— Justo. — Ele ergueu as mãos. — Acho que estava tentando dizer que se precisar conversar, sobre qualquer coisa, minha porta está sempre aberta.

— Vou pensar nisso.

— Tudo bem. Saia daqui. Sexta é uma grande noite, você tem muito para preparar.

— Estou pronto — falei com um toque de presunção.

— Ah, não duvido, filho.

Dei o fora dali, soltando uma respiração trêmula no segundo que saí do escritório.

Bama era o sonho.

Minha passagem para liberdade.

Era tudo que sempre quis.

Ainda assim, enquanto ia para a aula, não sentia o fervor da animação que imaginei. No máximo, me sentia em conflito. Porque apesar de querer, e queria mesmo, também queria uma garota com grandes olhos azuis e um sorriso assombrado.

E isso era um problema enorme para caralho.

LILY

— BOM DIA, bebê. Como está se sentindo? — Minha mãe se aproximou e pressionou a mão na minha testa.

— Eu me sinto melhor, mãe. Mais forte.

Foram vinte e quatro horas cruéis. Passei mais tempo abraçando o vaso do que na cama. Mas enfim sentia o ronco da fome depois de não comer nada além de um punhado de bolachas e pedras de gelo ontem.

— Bem a tempo do seu aniversário, ainda bem. Feliz Aniversário, Lily Star. — Ela me abraçou.

— Obrigada, mãe.

— Deus, minha bebê está crescida. Não vou mentir, querida, isso me faz sentir velha demais.

— Velha, quem é velha? — Papai entrou na cozinha carregando um cartão de presente e uma pequena caixa.

— Feliz Aniversário, querida. — Ele deu um beijo na minha cabeça. — Sinto muito que não posso escapar do jogo desta noite para comemorar com todos vocês.

— Não sinta. Jantamos na quarta. — Foi um caos. Nossa família, minhas primas, e os Bennet. Mas era meu tipo favorito de caos. Foi só um infortúnio que ficara doente.

Tirei o cartão do envelope e dei um grande sorriso. Era um daqueles personalizados com uma colagem de fotos da minha vida.

— Eu amei. — Abracei os dois outra vez.

— Agora seu presente grande. — Minha mãe olhou para papai e compartilharam um olhar incerto.

— O que vocês fizeram? — Meus olhos se estreitaram com suspeita.

— Abra e veja — meu pai incitou.

Puxando o laço, abri a tampa e arfei.

— Me fale que isso não é o que estou pensando que é.

— Eu e sua mãe pensamos que estava na hora, bebê. Você tem dezoito anos agora. Está muito melhor.

Lágrimas arderam meus olhos enquanto tirava a chave da caixa.

— Vocês compraram um carro para mim.

— Nós compramos. Mas queremos que saiba, que não precisa fazer as aulas de direção ainda se não estiver pronta. Só queríamos que tivesse a opção.

— Obrigada. — Eu engoli o grande nó na minha garganta. Eu não sabia o que mais dizer. Eles estavam me olhando com tanta esperança, tanta ansiedade, não queria arruinar o grande momento deles... não queria dizer a eles que ainda não tinha certeza se estava pronta.

Era bobo porque um carro era liberdade, era o caminho para abrir mais minhas asas..., mas também era um grande passo para sair do ninho.

— Quer vê-lo? — meu pai perguntou, me dando um sorriso tranquilizador.

— Tudo bem.

Eu os segui para fora, os olhos quase esbugalhando quando vi o Tesla novinho parado na garagem.

— Uau, é lindo — falei. — E caro. — Meus olhos foram para meu pai e ele deu de ombros.

— Você merece, querida. É seguro, econômico e verde. Só o melhor para nossa Lily Star.

Ele nunca me chamava assim, então o fato que acabara de fazê-lo, só fazia a emoção no meu peito transbordar.

— Obrigada — repeti, encarando o brilhante carro prateado.

— Puta merda — a voz de Poppy cortou o ar. — Você comprou um Tesla para ela, um bendito Tesla. — Ela correu para fora da casa e direto para o carro. — Isso é incrível.

— Estou feliz que alguém está animada. — Meu pai encontrou meu olhar, mas só encontrei diversão ali.

Mas não impediu a dor no meu coração. Queria ser o tipo de filha que ficava animada com as coisas normais, mas não tinha certeza se algum dia seria aquela garota.

— Eu amei, pai — falei, passando os braços na sua cintura e me aninhando contra seu corpo. — Só não sei...

— Eu sei, querida. Mas precisava fazer isso por você. É o papel de um pai.

Olhei para ele.

— Não é.

— Com certeza é. — Ele sorriu. — Comprar o primeiro carro da filha. Atazanar a vida dela sobre o primeiro namorado sério, depois pagar pelo casamento. — Seu sorriso ficou divertido. — Quero todas essas coisas, Lily. Não importa o quanto vá odiar algumas. — Ele me deu um olhar intenso, e culpa se enrolou no meu coração.

Por sorte, Peyton escolheu aquele momento para aparecer, irrompendo da casa com as mãos cheias de balões e sacolas de presente.

— Feliz aniversário — declarou, e abafei um sorriso.

— O que é tudo isso? — perguntei, me soltando do meu pai e indo até ela.

— É seu aniversário, boba. O dia que vamos comemorar uma das melhores pessoas que conheço. Feliz Aniversário, Lily. Eu te amo. — Ela jogou os braços ao meu redor e me deu um abraço de urso. — Vou sentir tanto sua falta quando partir.

Eu me afastei e encontrei seu olhar triste.

— Você quer dizer...

Ela concordou.

— Pensei muito nisso, e acho que deveria estar lá por ela. Preciso estar lá.

— Você tem certeza? — Não gostava da ideia dela se mudar de volta com a mãe, mesmo que estivesse sóbria.

— Só é algo que preciso fazer.

Ela limpou uma lágrima fujona com o polegar.

— Mas hoje não é meu dia, é o seu. E tenho presentes.

Quando chegamos na escola, Peyton e Poppy mal podiam conter a animação.

— O que vocês fizeram? — perguntei, olhando desconfiada para elas.

— Você vai ver. — Peyton piscou, e o nó no meu estômago apertou.

— Por favor, me digam que não fizeram algo estúpido?

— Relaxa, Lil — Ashleigh disse. — Não é nada tão ruim assim.

— Ugh. Vocês sabem que não gosto de surpresas.

— Apenas nos dê isso — Peyton disse. — Além do mais, sei que vai gostar disso.

— Tá bom. — Olhei entre elas enquanto nos aproximávamos da escola. As duas estavam dando sorrisos enigmáticos que não ajudavam em nada a acalmar a energia ansiosa vibrando sob minha pele.

— Ainda vai na biblioteca no tempo livre, né?

— Sim.

— Ótimo. — Peyton piscou. — Sente-se nos fundos.

— Por acaso eu quero saber?

— Apenas confie em nós.

Mais fácil falar do que fazer. Agora ficaria com um friozinho na barriga a primeira aula inteira, preocupada com o que estavam aprontando.

Quando entramos no prédio da escola, Aaron e Sofia vieram direto para nós.

— Feliz aniversário. — Os dois me encheram de abraços.

— Obrigada.

— É seu aniversário? — Lindsey perguntou ao passar. — Que fofo. A pequena Lily Ford toda crescadinha.

Segurei o fôlego, esperando que continuasse andando. Claro, não continuou. Rodopiando, ela parou bem na minha frente.

— Acha que enganou todo mundo, né?

- Me desculpe?
- Com esse ato de garota tímida e danificada.
- Cuidado — Peyton avisou, parando ao meu lado.
- Ah, olha, é a Senhorita Periferia vindo a sua defesa.
- Qual diabinos é seu problema...

Alguém arrastou Peyton para trás e olhou por cima do ombro para encontrar Bryan puxando-a.

— Ela não vale a pena — cuspiu.

— Vem, Lily. — Ashleigh passou o braço pelo meu e começou a me puxar para longe. Mas Lindsey não havia terminado. Nunca terminava.

— Um dia, Lily... um dia as pessoas verão sob seu fingimento.

— Ignore-a — Ashleigh sussurrou. — Ela só está com ciúmes que as pessoas gostam de você.

— Ela está piorando — admiti.

— Sim, mas só late e não morde. Não precisa se preocupar com a Lindsey, Lil. Ela só pode te machucar se você deixar.

Dei um sorriso fino para minha melhor amiga enquanto íamos para a aula. Queria acreditar que Lindsey deixaria isso para lá. Mas pelo tempo que Kaiden se recusasse a ceder as tentativas dela, temia que sempre seria seu alvo.

Porque oprimir os mais fracos a fazia sentir-se forte.

E do ponto de vista dela, eu era a mais fraca de todas.

Estava sentada no horário livre por quase quinze minutos, esperando que a Peyton e a Ashleigh aparecessem com a surpresa, mas não tinha nem sinal delas.

Tentei focar nos panfletos de faculdades espalhados na minha mesa, mas estava distraída demais. As palavras cruéis da Lindsey ficaram comigo por muito tempo depois que ela se foi. Era uma vaca tão grande, agindo como se tivesse sido eu que errei com ela. Mas acho que é isso que fazia as garotas más, a agilidade de se convencerem que suas ações eram justificadas.

Meu telefone vibrou, e o peguei antes que Sra. Creedy escutasse.

Kaiden: Última estante, perto dos livros de referência da história da cidade.

Meu coração acelerou.

Lily: Você é minha surpresa?

Kaiden: Venha descobrir.

Um sorriso dançou em meus lábios. Ele era ousado. Quase tão ousado quanto minhas amigas por pensarem que isso seria uma boa ideia. Era a biblioteca. Qualquer um poderia nos encontrar.

E ainda assim... Eu me levantei da mesa e desapareci no meio das estantes. Meu coração estava na garganta, as mãos tremendo, enquanto me apressava para os fundos da biblioteca. Era menos frequentado aqui atrás, vários dos livros velhos e mofados. Quase cheguei no final dos corredores quando uma mão apareceu e me puxou para a última prateleira.

— Oi. — Kaiden me prendeu contra as prateleiras de livros, fazendo o ar sair com um *whoosh* dos meus pulmões.

— Oi — suspirei. — O que você está fazendo aqui?

— Desejando feliz aniversário para minha garota. — Ele colidiu a boca com a minha, faminto e desesperado. Gemi contra seus lábios enquanto sua língua roçava contra a minha, tão familiar e certo. Ondas de desejo faiscavam pelo meu corpo conforme Kaiden me prendia ali, esfregando a parte inferior do corpo contra o meu.

— Não podemos, não aqui — sussurrei, corada e sem fôlego.

— Peyton disse que ninguém nunca vem aqui atrás, e quero muito, *muito* mesmo dar seu presente de aniversário, Lily. — Os olhos dele marcados por flocos de prata fitaram os meus.

— Você é tão tarado — repreendi.

— Só por você. — Kaiden afundou o rosto no meu pescoço, lambendo e beijando o local enquanto a mão ia para minha saia e desaparecia sob ela.

Era tão safado, dar uns amassos na biblioteca da escola. Mas ele me fazia querer ser imprudente e viver o lado selvagem da vida para variar.

E a verdade era, no segundo que me beijou, sabia que não seria o bastante.

— Ah — arfei, conforme os dedos dele me penetravam.

— Senti sua falta esta semana. — Os olhos dele procuraram os meus, observando enquanto as linhas bem amarradas da minha vida começavam a se desfazer por ele.

— Eu também — consegui soltar as palavras enquanto ele dedilhava meu corpo no mais perfeito ritmo. Minha cabeça caiu contra os livros didáticos antigos e mofados conforme lutava contra a vontade de me esfregar na mão dele. Estávamos pressionados tão perto, que se alguém virasse a esquina, pareceria como se estivéssemos apenas dando uns amassos.

Pelo menos, esperava que sim.

— Pare de pensar demais — Kaiden sussurrou contra o canto da

minha boca. — Ninguém a está observando além de mim — falou rouco, circulando o dedo sobre meu clitóris com tanta destreza que minhas pernas começaram a tremer.

— Estou perto — arfei, segurando o braço dele.

— Goze para mim, Lily. Me dê tudo. — Ele curvou os dedos fundo em mim, acertando o lugar certo, e me despedacei, o beijando intensamente, o forçando a engolir meus gemidos sem fôlego.

Kaiden removeu a mão de mim devagar e levou os dedos para a boca, chupando para limpá-los.

— Meu sabor favorito. — Ele sorriu.

— Ai, meu Deus. — Enrubesci. — Não posso acreditar que acabamos de fazer isso.

— Feliz Aniversário, Lily. — Ele se abaixou para pegar algo da mochila e tirou uma pequena caixa.

— Você comprou um presente para mim?

— Não fique muito animada, não é nada caro. — Ele me entregou a caixa, parecendo tímido de repente. — As garotas me disseram que é o seu favorito.

Abri a tampa e sorri.

— Um cupcake de chocolate com cereja do Sprinkles. Obrigada.

— Sei que é meio bobo...

— É perfeito. — Estiquei o braço para ele, roçando a mão na sua bochecha, e o beijando. — Eu amei.

E acho que estou me apaixonando por você...

As palavras balançaram na ponta da minha língua, mas eu as engoli, as guardando em segurança na parte mais profunda da minha alma. Era muito cedo para dizê-las.

— Desculpa não poder estar no jogo esta noite — falei. Tinham mais comemorações de aniversário esta noite. Meu pai perderia, mas isso era normal durante a temporada de futebol. Além do mais, também comemoramos na quarta.

— Não tem problema. Te vejo amanhã, né?

Assenti, sem conseguir impedir que o sorriso repuxasse minha boca.

— Então, é o que importa. — Ele sorriu de volta, mas era tenso.

— Kaiden, o que é? Qual o problema?

— Falei com seu pai hoje. Ele disse que olheiros do Alabama virão para o jogo.

— Sério? Isso é fantástico. — Joguei os braços ao redor dele. Mas quando percebi que não me abraçou de volta, eu me afastei e fiz uma careta. — Não é?

— Sim, quero dizer, é tudo o que sempre quis...

— Então, qual o problema? — Meu coração bateu violentamente contra meu peito conforme algo passava entre nós.

— Kaiden? — perguntei outra vez quando não respondeu. Mas passos vieram na nossa direção e empalideci. — Deveria ir — sussurrei.

— Sim. Vai primeiro. Vou esperar e me esgueirar pelos fundos.

— Tudo bem. — Segurei a caixa de cupcake contra o peito. — Obrigada. Melhor presente de aniversário de todos. — Dei o melhor sorriso que consegui antes de sair das estantes e me apressar pelo corredor.

Não foi até voltar para a mesa e me sentar que notei que ele nunca sorriu de volta.

As surpresas não acabaram por aí. Minha comemoração de aniversário virou um passeio de garotas no shopping barra jantar com Peyton, Poppy e mamãe; Ashleigh e tia Hailee; e Sra. Bennet e Sofia. Elas contrataram uma SUV preta brilhante para nos levar de um lado para o outro, e fizemos as unhas no spa favorito delas antes de ir à boutique favorita da minha mãe para uma prova particular de vestidos.

— Isso não é demais? — Ashleigh enlaçou o braço pelo meu, e nós seguimos a dona pela loja até os fundos, onde o provador luxuoso estava localizado.

— Temos champanhe para as mães — ela anunciou —, e mimosas sem álcool para as garotas. Sintam-se em casa enquanto peço para Kylie trazer a seleção de vestidos dos quais irão escolher.

— Vamos escolher? — esclareci.

— Bom, sim, querida, sua mãe não te contou? Cada uma pode escolher um vestido para levar esta noite. Cortesia dos seus pais, acredito.

— Puta merda. — Ashleigh bateu palmas com alegria. — Sabia disso? — ela perguntou para a mãe.

— Claro que sim, querida. Feliz aniversário, garotas.

— Agora não tem nenhuma desculpa para não comprar algo incrível — Peyton disse, dando um sorriso condescendente para mim.

— Ssh — avisei, antes que alguém percebesse.

— Então ouse perguntar com quem vocês vão para o baile? — a mãe de Sofia perguntou.

Sempre era um pouco estranho estar perto dela fora da escola.

— Ah, vamos solteiras — Ashleigh respondeu.

— É o melhor jeito, querida — mamãe concordou com ela. — Lembra do nosso *Homecoming* do último ano? — Ela olhou para tia Hailee. — Fomos só para que você chamasse a atenção do Cameron e acabamos dando o fora e indo para aquela festa do outro lado do rio.

— Fee. — Ela balançou a cabeça.

— Relaxa — minha mãe riu. — Sabem que fomos adolescentes um dia.

— Apesar que gostaríamos de fingir que não foram — Poppy falou, e todas rimos.

— Não posso imaginar meu pai um veterano. — Ashleigh fez uma careta.

— Ah. Seu pai era muito...

— Certo, Fee, chega. — Tia Hailee colocou a mão sobre a boca da minha mãe. — Por que não vemos os vestidos agora?

Os olhos da minha mãe se enrugaram com risada.

— Se não acha que nossas filhas estão correndo atrás de garotos assim como nós quando tínhamos a idade delas, só está se iludindo.

— É isso o que me preocupa. — Tia Hailee franziu os lábios, voltando o olhar para Ashleigh.

— Acho que as garotas têm uma reputação ruim — Peyton disse. — É bem aceitável para os garotos serem pegadores, mas se uma garota quiser aproveitar, ela é chamada de vadia.

Tia Hailee quase se engasgou com a champanhe.

— Bom, é um jeito de se ver, Peyton.

— As garotas sempre terão expectativas diferentes — a mãe da Sofia disse. — Mas contanto que estejam sendo inteligentes e cuidadosas, então não tem perigo em curtir um pouco.

— Mãe, nojento — Sofia rallhou.

A assistente trouxe o cabideiro de vestidos.

— Certo, quem quer ir primeiro? — ela perguntou.

A mão da Ashleigh subiu.

— Eu. Com certeza eu. — Os olhos dela deslizaram para os meus com uma pergunta. — Se não tiver problema com você, Lily.

— Fique à vontade.

Com sorte, demoraria mais do que o necessário, e não precisaria desfilar na frente delas em um vestido que não tinha intenção de usar.

Mas aí um chamou minha atenção. Um vestido carvão justo no busto que se abria na cintura e ia até um pouco acima do joelho, que me lembrava dos olhos de Kaiden.

Não era o vestido mais bonito no cabideiro, nem mesmo o mais caro, mas se precisasse escolher um, era aquele. Por um segundo, imaginei como seria usá-lo, entrando no ginásio ao lado do Kaiden.

E não ter todo mundo olhando para mim e se perguntando por que alguém como ele estava com alguém como eu.

KAIDEN

SÁBADO DE MANHÃ CHEGOU, e me sentia como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Cada músculo no meu corpo doía, meus membros pesados e doloridos.

Ganhamos de Levinson, mas foi um jogo difícil. A defesa deles era muito boa e rapidamente antecipava nossa estratégia. Estavam todos nos cobrindo, mas no final, conseguimos ganhar, e era isso que importava. E o olheiro do Alabama havia se apresentado, me elogiando por um bom jogo.

Quando o ônibus chegou no estacionamento de Rixon High, todo mundo foi para a festa na casa da Lindsey, mas eu fui direto para casa. Ela estava começando a me deixar desconfortável, sempre me encarando. Encontrando qualquer desculpa para se aproximar e conversar comigo. Não sabia quantas vezes a disse que não estava interessado, mas ela não estava aceitando. Então meu novo plano era evitá-la o máximo possível.

Meu celular apitou, e o nome de Bryan apareceu na tela.

Bryan: Tudo pronto para mais tarde. Você me deve uma!

Kaiden: Obrigado, cara, aprecio isso.

Bryan: Tá, tá. Apenas deixe tudo do jeito que encontrou...

Quando convidei Lily para comemorar o aniversário dela, esqueci que não podíamos ir em nenhum lugar público. Então precisei ser criativo, e já que ela pareceu gostar tanto da casa da piscina do Bryan, e a última vez que estivemos lá as coisas acabaram muito mal, pensei que pudéssemos tentar outra vez.

Só que dessa vez, Bryan iria nos dar a casa inteira a sós.

Um barulho alto no andar inferior me assustou e pulei da cama.

— Lewis, pelo amor de Deus, sente-se. Antes que quebre...

Outro barulho ecoou pela casa, e estava fora do quarto em um segundo.

— Mãe, o que acontece... — Parei de supetão, observando meu pai enquanto ele cambaleava pela cozinha, tentando servir-se outra bebida. — Caralho — suspirei. — O que ele está fazendo?

— Seu pai acabou de chegar em casa. — Minha mãe soltou um suspiro de dor.

Ele mal podia ficar de pé, balançando como uma árvore ao vento.

Era uma das coisas mais tristes que já vi na vida. Meu pai, o homem que me criou, bêbado no raiar do dia num sábado de manhã.

— Vamos, velho — falei, me aproximando dele. — Vamos te levar para cama.

— Não me toque. — Ele se afastou de mim, cambaleando contra o balcão. — Você é dele agora — murmurou. — Acha... que é bom demais para mim.

Lágrimas escorreram pelo rosto da minha mãe enquanto me via tentar segurá-lo.

— Pai — falei. — Vamos, você precisa me ajudar. — Consegui passar o braço na sua cintura, mas ele se virou para mim no último segundo.

— EU DISSE NÃO! — urrou, dando um golpe largo com o punho. Era um soco ruim, mas não o vi até ser tarde demais, e os nós dos seus dedos colidiram com minha maçã do rosto, fazendo um lampejo de dor reverberar pelo lado do meu rosto.

— Porra — sibilei, pulando para trás.

— Kaiden! — mamãe gritou, mas acenei para ela.

— Eu estou bem. — Ignorando o ardor no meu rosto, a raiva formigando pela minha coluna, empurrei meu pai com força, o levando pela casa. Nem perdi tempo de tentar as escadas, o guiando para a sala e o empurrando no sofá.

— Não é meu filho... — murmurou. — Nenhum filho meu escolheria... escolheria aquele maldito acabado do Ford.

— Durma, pai — falei, olhando feio para ele, me perguntando onde sua vida saiu dos trilhos.

E daí que ele tinha errado no ensino médio – todos cometíamos erros. Pagou por eles e seguiu em frente com a vida... só que, não seguiu. O ódio e ressentimento só aumentaram com o tempo, crescendo e se transformando em algo monstruoso e sujo.

Álcool só alimentava a besta.

Eu me juntei a mamãe na cozinha.

— Ah, bebê. — Ela me envolveu com os braços, soluçando baixo no meu peito. — Sinto muito, Kaiden. Sinto muito, muito mesmo.

— Não tem problema, mãe. — Dei um abraço apertado nela, as palavras amargas na minha língua.

Não estava bem.

Nada dessa merda estava bem.

— Ele precisa de ajuda — sussurrou.

— Sim. — Mas levá-lo para a reabilitação de novo não seria fácil.

Minha mãe se soltou do meu peito e respirou trêmula. Uma respiração que senti no fundo da alma. Secando os olhos, ela respirou fundo outra vez.

— Deixe-me pegar alguma coisa pro seu rosto.

— Está bem, mãe. Estou bem. — Mas não estava bem. Nem de longe.

— Já está ficando roxo — falou seca, os olhos cheios de arrependimento.

— É — falei, me desvencilhando dela.

O que era outro hematoma para acrescentar a todos os invisíveis que meu pai causou ao longo dos anos.

No segundo que Lily viu meu rosto, ela empalideceu.

— Ah, meu Deus, Kaiden. — Ela procurou meu rosto. — O que aconteceu?

Eu me afastei, pegando sua mão na minha.

— Não é nada demais.

— Não parece nada. — Os olhos dela semicerraram com preocupação. — Você está machucado e quero saber o que aconteceu. Alguém... o machucou?

— Vem. — Peguei a mão dela e a levei pelo quintal da casa de Bryan até a casa da piscina.

Bryan já saíra, então éramos só nós dois. E estava certo, devia uma pra ele.

Devia muito.

— Tem certeza de que Bryan não tem problema conosco aqui?

— Não tem problema, prometo. — Entramos e Lily arfou.

— O quê...

— Surpresa. — Envolvi os braços na sua cintura por trás e puxei suas costas contra meu peito. — Sei que não podemos sair, então é o melhor que posso fazer.

— Amei — sussurrou, inclinando o rosto para o meu. Não pude resistir deslizar os lábios na sua boca, beijando-a. Respirando seu ar.

Algo na Lily acalmava minha alma, e queria me afogar na sua inocência. Sorver sua luminosidade pura.

— Feliz Aniversário, Lily.

— Hmm. — Um suspiro contente escapou dos seus lábios. — Você está cheiroso. — Ela roçou o nariz na minha mandíbula.

— Acho que é a comida. — Eu ri. — Vem.

Levando-nos até o balcão de café da manhã, soltei Lily e comecei a abrir os recipientes de comida.

— Espero ter acertado tudo. Peyton me ajudou.

— Tenho certeza de que vai ser ótimo. — Lily sentou-se em uma banquetta e me ajudou a servir a comida chinesa. — Você vai me contar o que aconteceu agora? — falou no segundo que me sentei. — Porque esta é a segunda vez que te vi machucado, e estou preocupada.

— Não é nada demais.

— Kaiden, não faça isso. Não comigo. — Ela pegou um bolinho do prato e colocou na boca.

Soltei um suspiro longo e equilibrado.

— Foi meu pai.

— Ele *bateu* em você? — Raiva queimava em seus olhos.

— Foi um acidente — corriji. — Estava bêbado e eu tentava ajudá-lo a deitar-se.

— Então como o punho dele acabou no seu rosto? E a outra vez, hm? Aquilo também foi um acidente?

— Lily... é complicado. — Soltei um suspiro derrotado. — Meu pai não é como o seu, tá bom? Ele não me apoia ou defende. Ele... Porra, desculpa. Isso só é difícil para mim falar.

Ela não deveria me ver assim. Quebrado... Fraco... Com a porra de um hematoma enorme graças ao meu pai.

— Também peço desculpas. Não quis ficar tão... tão brava. Mas não gosto da ideia de ele machucar você, Kaiden. Talvez devesse contar...

— Não! — ralhei, me arrependendo na hora quando ela se encolheu. — Merda, Lily. Podemos falar de outra coisa? Posso cuidar do meu pai, e a última coisa que quero é que ele arruíne nossa noite juntos.

A expressão dela suavizou, mas vi a incerteza ali.

— É, tudo bem. Mas nunca pense que precisa se esconder de mim, Kaiden. Quero te conhecer. Tudo sobre você. Mesmo as partes ruins.

— Você é incrível. Você sabe disso, certo?

— Eu... — Calor se espalhou nas bochechas dela enquanto me levantava e circundava o balcão. — Kaiden, o que você...

— Ssh. — Passei o polegar sobre seu lábio inferior. — Vou te beijar agora, tá bom?

— Mas a comida?

— Dá pra esquentar. — Fui beijá-la outra vez, mas ela pressionou as mãos contra meu peito.

— Espera, você não me contou o que aconteceu com o olheiro.

— Você quer mesmo falar sobre isso *agora*? — Minha sobranalha arqueou. Eu não queria conversar. Queria beijá-la, me perder nela até todo o resto – meu pai, o pai dela, futebol, o futuro – desaparecesse.

— Claro que sim. É importante para você.

Algo em mim se contorceu. Era importante. Ou pelo menos era, antes de conhecer a Lily. Agora não sabia mais ao certo o que queria.

— Conversamos um pouco. Ele me deu o cartão. Vai tentar vir para Rixon nas próximas semanas para me ver treinar.

— Kaiden, é uma notícia incrível. — Ela jogou os braços ao meu redor e me abraçou, mas rapidamente se afastou, franzindo o cenho.

— É incrível, não é?

— Sim, quero dizer, é o que sempre quis então... — As palavras ficaram entre nós como um enorme elefante na sala. Alabama estava a quinze horas de Rixon. Poderia ser do outro lado do mundo.

— Qual é o problema? — A careta de Lily aumentou.

— Nada, vem cá. — Passando as mãos na sua cintura, eu a ergui e a carreguei até a cama. — Isso está bom? — Eu a deitei e engatinhei por cima dela.

— Mais do que bem. — O sorriso dela me atingiu direto no peito ao passar as mãos no meu pescoço.

— Estou perdido por você, Lily — confessei, sentindo as palavras se enrolarem no meu coração. — Totalmente perdido. Espero que saiba disso.

— Sei — sussurrou, roçando os lábios nos meus. — E me sinto exatamente do mesmo jeito.

— Mesmo?

— Sim. — Ela concordou. — Agora cale a boca e me beije.

— Ah, Deus, Kaiden... *Deus*... — Lily arqueou sob mim, puxando meu cabelo enquanto a penetrava com a língua. Passei horas beijando-a, me familiarizando com cada centímetro da sua pele. Esquentamos a comida e comemos na cama, esparramados ao lado um do outro com os lençóis sobre nossos corpos, completamente confortáveis.

Só tinha algo sobre ela. Era tão pura e boa. A luz dela brilhava na escuridão que cercava minha alma, e queria sorvê-la.

— Kaiden — gritou, um tremor de prazer passando por ela enquanto chupava seu clitóris, curvando os dedos dentro dela.

Só precisou de mais um segundo para ela se despedaçar ao meu redor, gritando meu nome várias vezes.

Engatinhei sobre seu corpo, dando um beijo em seus lábios antes de rolar para o lado e puxá-la para meus braços.

— Gostou da noite?

— Muito. Sabe, faz muito tempo desde que me senti feliz. — A expressão dela ficou séria. — Você me faz feliz, Kaiden.

Lá foi ela, esticando o braço dentro do meu peito e segurando meu coração.

Nunca encontrei uma garota que me queria antes, não desse jeito. Elas normalmente queriam o jogador de futebol, a estrela, o *quarterback*... não tinham muito tempo ou interesse em conhecer o Kaiden, o cara sob tudo aquilo.

Lily soltou um suspiro suave, pressionando-se contra o comprimento do meu corpo, passando os dedos pelo meu peito.

— Quanto tempo mais acha que temos até Bryan chegar em casa?
— Ela passou os lábios de leve pela minha mandíbula.
— Temos tempo.
— Ótimo, porque estou curiosa sobre uma coisa.
— Curiosa? — Minha sobrancelha arqueou, meu coração quase explodindo do peito quando Lily me empurrou para deitar-me de costas e rastejou sobre mim.
— Bom, isso só parece justo agora que você me provou... — Cor manchou as bochechas dela e olhou para mim, as pupilas dilatadas com desejo. — Que eu possa provar você.
— Sério? — Meus olhos se arregalaram.
Lily assentiu, deslizando pelo meu corpo.
— Mas não faça ideia do que estou fazendo, então precisa me dizer do que gosta.
— Ah, vou gostar.
Tenho quase certeza de que vou gostar de qualquer coisa que você fizer comigo.

— Porra, cara, você está cadinho. — Bryan veio até mim e passou o braço pelo meu pescoço enquanto via Ashleigh dirigir com Lily. — Técnico Ford vai te segurar pelas bolas quando descobrir que está comendo a filha dele.
— Não estou... nós não...
— Não? Merda. Pensei com certeza que teria pegado ela de jeito.
— Sério, que porra está errada com você? — Olhei feio para ele.
— O quê? É só sexo, Thatchman. E você precisa transar antes que murche e caia.
— Dá um tempo, Bry — Gav disse, me dando um olhar compreensivo. — Lily não é como a maioria das garotas.
— Sim, o que tem por trás disso?
O ar ficou denso à nossa volta.
— Ela tem umas coisas acontecendo — falei, sem querer passar do ponto. Não era minha história para contar.
— Você dois estão, tipo, juntos agora? — ele perguntou.
— O que você acha?
— Acho que ela é a filha do treinador. A filha do cara que seu pai odeia mais do que...
— É, tá bom, cara. Eu entendo. É uma confusão. — Esfreguei a mandíbula, a maçã do meu rosto dolorido enquanto voltávamos para dentro.
— Então, vai manter segredo?
— Por enquanto, sim. O que significa que fica entre nós. — Dei um

olhar intenso para os dois.

— Claro, Thatch — Gav disse. — Mas você sabe, segredos sempre acabam sendo revelados.

— Eu sei. Porra, eu sei. — É por isso que queria abrir o jogo. Mas Lily estava decidida em não contar para o pai, e eu tinha que honrar seus desejos.

Não importa o quanto isso me matasse.

— O que é? — Gav perguntou.

— Não sei. Só queria que as coisas fossem diferentes.

— Cara, ela é uma ninguém, e você é alguém agora. Ela não vai querer ser colocada sob os holofotes.

Não gostava de pensar na Lily como uma ninguém, não quando ela estava se tornando tudo para mim. Mas foi isso que Gav quis dizer. Lily não era como muitas garotas na Rixon High. Ela se escondia nas sombras, se protegendo atrás das amigas. De repente, namorar o *quarterback* do time de futebol chamaria atenção para ela.

O tipo de atenção que sabia que ela não queria.

— Preciso de outra cerveja — falei, de repente me sentindo como um peixe fora d'água.

A noite foi incrível. Amei cada segundo de estar com Lily, e ela sempre me surpreendia. Ainda mais quando ela engatinhou pelo meu corpo e envolveu meu pau com os lábios perfeitos. Porra, gozei tanto que vi estrelas, e não só as que brilhavam para nós pela claraboia.

Mas agora ela foi embora, e meu peito estava vazio outra vez. Porque não importava o quanto ela dizia que me queria, não importava o quanto eu a queria... ainda parecia que uma escolha estava se aproximando. Uma escolha que não estava pronto para fazer.

Futebol...

Ou Lily.

LILY

A ESCOLA ENLOUQUECEU PELO *Homecoming*. Faixas estavam espalhadas pelo corredor e panfletos foram colocados nos armários e quadros de aviso. Rixon High amava o espírito escolar e tirando a formatura, *Homecoming* estava no ápice do calendário social.

Era tudo o que todo mundo falava, incluindo as garotas no banheiro enquanto eu estava sentada no cubículo, rezando em silêncio para que desaparecessem a qualquer segundo.

— Acho que vou chamar o Stephen — Candice disse. — Nós ficamos no verão, e não acharia ruim uma reprise, se é que me entende.

A risada enjoativamente doce delas encheu o ar, me fazendo estremecer.

— Estou esperando Kaiden me chamar. — Essa foi a Lindsey.

— *Babe*, você precisa deixar isso pra lá. Ele não está interessado.

— Ah, eu não sei. Acho que posso convencê-lo.

Meu coração acelerou com a confiança nas palavras dela.

— Vou acreditar quando ver. — Candice queria dar uma risadinha.

— Você vai ver. Só tem um cara com quem vou para o *Homecoming* e é Kaiden. Além do mais, todo mundo sabe que com Jenson fora de campo, ele vai ser coroado rei, e eu vou ser a rainha. Apesar que ele vai estar ajoelhado aos meus pés até o final da noite.

— Ah, meu Deus, Linds, você é tão safada — outra voz falou.

— É, bom. Chega de brincar. Quero Kaiden e vou fazer o que precisar para consegui-lo.

Segurei o fôlego, esperando que não percebessem que estava aqui. O formigamento familiar se espalhou pelo meu couro cabeludo conforme meu coração batia no peito. Odiava que depois de todo esse tempo, ela ainda tinha tanto poder sobre mim. Poder de me fazer sentir pequena e insignificante. Poder de me fazer questionar por que Kaiden estava com alguém como eu – tímida, inexperiente Lily Ford – quando poderia estar com alguém como ela. Mesmo que fosse uma vadia insípida.

A porta se abriu e depois fechou enquanto a risada delas sumia. Certa de que a barra estava limpa, saí do cubículo e...

— Pensei que tivesse visto você entrar aqui — Lindsey zombou.

Meu coração afundou.

— Eu... Lindsey — falei, tentando disfarçar o tremor na minha voz. Ignorando o olhar mortal dela, lavei as mãos e as sequei.

— Sabe, vi como você o observa.

— Me desculpe? — Enfim encontrei seu olhar semicerrado.

— Kaiden, boba. Você o quer.

Eu pressionei os lábios em desafio. Não iria fazer isso com ela.

— Mas acontece, Lily. — Ela avançou na minha direção como uma gazela, toda pernas longas e graciosidade. Só que o sorriso escondia dentes afiados e dedos que pareciam mais como garras. Recuei até atingir a parede, mas ela não parou de avançar.

A mão dela esticou, pegando minha trança.

— Ele sabe? — Ela puxou com força, e um choramingo escapou dos meus lábios. Mas não tinha nada tranquilizador nisso, apenas dor. — Ele sabe que você quase arrancou os cabelos até ficar careca aquele verão?

— Por-por que você está fazendo isso? — Choraminguei. Era a noite do pijama tudo outra vez. Chelsea balançando as tesouras na frente do meu rosto enquanto Lindsey e o resto das amigas me seguravam como um animal.

Minha visão começou a embaçar enquanto inalava o ar ofegando. Um peso gigante pressionou na minha costela, me sufocando conforme as memórias colidiam comigo, uma depois da outra. As provocações e risadas, o jeito que me ignoravam enquanto eu soluçava baixo no canto com meu cabelo em frangalhos.

— Olhe para você — cuspiu. — Não consegue nem se defender. E você acha que tem chance com alguém como Kaiden. Ele vai até o fim, sabia. Vai se tornar uma grande estrela de futebol... — Ela me puxou para frente, fazendo outra pontada de dor passar por mim, e moveu os lábios para minha orelha. — Ele pode ter qualquer garota que ele quiser. Você acha mesmo que ele vai escolher você?

Lindsey me empurrou com força, e eu caí contra a parede, soluçando incontrolavelmente enquanto perdia a luta contra meus pensamentos irracionais e traidores.

Ela olhou para mim, vitória brilhando em seus olhos.

— Você não é ninguém, Lily Ford. Deveria se lembrar disso.

Rodopiando, Lindsey saiu do banheiro como se não tivesse acabado de colocar uma faca no meu coração. Escorreguei pela parede, caindo com um baque enquanto meu corpo tremia.

De alguma forma, consegui pegar o telefone e mandar mensagem para Peyton, e segundos depois, ela irrompeu pela porta com Ashleigh.

— Lily, o que diabos? — Elas correram até mim, me ajudando a me levantar.

— O que aconteceu? — Peyton perguntou.

— Li-Lindsey.

— Vou matar ela — sibilou. — Vou matar ela, porra.

— Não! — Peguei o braço dela, soluçando com força. — Só quero sair daqui... vocês têm que me tirar daqui.

— Deus, *babe*, é, tudo bem. — Ashleigh conferiu o corredor.

Ela foi para a porta e colocou a cabeça para fora.

— A barra está limpa, mas vamos ter que correr.

Peyton me abraçou apertado conforme saíamos do banheiro e corríamos pelo corredor. No segundo que saímos do prédio, me senti mais leve.

Sentia como se pudesse respirar outra vez.

Elas me levaram para o carro de Ashleigh, e ela ligou o motor, dando ré para sair da vaga. Nenhuma delas me fez mais nenhuma pergunta enquanto me enrolava no banco e pressionava a cabeça no vidro frio.

Quando o ataque de pânico passou, fiquei com uma sensação profunda de vergonha. Eu não queria ser assim. Fraca. Dependente das minhas emoções. Mas Lindsey havia desencadeado a única memória que sempre me causaria muita dor.

Ashleigh não me levou para casa. No lugar, ela passou pelo *drive-thru* e nós três ficamos sentadas no carro perto do lago.

— Como está se sentindo agora? — ela perguntou.

— Eu estou bem.

— Pronta para nos contar o que aconteceu? — Peyton disse, e o tremor de raiva na voz dela não passou despercebido.

— Apenas Lindsey sendo Lindsey. Estava no cubículo e elas estavam conversando. Esperei até que pensei que tivessem saído, mas ela ficou para trás.

— Lily, você tem que contar para alguém.

— N-não! — falei rápido. — Pode imaginar o que meu pai faria se descobrisse?

— Ótimo, deixe que descubra — Peyton bufou. — Ela merece.

— Não quero contar para ninguém — falei, firme. — Só vai fazê-la piorar.

— Tá bom. Então lutamos fogo contrafogo. Vamos para o *Homecoming* e mostramos para ela que você, Lily Ford, não vai deixá-la ganhar.

Meu estômago afundou.

— Na verdade, sobre isso — falei, olhando para as mãos. — Decidi que não vou pro *Homecoming*.

— Lily — Ashleigh disse, fazendo beicinho. — Isso é o oposto de lutar. É deixá-la vencer.

— Só não posso estar lá e vê-la tentar seduzir Kaiden. Não posso fazer isso.

— Sabe, não teria esse problema se abrisse o jogo com seu pai e...

— Peyton — suspirei. — Não estou pronta.

Não podia explicar para elas, fazê-las compreender como era quando sua própria mente era o inimigo constante.

— Mas por quê, *babe*? Kaiden está perdidinho por você. Provou várias vezes.

— Porque... porque estou perdidamente apaixonada por ele.

— Você o ama? — Ashleigh perguntou, e assenti.

— Amo. De verdade.

— Mas isso não é algo bom? — Ela parecia confusa de verdade, e não sabia responder porque também me sentia assim.

Tudo o que sabia era que amava Kaiden. Estava apaixonada por ele, e isso me fazia sentir completamente vulnerável de um jeito que nunca me sentira antes. Porque se por uma pequena chance ele não sentia o mesmo, acabaria comigo.

Ficaria devastada.

— É assustador — confessei.

— Óbvio, né. — Ashleigh se inclinou e pegou minha mão, enlaçando com a dela. — Nada que vale a pena vem fácil, Lil.

Olhei para ela.

— Tenho tanta sorte de ter vocês. — Inclinei o pescoço para olhar para Peyton. — Vocês duas.

— Amamos você, Lil. E queremos que tenha tudo. Quando estiver pronta, *babe*. — Peyton também apertou meu ombro.

Eu queria tudo, mesmo.

Só não estava certa de que era corajosa o suficiente para pegar.

Kaiden: Como você está se sentindo?

Eu rolei de bruços para responder o Kaiden.

Estava em casa há horas. Falei para todo mundo que estava com cólica, já que isso costumava calá-los. E já que mamãe e papai estavam no trabalho e Poppy ainda estava na escola, evitei perguntas até agora.

Lily: Melhor, obrigada. Senti sua falta hoje.

Kaiden: Não tanto quanto senti a sua. A aula de inglês avançado foi um tédio. Então *Homecoming* é nesta semana...

Lily: É mesmo.

Mordisquei o lábio inferior, esperando a resposta.

Kaiden: Guarda uma dança para mim?

Lily: Ainda não sei se vou.

Meu telefone começou a vibrar.

— Você tem que ir — Kaiden disse.

— Não é minha praia, você sabe. E meu pai é um dos responsáveis. Não teríamos tempo juntos.

— Vou admitir, não é a situação ideal. — Ele soltou um suspiro pesado. — Mas não quero estar lá se você não estiver.

Meu coração derreteu. Kaiden dizia e fazia todas as coisas certas. Minhas amigas estavam certas, ele constantemente provava sua devoção a mim. Precisava começar a tentar acreditar nisso e parar de deixar Lindsey me afetar.

— Vou estar no jogo — falei, mudando de assunto, o início de um plano começou a se firmar na minha mente.

Talvez não pudéssemos ter toda a experiência do *Homecoming*, mas tinha alguma coisa que podia dar para Kaiden. Mas iria precisar de um pouco de ajuda das minhas amigas.

— É bom mesmo. — Ele riu. A possessão na sua voz fez meu coração ficar quentinho. Era nisso que precisava focar. As coisas que ele dizia, o jeito que me fazia sentir. Lindsey só estava com ciúmes que ele não a queria, e eu era um alvo fácil para ela descontar as frustrações. Claro, provavelmente significava que ela iria pirar quando descobrisse a verdade. Mas pelo menos quando essa hora chegasse, eu teria Kaiden ao meu lado.

— O que você está fazendo agora? — ele perguntou.

Sai da cama e fui até a mesa, pegando o monte de panfletos de faculdade. Sentando-me de pernas cruzadas no meio da cama, falei:

— Olhando panfletos de faculdade.

— Onde você está considerando?

— Tenho panfletos para Penn State, a Universidade de Pittsburgh em Bradford, e a Universidade de Temple. Estou pensando em veterinária como minha mãe. Mas...

Mas sempre que deixava minha mente pensar no próximo outono, não podia imaginar minha vida na faculdade sem o coração quase bater para fora do peito.

Era frustrante para caramba.

— Minha garota é inteligente.

— Dou pro gasto.

— Sei que está fora da sua zona de conforto, Lily. Mas deveria tentar. Deveria pelo menos se candidatar. Vai se arrepender se não fizer isso.

— Sim. Sempre foi Alabama para você? — Desviei o assunto.

— É minha primeira escolha, sim.

Mordiscando o lábio inferior, passei o olho pelos panfletos. Queria

ficar perto de casa. Kaiden mal podia esperar para ir embora. Não era um problema agora, o próximo outono estava longe, mas se essa coisa entre nós desse certo, uma hora se tornaria um problema.

— Ah merda, preciso ir — falou. — Os meninos estão aqui.

— Tudo bem. Te vejo amanhã.

— É, tá bom.

Fui desligar, mas sua voz me parou.

— E Lily?

— Sim?

— Só porque não vou poder te beijar no *Homecoming* não significa que não vou passar a noite inteira pensando nisso.

— Apenas ignore-a — Ashleigh sussurrou quando entramos na escola no dia seguinte.

Meu corpo tremia enquanto nos aproximávamos dos armários. Lindsey estava bem ali, do outro lado do corredor. Mas surpreendentemente, ela não se aproximou.

Soltei uma respiração trêmula.

— Acho que a vaca interna dela está dormindo hoje — Peyton disse.

— É, bom, esperamos que fique assim. — Não poderia me esconder para sempre, e não queria. Mas também não podia prever quando minha mente me trairia.

— Moças. — Bryan veio gingando até nós, passando o braço pelo ombro da Peyton. — *Homecoming* nesta sexta.

— Na verdade, não sei se vamos — ela respondeu.

— Não vai? — Ele fez beicinho. — Mas você precisa ir. Com quem vou passar a noite dançando?

— Tenho certeza de que vai encontrar alguém, grandão. — Ela deu tapinhas no peito dele.

— Você está bem hoje, Lily? Thatch disse que não se sentia muito bem ontem.

— Estou bem, obrigada por perguntar.

— Sempre. Sabe que meu garoto está caidinho por você. Então, estou pensando que se a sua amiga — o olhar dele foi para Peyton —, estivesse caidinha por mim, então nós quatro poderíamos...

— Nunca vai acontecer. — Ela saiu de baixo do seu braço. — Sou um espírito livre, Bry. Nenhum cara vai me prender. Vejo vocês mais tarde. — Ela deu uma piscada divertida para ele antes de sair pelo corredor.

— Acho que estou apaixonado. — Ele fingiu deslizar pelo armário.

— Odeio dizer isso, *grandão*. — Ashleigh sorriu. — Mas ela só vai

partir seu coração.

— Mas que jeito bom pra caralho disso acontecer.

— Não diga que não avisei — Ashleigh acrescentou. — Como Kaiden está se sentindo sobre sexta? Ouvi dizer que ele é a aposta certa para ser rei do *Homecoming*.

— Sim, mas ele não liga para nada dessa merda. Ele só quer jogar futebol e... — Algo chamou a atenção sobre o meu ombro e ele parou.

— Falando no diabo — continuou.

Não precisei me virar para ver Kaiden, eu o sentira. Sentia seus olhos me mim ao se aproximar. Ele parou bem atrás de mim, perto o suficiente para eu sentir o calor do seu hálito na minha nuca, mas longe o suficiente para parecer inocente. Deus, queria relaxar nele e sentir seus braços ao meu redor. Forte e implacável.

Subestimei o quanto seria difícil vê-lo pela escola e não estar com ele.

— Deveríamos ir para aula — ele falou para o Bryan, movendo-se em volta dele, os dedos roçando nos meus, fazendo uma onda de calor passar por mim.

— Vejo você por aí — sussurrou.

— Sim — disse, um pouco sem fôlego. — Até mais.

KAIDEN

— THATCHER, vem aqui — Treinador gritou, e atravessei o vestiário até o escritório dele, ouvindo os resmungos e provocações dos meus colegas de time.

— Treinador? — Coloquei a cabeça para dentro.

— Entre, feche a porta. — Ele acenou para a cadeira vazia e me sentei. — Acabei de sair do telefone com um velho amigo. Ele é o responsável por recrutamento na Penn State, e estão interessados, filho.

— Uau, Treinador, não sei o que dizer.

Penn State não estava na minha lista de escolas preferidas, mas era um dos dez melhores programas do país.

Não era Bama, mas ainda era uma boa opção.

Uma opção que nunca considerei antes porque era no estado, e estava procurando ir o mais longe possível de Rixon. Mas agora as coisas eram diferentes... agora eu tinha Lily. Ainda estava cedo para falar dos nossos planos para o próximo outono, mas quanto mais tempo passávamos juntos, menos tempo queria ficar longe.

— Bama é um ótimo time, Kaiden. Um dos melhores. Mas a competição é acirrada, e vai ter que esquentar o banco, aprender o jogo, crescer no time. Não estou dizendo para não esperar por eles, se é o que você quer. Mas acho que é bom ter opções.

— Concordo, treinador.

— Concorda? Ótimo — ele sorriu —, porque marquei uma reunião esta semana.

— Puta merda! Esta semana?

— Frank é um bom amigo, e quando ficou sabendo que estava treinando um dos melhores *quarterbacks* do estado, ele me procurou.

— Eu não sei o que dizer, Treinador. Estou estupefato, obrigado.

— Ajuda ter amigos nos lugares certos. — Ele piscou. — Mas isso é tudo você, Kaiden. Você entrou neste programa com a cabeça no lugar e a mente focada e me provou errado várias vezes.

Caralho.

Eu me sentia uma fraude, sentado aqui, adorando os elogios quando o tempo todo eu estava saindo com a Lily escondido dele. Ele merecia saber a verdade. Merecia saber que tinha me apaixonado pela sua incrível e linda filha. Que não apenas gostava dela, mas tinha quase certeza que estava perdidamente apaixonado por ela.

Lily não era apenas uma garota. Ela era a melhor parte da minha alma e ele merecia saber.

Mas enquanto ficava sentado olhando para ele, assoberbado com

gratidão e respeito, não pude contar.

Não quando prometi a Lily que daria tempo a ela.

— É melhor eu voltar lá — falei, a culpa enrolada no meu peito como trepadeiras espinhosas.

— Claro. Tem um grande jogo na sexta. Um passo mais perto das *playoffs*.

— Sim, senhor — falei, evitando seu olhar.

— Ei — a voz dele me parou quando cheguei na porta —, você está bem? Parece... não sei, distraído.

— Estou bem, Treinador. Apenas me concentrando para sexta.

— É assim que gosto, filho. Dedicção a causa. Vai — inclinou a cabeça para a porta —, saia daqui.

Não precisava dizer duas vezes. Saí rápido do escritório sem olhar para trás.

Antes que ele visse a traição em meus olhos.

A semana passou em um borrão de treino, reuniões com os olheiros de Bama e Penn State, aulas, e trocas de mensagens com Lily.

Não encontramos um tempo para nos vermos fora da escola, o que era uma bosta porque sentia falta dela. Sentia sua falta para caralho.

E agora era sexta. *Homecoming*... e ela não queria ir.

Kaiden: Por favor, venha... vou fazer valer a pena.

Apertei enviar, tomando cuidado para esconder o telefone no colo enquanto o professor explicava a tarefa do dia.

Lily: Já falei... não posso...

Franzi o cenho. Ela ficava dizendo que não podia, mas era balela. Eu a queria lá. *Precisava* dela lá.

Kaiden: Nem mesmo por mim?

Lily: Não está sendo justo. E se você escapulir depois de ser anunciado rei do *Homecoming* e me encontrar?

Kaiden: Agora estamos conversando... continue...

Suprimi um sorriso, esperando a resposta.

Lily: Bryan disse para Peyton que os pais estão viajando outra vez. Poderíamos voltar para a casa dele depois do baile para nossa festa particular?

Kaiden: Quem é você e o que fez com a minha doce e inocente Lily?

Lily: Talvez ela esteja cansada de sempre ser a boa garota...

Caralho. Gostava desse lado dela. Confiante e atrevido. Não me leve a mal, gostava de todos os lados de Lily, mas tinha algo nela sentir-se corajosa o suficiente para assumir o controle que fazia meu sangue ferver.

Kaiden: Sim. Com certeza sim.

Podia imaginá-la lendo minha resposta, puxando de leve a trança enquanto arrastava o lábio inferior entre os dentes, as bochechas com covinhas devido a um sorriso melindroso.

Lily: Tudo bem. Até lá...

Kaiden: Até lá.

Coloquei o telefone no bolso, sem conseguir tirar a expressão presunçosa do rosto pelo resto da aula. Todo mundo esperava que fizesse o negócio do *Homecoming* no lugar do Monroe, e faria. Mas assim que anunciassem o rei e a rainha, estava fora.

Porque o prospecto de passar a noite com a Lily era muito mais atraente.

Cheguei no estádio primeiro. Meu pai estava num humor péssimo, e já que mal pedi desculpas pelo hematoma que desaparecia na minha bochecha, decidi sair mais cedo.

Não esperava encontrar Lindsey de tocaia.

Gemi quando ela saiu do carro e veio direto até mim.

— Oi, Kaiden — falou. — Esperava que aparecesse mais cedo.

— Não tenho tempo para isso — respondi, colocando a mochila no ombro e indo para a entrada.

— Na verdade, acho que vai ter quando ouvir o que tenho para dizer.

Algo na presunção em sua voz me parou e me virei devagar, para encontrar seu sorriso malicioso.

— O que você quer, Lindsey?

— Para resumir? — Ela se aproximou. — Você.

— Já te falei. Não estou interessado.

— Por causa dela, certo? Lily?

Não.

Não!

Não tinha jeito nenhum que ela sabia... e ainda assim, não era a primeira vez que aludia a saber *algo*.

— Não sei do que você está falando — falei frio.

— Kaiden, Kaiden, Kaiden, tão imprudente. O que acha que o Técnico Ford diria se soubesse que o novo jogador principal dele estava corrompendo sua preciosa e inocente Lily na quermesse?

Caralho.

Ela sabia.

De algum jeito, ela sabia o que aconteceu naquela noite.

Raiva surgiu por mim. Ainda não entendia seu objetivo final, mas não gostava de ser ameaçado. Diminui a distância entre nós, olhando feio para ela.

— Não sei o que acha que sabe, mas está errada.

— Estou? Então, não é você e Lily na quermesse? — Ela pegou o telefone e enfiou no meu rosto, um vídeo em baixa definição de nós dois nas sombras nos beijando. Fazendo muito mais do que apenas beijar.

A qualidade era ruim, mas ainda era óbvio.

Putaquepariu.

Caralho!

— O que você quer?

— Quero negociar, é claro. — O tom enjoativo da sua voz me irritou. — Que você vá no *Homecoming* comigo, como um encontro.

— De jeito nenhum. Nem fodendo.

— Se não for, vou mandar o vídeo para todos os alunos da escola e todo mundo vai saber exatamente o tipo de garota que Lily Ford é.

— Por quê? — Minha mandíbula ficou tensa. — Por que está tão determinada em arruiná-la?

— Por que não? — Saiu irreverente como se isso fosse um grande jogo e a vida da Lily não importasse. Mas importava. Importava para mim. — Então — Lindsey bufou, ficando impaciente —, temos um acordo?

Meus olhos semicerraram. Eu não podia fazer isso. De jeito nenhum. Mas a alternativa não era melhor. Se o vídeo caísse nas mãos erradas, o último ano da Lily seria arruinado. Ela nunca colocaria o pé na escola outra vez. E o pai dela nunca me deixaria pisar perto dela de

novo.

Mas Lily não iria no *Homecoming*...

Podia levar Lindsey como minha acompanhante, depois explicar tudo para Lily na casa do Bryan. Desse jeito ela não passaria a noite inteira se preocupando.

— Se eu fizer isso, você deleta o vídeo.

— Como vou saber que você vai manter seu lado do acordo? — Ela rodopiou uma das longas tranças pelo dedo como se fosse a vítima aqui, e não o diabo vestido de Barbie líder de torcida.

— Não sabe — sibilei. — Acho que vai ter que confiar em mi.

— Tá bom. Mas quero um beijo. — Lambeu os lábios de forma sugestiva. — Um beijo na pista de dança na frente da escola inteira.

— Não. Nunca vai acontecer.

— É só um beijo, Kaiden. Um beijinho e depois você e Lily podem ficar juntos.

Conhecia garotas como a Lindsey, e não seria apenas um beijo.

Nunca era.

Mas que escolha eu tinha?

— Tá bom. Um beijo.

Se isso protegesse a Lily de humilhação pública, poderia fazer isso. E depois poderíamos conversar sobre tudo no Bryan e confessarmos para o pai dela. Fodam-se os olheiros e futebol e o futuro. Lily era mais importante do que tudo isso junto, e depois de tudo o que passou, precisava fazer isso.

— Delete o vídeo — falei, acenando para o telefone.

— Tá bom. — Ela apertou o ícone da lata de lixo e sorriu para mim. — Tudo pronto. Vejo você depois do jogo, Kaiden. Não se atrase.

Lindsey jogou as tranças perfeitas para trás do ombro e saiu rebolando como se não tivesse acabado de jogar a porra de uma bomba enorme.

Ainda estava olhando boquiaberto para ela quando o carro do Gav parou ao lado do meu.

— Ei, cara, qual o problema? — Bryan disse, franzindo o cenho.

— Lindsey sabe sobre mim e Lily.

— Ah merda — suspirou. — O que você vai fazer?

Olhei para ele e pressionei os lábios em uma linha fina.

— O que for preciso.

Não sei como consegui me manter focado durante o jogo. Lindsey sabia. Ela sabia e estava me chantageando. Era uma confusão absoluta. Mas de algum jeito, consegui ficar equilibrado. O que era uma boa coisa, considerando que Renshaw veio com tudo para cima

de nós.

Quando terminou a primeira metade, estávamos empatados 12-12, mas no terceiro quarto consegui me soltar e correr direto para a zona final, nos dando a liderança. Não era normal para mim correr com a bola, mas precisava queimar um pouco da energia inquieta passando por mim. Foi o suficiente para nos dar a vitória e nos levar um passo mais perto das *playoffs*.

— Bom jogo, filho. — O técnico me deu um aceno firme enquanto passava pelo vestiário parecendo arrumado com uma camisa e gravata. — Vejo vocês no baile. — Ele desapareceu pela porta.

— Talvez devesse ter contado a ele — Gav falou.

— Vou contar, mas não hoje. Não até conversar com a Lily.

— Poderíamos pular o baile e ir direto para minha casa — Bryan sugeriu.

— E arriscar Lindsey fazer algo estúpido como sussurrar no ouvido do Treinador? — Eu franzi a testa. — Não posso arriscar. É só uma dança. Com sorte vai apaziguá-la o bastante para que eu possa conversar com Lily esta noite e a gente possa decidir como contar para o treinador.

— Porra, cara. Não invejo você. Ele vai pirar...

— Bry. — Gav balançou a cabeça. — Vamos. Quanto mais rápido fizermos isso, mais rápido podemos ir embora.

Eu os segui para fora do vestiário e pelo corredor, pegando o telefone e tocando no telefone de Lily. Não queria contar tudo para ela porque iria se preocupar sem necessidade, mas precisava falar alguma coisa.

Eu: Mal posso esperar para te ver mais tarde. Vamos embora assim que pudermos... e escuta, se ouvir qualquer coisa sobre esta noite antes que eu a veja... apenas confie em mim, tá bom?

Esperei uma resposta, mas não chegou nada, então guardei o telefone, esperando que a recebesse antes que os rumores chegassem a ela.

Entramos no carro do Gav e fomos para a escola.

— Não posso acreditar que vou fazer isso — murmurei quando entramos no estacionamento na frente do ginásio.

— O dever chama agora que você é o rei — Bryan bufou, e mostrei o dedo para ele conforme saíamos do carro. — Não posso acreditar que as garotas decidiram não vir em protesto pela Lily que se recusar a vir.

— Nah — Gav falou —, acho legal que a apoiam.

— Sim, eu acho. Só estou arrasado que não vou ver Peyton em um vestido de arrasar.

— Precisa deixar essa merda com ela pra lá — falei. — Ela não gosta de você desse jeito.

— É, eu sei. — Desânimo marcou suas feições. — Não pode culpar um cara por tentar. — Ele deu de ombros.

— A noite ainda é uma criança, cara. Quem sabe, talvez você encontre uma garota bonita e desavisada para tentar conquistar. Alguém como a Carrie-Anne, talvez?

— Carrie-Anne? Vai se foder. Ela é uma nerd total.

— Mas é meio fofa — bufei.

— Você fique com ela, então. Carrie-Anne Trombley — murmurou. — Ela deve gemer poesia quando goza.

Mal chegamos nas portas quando Lindsey apareceu.

— Puta merda. — Bryan assobiou baixo. — Agora isso é um vestido de arrasar.

Pavor encheu meu peito conforme ela vinha direto até mim.

— Estava começando a pensar que não viria — ronronou.

— Um acordo é um acordo — falei entredentes.

— Espera um pouco — Bryan disse, balançando um dedo entre nós. — O que diabos está acontecendo?

— Kaiden não contou para vocês? — Um sorriso presunçoso se espalhou no rosto de Lindsey. — Ele é meu parceiro para o *Homecoming*. — Ela enlaçou o braço pelo meu e começou a me puxar na direção da porta ao mesmo tempo que Bryan dizia:

— Que porra é essa?

Um arrepio passou por mim quando percebi que essa provavelmente era uma ideia ruim para caralho.

Mas agora era tarde demais.

LILY

— RÁPIDO, precisamos nos apressar — Peyton disse, afofando meu cabelo. Parecia estranho, o peso dele nas minhas costas, mas tinha algo estranhamente libertador nisso.

Depois do jogo, fomos direto para casa para nos arrumarmos. Não tínhamos muito tempo, então todos estavam a postos. Poppy e Sofia saíram há cinco minutos com Aaron e Cole. Amava minha irmã, mas estava aliviada que éramos só nós três.

Estava com o estômago embrulhado. Tanto que estava tremendo. Mas não era apenas ansiedade passando por mim. Também era excitação. Mal podia esperar para ver a reação do Kaiden quando ele me visse entrar no baile.

A semana inteira, fiquei indo e voltando entre querer seguir com meu plano e pensando que era ridículo. Mas eu precisava fazer isso. Era hora de sair das sombras e viver minha vida.

Eu amava Kaiden. Estava apaixonada por ele. E queria que todo mundo soubesse.

Incluindo meu pai.

Minha mãe estava indo junto já que ela sabia como isso era importante para mim. Ela também queria estar a postos para evitar a repercussão inevitável quando meu pai percebesse o que estava acontecendo.

O alívio que senti contando para ela ontem foi indescritível. Todo esse tempo, pensei que ela e papai fossem ficar decepcionados ou não me apoiariam, quando a verdade era que ela não foi nada além de compreensiva.

Acho que deveria saber, considerando que ela se apaixonara pelo seu próprio Raider quando estava no ensino médio.

— Garotas. — Mamãe bateu na porta do meu quarto. — Vocês estão prontas? Precisamos ir se vamos chegar a tempo.

— Só um segundo, tia Fee — Ashleigh disse, passando o gloss nos meus lábios. — Estamos quase... prontas. Aperta. — Ela me deu alguns lenços.

— Puta merda, *babe*. Você está incrível. — Eu me levantei e Peyton me levou até o espelho. A garota encarando de volta mal se parecia comigo. Os olhos dela estavam esfumados e sedutores, os lábios pintados de vermelho, contrastando com o vestido cinza carvão abraçando o corpo dela como uma segunda pele. Cachos escuros como chocolate enquadravam seu rosto em ondas largas, fazendo os olhos azuis gelo se destacarem.

— Pareço...

— Linda, Lil. Você está linda. Kaiden vai morrer quando te ver.

— Espero que não morra — soltei uma risada tensa. — Mas aceito que fique sem palavras.

— Estou orgulhosa para caralho de você. — Peyton me abraçou.

— Certo, pronta? — Ashleigh perguntou, e assenti. Ela abriu a porta e minha mãe ficou parada ali, boquiaberta.

— Ah, meu Deus, bebê, você está... é minha Lily Star?

— Não acha que é demais?

— Demais? Querida, Kaiden é um jovem de sorte. E quando seu pai se acalmar do que sei que será uma explosão nuclear, Kaiden virá para jantar e vamos nos sentar e conversar como adultos.

— O que seja, mãe — murmurei, temendo essa conversa.

Ela riu enquanto nos reuníamos na sala de estar para tirar fotos. Estava ficando tarde. Se não saíssemos logo, perderíamos o baile.

— Certo, pronta? — mamãe me perguntou, e assenti.

— O máximo que vou ficar. — Energia nervosa me dava um friozinho na barriga, mas parte de mim também estava tão animada.

Minha mãe abriu a porta e me guiou para fora, os olhos verdes suavizando conforme eu passava.

— Hora de levar Cinderela para o baile — sussurrou.

Hora de reivindicar meu príncipe.

Quando paramos na frente do ginásio, abri a bolsa para pegar o telefone.

— Ah, merda — falei.

— O que é, querida?

— Esqueci o telefone. — No meio do caos, devo ter deixado na mesa de cabeceira carregando.

— Não precisa do telefone hoje, bebê. Vamos? — Mamãe desligou o motor e as garotas saíram. Demorei um minuto para me concentrar. Superei muita coisa desde a oitava série. Precisava me lembrar disso. Quando minhas emoções aumentavam e eu me sentia assoberbada, precisava me lembrar da minha evolução.

Tricotilomania e ansiedade eram parte de mim do jeito que futebol era parte de Kaiden. E ele me aceitara. Todas as minhas partes.

Peyton puxou a porta do carro para abrir.

— Vamos, *babe*, mal posso esperar para ver a cara dele.

O telefone da Ashleigh vibrou, e ela tirou da bolsa, fazendo uma careta para a mensagem. Mas não tinha tempo para perguntar o que estava acontecendo porque Peyton praticamente me arrastou até as portas. A música ficou mais alta, pulsando por mim como uma correnteza morna. Inalei uma respiração trêmula enquanto

entrávamos, com mamãe e Ashleigh seguindo atrás.

— Espera — Ashleigh falou quando entramos na sala principal.

Era um borrão de luzes e barulhos e demorou um segundo para meus olhos se ajustarem ao caos. O tema era Rixon Raiders, claro, o ginásio transformado em algum tipo de paraíso branco e azul. Serpentinhas estavam penduradas do teto e montes de balões estavam espalhados nas mesas circundando a pista de dança. Passei os olhos pela multidão, procurando desesperadamente por Kaiden.

Primeiro, não pude vê-lo. Mas depois algumas garotas saíram do caminho e meus olhos o encontraram do outro lado do salão. Deus, ele estava tão lindo com a camisa social preta e calças pretas. O cabelo estava bagunçado como se tivesse passado os dedos por ele enquanto conversava com Bryan e Gav.

Gav nos viu, os olhos se arregalando com surpresa, e abafei uma risada com a expressão surpresa no seu rosto.

— Vai nessa, querida. — Mamãe me empurrou para frente. — Vou controlar seu pai.

Meus pés me levaram para frente ao mesmo tempo que Gav sussurrou algo para Kaiden. Ele ficou completamente rígido, virando-se devagar. Soube o segundo que me viu porque seus olhos escureceram.

— Oi. — Sorri, corando sob sua análise intensa.

— Lily? O que você...

— Só me deixa falar isso, por favor... — Respirei fundo. — É difícil colocar em palavras o que as últimas semanas significaram para mim. Uma garota que, às vezes, tem medo da própria sombra. Tenho medo do desconhecido, de tentar coisas novas, de sair da minha zona de conforto..., mas você me faz querer tentar, Kaiden. Você me faz querer abrir minhas asas e voar.

— Lily, eu...

— Eu te amo — soltei, a emoção que sentia por ele transbordando. — Estou apaixonada por você. Não sei quando aconteceu ou como, mas aconteceu. E só queria que você soubesse disso. Queria que soubesse que escolho você.

— Porra — ele sibilou, passando uma mão no queixo.

Não era bem a reação que eu esperava, e de repente, o salão começou a ficar pequeno ao meu redor.

— Kaiden?

— Isso não é... quero dizer, não é... você não recebeu minha mensagem?

— Mensagem, o que...

— Ora, isso não é adorável. — A voz dela era como unhas em um quadro negro, me fazendo estremecer.

— Lindsey, isso não é da sua conta — falei, encontrando seu olhar

presunçoso. — Por favor, não faça uma cena.

— Uma cena? Por que diabos eu faria uma cena quando você está claramente dando em cima do *meu* acompanhante?

— O-o quê? — Eu me afastei como se ela tivesse me batido.

— Kaiden não contou para você? — Ela sorriu, deslizando a mão com manicure perfeita pelo braço dele e segurando o bíceps como se fosse a dona do Kaiden. — Viemos juntos no baile.

Meu estômago afundou até os dedos dos pés.

Não.

Não!

Era uma piada.

Ela estava brincando.

Ele nunca viria no baile com a Lindsey. Ele sabia quem ela era para mim, o que fez comigo.

Só que quando olhei para ele buscando confirmação que isso era algum tipo de piada doentia, tudo o que vi foi arrependimento amargo.

— Kaiden, o que ela está falando?

— Vou explicar tudo mais tarde — ele respondeu frio.

— Mais tarde? Não quero que explique mais tarde. Quero que explique agora. — Meu coração galopava no peito como um bando de cavalos selvagens e minhas palavras tremiam. — Ela está dizendo a verdade? Vocês estão aqui... *juntos*?

— Sim, mas não é o que parece. — Os olhos dele tentavam me dizer alguma coisa, mas não podia ver além das lágrimas embaçando minha visão.

Ele estava aqui... com ela. Com a garota que fazia da minha vida um inferno só por respirar.

— Eu não entendo. — Minha voz quebrou enquanto lutava para manter o controle das minhas emoções. As pessoas começaram a observar, uma multidão se juntando ao nosso redor para assistir o drama que estava acontecendo. Ashleigh e Peyton pararam ao meu lado, mas não podia desviar o olhar do garoto que amava.

Minhas sobranceiras se juntaram.

— Vim aqui para dizer que te amo e você está aqui com... *com ela*.

— Posso explicar...

— Então, explique.

— Eu... — Os olhos dele passaram pelo salão e me perguntei se estava procurando meu pai.

Ah, Deus, meu pai.

Ele testemunhou tudo isso? Comecei a procurar pelo salão também, mas meu coração estava batendo rápido demais e tudo começou a embaçar e eu não podia respirar.

Deus, por que eu não podia respirar?

— Lily, talvez devêssemos ir? — Ashleigh segurou meu braço com cuidado e começou a me puxar para longe.

— Não se preocupe, Lily. Vou garantir que Kaiden aproveite o resto da noite. Eu vou...

— Vaca maldita. — Peyton pulou em cima da Lindsey, batendo nela com força. Os gritos da Lindsey encheram o ar enquanto ela puxava o cabelo da Peyton, as duas trocando insultos e golpes.

— Whoa, calma, Rocky. — Bryan conseguiu afastar Peyton enquanto as amigas de Lindsey a consolavam.

— Lily. — Kaiden esticou o braço para mim, mas me afastei.

— Não me toque — gritei —, não ouse me tocar.

— Por favor, me deixa explicar.

— Acho que fez o bastante, filho. — A voz do meu pai estava fria como gelo ao se aproximar de nós, os olhos semicerrados em fendas assassinas.

— Treinador, posso explicar... por favor...

— Chega! — meu pai urrou, tremendo de raiva.

Eles até pararam a música agora, todo mundo mais interessado demais no desastre que estava acontecendo na frente deles do que no baile. Silêncio eterno pareceu se alongar entre nós. Mas aí o telefone de alguém soou, e outro, até parecer que todos os telefones no salão estavam tocando. As pessoas começaram a pegá-los dos bolsos e bolsas, olhando as mensagens.

— Ah, meu Deus — alguém arfou. — Isso é...

— São eles. É ela... *ah merda*.

— O que diabos está acontecendo? — meu pai resmungou, a testa franzida com os sussurros e risadinhas que enchiam o recinto.

— Ei, você. — Ele marchou até um garoto parado perto do nosso grupo. — O que está acontecendo? — Pegando o telefone do garoto, ele olhou para tela, empalidecendo. — Vou te matar. — Ele focou em Kaiden outra vez. — Vou...

— Certo, Jase, chega de *Homecoming* para você. — Minha mãe se pendurou nele como um coala.

Percebi que havia algo muito, *muito* errado quando todo mundo parecia estar rindo e zombando na minha direção.

— Kaiden? — Minha voz tremeu.

— Sinto muito, Lily. Eu sinto muito mesmo. — Arrependimento encharcava suas palavras enquanto Bryan abria o telefone e lia a mensagem.

— Puta merda — assobiou, no mesmo momento que os olhos de Kaiden se fecharam.

— Pelo amor de Deus, me dê isso. — Ashleigh pegou o telefone dele e posicionou de forma que nós duas pudéssemos ver o vídeo.

Um vídeo meu e de Kaiden.

Eu e Kaiden na quermesse.

— Ah Deus. — Bile subiu do meu estômago e coloquei a mão sobre a boca.

— Lily...

— Não, não! — Eu chorei. — Preciso... — Saí correndo na direção da porta e irrompi por elas, quase tropeçando no meu salto baixo.

— Lily, espere. — Kaiden me seguiu, mas não parei de correr. Empurrando a porta do ginásio, saí na noite escura, lágrimas manchadas de rímel escorrendo pelas minhas bochechas.

— Espere, por favor. — Kaiden era rápido demais, e eu já estava desmoronando. Meus pulmões queimavam enquanto meu acesso ao oxigênio era cortado pelos dedos cruéis da vergonha.

— Eles viram. — Ofeguei, tentando inalar uma gananciosa e desesperada lufada de ar. — Eles nos viram... eu... eles *me* viram daquele jeito. Meu pai viu...

— Porra. *Porra!* — Frustração marcava as palavras de Kaiden. — Ela deletou. Eu a vi deletar, porra...

— Você sabia? — Meus olhos se arregalaram. — Sabia que ela tinha o vídeo e não me contou?

— Ela só me contou antes do jogo... não queria que você se preocupasse. — Os olhos dele imploraram comigo, mas tudo o que podia ver era Lindsey parada ali com o braço em volta dele como se ele pertencesse a ela. — Ela falou que se eu fosse no baile com ela, deletaria. Eu a vi deletar, Lily. Juro.

— Me deixa ver se entendi. — Minha voz tremia com raiva. — Você escolheu ir no baile com ela ao invés de me contar?

— Lily, isso não é justo e você sabe. Só estava tentando te proteger. Ia te contar hoje à noite na casa do Bryan. Você precisa acreditar em mim.

— Esse acordo incluía mais alguma coisa? — Joguei as mãos para cima. — Talvez uma dança lenta? Um beijo sob a bola de discoteca? — Antes que percebesse o que estava fazendo, minhas mãos bateram no peito dele. — O que mais incluía, hm? O que mais ela ia tirar de mim? — Minha voz estava aguda conforme emoção passava por mim. Kaiden me puxou para o peito dele, envolvendo os braços ao meu redor e me segurando enquanto soluçava na sua camisa.

Ela arruinou tudo.

Homecoming.

Meu momento especial com Kaiden.

Abrir o jogo para papai.

A noite que finalmente me entregaria ao garoto que amava.

Lindsey roubara tudo de mim... como se arruinar os últimos quatro anos da minha vida não tivesse sido o bastante.

— Eu odeio ela — gritei — odeio, odeio, odeio.

Estava esgotada. Mal conseguia ficar de pé enquanto Kaiden me tirava dos seus braços com cuidado.

— Lily, querida — meu pai disse —, estou aqui.

Meu corpo relaxou contra ele enquanto me erguia em seus braços.

— Sinto muito, pai — murmurei, sentindo a adrenalina se esvair, trocada por exaustão.

— Ssh, pequena Lily, vamos levá-la para casa.

— Treinador, por favor, me deixe...

— Você e eu vamos falar disso mais tarde. Quando não quiser arrancar sua cabeça da porra do seu corpo.

Um tremor passou por mim com a ferocidade das palavras do meu pai.

— Não o machuque, papai — choraminguei.

— Não vou machucar, querida. Muito. Vamos. — Ele atravessou o estacionamento e me aconchegou no carro dele ao lado de Peyton.

Ela deitou minha cabeça no seu colo e passou os dedos suavemente pelo meu cabelo.

— Sinto muito, *babe*. Mas dei um jeito nela por você. Dei um ótimo jeito.

Dei uma risadinha com isso.

— Todo mundo me viu, Peyton. Eles me viram... — Eu nem podia dizer as palavras.

Meu pai entrou no carro, batendo a porta com tanta força que fez meus dentes baterem.

— Está bem, aí, Sr. Ford?

— Quero matar ele. Matá-lo com minhas próprias...

— Não pode matar ele, papai — falei fraca.

— Me dê uma boa razão para não fazer isso? — Os olhos dele encontraram os meus no retrovisor, cheios de raiva.

— Porque eu o amo. Estou apaixonada por ele.

— Ah, Jesus, Lily. — Ele soltou um suspiro. — De todos os caras no mundo, tinha que ser ele?

— Sinto muito, pai.

— É, bebê. — Ele balançou um pouco a cabeça. — Eu também.

KAIDEN

OBSERVEI o Range Rover do Técnico Ford desaparecer pela rua, me sentindo total e completamente inútil.

— Porra, cara, isso foi um negócio fodido — Bryan veio até mim e colocou uma mão no meu ombro.

— Eu ferrei com tudo — falei entredentes, os punhos apertados ao meu lado. — Porra, ferrei muito com tudo.

— Kaiden. — Uma mulher se aproximou de mim.

— Sim?

— Sou a mãe da Lily, Felicity.

— Você deve me odiar muito agora. — Vergonha passou por mim, e mal pude encontrar seu olhar compreensivo.

— Na verdade, esperava que pudéssemos conversar.

— Conversaria conosco? — Sra. Bennet apareceu.

— Sim, claro. Que seja. — Olhei de volta para os portões do estacionamento esperando dar uma última olhada no carro do técnico. Mas partiu há muito tempo.

Lily partiu há muito tempo.

— Vou estar lá dentro se precisar de mim — Bryan disse, e dei um pequeno aceno a ele.

— Vem — Sra. Bennet disse —, vamos para o meu escritório.

Andamos pela escola em um silêncio tenso. Vergonha e arrependimento pesavam na minha alma, mas não podia desfazer os eventos das últimas horas. Não importava o quanto desejasse que pudesse.

Lindsey me enganou. Ela me enganou e estava distraído demais para perceber. Porque tudo o que podia pensar era em proteger Lily daquele vídeo caindo nas mãos erradas. Sabia o que significava para ela se abrir comigo daquele jeito. Dar para mim todas as suas primeiras vezes. E agora estava maculado. Todo segundo que compartilhamos, todos os beijos e toques e momentos roubados... tudo arruinado porque fui muito covarde para fazer o que precisava ser feito.

Se tivesse confessado para o técnico mais cedo, nada disso teria acontecido.

— Venha, Kaiden. — Sra. Bennet me guiou para o escritório dela e me pegou um copo de água.

— Obrigado — falei.

— Não preciso dizer para você que distribuição de conteúdo sexual é uma ofensa séria.

— Whoa, espera um minuto. Não gravei aquele vídeo. Caso não

tenham percebido, estou nele...

— Kaiden — a mãe da Lily falou —, ninguém está culpando você. Só estamos tentando entender o que aconteceu.

— Foi a Lindsey — sibilei. — Ela está por trás de tudo isso.

— Lindsey Filmer?

— Sim, ela provocou a Lily o semestre inteiro.

As duas trocaram um olhar preocupado.

— O que ela tem feito? — Sra. Ford perguntou.

— Provocado Lily, menosprezado, e ela tem essa obsessão estranha por mim.

— Você está ciente que Lily e Lindsey tem história juntas? — Sra. Bennet disse, e assenti.

— Sim, ela me contou.

— Contou? — Sra. Ford arfou. — Mas ela nunca fala com ninguém sobre o que aconteceu. — Lágrimas se juntaram nos cantos dos seus olhos.

— Fee — Sra. Bennet falou. — Talvez devesse me deixar falar com Kaiden sozinha?

— Não — ela respondeu. — Quero estar aqui. Preciso saber o que aconteceu.

— Você sabe que estou indo contra todo tipo de regra da escola...

— Mya, por favor.

Sra. Bennet concordou, reclinando-se na cadeira.

— Como Lindsey conseguiu aquele vídeo, Kaiden?

Caralho.

Estava mesmo prestes a discutir a noite que fiz umas safadezas com a Lily na quermesse? Pelo jeito que estavam olhando para mim, esperando, parecia que sim.

— Estávamos na quermesse — concedi. — Lily e eu escapulimos e Lindsey deve ter nos seguido e gravado.

— Biscatinha — Sra. Ford sibilou baixo, e abafei uma bufada.

Ela não estava errada.

— E por quanto tempo exatamente você e Lily tem se encontrado escondidos?

— Praticamente desde o início do semestre — respondi. — Deveria saber que me importo muito com a sua filha.

— Assim espero, Kaiden. — Ela me deu um olhar intenso. — Porque Lily não daria o coração... ou o corpo, para qualquer rapaz.

Puta merda, isso foi intenso. As paredes se fecharam ao meu redor. Mas também tinha algo tranquilizador no fato que estavam ouvindo meu lado da história. Duvidava que o técnico fosse compreensivo assim.

— Nós não... ainda não. É importante que você saiba que não pressionei Lily a fazer algo que ainda não estava pronta.

A mãe dela deu um pequeno aceno. Queria acreditar que era concordância, mas tudo isso era tão fodido.

— De volta para Lindsey. O que aconteceu para chegar a este ponto? — Sra. Bennet franziu o cenho.

— Lindsey fez algumas ameaças vazias, mas pensei que estivesse blefando. Até me mostrar o vídeo antes do jogo esta noite. Ela disse que a não ser que concordasse em ir no baile com ela, mostraria o vídeo para todo mundo.

— Então ela lhe chantageou?

— Sim, mas pensei que tivesse deletado. — Pelo menos, é o que queria acreditar. — Lily e eu planejamos nos encontrar depois do baile. Ia contar a verdade para ela e abrir o jogo com o treinador assim que conversasse com Lily. Juro, não era para ter acontecido desse jeito.

— Não tem problema, Kaiden — Sra. Ford falou. — Vai ficar tudo bem.

Como ela podia dizer isso?

Lily aparecera no baile para me surpreender, para declarar seu amor por mim, e tudo foi pelos ares. Não a culparia se ela nunca quisesse me ver depois desta noite.

Sra. Ford se inclinou e apertou meu ombro.

— Lily é mais forte do que pensa. Quando a poeira abaixar, vou falar com ela.

— Por quê? Por que você faria isso por mim?

— Porque, Kaiden, apesar do que as outras pessoas possam dizer, você não é seu pai. E vi minha filha florescer ao longo das últimas semanas... por sua causa.

— Treinador Ford vai...

— Deixa que eu cuido do meu marido. Você se preocupa com o maior pedido de desculpas que vai precisar fazer para consertar as coisas com a Lily. — Ela piscou, acalmando algo em mim. Não sei o que era com essas mulheres Ford, mas tinham poderes mágicos encantadores ou alguma merda dessas.

— O que vai acontecer com Lindsey?

— Vou cuidar da Lindsey — Sra. Bennet falou. — Está na hora de alguém abaixar a bola dela.

— Sugiro que vá para casa e fique escondido por alguns dias. Jason pode ser seu treinador, mas também é um pai, e isso é algo bem perigoso. — Tinha humor na sua voz, mas não impediu que suas palavras me atingissem no peito. Se nossos papéis estivessem invertidos, também iria querer acabar comigo.

— Obrigada, Mya — Sra. Ford disse, levantando-se. — Kaiden, saí comigo?

— Hm, sim, claro — respondi.

O clima estava tenso entre nós quando voltamos na direção do ginásio.

— Sabe, isso parece muito como a história se repetindo — enfim falou.

— O que você quer dizer?

— Quanto você sabe sobre o que aconteceu entre seu pai e Jason no ensino médio?

— Pouco.

— Bom, Lewis fez algo parecido conosco... comigo. E Jason fez o que pensou que era necessário para me proteger, assim como você fez o que pensou ser necessário para proteger Lily. Então apesar de ele querer matá-lo com as próprias mãos esta noite, quando se acalmar o suficiente, as coisas serão diferentes.

— Eu o trai — falei. — Rompi sua confiança e menti na cara dele.

— Porque se importa com nossa filha. Não vou falar que tudo o que fez foi a coisa certa, mas também não irei repreendê-lo por ter colocado ela em primeiro lugar. — Ela pegou minha mão na dela. — Lily me disse que você queria contar para Jason, e que ela te convenceu a não o fazer. Você a priorizou, Kaiden. Estava respeitando as decisões dela e tentando protegê-la. E isso é maravilhoso.

Enfim chegamos no estacionamento.

— Vou para casa ver como minha filha está. Sugiro que vá para casa e comece a trabalhar no pedido de desculpa. — Ela piscou outra vez antes de ir para o carro. — Ah, e Kaiden?

— Sim?

— Caso ainda não tenha percebido, minha filha ama muito você.

Estava estupefato enquanto ela entrava no carro e saía dirigindo. As mulheres Ford realmente eram uma força a ser respeitada.

Não era nenhuma surpresa que estava perdidamente apaixonado pela Lily. Depois de conhecer a mãe dela, estava claro.

Nunca tive chance de resistir.

Na manhã seguinte, não esperava ser acordado por vozes altas.

— Você ousa aparecer na... na porra da minha porta? — meu pai urrou.

Ah, merda.

Saí da cama e coloquei uma camiseta e moletom antes de correr para o andar de baixo. Meu pai preenchia a porta, cara a cara com o Técnico Ford que não parecia nada impressionado.

— Kaiden — falou —, me faz um favor e diz para o seu pai se afastar antes que eu o faça.

— Pai — sibilei, passando o braço em volta do peito dele e

tentando empurrá-lo para trás. — Eu cuido disso.

O cheiro amargo de álcool invadiu meus sentidos e desviei o rosto, tentando respirar ar puro. O técnico encontrou meu olhar e seu rosto franziu.

— Acha que pode vir aqui, tentando levar meu filho... meu maldito filho.

— Certo, pai, vamos.

Quando o ouvi a primeira vez, soara sóbrio. Mas era vergonhosamente óbvio que estava bêbado.

— Podia encarar ele, Kaiden. Podia encarar ele agora.

Consegui fazer meu pai se mover pelo corredor, mas ele tropeçou, o peso inteiro caindo em mim. Começamos a cair, mas o Técnico Ford entrou em casa e o pegou, equilibrando meu pai o suficiente para que eu também pudesse me endireitar.

— Obrigado — falei. — Se quiser esperar na cozinha, vou cuidar dele.

— Claro. — Parecia que ele queria dizer mais, mas para meu alívio, não disse. Já era ruim o suficiente que testemunhara isso.

Consegui levar meu velho até o sofá.

— Fique aí e durma — falei. Os olhos dele semicerraram, anuviados e embotados. Então soltou um arrote alto e caiu em um estupor embriagado.

— Desculpe por isso — disse quando me juntei ao técnico na cozinha.

— Não sabia que as coisas estavam tão ruins.

— Ele piorou desde que transferi para Rixon.

— Kaiden, se tiver alguma coisa...

— Acho que essa não é uma visita casual. — Eu mudei o assunto. Não queria simpatia, ainda mais não do pai da minha namorada.

Presumindo que Lily algum dia quisesse saber de mim outra vez.

— Tem café? — ele perguntou.

— Sim, tem.

— Ótimo, faça uma caneca para cada um de nós e me encontre no jardim. — Ele testou a maçaneta e saiu.

Então tá. Imaginei que quisesse prologar a agonia, me fazer suar o máximo possível.

Pegando o telefone, conferi se tinha alguma mensagem, mas não tinha. Mande mensagem para Lily pelo menos cinco vezes desde que cheguei em casa ontem a noite, mas ela não respondeu, não que a culpasse.

Depois que fiz o café, saí para encontrar o técnico. Sentado em uma das nossas cadeiras de jardim, ele olhou para mim.

— Sente-se

Soltei um pequeno suspiro.

— Sabe, a caminho daqui, tinha todas essas coisas que queria dizer para você. E aí seu pai abriu a porta e é como se não soubesse que porra dizer agora.

— Não quero sua pena — falei, defensivo.

— É, bom, eu não queria você nem perto da minha filha e olha o que aconteceu.

— Não deveria ter acontecido desse jeito. Queria contar para você. Eu queria...

— Lily me contou o que aconteceu.

— Contou? — Passei uma mão na cabeça, odiando como as coisas pareciam desconfortáveis entre nós.

— Claro que contou. Sou o pai dela.

— Eu errei feio, né?

— Por mais que me doa dizer isso, você deveria errar. Você tem dezoito anos. Porra, Kaiden, eu era um pesadelo na sua idade. Mas pensava que era invencível. — Seus olhos desviaram para os meus. Estavam mais escuros hoje. Quase pretos ao me encarar. — Pensava que nada poderia me tocar porque não me importava com nada além de futebol. E aí conheci a mãe da Lily. Deus, ela me derrubou. Eu relutei. A todo momento, mas as coisas ficaram ruins com seu pai e percebi que futebol não era a única coisa com a qual me importava. Eu vou te perguntar uma coisa e quero a verdade. Não o que você acha que quero ouvir ou o que acha que vai te salvar. A verdade, certo?

— Sim, posso fazer isso. — Eu me preparei.

— Você a ama?

— Sim. — Engoli o nó enorme na minha garganta. — Eu a amo para caralho.

Ele assentiu, a mandíbula estalando com desaprovação. Mas também vi outra coisa em seu olhar. Algo que parecia muito com respeito.

— Falei com minha esposa. Ela me contou tudo, mas precisava ouvir você dizer as palavras. Precisava olhar nos seus olhos e *ver*.

— Como ela está? Lily, quero dizer?

— Não vou mentir para você, porque se você alega amar minha filha, precisa saber como as coisas podem ficar ruins. — Os olhos dele se fecharam e passou uma mão sobre a barba por fazer. — Ela está uma bagunça, filho. Lily passou os últimos quatro anos se escondendo nas sombras numa tentativa de se proteger. E agora a luz está brilhando bem em cima dela. Não sabe como lidar com isso e tudo o que sempre fiz foi tentar protegê-la, mas não posso protegê-la da própria mente.

— O que vai acontecer com Lindsey?

— Vou cuidar da Senhorita Filmer e os pais dela.

A ferocidade em sua voz me fez recuar.

— Posso fazer uma pergunta?

Ele concordou com a cabeça.

— O que aconteceu com Chelsea Farnham e a família dela?

O lábio dele se curvou em um sorriso secreto.

— Um homem tem que guardar alguns segredos. Tudo o que precisa saber, é que cuidei disso. Assim como sempre vou cuidar. Se vai namorar minha filha, Kaiden, isso agora se estende a você. Se precisar de qualquer coisa — seu olhar foi para a casa —, tudo o que precisa fazer é pedir.

— Por quê? Por que me ajudaria depois do que eu fiz? — Culpa ainda rodopiava no meu peito, mas meus ombros estavam mais leves desde que o técnico chegara.

Não esperava seu perdão, menos ainda sua benção, mas algo havia mudado entre nós.

— Porque — ele voltou o olhar para o meu e um sorriso relutante marcou seus lábios — ela iria querer que eu o fizesse. Lily te ama, filho. Então apesar de não poder protegê-la do mundo, com certeza posso tentar fazê-la feliz.

— Quanto você quer tirar minha cabeça do pescoço agora? — perguntei, segurando um sorriso.

— Ah, um oito. Era um onze no caminho, então considere-se sortudo.

— Vou fazer tudo ao meu alcance para protegê-la, Treinador.

— Sei que vai, filho. — Ele se aproximou e apertou meu ombro. — Sei que vai.

— É verdade?

O carro do técnico Ford mal havia saído da garagem quando a voz do meu pai soou atrás de mim.

Minha coluna enrijeceu conforme fechava a porta e me virava para meu pai. Ele parecia uma merda, encostado no beiral da porta, círculos escuros em volta dos olhos e a pele flácida.

— É verdade o que? — perguntei, frio.

— Que está saindo com a filha dele. — Raiva passou pelos seus olhos. — Que porra, filho? Uma Ford? Você está fodendo...

— Não — disse entredentes. — Não ouse falar assim da Lily.

— Lily. A vaca tem um...

Voei nele, envolvendo a mão no seu pescoço e o batendo contra a parede.

— Que porra está errada com você, hm? Eu a amo, pai. Estou apaixonado por ela.

— Amor — zombou. — O que diabos você sabe sobre amor, moleque?

— Muito mais do que você, ao que parece. — Meu corpo vibrava de raiva, uma tempestade violenta surgindo dentro de mim. — Ela é uma boa pessoa, pai. Você gostaria dela se...

— Acha que quero a filha *dele* na minha casa? — Os olhos dele semicerraram, cuspe voando da boca dele. — Ele arruinou tudo... toda-maldita-coisa.

— Não, pai, você fez isso sozinho. — Minha mão relaxou e ele me empurrou.

— Você é fraco, filho. Não tem o que precisa pra ir até o fim se está distraído por algo tão simples quanto um pouco de boce...

— Pare! Apenas pare. — As palavras saíram dos meus pulmões, fazendo meu peito arfar. Aguentara seus ataques verbais, as provocações constantes, e decepção. Mas se dependesse de mim, Lily estava fora dos limites. Ela não merecia seus sermões bêbados amargurados. E nem a pau o deixaria falar dela como se não fosse nada.

Não quando ela era tudo para mim.

— A vida seguiu em frente, pai, todo mundo seguiu... menos você. Você está preso no passado. E está destruindo esta família. Isso é culpa sua. Isso é tudo culpa sua.

Ele avançou em mim, me batendo contra a parede.

— Vá em frente, continue — provoquei, cansado da merda dele. — Você não é metade do homem que o Treinador Ford é. Não é nada além de uma desculpa...

O punho dele colidiu contra minha mandíbula, dor irradiando por mim conforme minha cabeça virava para o lado, o gosto metálico de sangue enchendo minha boca.

A porta se abriu e os gritos da minha mãe encheram o corredor.

— Lewis, pare. *PARE!* — gritou, colocando o corpo pequeno entre nós, me protegendo. — Chega — gritou. — Não vê o que está fazendo?

Meu pai se afastou cambaleando, os olhos selvagens.

— Eu não... Kaiden, filho...

— Pra mim chega. — Cuspi, espalhando o sangue do meu lábio com o dorso da mão. — Estou farto.

— Kaiden. — Esticou o braço para mim, mas minha mãe bateu nele para afastar.

— Não, Lewis. Fiquei parada tempo o bastante. Você precisa de ajuda. Precisa fazer alguma coisa para consertar essa família antes que seja tarde demais.

— O que você está dizendo? — ele ferveu, os olhos nervosos passando de mim para minha mãe.

— Se não procurar ajuda. Vou deixá-lo.

— Tina, não seja tão dra...

— Não, Lewis. Não posso mais fazer isso... não vou. Kaiden é nosso garoto. É nosso filho e você está... — Ela soltou um suspiro cansado. — Eu nem sei mais quem você é.

Com um choro embargado, minha mãe saiu pelo corredor e eu a segui. Sabia que ele reagiria mal quando descobrisse sobre Lily, mas não fazia isso ser mais fácil de engolir.

— Vamos cuidar disso — minha mãe disse. — Sente-se.

Sentei-me em uma das banquetas.

— Você falou sério?

Ela parou, erguendo os olhos cheios de lágrimas para encontrar meu olhar.

— Sim, querido, falei.

— Ótimo — respondi com um aceno tenso.

— O que aconteceu? — Minha mãe passou uma toalha sob a torneira e me deu para pressionar na boca. Ardeu para caralho, mas com sorte ajudaria com o inchaço.

— Treinador Ford veio aqui... eu, hm... tenho algo para te contar.

— Estou ouvindo.

— Conheci uma garota, mãe. A garota.

— Minha nossa — suspirou, mas as sobrancelhas franziram. — E o que o técnico Ford tem a ver com isso?

— É a filha dele.

Risada suave borbulhou em seu peito, e foi minha vez de fazer uma careta.

— Mãe?

— Ora, se não é a história se repetindo. — Ela me deu um sorriso caloroso. — Então não sei o que é.

LILY

— LILY, posso entrar? — Poppy colocou a cabeça pela porta, e assenti. Ela veio até mim e entrou debaixo das cobertas. — Como está se sentindo?

— Não sei como vou colocar o pé na escola outra vez.

— Não diga isso. — Ela enlaçou os dedos com os meus. — Vai ficar tudo bem, Lil. Papai e Diretor Kiln vão abafar o vídeo e você tem a mim e Peyton e Ashleigh e... — Ela deixou sem terminar. — Você falou com ele?

Pressionando os lábios juntos, engoli a nova onda de lágrimas que subia pela minha garganta.

— Ah, Lil. Você deveria conversar com ele. Mamãe disse...

— Eu não posso. Não estou pronta.

Fiquei parada no meio do baile e declarei meu amor pelo Kaiden, e ele estava lá... com ela. A parte racional de mim sabia que ele só fizera isso porque ela era uma vaca manipuladora, mas não mudava o fato que ela arruinara o que deveria ter sido a melhor noite da minha vida.

— Não sei se deveria te contar isso... — Poppy hesitou. — Mas papai está lá agora.

— Ele o quê? — Eu me sentei com tudo. — Mamãe o deixou ir lá?

— Mamãe não *o deixou* fazer nada. — Ela suspirou. — Você sabe como ele é. Está acabando com ele que isso tenha acontecido, e acho que ele e Kaiden tem muito sobre o que conversar.

— Ai, meu Deus. — Afundando o rosto nas mãos, tentei engolir as lágrimas. Estava tão cansada de chorar. Chorei a maior parte da noite, me lembrando das palavras cruéis de Lindsey e dos sussurros e risadinhas dos meus colegas de sala enquanto assistiam o vídeo.

— Lily, pare. — As mãos da Poppy se fecharam em volta dos meus pulsos. Nem percebi que meus dedos foram para o cabelo. Mas agora que estava ciente, não pude resistir puxar as raízes com força; a pontada e ardência eram como um bálsamo na minha alma abatida.

— Lily, você não quer fazer isso — falou suavemente.

— Preciso fazer — respondi, puxando outra vez, uma onda enorme de vergonha passando por mim conforme afastava os dedos e olhava os fios soltos.

— Não, você não precisa. Isso não te controla, Lily. Aqui. — Ela se moveu pelo meu lado e soltou minha trança bagunçada e começou a retrançar, tomando cuidado para domar todos os cabelos soltos em uma trança apertada.

Meus dedos coçavam para arrancá-los. Para continuar puxando até

que me sentisse em paz. Mas era um caminho sem volta que não queria começar.

Poppy estava certa. Isso não me controlava, não mais. Ao invés disso, foquei na minha respiração, controlando as coisas que podia controlar, até me sentir mais calma.

— Isso — falou. — Você consegue, Lil.

— Obrigada.

— Estou tão orgulhosa de você. — Ela me envolveu com os braços.

— Orgulhosa? — sussurrei.

— Bom, sim, dã. — Poppy me afastou, sinceridade brilhando em seus olhos. — Depois de tudo o que você passou, ainda encontrou a coragem para correr atrás do que quer. Isso requer coragem.

— Poppy, foi um desastre. Queria que nunca tivesse ido naquele baile estúpido. — Dor açoitou meu âmagô e uma lágrima escapou. Eu a limpei, tentando não deixar a escuridão me consumir outra vez.

— Tudo bem, não terminou bem do jeito que você planejou. Mas não deixe que isso a distraia do fato que saiu muito da sua zona de conforto e agiu. Deveria estar muito orgulhosa de si.

— Você sabe que metade da nossa sala e a maior parte dos professores viu eu e Kaiden...

— Isso foi... um infortúnio. — Os lábios dela se curvaram e compartilhamos uma risadinha.

— Infortúnio? — refutei. — Poppy, papai me viu masturbar Kaiden no meio da quermesse.

— Merda, você está certa. Melhor ligarmos para a emergência. — Franzi o cenho e ela acrescentou: — Papai vai matar ele.

No final, papai não matou Kaiden. Ele veio para casa uma hora mais tarde. Ouvi ele e mamãe conversando em vozes baixas, mas fiquei no meu quarto.

Eu estava exausta. Exaurida do meu ataque de pânico ontem à noite. Da vergonha total de que todo mundo agora compartilhava comigo um dos momentos mais íntimos da minha vida. Nunca poderia andar pelo corredor da escola sem alguém sorrir ou dar uma risadinha.

Deus, como iria encará-los? Se fosse a Lindsey ou a Peyton – inferno, até a Ashleigh – algo assim não as afetaria. Entrariam na escola com a cabeça erguida e assumiriam. Adolescentes cometiam erros. Eles ficavam envolvidos no momento e cediam aos desejos sexuais. Acontecia o tempo todo.

Mas a maioria de nós não acabava compartilhando esses momentos com a turma inteira de veteranos.

Uma batida na porta me sobressaltou.

— Lily, posso entrar?

— Claro, pai.

Ele entrou, fechando a porta atrás de si.

— Como está se sentindo?

— Como se nunca quisesse pisar na escola outra vez. Quer dizer, mal consigo olhar para você agora. — E ele era meu pai. O cara que me erguia sempre que eu caía. O cara que me ensinou sobre a importância da família. O cara que me ensinou como amar.

— Não tem problema, lavei os olhos com água sanitária. Problema resolvido. — Os lábios dele se curvaram em um sorriso seco, mas não ajudou a afrouxar o nó no meu estômago. — Não me importo com o vídeo, Lily. Eu me importo com você, querida. — Ele se sentou na beirada da cama.

— Você foi vê-lo?

— Fui.

— Deveria começar a ligar para os hospitais?

Ele riu, os olhos enrugando com humor.

— Muito engraçado, ha ha. Sabe, Kaiden não é nada o que eu esperava. O pai dele... quão ruim fica?

— Não tenho certeza. Mas sabe o hematoma na maçã do rosto? — Meu pai assentiu e continuei: — O pai bateu nele. Ele fala que foi um acidente, mas não tenho certeza.

— Merda. — Ele soltou uma respiração controlada. — Não sabia que as coisas estavam tão ruins. Ele me disse que aquilo aconteceu no treino.

— Não é bem algo que ele quer divulgar.

— Não, mas sou o técnico dele. Deveria conhecer meus jogadores. Saber dos seus problemas. Deveria ser meu trabalho saber — murmurou para si, decepção marcada nas suas feições.

Um segundo passou, o ar denso entre nós.

— Por que você não me contou, Lily? Poderia ter me contado.

— Era novo, pai. Nunca me senti assim por um garoto antes. E era Kaiden. Você disse...

— Eu sei o que eu disse, querida. Mas sou seu pai. Falamos merda as vezes.

— Para o que serve, sinto muito. — Desviei o olhar, mas meu pai deslizou os dedos sob meu queixo e ergueu meu rosto de volta para o dele.

— Eu sei, Lil. Eu sei. Kaiden é um bom garoto, querida. Deveria dar uma chance para ele consertar isso.

Meu coração apertou enquanto dava um sorriso triste a ele e dizia:

— Não sei se ele pode.

Tudo estava tão diferente agora. Apesar de não ser culpa do

Kaiden, não de verdade, tudo estava maculado. Eu estava maculada. Fui forte esta manhã quando Poppy estava aqui. Mas já estava deslizando.

— Mandei e-mail para minha terapeuta — falei.

— Mandou?

— Sim, não quero que isso se transforme em algo que não posso controlar. Então, se não tiver problema com você e mamãe, vou pedir por sessões semanais outra vez.

— Sabe que vamos te apoiar, Lily. Sempre.

— Obrigada. Mas não quero que seja tirado das proporções. Estou bem, e vou superar isso.

Ele me olhou por um segundo, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Pai? — Minha boca ficou seca. — Você está...

— Orgulhoso, querida. Estou orgulhoso para caralho de você. E sei que é um entrave temporário, mas você vai superar, Lily. Porque é forte. Você é uma Ford, querida. E os Ford nunca desistem.

Peyton e Ashleigh passaram o dia comigo. Comemos besteira e assistimos reprises das nossas séries favoritas. E todas as vezes que meus dedos deslizavam para minha trança, e foram muitas, uma delas me distraía.

Mas durante a última hora, Peyton estivera distraída.

— Quer nos dizer alguma coisa? — falei, e ela franziu sobre o telefone.

— *Nope*.

— Espera, o que você está fazendo? Quem é?

— Isso é para eu saber e você descobrir. — Ela mostrou a língua para mim, e revirei os olhos.

— É o Bryan? — Podia imaginá-los tramando para consertar as coisas entre mim e Kaiden.

Ainda não havia respondido as mensagens dele, e enfim parara de enviá-las. Não podia explicar, mas precisava de um pouco de tempo antes de vê-lo outra vez. Depois de abrir minha alma para ele e acabar tão mal, acho que poderia dizer que precisava de tempo para me curar.

— Está com fome? — Ashleigh perguntou. — Poderíamos pedir pizza? Ou tenho certeza que tia Fee via...

— Não poderia comer mais nada — falei, esfregando minha barriga cheia de doces. — Estou surpresa que mamãe não subiu para tentar nos alimentar.

— Na verdade, acho que saíram.

— Saíram? — Minhas sobranceiras se juntaram. — Por que não nos con...

A campainha tocou, e Peyton pulou da cama.

— Eu atendo.

— Peyton. — Minha coluna formigou. — O que você fez?

Mas ela praticamente correu para fora do meu quarto.

— Me diga que ela não fez isso — falei para Ashleigh.

— Não olhe para mim — respondeu, dando de ombros. — Não faço ideia do que ela está aprontando.

Mas meu coração sabia.

Soube no segundo que a campainha tocou.

— Ele não pode subir aqui — falei, pânico crescendo dentro de mim. — Estou uma bagunça completa.

— Relaxa. — Ashleigh me deu um sorriso tranquilizador. — Ele se importa com você, Lil. Não liga para sua aparência.

Ah Deus.

Eu ia vomitar.

— Não me sinto muito bem — choraminguei, e Ashleigh se aproximou de mim.

— Relaxa, é só o Kaiden. Você não tem nada para se preocupar. Vou estar lá embaixo, tudo bem?

— Eu... — As palavras ficaram presas.

— Tudo bem, Lil?

— S-sim, tudo.

Meu coração batia violentamente no peito. Kaiden estava aqui. Na minha casa. E estava usando minhas calças de ficar em casa e regata surrada e muito amada, e meu quarto parecia que tinha explodido uma bomba dentro.

Fiquei sentada congelada no lugar enquanto Ashleigh saía da cama e ia até a porta, trocando de lugar com Kaiden.

— Ei — ele disse, entrando no quarto, e levando todo o ar com ele até meus pulmões parecerem que iriam explodir.

— O-oi. — Consegui soltar engasgado, vendo o hematoma feio na sua mandíbula.

— Me diga que ele não...

— Está tudo bem — respondeu. — Eu estou bem.

— Kaiden, você precisa contar para alguém. — Meu coração afundou. Ele não merecia isso. Kaiden não merecia sentir ter menos valor só porque o pai era um bêbado amargurado preso no passado.

— Não vim aqui para falar dele, Lily. Vim por você. E sinto muito por aparecer sem avisar, mas já que você estava me ignorando, Peyton pensou... posso ir embora. — Incerteza lampejou em seus olhos. — Se quiser.

— Não, está tudo bem. Só não estava esperando visitantes. —

Meus olhos passaram pelo quarto.

— Acha que ligo pra isso? — Ele deu mais um passo na minha direção. — Só precisava saber que você estava bem.

— Para ser honesta, não sei o que sentir no momento. Ainda não posso acreditar que ela...

— Porra, Lily — Ele ficou de joelhos na minha frente. — Sinto muito. Eu sinto muito mesmo. Se soubesse...

— Ssh. — Meu dedo deslizou em seus lábios, o calando. — Não importa. Está feito.

— Importa — falou pelo meu dedo, o hálito quente fazendo arrepios percorrerem meu braço. — Importa para mim. Odeio que ela tomou algo de nós... de você. Sei como sou sortudo por você ter me escolhido para confiar em mim com suas primeiras vezes, Lily.

Minha expressão suavizou. Como poderia evitar quando ele estava de joelhos dizendo tais coisas?

— Como vou entrar na escola de novo, Kaiden? Passei tanto tempo me escondendo, evitando os holofotes... e agora estão brilhando bem em mim.

Ele se aproximou, colocando as mãos na cama do lado as minhas coxas. Os olhos dele se fecharam e inalou uma respiração trêmula.

— Me deixe ser seu escudo — falou, fixando o olhar de aço em mim. — Me deixe segurá-la quando cair, Lily. Me deixe amá-la.

Um suspiro suave escapou dos meus lábios.

— O-o que você disse?

— Você me ouviu. — A boca dele se curvou.

— Pode repetir? Só pra ter certeza de que ouvi direito?

Acabando com o último resquício de espaço entre nós, Kaiden deixou a boca pairar sobre a minha.

— Eu te amo, Lily Ford. Estou desesperadamente e perdidamente apaixonado por você.

— Você me ama? — Meus lábios roçaram nos seus conforme as palavras se formaram.

— Sim. Acho que há um tempo. Só era covarde demais para admitir. Nunca vou me arrepender de nada mais do que me arrependo do que aconteceu ontem a noite. Não deveria ter sido assim. Mas como posso esquecer, quando foi a noite que a garota que eu amo me escolheu? Lutou por mim. — A mão dele deslizou pelo meu pescoço, me segurando com cuidado. — É você e eu, Lily. Nada mais importa.

— Estou com medo, Kaiden — confessei, sentindo o peso das minhas palavras deslizar entre nós.

— Não precisa ficar. — Ele segurou minha nuca, me beijando, mas não o suficiente. — Sempre vou te proteger, Lily. Vou te erguer quando cair, te carregar quando as coisas parecerem muito difíceis. Sempre estarei ali, prometo.

— Pode me beijar agora — sussurrei, deixando seu amor me cobrir como um cobertor quentinho.

Ele me amava.

Kaiden me amava.

E apesar de saber que não poderia me consertar; ele poderia ficar ao meu lado. Poderia ser minha pessoa.

— Eu te amo — suspirei as palavras contra seus lábios.

E dessa vez...

Ele as disse de volta.

— Vocês dois são tão fofos — Sofia disse enquanto nos sentávamos na toca do Aaron. Foi ideia da Poppy. Ela achou que me faria bem sair de casa, estar perto de pessoas depois da noite passada.

Pessoas que não apontariam e dariam risada.

E ela estava certa.

Nossos amigos não deram um pio sobre o vídeo, agindo como se nunca tivessem visto. Apesar de terem.

Kaiden deu um beijo na minha cabeça antes de me tirar do colo dele.

— É minha vez. — Acenou para onde Bryan estava parado ao lado da mesa de sinuca.

— Tudo bem. Boa sorte. — Peguei seu suéter, dando um beijo na sua bochecha.

Alguém soltou um suspiro sonhador, e calor subiu pelas minhas bochechas enquanto via Kaiden ir até a mesa de sinuca.

— Maior alerta de derretimento — Sofia falou.

— Né? Deveria ter visto papai mais cedo — Poppy riu. — Ele mal se conteve.

— Ah, eu não sei. Ele se controlou bem.

Estava orgulhosa do jeito que ele estava lidando com as coisas, levando tudo em conta. Nenhum pai queria ver a filha dando uns amassos no namorado. Ainda assim, de algum jeito, ele conseguiu deixar a raiva de lado e focar em mim, no que eu precisava.

Ele e Kaiden até apertaram as mãos antes de irmos para cá, o que era um grande passo na direção certa.

A única coisa para superar seria a escola na segunda. Mas ainda não estava pensando nisso, porque se pensasse nisso, minhas mãos ficariam molhadas, e meu coração dispararia, e as paredes começariam a se fechar.

— Quem diria que de todas nós, você seria a primeira a arrumar um namorado.

— Nossa, valeu, Poppy.

— Ah, não quis dizer desse jeito.

— Eu sei.

Ela me deu um sorriso caloroso.

— Agora papai vai ser tranquilo quando eu enfim encontrar um cara que quero namorar. — Os olhos dela foram para Aaron, mas rapidamente se desviaram.

— Deveria falar pra ele — sussurrei.

— Não sei do que você está falando. — Ela continuava a repetir isso, mas não me enganava nem por um segundo.

— O que vamos fazer essa noite? — Peyton perguntou, mandando mensagem para alguém no telefone.

— Esta noite?

— É, é sábado. Sempre fazemos alguma coisa.

— Pensei que pudéssemos ficar por aqui — Ashleigh disse, vendo alguma coisa no telefone da Peyton. Elas trocaram um olhar conspiratório.

— Quem é? — perguntei.

— Ninguém.

— Peyton, o que você está aprontando?

— Nada. — Ela sorriu.

— Por que não gosto do som disso?

— *Babe*, sou eu. Não confia em mim?

Queria dizer que sim, porque ela era minha melhor amiga.

Mas elas estavam tramando alguma coisa.

E depois da pequena arte esta manhã, ela não era confiável.

KAIDEN

— Nós, hm, nós vamos... embora. — Peyton pegou a mão do Bryan e o puxou na direção da porta.

— Embora? Pra onde? — As sobrancelhas de Lily se juntaram.

— Ele vai me ajudar com uma coisa. Não é, Bry?

— Eu... — Ela o cutucou nas costelas e ele gaguejou: — Sim, sim. Vemos vocês mais tarde, tá bom?

Eles se apressaram para fora da toca.

— O que diabos foi isso? — Lily olhou para Ashleigh que deu de ombros. — Não acha que eles vão... transar, acha?

Porra, ela era tão adorável.

Afaguei seu pescoço por trás e deixei meus lábios irem até sua orelha.

— Muda alguma coisa se forem?

Um arrepio passou pela coluna de Lily enquanto ela se aproximava do meu toque.

— Acho que não — falou, um pouco sem fôlego. Virando-se um pouco, ela encontrou meu olhar ardente. — Oi. — A palavra se formou nos lábios dela.

— Oi.

Jesus, estava tão perdido por esta garota.

Eu me transferi para Rixon High esperando jogar futebol e conseguir uma passagem para fora daqui. Não esperava me apaixonar. Mas Lily era tudo o que eu nunca soube que precisava. E estava tão aliviado que o pai dela não tinha me pegado pelas bolas porque a) eu meio que gostava delas presas no meu corpo e b) elas pertenciam cem por cento a filha dele.

O dia inteiro fora uma surpresa: do técnico aparecendo na minha casa, até ir à casa de Lily e ficar de joelhos para ela.

— No que você está pensando? — ela me perguntou.

— Você... nós. O fato que posso ficar com você.

— Kaiden. — Os cílios dela farfalharam ao abaixar o olhar. Quando os olhos pousaram em mim outra vez, estavam brilhando com felicidade. — Estava com tanto medo de contar para todo mundo — sussurrou. — Mas é um alívio tão grande que não tenho mais que esconder como me sinto sobre você.

— Isso não significa que precisamos ver vocês dois se pegando, Lil. — Aaron, o babaca presunçoso, riu, e estiquei o braço em volta dela para mostrar o dedo para ele.

— Você só está com inveja — Poppy disse.

— Inveja? Não tenho tempo para garotas — retrucou, e a

expressão dela entristeceu.

— Ele é tão sem noção — murmurei contra a concha da orelha da Lily.

— Sim. Espero que perceba antes que seja tarde demais.

— Somos garotos — falei. — Costumamos demorar um pouco.

Lily sorriu, roubando um beijo, tomando cuidado para não colocar muita pressão. Ela estava preocupada com meus ferimentos, apesar dos meus protestos que estava bem.

Quando foi se afastar, apertei meu braço ao seu redor e a prendi contra mim. Partindo seus lábios gentilmente com a língua, eu a curvei ao redor da sua, sentindo seu gosto. Provocando-a.

Alguém gemeu ao nosso lado e mostrei o dedo para o recinto. Esperei um longo tempo para beijar Lily em público; ninguém iria me impedir agora.

Bom, talvez o técnico Ford.

Mas ele era o pai da minha namorada agora.

Precisava passar uma boa impressão.

— Você recebeu a mensagem dele? — Ashleigh me perguntou depois de um tempo.

— Sim.

— E?

— Acho que são ridículos para caralho — bufei.

— Só querem ajudar. Acho que é fofo. — Os olhos dela foram para onde Lily estava sentada com Poppy e Sofia, as três jogando quartéis. Sabia porque não tinha tirado os olhos o tempo inteiro em que joguei sinuca com Aaron e Gav.

— Ela merece isso, Kaiden.

— É, eu sei.

— Então, você está dentro? — Um sorriso lento se abriu no rosto dela.

— Sim, estou dentro.

— Yay, tá bom. Então vou levar ela de volta para casa e aprontá-la e vamos encontrar você mais tarde.

— Ela vai saber que estão aprontando alguma coisa — falei.

— Sim, mas não vai suspeitar disso. Vou pensar em algo para despistá-la.

— Certo, o que você precisa que eu faça?

— Diga para ela que precisa ir para casa e que irá vê-la amanhã.

— Posso fazer isso. — Fui sair, mas Ashleigh pegou meu braço. — Estou feliz que ela tem você, Kaiden.

— Obrigado. — Minha testa franziu.

Fui até as garotas e ergui a Lily, sentando-me no sofá com ela no meu colo.

— Quem está ganhando?

— Poppy. Sou péssima.

Peguei uma moeda e joguei no copo.

— Nada que um pouco de treino não resolva. — Beijando o nariz de Lily, passei os dedos pela ponta da sua trança. — Sabe, tem muito que quero esquecer de ontem à noite, mas não posso tirar a imagem de como você estava bonita de cabelo solto da cabeça.

— Nossa, obrigada.

— Você sabe o que eu quero dizer. Não deveria ter sido assim. Nosso primeiro baile estudantil.

— Primeiro? — Pânico lampejou nos seu olhar.

— Bom, sim, tem o de Inverno... Primavera... Formatura.

— Acho que tem, não é mesmo? — Suas bochechas enrubescem.

— Sim.

Não ligava para tudo isso. Mas gostava da Lily e ela merecia passar pela experiência completa do último ano.

Ela merecia brilhar.

Curvando a mão na minha nuca, ela se aproximou.

— Quero que todas as minhas primeiras vezes sejam com você, Kaiden Thatcher.

Caralho.

Caralho.

Ela tirava o ar dos meus pulmões. Eu a queria. Eu a queria para caralho.

— Sabe, planejei me entregar a você ontem à noite... na casa do Bryan. — Ela afundou os dedos no cabelo na minha nuca, passando as unhas no meu couro cabeludo.

— Porra, Lily — minha voz quebrou com desejo.

— Odeio que ela roubou isso de nós.

— Nem pense nela. Lindsey vai ter o que merece. — Com o técnico Ford a favor da filha, se a escola não lidasse com ela, não tinha dúvidas que ele o faria.

— Nunca vamos ter a noite passada outra vez. — O sorriso dela desapareceu, e contraiu meu peito.

— Nunca diga nunca — sussurrei as palavras ao beijá-la.

Perguntando-me se ela sabia o que faria para fazê-la feliz.

— Dá pra relaxar? — Bryan veio até mim e me deu uma cerveja. — Você está tenso para caralho.

— Você também estaria no meu lugar.

— Cara, não é o dia do seu casamento — ele zombou. — Relaxa.

— Obrigado por isso. Não precisava. Nenhum de vocês. — Inclinei o pescoço para olhar para Peyton. Ela estava ocupada colocando os detalhes finais na maquiagem.

— Não foi nada. — Ela me dispensou com um aceno de mão. — Além do mais, nos divertimos, certo, Bry?

— Com certeza, docinho.

— Vocês dois... — Movi a boca fora da vista de Peyton, e ele sorriu.

— Nunca beijo e conto.

— Seu safado. — Sorri, balançando a cabeça.

— O quê? Acabamos mais rápido do que o planejado e tínhamos um tempo para matar.

— Ouvi isso — Peyton falou, humor envolvendo suas palavras.

— Isso significa que vocês...

— Nope. — Ela desceu da baqueta e afofou o cabelo. — Bry sabe a real, não sabe, *babe*?

— *Babe*? — Minha sobrancelha arqueou.

Bryan não parecia afetado, sorrindo como o gato que pegou o canário.

— Está tudo certo, *babe*.

Dando um sorriso divertido a ele, Peyton desapareceu pelo corredor.

— Ela fez mesmo isso, hm? — perguntei. — Não pensei que fosse acontecer.

— Não me diga. Tinha certeza de que ela iria me rejeitar. — Ele deu um longo gole na cerveja.

— Mas é só casual?

— Pode ser só uma noite que não me importo. Valeu cada segundo.

— Não precisa dizer mais nada.

— Como você está se sentindo... sobre tudo?

— Ainda parece surreal. — Meus ombros se encolheram um pouco. — Tive certeza de que a perdera. O olhar em seus olhos quando Lindsey contou para ela. — Me assombraria para sempre.

— Aquela vaca precisa de uma boa dose de revanche.

— Algo me diz que ela vai ter. — O técnico não vacilava quando se tratava das pessoas que ele gostava.

— O que vai fazer em relação ao seu pai? — Ele observou meu rosto.

Tinha um corte no meu lábio, e tinha um hematoma feio na mandíbula, mas, de certa forma, precisava acontecer porque enfim deu o empurrão que minha mãe precisava para chamar atenção dele.

— Estou farto. Não quero aquela merda tóxica nem perto da Lily.

— Sim, mas como vai ser isso exatamente? Quero dizer, ele é um babaca, mas ainda é seu pai.

Olhei para o jardim, respirando fundo.

— Ele não vai conhecê-la, é simples assim. Não até ter criado jeito e conseguido a ajuda que precisa.

Não o queria nem perto da Lily.

— Mas sua mãe...

— Cara, não tenho todas as respostas agora. Mamãe quer que ele vá para reabilitação. Vamos precisar esperar para ver se ele faz a coisa certa ou não. Mas contanto que ainda esteja bebendo, Lily está fora de limites para ele. — Ao que me dizia respeito, isso não era negociável.

— Ainda não posso acreditar que você está come... quero dizer, com a filha do Treinador Ford. Sabe que o resto dos rapazes vai te espezinhar na escola.

— Não dou a mínima para o que as pessoas pensem. O Treinador nos deu sua benção. Prometi a ele que a protegeria, e farei isso, colega de time ou não. — Um rosnado baixo ressoou na minha garganta, e Bryan me deu um sorriso compreensivo.

— Whoa, calma, garoto. Estou no time Laiden, lembra?

— O que diabos? — Olhei para ele boquiaberto.

— Ou talvez Kily seja melhor. Qual você... ai! — Os nós dos meus dedos afundaram no seu braço e ele se afastou. — Que porra foi essa?

— Eu te amo, cara, mas algumas vezes você não sabe quando parar.

— Mas isso me rendeu sete minutos no paraíso com a Peyton, né? — As sobrancelhas dele se moveram.

— Sete minutos? — zombei. — Uau, garota de sorte.

— Ei, vai se foder, mano. Foda-se. Quero ver você fazer melhor quando finalmente...

Dei um olhar duro, e ele engoliu.

— Eeeeeee vou calar a boca agora.

— Boa ideia. — Virei o resto da cerveja e me levantei. — Elas devem chegar em breve.

— Relaxa, elas virão.

Bem na hora, Peyton apareceu, usando um vestido preto justo que não deixava muito para imaginação.

— Isso não é um pouco... demais? — Arqueei uma sobrancelha.

— Qualquer desculpa para me vestir bem, certo? — Ela deu de ombros, mas vi o toque de tristeza no seu olhar. — Os garotos chegaram — falou. — O que significa que Lily deve chegar a qualquer minuto.

— Não posso acreditar que você me convenceu a fazer isso — resmunguei, puxando o colarinho da minha camisa.

— Ela vai amar, prometo. E mais, não quer tentar outra vez? — Peyton piscou para mim, saindo pelo corredor para receber nossos convidados.

Ela era uma força para ser reconhecida. Certa de si, confiante, e com a mente afiada. Mas sob toda aquela bravata, tinha uma garota carregando o peso do mundo nos ombros. Via todas as vezes que olhava para ela.

Vozes encheram o corredor, e Peyton gritou:

— Kaiden, ela chegou.

Meu coração subiu na minha garganta. Já parecia que tinham passado horas desde que a vi, quando na realidade, passaram-se no máximo três.

Mas era muito tempo.

Atravessei o corredor, passando por nossos amigos. Aaron me deu um sorriso travesso.

— Vai fundo, QB. — Ele me deu um tapinha no ombro.

Caralho. Estava suando.

Por que estava suando?

Era só a Lily.

Minha Lily.

A garota que segurava meu coração na palma das mãos.

Ela saiu do carro e o mundo desabou aos meus pés. Puta que pariu. Ela. Era. Maravilhosa.

Os olhos dela encontraram os meus, brilhando como estrelas no céu noturno.

— Lily — seu nome saiu dos meus lábios com um suspiro.

— O que é tudo isso? — perguntou.

A irmã dela e as amigas passaram por nós, desaparecendo para dentro da casa.

— Queria assumir o crédito, mas é tudo ideia da Peyton.

Sua testa franziu. Eu não podia tirar meus olhos dela. A maquiagem pesada nos olhos dela, o gloss vermelho manchando seus lábios, e o cabelo... caralho, o cabelo. Estava solto nas suas costas e sobre os ombros em cachos largos que estava me coçando para afagar.

— Kaiden? — A voz dela era tão pequena, tão incerta.

— Eu... você faz alguma ideia de como está bonita?

— Me sinto um pouco ridícula de estar vestida assim, na casa do Bryan.

— Você está perfeita. — Não era o vestido que usou a noite passada, mas sim um preto até o chão que tinha um decote profundo na frente e nas costas, dando um vislumbre do que sabia que tinha por baixo.

Peguei sua mão na minha, surpreso por estar tremendo.

— Não pense nisso como a casa do Bryan — falei, abaixando para

beijar sua bochecha. — Pensei nisso como *Homecoming* 2.0.

LILY

AINDA NÃO PODIA ACREDITAR. Estava na casa do Bryan, cercada pelos meus amigos e família, dançando com meu namorado sob uma bola de discoteca um pouco torta e ao som de uma *playlist* brega...

E era de longe a melhor noite da minha vida.

O fato que sequer pensaram em fazer algo tão incrível me surpreendeu por completo.

— Está gostando da noite? — Kaiden se abaixou, roçando os lábios na concha da minha orelha. Eu me aconcheguei mais nele, um suspiro contente escapando dos meus lábios.

— É perfeito.

— Você é perfeita. — Os braços dele se apertaram mais ao meu redor enquanto balançávamos completamente fora de ritmo com a música animada estourando dos alto-falantes do Bryan.

— Licença, mas você está monopolizando a rainha do *Homecoming*. — Peyton me tirou dos braços dele e colocou uma tiara no meu cabelo. — Pronto, agora está perfeita.

— E você é maluca.

— Mas você me ama?

— Sim. Muito. — Abraçamo-nos ao som da risada baixa do Kaiden.

— Vou estar no bar — ele disse.

Porque Bryan montou um desses no canto da sala.

— Então... o que você acha? — Peyton sorriu.

— Eu amei. É...

— Perfeito?

— Sim, muito. — Olhei para todos os nossos amigos dançando e se divertindo. Poppy e Sofia estavam dançando casualmente com Aaron e Cole, e Ashleigh estava divertindo Bryan e Gav com uma de suas histórias.

— Ezra não quis vir? — perguntei para ela.

— Não. Para a tristeza de Ashleigh. Mas sabe como ele é.

— Sim. — Ele mal estivera por perto desde que o último ano começou. Ashleigh estava preocupada, mas não falava sobre isso. Ninguém falava, dando a Ezra o espaço pelo qual ele parecia tão desesperado.

— Vem. Quero pelo menos uma dança antes que o Rei Kaiden te sequestre.

— O que... ah... Ah! — Minhas bochechas esquentaram.

— Não pensou que fosse só o baile, né? — A sobancelha dela arqueou.

— Peyton — avisei, sentindo minha pele ficar três tons mais

escura.

— Relaxa, é apenas sexo. Sexo com o garoto que você ama. Vaca sortuda.

— Ah, Peyton. — Joguei os braços ao redor do seu pescoço e a abracei. Era difícil acreditar que logo ela se mudaria de volta com a mãe. Srta. Myers sairia da reabilitação na próxima semana.

— Vou sentir sua falta, Lil. Pra caralho.

— Eu também. — As palavras ficaram presas no nó na minha garganta.

— Quero participar disso. — Ashleigh se juntou a nós, passando os braços ao meu redor até eu estar presa entre elas. — Por que estamos nos abraçando?

— Ah, você sabe, nossa garota perdendo a virgindade.

— Aí sim — ela gritou. — Vai ser incrível.

— Ah, meu Deus — suspirei, me sentindo corar tudo de novo.

— Esta noite foi incrível. Você acertou, Pey.

— É, bom, tive um pouco de ajuda do meu amigo. — Os olhos dela foram para Bryan. Ele deu uma piscada maliciosa e ela riu. — Ugh. Ele é um cara tão bom. Não deveria... — Ela mordeu o lábio.

— Ah não, o que você fez?

— O Bryan.

— Peyton! — Eu me soltei. — Me diga que não fez isso.

— Eu não posso, me desculpe. Só aconteceu. Ele só estava sendo legal e dizendo todas as coisas certas e queria sentir alguma coisa, sabe?

— E conseguiu? — Ashleigh perguntou.

— Consegui o quê?

— Sentir alguma coisa.

A expressão da Peyton entristeceu.

— Não. Mas o sexo foi incrível.

— Ele gosta de você.

— Eu sei, eu sei. E falei para ele que era só uma noite. Ele é bom demais para mim.

— Não diga isso — falei, meu coração dolorido pela minha melhor amiga. — Você é uma boa pessoa, Peyton.

— Ah, olhe para nós, todas tristes e deprimidas. É uma festa, isso não é aceitável. Barman — ela gritou para outro lado do salão, e a cabeça do Bryan se ergueu. — Doses para todo mundo.

— Aí sim. — Ele deu um soco no ar.

— Vem. — Ela nos puxou para o bar, e todo mundo se reuniu enquanto Bryan servia dez shots.

Kaiden os distribuiu, deixando o meu por último.

— Você não tem que fazer isso — falou.

— Quero fazer.

Ele passou o braço pela minha cintura e me puxou para seu lado.

Peyton subiu em um banquinho, usando Bryan de apoio, e pigarreou.

— Sinto como se Lily devesse dizer algumas palavras, já que é a noite dela, mas sei que me mataria, então terão que se contentar comigo. Lily, *babe*, eu te amo. Sempre vou te amar. E sempre vou te defender, não importa o que. Estou tão feliz que encontrou sua pessoa. E para o resto de nós pessoas solteiras e felizes, que sobrevivamos ao último ano. Saúde. — Virando o shot de uma vez, Peyton limpou a boca com o dorso da mão e mostrou a língua para o resto de nós. — É a deixa para vocês beberem, seus cuzões.

— Ela está bem? — Kaiden sussurrou para mim.

— Vai ficar. — Observei enquanto Bryan a tirava do banco, olhando para ela com mais do que desejo nos olhos.

— Ela vai partir o coração dele, não vai?

— Sim.

— Ele é grandinho, pode aguentar. — Kaiden me virou nos seus braços e colocou meu copo no balcão. — Quer sair daqui? — Os olhos dele ficaram impossivelmente escuros.

Luxúria líquida percorria minhas veias, acendendo um fogo na minha barriga.

— Sim.

Ninguém comentou enquanto Kaiden me levava para fora da sala da festa e pelo corredor na direção dos fundos da casa. Minha pele vibrava com ansiedade, meu coração acelerado no peito.

O ar estava gélido conforme atravessávamos o quintal do Bryan até a casa da piscina. Kaiden abriu a porta e me deixou passar, a mão envolvendo minha cintura ao fechar a porta atrás de nós. Ele me empurrou contra a parede, afundando as mãos nos meus cachos castanhos.

— Faz alguma ideia de quanto quis fazer isso a noite inteira? — Os olhos dele me aqueceram, cheios de fogo e amor.

— Me beije — falei.

Ele acabou com a distância entre nós, selando a boca sobre meus lábios. No segundo que sua língua tocou a minha, gemi, passando as mãos por sua cintura e o puxando mais perto.

— Você tem certeza? — perguntou rouco, e assenti.

As mãos dele foram para minhas coxas e ele me ergueu contra a parede, me segurando no lugar com seu corpo forte.

— Eu te amo, Lily. Pra caralho. — Os olhos cinzas sedutores; e as pupilas dilatadas com desejo, procuraram os meus.

Passei uma mão na sua mandíbula, segurando sua bochecha.

— Também te amo.

Flexionando os quadris, ele se esfregou em mim em um ângulo

perfeito. Minha cabeça caiu contra a parede, e Kaiden colocou os lábios no meu pescoço, beijando e chupando.

— Você é tão doce — murmurou, me dando um friozinho na barriga. Língua e dentes, ele pintou um caminho pelo meu pescoço e na minha clavícula. A mão deslizou entre nós, encontrando o caminho sob meu vestido até a fina camada de renda me cobrindo.

— Porra, Lily. — As palavras vibraram em seu peito. — Você está encharcada.

— Me toque — implorei, desesperada por mais.

Ele inseriu um dedo em mim, depois outro, os cobrindo com minha excitação e depois os deslizou para meu clitóris.

— Ah, Deus — gemi. — Mais.

— Minha garota gananciosa. — Ele sorriu no meu pescoço, mordiscando a pele ali, fazendo um raio de prazer ir direto até meu núcleo.

Rebolei com força sobre sua mão, adorando cada curvada dos seus dedos e roçada do polegar até estar arfando e sem fôlego, êxtase nadando em minhas veias.

— Estou perto... — gemi, arrastando o lábio inferior entre os dedos para suprimir os sons ofegantes.

Tocando a cabeça contra a minha, Kaiden me prendeu ali, me forçando a olhar para ele enquanto me despedaçava. Minhas pernas tremeram enquanto estremecia em volta dele, gritando seu nome. Ele não me deu tempo para recuperar, me carregando para a cama e me colocando de pé.

Kaiden não se apressou para me despir, passando as pontas dos dedos pela curva da minha coluna, dos meus quadris. Ele pressionou pequenos beijos no meu ombro e na minha nuca, meu cabelo enrolado de leve no seu punho.

— Você é perfeita — sussurrou, a voz falhando um pouco.

Minhas mãos foram para os botões da sua camisa, os abrindo devagar, um a um. Esperava me sentir nervosa, incerta, e como um peixe fora d'água. Mas nada disso parecia errado. Nem uma coisa. Kaiden podia ser o atleta estrelado e eu podia ser a tímida invisível, mas dava certo. Ele me dava coragem e eu o dava força. E eu queria isso.

Eu o queria.

Meus dedos foram para seu cinto, o abrindo e puxando o zíper. Kaiden tirou as calças e as cuecas, chutando-as para longe.

— Suba na cama, Lily — falou, a voz densa com desejo.

Eu me deitei e Kaiden olhou para mim.

— Camisinha?

— Estou tomando anticoncepcional.

— Sou saudável.

Assenti, com a garganta seca.

— Não quero nada entre nós, Kaiden.

Tivemos o suficiente disso. Os segredos e mentiras e outras pessoas.

Os olhos dele se arregalaram conforme engatinhava sobre mim, se acomodando entre minhas coxas.

— Isso vai doer um pouco.

— Tá tudo bem — eu o tranquilizei.

Segurando-se, Kaiden me penetrou com cuidado, fazendo minha respiração falhar.

— Tudo bem?

Assenti, segurando os ombros dele enquanto continuava em frente.

— Porra, Lily, você é tão apertada. — Ele se moveu mais fundo. — Você é incrível.

Dando-me um segundo para me ajustar, Kaiden me beijou, lento e sensual, fazendo a pontada leve de dor desaparecer, transformando meu âmagos em lava derretida. Ele se afastou devagar e estocou os quadris com mais força dessa vez, fazendo nós dois gemermos. Seus lábios foram para o meu pescoço, lambendo e mordiscando conforme me penetrava, excitando meu corpo com lentas e controladas estocadas que faziam meus dedos se fecharem e minha respiração falhar.

— Você. É. Tudo. — As palavras dele vibraram contra minha pele ao enlaçar nossos dedos e pressionar nossas mãos ao lado da minha cabeça. — Eu te amo. — Estocou com mais força. Mais rápido. Levando-me ao clímax. A outra mão deslizou pela minha coxa, me segurando firme ao mudar um pouco o ângulo, atingindo um lugar bem fundo em mim.

— Deus, Kaiden, é...

— É, eu sei.

Nos movemos juntos, procurando algum êxtase invisível. Suor cobria minha pele enquanto ele me beijava e tocava e amava.

— Você faz alguma ideia como me deixa louco saber que sou o único a te sentir assim... tão apertada, tão perfeita para mim. — Kaiden lambeu minha boca, me beijando intensamente ao mover os quadris em um círculo, diminuindo o ritmo e me dando uma chance de recuperar o fôlego.

— Eu te amo — sussurrei. Imaginei este momento, mas nada, *nada* chegava perto da sensação dele entrando e saindo de mim.

— Eu te amo. Pra caralho. — Ele colidiu a boca contra a minha, curvando a língua com a minha, alongando meus gemidos conforme uma onda intensa de prazer começava a crescer dentro de mim.

— Mais — suspirei, o puxando mais perto. Precisando sentir cada parte dele pressionada contra todas as partes minhas.

Nossos beijos eram frenéticos, nossos toques desesperados.

— Preciso ir mais rápido — sussurrou contra o canto da minha boca e assenti.

Minha mão segurou o lençol enquanto ele me levava mais alto.

— Kaiden, não posso... *Deus...*

— Goze para mim — gemeu. — Preciso que você...

A onda me atingiu, quebrando sobre mim com tanta força que gritei seu nome, meu corpo estremecendo ao redor dele.

— Porra, Lily. Pooorrra. — Ele gozou muito, pulsando dentro de mim.

Amava senti-lo. Seu peso me pressionando no colchão, a pele nua macia contra a minha. Transar com Kaiden com certeza era meu novo hábito favorito.

— O quê? — Ele se afastou para olhar para mim.

— Quando podemos fazer isso de novo? — Sorri, e sua risada se espalhou pelo meu rosto.

— Vamos fazer muito disso. — Kaiden roçou o nariz no meu, me beijando. — Mas posso precisar de dez minutos para recuperar o fôlego.

— Dez minutos? — Desejo pulsou por mim enquanto curvava meus dedos na sua pele úmida e ele riu outra vez.

— Tem outra coisa — falou.

— Tem?

Kaiden saiu de cima de mim e se deitou de lado, me dando um olhar intenso.

— Então, lembra que falei que os olheiros de Bama vieram me ver?

— Claro que me lembro.

— Bom, não foram só eles. — Minhas sobrancelhas se uniram, e a sua mão acariciou minha cintura, me puxando de lado também. — Penn State me quer, Lily. Eles querem que eu jogue pelos Nittany Lions.

— Mas pensei que quisesse Bama?

— Eu quero... quer dizer, queria... Até conhecer você.

— O que você está dizendo? — Sangue rugiu em minhas orelhas enquanto tentava processar suas palavras.

— Penn State está a apenas duas horas daqui. Se decidir ficar em casa, ou ir para Temple ou Pittsburgh, vamos estar perto o suficiente para...

— Kaiden, espera um segundo. — Pisquei, certa de que ouvi errado. — Você não pode desistir de Alabama, é o seu sonho. É tudo o que você sempre quis.

— Sim, mas as coisas mudam, Lily. *Eu* mudei. Amo o futebol, sempre vou amar o futebol. Mas também amo você. E escolher entre você e futebol não é algo que estou disposto a fazer. Penn State é um

bom programa com um bom time. E o treinador acha que tenho uma boa chance lá.

— Você falou com meu pai sobre isso?

— Sim, mas ele não sabia sobre nós.

— Talvez devesse pensar nisso. É uma grande decisão. Eu não quero...

— Ssh. — Ele pressionou o polegar nos meus lábios. — Eu quero isso, Lily. Eu quero você. Um futuro... com você.

— Tem certeza? — Incredulidade se espalhou por mim, com um toque de alívio. Não queria que Kaiden fosse para Alabama no próximo outono. Claro que não. Mas também não queria ser o motivo que ele abria a mão dos sonhos.

— Cem por cento. — Ele escorregou um dedo sob minha mandíbula, persuadindo meu rosto para o dele. — Eu te amo, Lily. E ainda tenho um monte de primeiras vezes que quero reivindicar.

— Mesmo? — Sorri contra os lábios dele, felicidade explodindo dentro de mim.

— Sim. Quero todas elas. — Kaiden me beijou com carinho. — Cada uma delas.

EPILOGUE

Um mês depois...

KAIDEN

— Estou orgulhoso de você, filho. Orgulhoso para caralho. — Técnico Ford me puxou para um abraço. Estava ciente que todo mundo estava nos olhando, de Lily nos observando. Mas não hesitei ao aceitar o elogio do Técnico.

Era difícil de acreditar que há quase três meses atrás, esse homem era o inimigo. O homem que estava com meu futuro na palma da mão. Agora, graças a suas conexões e mentoria, meu futuro estava definido.

Comprometi-me antecipadamente com os Nittany Lions.

— Obrigado, Treinador — falei, me afastando. — Não poderia ter feito isso sem você.

Ele segurou meu ombro e me olhou no olho.

— Sim, poderia. Você foi bem, Kaiden. Muito bem mesmo. Penn State e as *playoffs*. É um dia bom, filho.

— Sr. Ford. — A voz da minha mãe me fez parar.

— Tina, por favor, me chame de Jason. — Ele se afastou para cumprimentá-la. — Estou feliz que pode se juntar a nós.

— Sua casa é adorável. — Mamãe sorriu, mas tinha uma tristeza em seu olhar.

— Obrigado. Precisa de alguma coisa?

— Queria agradecer. Por tudo. As últimas semanas não foram fáceis...

— Oi, mãe. — Passei um braço no seu ombro e a abracei contra mim. — Vai ficar tudo bem.

Meu pai enfim foi para reabilitação. Depois daquele dia, quando descobriu sobre mim e Lily, algo mudou. Não sei se foi a ameaça de perder mamãe, ou a compreensão que partira o espírito dela que o fez acordar. Mas ele enfim concordou.

O técnico e a esposa dele estavam ali, nos ajudando a cada passo do caminho. Não era fácil, e sabia que minha mãe sentia-se como se estivesse traindo papai de alguma maneira, mas as coisas estavam melhores.

E ela amava Lily.

As duas se deram bem como velhas amigas, e não tinha nada que gostava mais do que observar as duas pessoas que mais amava no mundo conversarem sobre qualquer coisa.

Lily se aproximou, se esgueirando sob meu braço.

— Oi, pai. Tina. — Ela sorriu. — Posso roubar ele por um segundo?

— Claro. Mas vamos comer logo, então sejam... porra — o treinador resmungou. — Não foi isso... eu não... nada de escapulir.

Lembre-se das regras, Lily.

— Claro, pai. — A risada dela me envolveu como seda enquanto me guiava para o outro lado do quintal, depois de todas as amigas e a família e o resto do time. Ninguém prestou atenção em nós, acostumados conosco escapulindo para ficarmos sozinhos.

Minha garota era insaciável. Depois da noite incrível na casa do Bryan, o *Homecoming* 2.0, Lily queria transar o tempo todo. Eu não a culpava, também queria. Não podia tocá-la sem que levasse a mais. O que era um ligeiro problema considerando a quantidade de tempo que passávamos na casa dela.

Se o pai dela soubesse quantas vezes fiz sua filha gozar enquanto ele e a esposa estavam no andar de baixo, ele acabaria comigo, mas Lily valia a pena.

— Onde você está me levando? — perguntei quando chegamos nos limites da propriedade. Era cercado por árvores, nos dando bastante privacidade.

— Tenho algo para você — falou, os olhos brilhando com amor.

— Tem, hm? — Eu a peguei pela cintura e a puxei contra meu peito. Suas mãos foram para os meus ombros e ela olhou para mim. — Isso inclui você de joelhos, esses belos lábios rosados envolvidos no meu...

— Você é tão safado. — Ela bateu no meu peito.

— Eu? — Arqueei uma sobrancelha. — Não foi o que você disse quando estava com os dedos dentro de você esta manhã quando seu pai te ligou. — Os olhos dela escureceram com desejo, e deslizei a mão por sua coluna, apertando sua bunda. — Se formos rápidos, podemos...

— Desculpa, jogador de futebol gostosão. Mas este é o seu dia. Todo mundo está esperando para te ver. — Lily me deu um beijo na bochecha. — Mas mais tarde...

— Estraga prazeres. — Eu fiz beicinho.

— Queria te dar isso. — Ela pegou um saco pequeno e me entregou.

— O que é?

— Abra e veja. Espero que goste.

Soltei a amarra e virei o conteúdo na mão. A corrente prateada brilhava no sol. Passando os dedos pela *dog tag* e o pequeno berloque de bola de futebol, eu me aproximei para ler a gravação, mas Lily foi mais rápida.

— É o seu número, e atrás diz *jogue muito, lute muito, ame muito...* Era o lema do meu pai antigamente. Pensei...

— Lily, eu amei. — Coloquei, sentindo minha garganta secar.

— Tem uma pequena gravação na bola de futebol — ela acrescentou. — São nossas iniciais.

— Eu amei. — Curvei uma mão na sua nuca. — Eu te amo.

— Estou tão orgulhosa de você, Kaiden.

Nossos lábios se encontraram em um beijo leve, mas logo calor me inundou enquanto pressionava o corpo de Lily com mais força contra o meu.

— Tem certeza que não temos...

— Thatcher, sugiro que solte minha filha e venha aqui — Treinador Ford gritou do outro lado do quintal.

Tocando minha cabeça contra a dela, soltei um pequeno suspiro.

— Nove meses — sussurrei. — Nove meses até não precisarmos nos preocupar com ele, ou com mais ninguém.

— Ainda não entrei — Lily falou.

— Vão dizer sim. Seriam tolos de não o fazer.

Lily enfim enviara as candidaturas de faculdade há algumas semanas. Penn State, Temple University, e Pittsburgh. Estava rezando que entrasse na Penn, mas faríamos dar certo para onde quer que fosse. Porque isso, ela, não era uma paixonite passageira. Era real.

— Eu te amo, Kaiden. — Ela passou uma mão pelo meu cabelo, me beijando.

— Eu te amo...

— Vamos logo, QB — o treinador gritou, e soltei um suspiro exasperado.

— Seu pai é um empata foda.

— Não diga isso a ele. — Ela deu uma risadinha conforme andávamos de mãos dadas de volta para a festa. Era noite dos veteranos, e o técnico e a esposa dele estavam dando um jantar informal.

Técnico Ford olhou feio para nós enquanto nos juntávamos a multidão, mas Monroe nos interceptou.

— Que porra você quer? — desdenhei. Ele voltou para a escola há algumas semanas, e apesar de não poder treinar com o time, estava por perto o tempo todo. A maior parte, nós nos ignorávamos. Mas não hoje, ao que parece.

— Venho em paz. — Ele ergueu a mão, o outro braço ainda em uma tipoia. — Podemos conversar? — Os olhos dele foram para Lily.

— O que tiver a dizer, pode dizer para nós dois.

Ela pressionou a mão na minha barriga, em apoio e aviso.

— Olha, sei que as coisas foram ruins entre nós no começo do semestre, mas estava errado sobre você. Pronto, eu disse. — Ele franziu os lábios.

— Uau, você conseguiu dizer as palavras sem engasgar-se.

— Kaiden — Lily me repreendeu, beliscando minha cintura.

— Não tem problema, Lily. Posso admitir quando sou um babaca... e eu fui, um babaca, quero dizer. Você é o melhor jogador, cara.

Mesmo que as coisas não tivessem acontecido como foram, merecia uma chance.

Dei um aceno curto.

— Isso é tudo?

— Sim, eu acho. Minha temporada com o time acabou. São seu time agora, e bom, só queria desejar sorte, nas *playoffs*. — Ele esticou a mão boa e olhei para ela boquiaberto. Com certeza não esperava que a apertasse.

— Kaiden. — Lily me cutucou.

— Só por você. — Movi a boca para ela antes de pegar a mão dele e apertar. — Mas isso não significa que somos amigos, tá?

— É, pode deixar — Monroe resmungou, indo embora.

— Precisava ser tão chato? — Lily parou na minha frente, pressionando as mãos no meu peito e olhando para mim.

— O cara é um babaca. — Dei de ombros.

— Eu sei, mas imagine como foi difícil para ele fazer isso.

Meus olhos foram para o treinador, que estava nos observando.

— Acho que seu pai deve concordar com você.

— Bom, claro que concorda, bobo. — Lily ficou na ponta dos pés, me beijando.

— Não se preocupe com Jase — Sr. Bennet disse, dando um tapinha nas minhas costas. — Ele se lembra como era quando tinha sua idade. Ele e a Fee eram...

— Ah Deus — Lily refutou, se afastando de mim. — Eu não... não posso... — Os olhos dela se enrugaram. — Vou estar ali, longe de toda a conversa dos meus pais *se pegando*. — Ela apertou minha mão antes de ir até as amigas.

— Ela está diferente, sabia? — O pai do Aaron me deu um olhar intenso. — Você faz bem a ela.

— Você sabia? — perguntei, lembrando dos dias que passamos o tempo na casa dele.

— Suspeitava, sim.

— E não contou para o treinador?

— Por que diabos faria isso? Jase é... ele é um dos melhores caras que conheço. Mas as vezes ele exagera. Lily não é mais uma criança. Ela precisa de espaço para crescer e descobrir seu lugar no mundo. Mas disse a ele que talvez estivesse errado sobre você.

— Disse? — Olhei para ele boquiaberto.

— Você não é seu pai, Kaiden. Ao que parece, ele se perdeu há muito tempo. E sei que isso deve ser péssimo. Mas agora você tem uma nova família. Não estou dizendo que vamos substituir seu pai, não é o que é. Mas estamos aqui por você, filho. Se algum dia precisar de alguma coisa... um ouvido, um lugar para ficar, ou só para passar o tempo, nossa porta está sempre aberta.

— Obrigado, não sei o que dizer.

— Você diz “parece bom, Ash”, e deixamos por isso mesmo.

— Parece bom, Sr. Ben... — Ele arqueou uma sobrancelha e dei-
risada. — Ash. Obrigado.

Ele me deu um aceno curto e foi para a churrasqueira onde o técnico estava cercado por uma grande nuvem de fumaça.

— O que ele queria? — Lily voltou, me envolvendo com os braços.

— Ah, você sabe, me dar as boas-vindas a família. — Não esperava o nó na minha garganta, mas as palavras ficaram presas ali.

As pessoas diziam que você não sabia o que perdeu até não ter mais, mas nunca tive pra começo de conversa. Meu pai se desligara há tempo demais para que eu conhecesse o apoio e mentoria de um bom homem. Mas o técnico Ford e o pai de Aaron e o pai da Ashleigh, eles eram verdadeiros homens. O tipo de homem que resolvia as coisas. A aceitação e respeito deles era mais do que podia esperar.

— Ele está certo, sabia — Lily olhou para mim.

— Está?

— Sim. Você vai ter que nos aturar agora, Kaiden. Você vai ter que me aturar.

— Ora, porra.

Isso não parecia um lugar ruim para se estar.

LILY

— Ei, você está bem? — perguntei para Peyton quando entramos na escola. Ela estava mais quieta do que de costume ultimamente.

— Sim, é só... ela é minha mãe, mas pode ser uma verdadeira vaca as vezes. — Ela inalou uma respiração entrecortada; mas depois, no melhor estilo Peyton, abriu o maior e mais falso sorriso que conseguia. — Não se preocupe comigo, *babe*. Estou bem.

Mas aí alguma coisa chamou sua atenção sobre meu ombro e todo seu comportamento mudou.

— O que é? — Eu me virei devagar para ficar cara a cara com ninguém mais do que Lindsey Filmer. — Ah — eu disse.

— Ah? — Peyton sibilou. — Não posso acreditar que a deixaram voltar.

— Ela pagou pelos erros, Pey — respondi.

Depois do que aconteceu no *Homecoming*, Lindsey foi suspensa indefinidamente enquanto o conselho escolar decidia o que fazer com ela. Decidiram dar permissão para que voltasse, para a incredulidade dos meus pais, mas estava determinada a não deixar que isso me preocupasse.

O que foi exatamente o que disse para meu pai quando entreouvi que planejava fazer uma visita aos Filmer. Amava que ele queria me proteger, mas não poderia sempre ser ele a lutar minhas batalhas, algumas vezes eu precisava encará-las de frente.

— Uma suspensão e um programa educacional tosco de mensagens sexuais não é pagar pelos erros.

— Eles a tiraram do esquadrão, Peyton, e vai ter que frequentar sessões semanais com a Sra. B. — Ouvi meu pai contar para mamãe. — E está no currículo permanente dela. Pode afetar as candidaturas a faculdade.

Para uma garota que se importava mais com reputação e status social do que uma consciência moral, parecia que a justiça havia sido feita.

Além do mais, fiquei com a única coisa que ela queria e nunca poderia ter.

Ela se aproximou devagar, hesitante.

— Lily — falou, e pousei o olhar nela.

— Sim?

— Eu... eu só queria dizer...

Kaiden encontrou meu olhar sobre o ombro dela, e meu sorriso aumentou. Lindsey viu, olhando pelo corredor, suspirando quando ele andou direto até mim e me beijou. Passei as mãos pelo peito dele, o

beijando de volta com tudo o que eu era.

Não era mais a pequena e fraca Lily Ford.

Era corajosa e valente e feliz.

Era tão feliz.

— Bom dia, namorada — Kaiden disse, alto o suficiente para Lindsey ouvir. Talvez fosse mesquinho, descer ao nível dela, mas eu não ligava.

Ela passou tanto tempo me rebaixando com suas palavras cruéis e ações insensíveis. Fazendo-me sentir indigna e diferente.

A verdade era que eu era diferente.

E era uma dádiva.

Ainda tinha meus dias ruins, quando minha mente era o inimigo, me fazendo questionar e duvidar das coisas. Mas eu os assumia. Com a ajuda do Kaiden, e da minha família, e terapeuta, enfim pude reconhecer meus distúrbios mentais pelo o que eram.

Uma parte de mim, mas não meu todo.

— Oi, namorado. — Sorri para ele, Lindsey há muito esquecida.

Até Peyton tagarelar:

— Puta merda, isso foi bom demais, porra. Deveria ter visto o rosto dela.

— Mas não importava.

Ela não importava.

— Em todo o caso, vou deixar os dois pombinhos. Tenho uma reunião com a Sra. B. Yay, eu. — Ela saiu pelo corredor e franzi o cenho.

— Você está preocupada? — Kaiden perguntou.

— Sim. — Soltei um pequeno suspiro. — Ela está magoada, e não sei como ajudá-la.

— A mãe ainda está sóbria?

— Até onde eu sei. Peyton não falou nada. E a assistente social visita elas. Meu pai garantiu que isso acontecesse.

— Deve ser difícil para ela. — Ele me abraçou apertado. — Ficar com sua família e depois ter que voltar para lá e ver tudo o que está perdendo.

Uma expressão estranha passou pelo rosto dele e meu coração entristeceu.

— Kaiden, desculpa...

— Não, Lily. Não faça isso. Meu pai e a mãe de Peyton, não é a mesma coisa. — Mas enquanto ele dizia as palavras, vi a dúvida em seus olhos. — Tenho tudo o que preciso bem aqui.

Fiquei na ponta dos pés e rocei os lábios nos dele.

— Vou te amar o suficiente para nós dois, até ele melhorar.

— Eu quero te levar para um lugar esta noite.

— Quer? — Meu coração acelerou.

— Sim. Vai em um encontro comigo, Lily?

Olhei para ele. O garoto que eu amava mais do que imaginei possível e sorri.

— Sempre.

— Kaiden chegou — gritei, colocando a jaqueta e indo até a porta.

— Espera um segundo, Lil. — Meu pai apareceu no final do corredor. — Para onde pensa que vai?

— Sair. — Dei de ombros.

— Sim, imaginei. Mas para onde?

— Mãe — gritei. — Ele está fazendo outra vez. — Lutei contra um sorriso.

— Lily, não é... não estou...

— Jase. — Minha mãe saiu da cozinha. — Pensei que tivéssemos combinado em não fazermos a inquisição espanhola com a Lily todas as vezes que Kaiden a levar para sair? — Ela o acertou com um olhar duro.

— Não, *babe*. Você concordou. Eu resmunguei algo sobre ser papel do pai saber exatamente onde a filha está indo com o namorado tarado.

— *Pai!* Você acabou de chamar Kaiden de... tarado? — Risada borbulhou em meu peito.

— Não é o ponto aqui, Lily.

— Tenho certeza de que mamãe vai ouvir todos os seus pontos, pai. Mas tenho que ir. — Corri e o beijei na bochecha. — Eu te amo. Tchau.

— Lily May Ford, você vai me matar.

— Jase — ouvi minha mãe dizer enquanto escapulia da casa.

Kaiden saiu do carro e o circundou para abrir minha porta. Ele era um cavalheiro desse jeito.

— Por que seu pai está me fuzilando pela janela como se quisesse me pendurar pelas bolas? — Franziu o cenho.

— Ele está se sentindo um pouco inseguro.

— Deixa eu adivinhar, alguém falou do vídeo outra vez. — Ele fez uma careta.

— Acho que Lindsey estar de volta na escola o lembrou... Vai superar.

— Odeio dizer, Lily, mas é provável que não.

Roubei um beijo e entrei no carro, esperando por Kaiden. Quando ele entrou, a mão foi automaticamente para o meu joelho, fazendo faíscas surgirem em mim.

— Oi.

— Oi. — Sorri. — Você vai me contar para onde estamos indo?

— Não, é uma surpresa.

— Você falou com sua mãe sobre a Ação de Graças?

— Sim. Ela disse que vai pensar.

— Bom, você sabe que ela é muito bem-vinda para vir. — Sempre passávamos o feriado com minhas primas e os Bennet. Meu pai sugeriu que convidasse Kaiden e a mãe, para que não precisassem passar sozinhos. Chamamos a Peyton e a Srta. Myers também, e Avery e Miley esperavam vir para casa, então seria um grande evento.

Observei a paisagem passar enquanto Kaiden ia para fora da cidade. No segundo que saiu da estrada principal para a de terra, sabia exatamente para onde estávamos indo.

— O lago?

— Sim.

— Contanto que não espere que mergulhe pelada, está congelando.

— Não se preocupe — falou —, vou mantê-la aquecida.

Minha barriga contraiu com suas palavras.

O carro parou e Kaiden se virou para mim.

— Lembra da primeira vez que viemos aqui?

— Quer dizer a primeira e única vez?

Ele revirou os olhos.

— Espertinha. — Kaiden pegou minha mão, enlaçando nossos dedos. — Acho que percebi naquele dia.

— Percebeu?

— Sim, que estava me apaixonando por você.

— Você mal me conhecia. — Balancei a cabeça, incrédula.

— Não importava. Tinha algo sobre você, Lily. Algo do qual desejava mais.

— Bom, sorte a sua que você me tem, não é? — Passei pelo cambio e montei no seu colo.

— Você usou uma saia — afirmou, deixando as mãos deslizarem pelas minhas pernas nuas.

— Bom, sim.

— Mas pensei que estivesse com frio. — A sobrelha dele arqueou com suspeita.

— Estou. — Eu me aproximei, passando a língua sobre a junção de seus lábios. — Acho que vai ter que encontrar um jeito de me aquecer.

— Será meu prazer. — Kaiden mordiscou meu lábio inferior, aliviando a dor com a língua. Seus dedos subiram mais, roçando a pele macia das minhas coxas. Um gemido escapou dos meus lábios quando me seguiu, esfregando a mão sobre meu clitóris.

— Quero você — sussurrei.

— Você me tem, Lily. Sou seu.

Meus dedos se fecharam sobre seu pulso, puxando sua mão para

longe. Encontrei o botão do seu jeans e o abri, colocando a mão para dentro e a envolvendo em seu pau duro. Kaiden sibilou enquanto o acariciava algumas vezes, ficando de joelhos enquanto ele abaixava um pouco as calças. Afastando minha calcinha para o lado, eu o passei na minha umidade e depois me abaixei devagar, centímetro por centímetro de tirar o fôlego.

Nós dois gememos, os olhos fixos um no outro.

— Eu te amo — falei embargada, tão cheia, tão assoberbada com a sensação dele dentro de mim.

A mão de Kaiden se curvou no meu quadril, me movendo devagar sobre ele. Era tão intenso, tão fundo desse jeito. Mas eu amava poder vê-lo, conseguir encará-lo enquanto nossos corpos se moviam juntos.

Meus dedos se enrolaram no cabelo na nuca de Kaiden enquanto tocava a cabeça na dele, rebolando os quadris mais rápido.

— Porra, Lily — falou rouco. — Você é...

— Eu sei — gemi.

— Você. Apenas você.

O sol de inverno entrava pela janela cintilando nas *dog tags* penduradas no pescoço dele. Passei o dedo no metal liso, e ele estocou em mim, me encharcando de prazer.

— Jogue muito... — sussurrei. — Lute muito... — Eu o beijei. — Ame muito.

— Parece um bom conselho para mim — Kaiden arfou as palavras contra meus lábios e depois nenhuma outra palavra foi dita.

Porque as vezes as ações falavam tudo o que era preciso dizer.

PEYTON

Meus pés queimavam. Foi um turno pesado na lanchonete, mas era melhor do que estar aqui.

Pensei que voltar a morar com minha mãe em casa fosse a coisa certa a ser feita, mas era como viver com um fantasma. A reabilitação matou o pouco de espírito que lhe restava, deixando para trás uma mulher que mal reconhecia.

E quando você viu sua mãe ter uma overdose três vezes entre as idades de seis e dezesseis anos, isso era muito.

— Mãe, cheguei — gritei, jogando as chaves e tirando os sapatos, me deleitando na sensação de azulejos gelados contra os pés doloridos. — Mãe?

Peguei o telefone e conferi minhas mensagens, rindo com a foto que Bryan mandou dele deitado na cama abraçando um bichinho de pelúcia com a legenda “estou tão solitário”. Ele era um bobalhão. Mas também era um dos melhores caras que conheci.

Era uma pena que não sentia nada por ele. Era como se ele fosse o irmão mais velho que nunca tive – só que ele fazia esse truque incrível com a língua. Um truque que significava que acabei na cama dele mais do que deveria nas últimas semanas. Mas era melhor do que estar aqui, desejando que tivesse uma família que me amava. Uma família que se importava com onde eu estava e o que estava fazendo.

Nunca tive isso. Exceto pelos Ford. Eles se importavam. Mas não estavam aqui, e eu não estava mais lá, e nunca me senti mais sozinha do que nessa maldita casa.

— Mãe? — gritei dessa vez. Ela devia estar desmaiada no sofá graças a depressão pós reabilitação.

Algumas vezes me perguntava por que ela se dava ao trabalho. Não era como se quisesse ficar sóbria. Ou talvez ela gostasse de me torturar o máximo possível. Fica sóbria e voltar para minha vida, me fazendo sentir obrigada a voltar para casa e tentar ser uma família feliz.

Era tudo baboseira.

Ela não me queria antes de ir para reabilitação, e com certeza não me queria agora. Mas parte de mim, a garotinha que não entendia por que a mãe não a amava, precisava tentar.

Uma última vez.

Entrando na cozinha, vi o bloco de notas na geladeira, mas não tinha nada. Mandeí mensagem para Bryan, uma foto dos meus pés com a legenda “preciso de um balde de gelo e uma massagem” e joguei o telefone na bancada.

Alguma coisa estava errada. Tudo parecia igual, mas algo parecia errado. Um arrepio passou pela minha coluna enquanto ia para a sala de estar. Tentei o banheiro do piso inferior, e depois fui para cima.

— Mãe? — Ela não estava no quarto.

Meu coração estava batendo enlouquecido no peito enquanto me aproximava do banheiro, meus dedos tremendo ao esticar a mão para a maçaneta.

Eu sabia.

Bem no fundo, eu sabia o que iria encontrar do outro lado da porta. Porque essa era a vida de morar com um viciado em drogas. Sempre a um segundo da próxima overdose ou da próxima euforia ruim.

Mas nada poderia ter me preparado para o que encontrei quando abri a porta.

— Mãe? — chorei, correndo para seu lado e puxando seu corpo sem vida para meus braços. Tinha sangue em todos os lugares. Vermelho e grudento, cobria os braços dela e o chão do banheiro, se espalhando em mim enquanto a abraçava contra mim, balançando para frente e para trás.

— Não — choraminguei. — Não... não, não. — Lágrimas escorriam pelo meu rosto, se misturando ao sangue, manchando minha blusa com cheiro da lanchonete Cindy Grill. — Acorde, mãe. Você precisa acordar agora. — Afastei seu cabelo fino e embotado dos olhos. — Se me deixar, vou ficar sozinha. Estou sozinha.

Ela era a pior mãe do mundo.

Mas ainda era *minha* mãe.

E estava deitada aqui, numa poça do próprio sangue.

— Por quê? — solucei. — Por que você faria isso? — Minhas lágrimas viraram raiva, para surgir contra uma mulher que sempre amou a próxima brisa mais do que a própria filha. Empurrei seu corpo mole para longe de mim e me levantei cambaleante, deixando passos ensanguentados pelas escadas enquanto ia pegar o telefone. Passando as mãos pela torneira, as sequei e o peguei.

— 9-1-1 qual é sua emergência? — a operadora disse.

Respirei fundo e disse as seis palavrinhas que partiram minha alma no meio.

— Gostaria de informar um suicídio.

Não esperei a emergência chegar. Eu não podia. Peguei uma garrafa de vodka do esconderijo da minha mãe, peguei a bolsa e telefone do balcão e andei descalça até o rio. Estava tarde, escuro o suficiente que me misturava com as sombras. Escuro o suficiente que as manchas de

sangue seco no meu uniforme mal eram visíveis. Mas eu as sentia. Eu as cheirava. O cheiro metálico enjoativo grudado em mim. Infectando-me.

Dei um grande gole da vodca e rangi os dentes ao engolir. Queimou minha garganta, mas aqueceu meu âmagos.

De repente, enojada comigo mesma, tirei a blusa e a enrolei e pressionei no chão ao meu lado, tremendo quando o ar frígido roçou minha pele.

Por quê?

A palavra ecoava na minha cabeça, me provocando. Ela sabia. Quando levou a gilete aos pulsos, ela sabia que a encontraria. Um último “foda-se” para a filha que nunca quis. A filha que negligenciara e repreendera, batera e machucara.

Eu era uma maldita idiota. Deixei a casa boa e segura dos Ford, a hospitalidade e amor deles, e para o quê?

— Vai se foder, mãe — gritei na noite escura, a única resposta um pássaro próximo piando.

Virei o resto da vodca, esperando que fizesse efeito. Provavelmente não foi minha melhor ideia vir aqui, sozinha, e para ficar bêbada. Mas não estava bem pensando direito.

A vodca me faria sentir melhor, me levaria para outro lugar. Ou me amorteceria por completo.

Eu não me importava.

Tudo o que me importava era não me lembrar. Não ver todo o sangue. Não sentir o cheiro.

Meu telefone tocou, mas mal pude identificar as linhas de texto, a visão turva. Deitei-me no chão, encarando o céu, o mundo rodando ao meu redor.

Ela se fora.

Estava sozinha de verdade.

Sem pai.

Sem mãe.

Sem família.

Se desaparecesse neste momento, se me jogasse ao meu destino no rio gélido, não teria parente próximo para identificar meu corpo, nenhuma pessoa amada para organizar meu funeral.

Estava sozinha no mundo.

Eu, a mim, eu mesma.

Risada borbulhou em meu peito, mas não era engraçado. Era uma tragédia.

Era trágico.

Pobrezinha e rejeitada Peyton Myers. O pai dela foi embora quando ela era criança e agora a mãe se matara para escapar.

Peguei a garrafa de vodca e joguei no rio, soltando um rugido

gutural. O mundo começou a se fechar ao meu redor até não poder respirar.

Cambaleando para a margem do rio, olhei para o abismo escuro.

Vá em frente, uma vozinha sussurrou. *Ninguém iria sentir sua falta.*

— Lily sentiria minha falta — falei para a escuridão. — Ashleigh e Bryan também.

Lily tem o Kaiden agora.

Era verdade. Ela estava completa e perdidamente apaixonada por ele. Mas se alguém merecia isso, era Lily. Ela não era como eu. Selvagem. Imprudente.

Indigna.

Oscilei na beirada da água, meus membros pesados e relaxados. A vodca nadando em minhas veias fazendo tudo parecer distorcido.

Vá em frente, a vozinha sussurrou outra vez. *Vai fazer tudo desaparecer. Toda a dor e mágoa. Não está cansada de fingir?*

Estava.

Tão cansada.

Os sorrisos falsos, e “estou bem”. Era exaustivo, e estava me matando devagar.

Talvez se eu só...

Dei um passo à frente, entrando na água fria, arfando. O leito do rio era suave e macio sob meus pés, mas passei os dedos na água.

— Ei — uma voz gritou, e olhei para a margem. — O que você...

Meu pé escorregou, o chão sumindo sob mim e comecei a cair.

No começo, relutei e chutei sob a superfície, tentando vir à tona. Mas depois parei, me perguntando se era essa a sensação. De estar em paz. De enfim estar livre.

A escuridão me consumiu, uma sensação leve enquanto descia... descia...descia...

É melhor assim, a voz disse.

Mas depois tudo voltou de supetão. A água gelada inundando meus pulmões, a dor aguda no meu braço enquanto alguém me puxava para a superfície. Ofeguei, tremendo e cuspiendo conforme grandes braços fortes me tiravam da água e me colocavam no chão.

— Peyton? — Havia algo familiar na voz, algo que alcançou dentro de mim e acalmou minha alma. — Porra, Peyton, fique comigo. Vou ligar para a emergência.

— Não-não... — Tentei pegar seu braço, mas era inútil. Estava em choque, meu corpo estava se desligando.

A voz dele balançou no limite da minha consciência.

— Peyton, fique comigo, a ajuda está a caminho. — Ele envolveu algo ao meu redor, quente e suave.

Meus olhos se abriram, os lábios tremendo ao tentar falar.

— Xa-xander?

— É, estou com você. — Seus olhos escuros olhavam para mim enquanto seu rosto entrava em foco devagar.

Xander Chase.

O homem que salvou minha vida.

Espero que tenha gostado da história de Lily e Kaiden.

Você pode descobrir o que acontece com Peyton e Xander em *Mentiras Trágicas*.

PLAYLIST

Feel Something – Jaymes Young

Lo Vas A Olvidar – Billie Eilish, ROSALIA

Panic Room – Au/Ra

Anxious. – EZI

Exhale – Sabrina Carpenter

Afraid of the Dark – EZI

Why Do You Love Me? – Charlotte Lawrence

Hands – ORKID

He Don't Love Me – Winona Oak

Perfectly Wrong – Shawn Mendes

ABOUT THE AUTHOR

Autora best-seller *USA Today* e *Wall Street Journal* de mais de quarenta livros *young adult* maduros e *new adult*, L.A. COTTON é mais feliz escrevendo o tipo de livro que ela ama ler: histórias viciantes cheias de angústias adolescentes, tensão, e reviravoltas.

Sua casa é em uma pequena cidade no meio da Inglaterra onde ela equilibra ser uma autora em tempo integral com ser mãe/juíza de duas pequenas pessoas. No seu tempo livre (e quando não está acampada na frente do computador) você vai encontrar L.A. imersa em um livro, escapando do caos que é a vida.

LA ama se conectar com leitores. Os melhores lugares para encontrá-la são:

www.lacotton.com

